EDITORIAL  AL FURQÁN

JESUS,
Um Profeta do Islão

POR

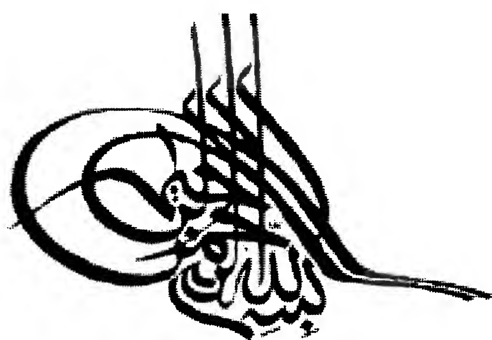
MUHAMMAD ÀTA UR-RAHIM

COORDENAÇÃO DA VERSÃO PORTUGUESA DE

M. YIOSSUF ADAMGY
e
MUHAMMAD L. MADUREIRA

PORTUGAL

I.I.F.S.O.



EM NOME DE DEUS,
O CLEMENTE,
O MISERICORDIOSO

بسم الله الرحمن الرحيم

FICHA TÉCNICA

Título original: ***Jesus, a Prophet of Islam***
Autor: ***Muhammad Àta ur-Rahim***
Coordenação da Versão Portuguesa de: ***M. Yiossuf Adamgy, Muhammad L. Madureira***

Fotocomposição, Impressão e Acabamento: ***Al Furqán***
Depósito legal ***Nº 3017/95***

AL FURQÁN
Órgão para a Divulgação do Islamismo
R. Guerra Junqueiro, Edifício 11-B, 1º F
Cidade Nova — 2670 Stº António dos Cavaleiros (PORTUGAL)
Telefone/Fax: (351-1) 9882028

EDIÇÃO DE
AL FURQÁN
EM COLABORAÇÃO COM
INTERNATIONAL ISLAMIC FEDERATION OF STUDENT ORGANIZATIONS (IIFSO)
(Encargos suportados por estas duas instituições Islâmicas)



الموزع الوحيد لمنشورات الاتحاد بسبعين لغة:
الدار العالمية للكتاب الإسلامي
نشر وتوزيع الكتاب والشريط الإسلامي بسبعين لغة
الإدارة العامة: ص.ب. ٥٥١٩٥ ـ الرياض ١١٥٣٤
هاتف ٤٦٥٠٨١٨ ـ ٤٦٤٧٢١٣ ـ فاكس ٤٦٣٣٤٨٩
المكتبات: الرياض ٤٦٢٩٣٤٧ ـ ١ / جدة ٦٨٧٣٧٥٢ ـ ٢ / الخبر ٨٩٤٥٨٢١ ـ ٣

World Wide Distributor of I. I. F. S. O. Publications in 70 Languages:
INTERNATIONAL ISLAMIC PUBLISHING HOUSE
I. I. P. H.
Publishing And Distributing Islamic Books And Tapes In 70 Languages
HEAD OFFICE: P.O.Box 55195 - Riyadh 11534 - Saudi Arabia
Tel: (966-1) 4650818-4647213 - Fax: 4633489
BOOK SHOPS: Riyadh 1-4629347/Jeddah 2-6873752/Khobar 3-8945821

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que pela sua acção, reflexão e oposição crítica, criaram em nós o desejo de publicar este livro para melhor conhecimento da Verdade.



Em Nome de Deus, Clemente e Misericordioso

INTRODUÇÃO À VERSÃO PORTUGUESA

Louvado seja Deus, Senhor dos Mundos !

Graças a Deus, a Editora "Al Furqán" dá agora a lume o segundo de uma colecção de livros de Religião comparada [1], que visam esclarecer o público de língua portuguesa sobre aspectos essenciais do Islão.

O objectivo principal do livro de Muhammad Àta Ur-Rahim, **Jesus, um Profeta do Islão**, é o de apresentar a posição Islâmica a respeito de Jesus, a paz esteja com ele, um dos mais favorecidos Profetas que Deus enviou como guia para as *ovelhas perdidas da Casa de Israel*.

O conhecimento da perspectiva Islâmica sobre Jesus reveste-se de actualidade e importância indiscutíveis no mundo Ocidental, tendo em conta as deturpações da Doutrina Islâmica com que deparamos a cada passo nos meios de Comunicação Social. Um exemplo disso, que, para além de outros aspectos, chega ao ponto de colocar em oposição frontal, Muhammad e Jesus (que a paz de Deus esteja com eles), é o de uma recente entrevista concedida ao jornal "A Capital" (edição de 11/5/94), por um alto dignatário da hierarquia Católica em Portugal — o Sr. Bispo de Setúbal, D. Manuel Martins — que a dado passo afirma:

«...com a Europa envelhecida, ficamos sem mão-de-obra e sem ela vem todo esse Terceiro Mundo invadir a Europa com toda a sua cultura e civilização, que já por si constitui o grande perigo da Europa (os Muçulmanos já são a segunda Religião da França). E já se interrogam por aí quem vai salvar a Europa, se é Cristo ou Maomé.[2] É uma agressão à nossa cultura. Estamos desgraçados se Maomé se vem implantar na Europa, com todos esses fundamentalismos».

---

[1] O primeiro foi o estudo de M. Bucaille intitulado: "A Bíblia, o Alcorão e a Ciência". [N.Ed.]

[2] Galicismo a evitar pois "Muhammad" é a transcrição quase perfeita do termo árabe. [N.Ed.]

Virá a propósito transcrever aqui alguns trechos mais significativos da resposta que a "Al Furqán" teve oportunidade de enviar ao referido diário:

«Se o Islão *"já é a segunda Religião da França"* (e é já também considerada assim nos EUA e no Reino Unido, onde todos os dias há conversões ao Islão), não é por meio de invasão, de agressão, de coerção. É de livre e expontânea vontade de cidadãos naturais da Europa que, cada vez mais, chegam à conclusão de que as actuais Escrituras Cristãs foram extensamente adulteradas no passado e, por consequência, não oferecem nenhuma orientação segura àqueles que nelas buscam desesperadamente um caminho para a Salvação. Contrariamente à Bíblia, o Alcorão manteve-se igual a si próprio, desde o primeiro instante em que foi revelado, há catorze séculos, e permite restaurar os Princípios Universais contidos nos Evangelhos originais e em todas as Escrituras Sagradas, restituindo a essas Escrituras a sua verdadeira dimensão Espiritual, libertando-as de toda a contraditória intervenção humana acumulada ao longo dos séculos, e constitui, portanto, um eficaz instrumento de combate contra a crescente desordem do Mundo Moderno. Por outras palavras, esses cidadãos Europeus que se convertem ao Islão, concluem que é através do Islamismo que se pode ser, hoje, integralmente Cristão. Porque apenas **há uma Verdade**; porque apenas **há um Absoluto**; porque apenas **há um Deus**. E, diga-se de passagem que, quem se esforça no verdadeiro caminho para Deus nunca vai só, sempre leva muita gente através de si.

Refere o Snr. Bispo que *"já se interrogam por aí se é Cristo ou Maomé quem vai salvar a Europa"*. Para nós, Muçulmanos, essa interrogação não tem qualquer sentido. A Doutrina de Cristo foi a de Moisés e é a Doutrina de Muhammad (que a paz esteja com eles), todos enviados de um Deus Único, que por ser Único, não pode revelar aos Seus Profetas, Doutrinas diferentes ou antagónicas. Que a Doutrina de Jesus tenha sido desfigurada ao longo dos tempos, atribuindo-lhe intenções que não manifestou — onde está referida na Bíblia, por exemplo a Trindade, em que passagem afirma Jesus na Bíblia ser Deus, em que trecho defende ele a Doutrina do Pecado Original? — é algo que lamentamos profundamente, mas cuja responsabilidade não nos cabe. Assim sendo, não tem sentido colocar em oposição as duas Doutrinas nas pessoas dos Profetas que as transmitiram.»

Esperamos que o estudo e a investigação documental empreendida por Muhammad Àta ur-Rahim, no presente livro, auxilie os leitores a

terem melhor conhecimento da Verdade sobre Jesus, que a paz esteja com ele.

A terminar, queremos deixar aqui expressos os nossos sinceros agradecimentos à Senhora Dona Isabel Novais Rodrigues, pela significativa contribuição que nos deu na feitura deste livro.

Lisboa, Fevereiro de 1995 / Ramadão de 1415 (Hégira)

M. Yiossuf Mohamed Adamgy
e
Muhammad Luís Madureira

PREFÁCIO DA VERSÃO PORTUGUESA

De um ponto de vista histórico-geográfico, o livro *"Jesus, Um Profeta do Islão"*, é muito interessante. Em primeiro lugar, a vida de Jesus é analisada no seu contexto temporal e social, o que fornece inúmeros elementos, não só sobre a época em que terá nascido, já que a data exacta é controversa, mas também sobre a sociedade que o acolheu e o espaço em que se movimentou. Ao analisar a maneira como os ensinamentos de Jesus foram difundidos e desvirtuados, o autor dá-nos variadas informações sobre os primeiros povos que aderiram ao Cristianismo e a maneira como esta Doutrina se difundiu através da Grécia e de Roma e, mais tarde, pela Europa e pelo Norte de África. Após a implantação da Igreja Romana, quando o autor descreve a luta dos Unitaristas contra o dogma da Santíssima Trindade, uma vez mais são relatados acontecimentos históricos que se verificaram ao longo de séculos de domínio do Cristianismo, quer na Europa Ocidental, quer no Médio Oriente. Quem imaginaria que homens como o filósofo John Locke, Isaac Newton ou Priestley, o cientista que descobriu o oxigénio, tivessem sido duramente perseguidos por defenderem o Unitarismo?

De um ponto de vista religioso, é difícil ficar indiferente às teses do livro. Para uma pessoa que cresceu numa sociedade profundamente católica e foi educada segundo os preceitos da Igreja é, no mínimo, surpreendente, verificar a fragilidade de certas verdades adquiridas. E, mais uma vez, o livro vem chamar a atenção para factos que contradizem certas ideias e concepções que qualquer católico aceita sem questionar.

De um ponto de vista puramente humano, o livro é muito enriquecedor. Além de aumentar a cultura de quem o lê, contribui para um aprofundamento da espiritualidade do Homem.

Num mundo sobrecarregado de imagens, ler e reflectir é, com certeza, amadurecer em sabedoria.

Drª. Ana Maria de Azeredo Lobo Novais *

---

* — A Drª. Ana Maria de Azeredo Lobo Novais é licenciada em Geografia. Participou em várias Organizações e Movimentos de jovens Católicos. Nos últimos anos, tem-se dedicado à tradução de livros, sobretudo da área linguística francesa.

Um eminente estudioso da história Cristã admite que o Cristianismo actual é uma "máscara" imposta à face de Jesus, mas continua a sustentar que uma máscara usada durante muito tempo adquire vida própria e deve, portanto, ser aceite como tal. Os Muçulmanos acreditam no Jesus histórico mas recusam aceitar a "máscara", e este é, de uma forma sucinta, o ponto fundamental da divergência entre o Islão e a Igreja nos últimos 14 séculos. Mesmo antes do advento do Islão, os Arianos, os Paulicianos e os Godos, para mencionar apenas alguns, aceitavam Jesus mas rejeitavam também a "máscara". Os Imperadores Romanos tentaram forçar as convicções dos Cristãos e para alcançar este impossível objectivo, mataram milhões de Cristãos. Mas a fé não pode ser violentada por um punhal — Castillo, um admirador de Servitus, disse que *«matar um homem não prova uma Doutrina»*.

Foi sugerido por alguns quadrantes que, a fim de alcançarem plena integração na Inglaterra, os Muçulmanos deveriam fazer coincidir as suas Festas com o Natal e a Páscoa. Os que tal sugerem, esquecem que o Natal e a Páscoa são festivais pagãos pré-Cristãos, constituindo o primeiro, a celebração do aniversário do deus-sol, e o segundo, um festival sagrado em honra da antiga deusa Anglo-Saxónica da fertilidade. Nestas condições, talvez seja de perguntar quem será realmente o "Anti-Cristo".

Tenta-se neste livro, provavelmente pela primeira vez, estudar a sagrada vida de Jesus, utilizando todas as fontes possíveis, incluindo os *Pergaminhos do Mar Morto*, a Escritura Cristã, a moderna pesquisa, o Alcorão e os *Ahadice*.[3] Os estudiosos Cristãos que intentaram escrever a história de Jesus, nunca se libertaram da ideia da sua Divindade, e quando falharam na demonstração dessa Divindade, concluíram que ele não tinha existido ou que *estava presente em toda a gente*. Com esta postura intelectual, é impossível realizar qualquer estudo objectivo. Pelo contrário, o nosso livro parte da convicção de que Jesus existiu, e foi um homem e um Profeta de Deus (ár. *Allah*).

Esta obra é fruto de 30 anos de estudo. Os meus primeiros agradecimentos vão para Amatur Raquib, que se deu ao trabalho de procurar livros fora de circulação, impossíveis de obter nas livrarias de Karachi, pelo que a ajuda que ela me deu foi de importância vital. O senhor Ahmad Jamjoom de Jeddah, honrou-me com a sua visita a Karachi, e sempre que deparei com alguma dificuldade, proporcionou-me apoio e

[3] Plural de *hadice*. [N. Ed.]

encorajamento. São também devidos agradecimentos a Shaykh Mahmoud Subhi da *Jamiat Dawa Islamia* de Tripoli, por ter tornado possível a minha ida para Londres a fim de estudar o assunto em profundidade.

Em Londres, encontrei Shaykh 'Abd al-Qadir as-Sufi que me ajudou a cada passo, tendo viabilizado a colaboração do Sr. Ahmad Thomson comigo. Auxiliou-me a coligir material e sem a sua intervenção, o trabalho teria sido dolorosamente vagaroso. Hajj 'Abd al-Haqq Bewley esteve sempre presente com sugesões e conselhos úteis.

A simpatia e calorosa amizade que recebi do Dr. Ali Aneizi não podem ser descritos, mas apenas profundamente reconhecidos. Por último, nas palavras do Alcorão,

Nada me é possível senão com a ajuda de Allah

Muhammad 'Ata ur-Rahim

Londres, 7 Jamada al'Awal, 1397 (Hégira).

INTRODUÇÃO

O autor deste livro, Muhammad 'Ata ur-Rahim, sentiu de forma muito viva que, se os povos dos países Cristãos tivessem algum conhecimento da fé Islâmica em conjunto com uma visão realista de Jesus — Profeta, a paz esteja com ele — muitos desentendimentos e situações desagradáveis poderiam ser evitados. Intelectual brilhante e cosmopolita, o autor não está limitado por fronteiras nacionais no que respeita à felicidade e bem-estar das pessoas. A ignorância cultural recíproca, segundo pensava, constitui a principal causa de sofrimento e desentendimento.

Assim, embora este livro seja destinado em primeiro lugar, ao mundo Ocidental, ele também serve todos os que buscam esclarecimento no que respeita a um conjunto de ideias controversas sobre o nascimento de Jesus, a sua missão e morte. Muhammad 'Ata ur-Rahim enfrentou o cerne da questão como um verdadeiro historiador, concluindo que grande parte da confusão se deve a dois dogmas que carecem de explicação racional — a *suposta Divindade de Jesus* e a *Trindade*.

Este trabalho destrói grande parte do mito em que assenta a Igreja Cristã e apresenta Jesus como um estrito Judeu Ortodoxo, que na realidade foi, e como um mestre da fé Unitária enviado como mensageiro por Deus para destruir as enormes deturpações que se tinham desenvolvido no sacerdócio Judaico.

Mas não desejo que esta introdução se transforme no resumo de um livro que vale por si próprio. O autor escreveu-o com a intenção de ajudar os não-Muçulmanos a compreender a verdade bem como a dissipar o receio supersticioso do Islão que muitos Cristãos sentem.

Nós, Muçulmanos, sabemos bem quão infundado é esse receio. Confiamos na nossa crença de que Deus é Misericordioso e Beneficente para os homens e inantigível através de conceitos humanos:

«Nada há que se Lhe compare, e Ele tudo ouve e tudo vê». (Alcorão, 42:11)

Temos confiança no nosso conhecimento dos Seus Profetas, que a paz esteja com todos eles; temos confiança no conhecimento de Deus que eles nos transmitiram e na Via que nos indicaram para seguir. Os Muçulmanos, seguidores da perfeição Absoluta do Alcorão, aceitam

tudo isso mas nem sempre conseguem torná-lo evidente para os outros. O autor, nutrindo uma profunda simpatia por todos os homens, mas sobretudo pelos menos favorecidos, tinha consciência desta falha em termos de comunicação. Estava igualmente consciente de todo um conjunto de tradições regionais que se desenvolveram no Islão, tradições que podem não apenas confundir os que olham para nós com receio, mas também os Muçulmanos de diferentes nações.

Apenas a compreensão e a simpatia podem promover a verdadeira amizade e colaboração entre os diferentes povos, e o receio do desconhecido constitui o maior obstáculo à concretização desses objectivos. Perante a perda de valores morais no Ocidente, alguns Muçulmanos crêem que bastaria introduzir o Islão nesse vácuo espiritual, mas essa opinião não corresponde à verdadeira natureza da questão. A educação generalizada dos povos Ocidentais necessária ao crescimento da sua tecnologia e indústria, mostrou-lhes com toda a clareza que a Religião, *tal como eles a conhecem*, se baseia em dogmas inaceitáveis. Por consequência, é ilusório supor que a "elite" intelectual do Ocidente seja a primeira a desfazer-se da liberdade ganha na sua recente independência em relação ao poder monopolista da Igreja Cristã, cujos clérigos se opuseram durante séculos ao desenvolvimento do saber. Para essas pessoas, a Religião, qualquer que seja a sua denominação, é vista como superstição antiquada, como força restritiva que impede o desenvolvimento científico futuro.

Antes que o Islão possa preencher o vazio espiritual do Ocidente, torna-se urgente convencer as pessoas que nele vivem sem horizontes, da *realidade de Deus* e mostrar que **o conhecimento de Deus não depende da aceitação da hierarquia clerical que eles depuseram**. É igualmente necessário que lhes seja proporcionada a verdadeira imagem dos Muçulmanos.

Se os países Islâmicos não tivessem, quase de um dia para outro, descoberto grandes riquezas, o Mundo Ocidental teria continuado por muito mais tempo a ignorá-los. A Europa e a América foram subitamente confrontadas, não apenas com uma Fé de que desconheciam tudo, mas com uma Fé apoiada pelo único valor que reconhecem — o do dinheiro em grande quantidade. E isso significa poder; poder para vencer.

Não é de estranhar que exista um receio muito acentuado desse poder. Há 14 séculos o Mundo Islâmico deteve o exclusivo do conhecimento científico que veio a gerar a tecnologia Ocidental. As nações Árabes recuperaram recentemente a sua identidade: o Paquistão, por exemplo, foi subjugado pelo poder industrial Ocidental até há alguns anos. E, no entanto, esse povo Islâmico está a demonstrar a possibi-

lidade de alcançar a sociedade que envia homens à Lua, produz bebés-proveta e duplica talvez, a esperança de vida.

Os que, tendo nascido em terras Cristãs, lutaram duramente para se libertarem e libertarem os seus países do domínio e jurisdição do poder clerical romano, substituindo-o por governos e leis civis, receiam naturalmente a possibilidade dessa liberdade se perder.

Desta atmosfera de medo apenas podem resultar conflitos, a menos que os sábios Islâmicos consigam com obras, como a de Muhammad 'Ata ur-Rahim, criar um clima de estreita comunicação com o Ocidente. Sobre os países Muçulmanos, sobretudo os que têm maior poder económico, recaem enormes responsabilidades nos exemplos a dar. Felizmente, a proliferação de Universidades e Centros Culturais no Ocidente e no Mundo Islâmico, ajudará a proporcionar oportunidades para uma pesquisa Islâmica construtiva, e, se Deus o permitir, a desfazer gradualmente os receios.

Como Muçulmanos, sabemos que tudo seguirá a orientação de Deus, mas isso não nos autoriza a ficar sentados à espera. Dispomos da grande dádiva do exemplo do Profeta Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, e das inalteráveis instruções do Sagrado Alcorão, para nos guiarem. A ordem é clara: devemos trabalhar pela Causa de Deus se quisermos alcançar paz neste Mundo e as Suas maiores recompensas no próximo.

ANDREW DOUGLAS-HAMILTON
Jamada al-thani, 1399 (Hégira) / Abril, 1979

CAPÍTULO I

A DOUTRINA UNITÁRIA E O CRISTIANISMO

A pesquisa histórica mostrou que o animismo e a adoração de ídolos pelos povos primitivos de todo o mundo, constitui uma subversão da crença Unitária original, e que o *Deus Único* do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, cresceu em oposição à *multiplicidade de deuses*, em vez de evoluir a partir deles. Pode assim dizer-se que é na fase inicial de qualquer tradição que devemos procurar o ensinamento mais puro, resultando necessariamente de um declínio toda a Doutrina que se lhe segue posteriormente; é pois sob esta perspectiva que deve também ser examinada a história do Cristianismo – a crença inicial num só Deus veio a corromper-se, tendo-se aceite então a Doutrina da Trindade, a qual deu origem a uma confusão que afastou cada vez mais o homem da serenidade intelectual.

No século seguinte ao desaparecimento de Jesus, os seus seguidores continuaram a afirmar a Unidade Divina, o que é ilustrado pelo facto de o *Pastor de Hermas*, escrito cerca de 90 D.C., ter sido considerado pela Igreja um Livro Revelado. Este é o primeiro dos doze mandamentos que ele contém:

«Primeiro que tudo, acreditem que Deus é um só e que criou todas as coisas e organizou-as e do que não existia fez tudo existir, e Ele contém tudo mas nada O contém a Ele...».[4]

De acordo com Theodore Zahn, o 1° artigo da Fé até cerca de 250 D.C. era *«Eu acredito em Deus Todo-Poderoso»*.[5] Entre 180 e 210 D.C. foi inserida a palavra *Pai* antes de *Todo-Poderoso*, o que provocou vivas contestações por parte de muitos chefes da Igreja. Entre os principais responsáveis desse movimento, contam-se os Bispos Victor e Zephysius, que entendiam ser um sacrilégio inqualificável acrescentar ou retirar qualquer palavra às Escrituras. Opunham-se à tendência de considerar Jesus como Deus e sublinhavam a unidade de Deus tal como foi expressa nos ensinamentos originários de Jesus, defendendo que, embora Profeta e muito favorecido pelo Senhor, Jesus era, na sua

[4] *The Apostolic Fathers*, E.J. Goodspeed.
[5] *Articles of the Apostolic Creed*, Theodore Zahn, pp. 33-37.

essência, um homem como os outros. Esta fé era compartilhada pelas Igrejas que tinham surgido no Norte de África e na Ásia Ocidental.

À medida que se expandiam, os ensinamentos de Jesus tomaram contacto com outras culturas e entraram em conflito com elas, tendo sido assimilados e adaptados por essas culturas e, simultâneamente, sofrido alterações de forma a serem reduzidas as perseguições por parte dos governantes. Na Grécia, sobretudo, sofreram uma metamorfose devido a serem expressos pela primeira vez numa nova língua de uma cultura com ideias e filosofia próprias. E foi o ponto de vista da *multiplicidade de deuses* dos Gregos que contribuiu largamente para a formulação desta Doutrina da Trindade, ao mesmo tempo que alguns, nomeadamente Paulo de Tarsus, transformavam gradualmente Jesus, de Profeta que era, em Deus. Apenas em 325 D.C. a Doutrina da Trindade foi declarada Ortodoxa pelo Cristianismo; ainda assim, alguns dos que a subscreveram não acreditavam nela, por não encontrarem nas Escrituras nenhuma autoridade a garanti-lo. Athanasius, que é considerado o pai desse credo, não estava muito seguro da sua justeza. Admite que *«sempre que forçava a inteligência na meditação da Divindade de Jesus confrontava-se com a ineficácia dos seus porfiados esforços, acontecendo que, quanto mais escrevia, menos capaz era de expressar os seus pensamentos»*. E chega mesmo a escrever: *«Não existem três, mas um ÚNICO DEUS»*. A sua crença na Doutrina da Trindade não se baseava na certeza mas em conveniências políticas e em necessidades circunstanciais.

O papel desempenhado por Constantino, o imperador pagão de Roma que presidiu ao Concílio de Niceia, mostra bem como aquela histórica decisão se ficou a dever a expedientes políticos e a falsos argumentos filosóficos. As florescentes comunidades Cristãs constituíam já uma força que Constantino não desejava enfrentar e cujo apoio ao fortalecimento do Império era insubstituível. Ao remodelar o Cristianismo, Constantino esperava ganhar a simpatia da Igreja e ao mesmo tempo acabar com a confusão nela existente, o que constituía uma fonte de ainda maior confusão no seu Império.

O processo que o levou a atingir parcialmente o seu objectivo pode ser ilustrado através de um incidente ocorrido na Segunda Guerra Mundial. Certa altura, estava próxima a festa Islâmica de *'Id*, começou a chegar a Singapura, então sob ocupação Japonesa, propaganda da oração de *'Id* proveniente de Tóquio, anunciando que se tratava de uma ocasião histórica que teria repercussões em todo o mundo Islâmico. Após alguns dias, a propaganda foi subitamente suspensa, vindo a saber-se através de um prisioneiro Japonês capturado numa emboscada, que Tojo, o chefe do governo Japonês, planeava surgir como o

maior reformador Islâmico dos tempos modernos, ajustando os ensinamentos do Islão às necessidades dos tempos actuais. Tornava-se para isso necessário, segundo ele, que os Muçulmanos deixassem de se orientar para Meca durante a oração, e passassem a orientar-se para Tóquio, onde estaria sediado o futuro centro do Islão sob a direcção de Tojo. Os Muçulmanos recusaram esta reorientação do Islão e por isso todo o projecto abortou pelo que não foi permitida oração de *'Id* nesse ano em Singapura. Tojo tinha compreendido a importância do Islão, e desejava usá-la como instrumento dos seus desígnios imperialistas, mas não teve êxito. Constantino teve êxito onde Tojo falhou e Roma substituiu-se a Jerusalém como centro da Cristandade Paulina.

Esta degenerescência dos ensinamentos puros de Jesus, que teve como resultado inevitável a aceitação da *multiplicidade de deuses* pela Cristandade, encontrou sempre antagonistas. Quando em 325 D.C., a Doutrina da Trindade foi oficialmente proposta como Doutrina Ortodoxa Cristã, Arius, um dos chefes Cristãos do Norte de África, ergueu-se contra a aliança de Constantino com a Igreja Católica e recordou que Jesus sempre afirmara a Unidade Divina. Constantino tentou esmagar, energica e brutalmente, o incómodo povo do *Deus Único*, mas falhou. Ironicamente, embora Constantino tenha morrido como *Unitário*, a Doutrina da Trindade transformou-se oficialmente na base do Cristianismo na Europa. Esta Doutrina causou muita confusão, sobretudo entre aqueles a quem se pediu para acreditarem sem que tentassem compreender. Todavia, não era possível impedir as pessoas de tentarem demonstrar a Doutrina e explicá-la intelectualmente, e em termos gerais, desenvolveram-se três escolas de pensamento. A primeira está associada a S^to^ Agostinho, que viveu no século IV e defendia a opinião de que a Doutrina não podia ser provada mas podia ser ilustrada. S. Victor, que viveu no século XII, está associado à segunda escola, que defendia ser a Doutrina demonstrável e ilustrável. O século XIV viu nascer a terceira escola, que acreditava ser impossível demonstrar ou ilustrar a Doutrina, pelo que nela se devia acreditar cegamente. Embora os livros contendo os ensinamentos de Jesus tivessem sido destruídos, suprimidos ou alterados para evitar qualquer contradição manifesta com a Doutrina, uma boa dose de verdade subsistiu nos que sobreviveram, pelo que a defesa da Doutrina da Trindade evidenciava uma diferença de ênfase entre o que as Escrituras rezavam e o que os Chefes da Igreja diziam. Sustentava-se que a Doutrina se fundamentava numa revelação especial feita à Igreja, a "Noiva de Jesus", pelo que não surpreende assistir-se à reprimenda de Fra Fulgentio pelo Papa numa carta em que se lê: *«Pregar as Escrituras é uma coisa suspeita; aquele que seguir de perto as Escrituras arruinará a fé Católica»*. Na carta

subsequente, o Papa é ainda mais explícito, advertindo contra uma insistência exagerada nas Escrituras: «*...as quais são livros que destruirão a Igreja Católica se alguém os tomar por guia*». [6]

O abandono efectivo dos ensinamentos de Jesus deveu-se em grande parte à completa obscuridade que rodeia a sua realidade histórica. A Igreja tornou a Religião, não só independente das Escrituras, mas também de Jesus, tendo-se transformado *Jesus-homem* em *Cristo-mítico*. Mas a fé em Jesus não se identifica necessáriamente com a fé na ressurreição de Cristo. Enquanto que os seus seguidores basearam as suas vidas no exemplo de Jesus, o Cristianismo Paulino baseou-se na crença de um Cristo supostamente crucificado, que desvalorizou a vida e o ensino de Cristo enquanto vivo.

À medida que a Igreja estabelecida se distanciava cada vez mais dos ensinamentos de Jesus, os seus chefes envolviam-se cada vez mais nos assuntos dos que tinham poder terreno. À medida que os ensinamentos de Jesus e os desejos dos poderosos se fundiam uns nos outros, a Igreja – embora defendendo a sua separação do Estado – identificou-se cada vez mais com o Estado e ganhou poder. Nos primeiros tempos a Igreja estava submetida ao poder Imperial, mas com o seu crescente compromisso, a situação inverteu-se.

Sempre existiu oposição a estes desvios relativos aos ensinamentos de Jesus, mas à medida que a Igreja ganhava poder, a negação da Trindade tornava-se muito perigosa e conduzia quase inevitavelmente à morte. Embora Lutero tivesse abandonado a Igreja Romana, a sua revolta dirigia-se mais contra a autoridade do Papa do que contra as Doutrinas fundamentais da Igreja Católica Romana. O resultado foi a fundação duma nova Igreja encabeçada por Lutero. Os princípios Cristãos básicos foram adoptados e mantidos, apesar do aparecimento de algumas Igrejas Reformistas e seitas. Assim, a Doutrina de Cristo anterior à Reforma não sofreu perturbações e os dois ramos principais da Igreja de Paulo continuaram a existir até hoje.

No Norte de África e no Oeste Asiático, a maioria das pessoas aceitou os ensinamentos de Arius e, mais tarde, quando o Islamismo apareceu, abraçaram-no prontamente. Aliás, foi por já terem adoptado a Doutrina do Deus Único e o ensinamento puro de Jesus que reconheceram o Islão como a Verdade.

Na Europa, a corrente do Unitarismo no seio da Cristandade nunca foi quebrada e o movimento cresceu de facto em força, sobrevivendo à perseguição contínua e brutal das Igrejas no passado, bem como à sua indiferença no presente.

---

[6] *Tetradymus*, John Toland

Hoje, cada vez mais pessoas estão conscientes de que a Doutrina de Cristo, tal como é conhecida, pouco tem a ver com os ensinamentos originais de Jesus.

Durante os dois últimos séculos, as pesquisas dos historiadores deixaram pouco espaço para os "mistérios" Cristãos, mas o facto já comprovado de que o Cristo da Igreja estabelecida não tem quase nada a ver com o Jesus da História, não ajuda em nada os Cristãos no que diz respeito à Verdade.

O dilema actual dos Cristãos é esclarecido pelo que escrevem os historiadores da Igreja no nosso século e a sua dificuldade fundamental, tal como foi apontada por Adolf Harnack, é a seguinte: *«O Evangelho existente já tinha sido mascarado pela filosofia grega no século IV, pelo que coube aos historiadores a missão de lhe arrancarem a máscara, revelando assim como os contornos iniciais da Doutrina subjacente tinham sido diferente».* Harnack, no entanto, aponta mais uma dificuldade na realização desta tarefa, quando diz que a máscara Doutrinal, usada durante um período suficiente, pode remodelar a face da religião:

«A máscara adquire vida própria — a Trindade, as duas naturezas de Cristo, a infalibilidade e todas as proposições que secundam estes dogmas, foram produto de decisões e de situações históricas e podem acabar por se revelar bastante diferentes... no entanto... mais tarde ou mais cedo, produto ou força remodelada, o dogma persiste o que tinha sido desde o princípio, um mau hábito de intelectualização que os Cristãos adquiriram com os Gregos quando fugiram dos Judeus». [7]

Harnack retoma este tema noutro livro, onde admite o seguinte:

«...o quarto Evangelho não provém, nem declara provir, do Apóstolo João, não podendo ser considerado como uma verdade histórica... o autor deste Evangelho actuou com uma liberdade suprema, inverteu a ordem dos acontecimentos e expô-los a uma luz diferente. Além disso, ele próprio criou a controvérsia ao explicar os grandes pensamentos com situações imaginárias».

O mesmo autor refere-se ainda ao trabalho do famoso historiador Cristão, David Strauss, que descreve como tendo *«quase destruído a credibilidade histórica não só do quarto, mas também dos três primeiros Evangelhos».* [8]

---

7 *Outline of the History of Dogma*, Adolf Harnack.
8 *What Is Christianity?*, Adolf Harnack., p. 20.

De acordo com Johannes Lehmann, [9] outro historiador, os autores dos quatro Evangelhos aceites descrevem um Jesus diferente daquele que pode ser identificado na realidade histórica. Lehmann cita Heinz Zahrnt quando chama a atenção para as consequências deste facto:

«Se a investigação histórica fosse capaz de provar que existe uma antítese irreconciliável entre o Jesus histórico e Cristo tal como é pregado e, portanto, que a crença em Jesus não se fundamenta no próprio Jesus, isso seria não só absolutamente fatal em termos teológicos, como diz N. A. Dahl, mas significaria, também, o fim de toda a Doutrina de Cristo. No entanto, eu estou convencido de que, mesmo assim, nós, os teólogos, seríamos capazes de encontrar uma saída — houve alguma ocasião em que não o tenhamos conseguido? Mas, ou estamos a mentir agora, ou estivemos a mentir outrora». [10]

Enquanto estas curtas citações mostram o dilema em que a Cristandade actual se debate, as palavras de Zahrnt demonstram ainda algo muito mais sério subjacente a tudo isto: é possível ficar tão envolvido com os pormenores daquilo que aconteceu à Doutrina de Jesus, e às Igrejas e seitas que se lhe seguiram, que o objectivo original do ensinamento passa a ser sobrevalorizado ou esquecido. Assim, Theodore Zahn, por exemplo, esclarece os desagradáveis conflitos existentes no interior das Igrejas estabelecidas. Este autor considera ainda que os Católicos Romanos, com boas ou más intenções, acusam a Igreja Ortodoxa Grega de remodelar o texto da Sagrada Escritura com adições e omissões; os gregos, por seu turno, entendem que são os próprios Católicos que se afastam do texto original em diversos locais e, não obstante as suas diferenças, combinam acusar os Cristãos não-conformistas de se desviarem do "verdadeiro caminho", condenando-os como heréticos. Os heréticos, por sua vez, acusam os Católicos de *«terem dado outro cunho à verdade, como os falsificadores»*. E conclui: *«Não são os factos o suporte destas acusações?»* [11]

O verdadeiro Jesus está completamente esquecido e os que estão conscientes desta degeneração e desejam, sinceramente, regressar e viver segundo os preceitos iniciais, são impedidos de o fazer porque a Doutrina original, na sua totalidade, já desapareceu e é irrecuperável.

Erasmo afirmou o seguinte:

---

[9] Johannes Lehmann foi um sacerdote Cristão alemão que se converteu ao Islão em 1971, depois de se ter dedicado à sua vida missionária durante 20 anos, tendo adoptado o nome Islâmico de Yahya Abdul Rahman Lehmann. Foi autor, entre outros, do livro"Relatório sobre Jesus Cristo", Editorial Futura. [N. Ed.]

[10] *The Jesus Report*, J. Lehman (citação de *Kreuz Verlag*, Stuttgart, 2ª ed., 1960, p. 112.)

[11] *Articles of the Apostolic Creed*, Theodore Zahn.

«Os antigos filosofaram muito pouco acerca das coisas Divinas... Primeiramente a fé estava na vida, mais do que na profissão dos crentes... Quando a fé passou à escrita, mais do que aos corações, então apareceram quase tantas fés como homens. Os artigos aumentaram e a sinceridade diminuiu. As contendas tornaram-se quentes e o amor tornou-se frio. A Doutrina de Cristo, que no princípio não conhecia distinções demasiado subtis, veio a depender da ajuda da filosofia. Foi este o primeiro degrau no declínio da Igreja».

Então, a Igreja foi forçada a explicar o que não podia ser expresso em palavras e, para ganhar o apoio do Imperador, recorreu a ambos os lados. Erasmo, comentando este facto, continua:

«A injecção da autoridade do Imperador neste assunto não ajudou grandemente a sinceridade da fé ... quando a fé está na boca em vez de estar no coração, quando o sólido conhecimento das Sagradas Escrituras nos falha, mesmo que pelo terror levemos os homens a acreditar no que não acreditam, a amar o que não amam, a saber o que não sabem. O que é forçado não pode ser sincero». [12]

Erasmo compreendeu que os primeiros Cristãos, os seguidores próximos de Jesus, tinham um conhecimento da Unidade que nunca foi necessário exprimir, mas quando o seu ensino se espalhou e nasceram conflitos entre as Igrejas, os homens conhecedores foram forçados a tentar explicar os seus conhecimentos da Realidade. Entretanto, tinham já perdido a Doutrina de Jesus na sua totalidade, bem como a linguagem da Unidade que lhe estava associada e recorriam apenas ao vocabulário e à terminologia da filosofia grega que já não considerava a Unidade, mas uma visão tripartida da existência. E a tão simples e pura confiança na Realidade foi, inevitavelmente, expressa numa linguagem estranha a Jesus e levou à formação da Doutrina da Trindade com a deificação de Jesus e do Espírito Santo. *Confusão* e *cisma* foram os resultados inevitáveis e sucederam sempre que os homens perderam de vista a Unidade da Existência. Compreender isto é essencial para qualquer pessoa que queira saber quem foi Jesus e o que realmente ensinou, tanto como o conhecimento de que, uma vez que as pessoas deixem de recorrer completamente às acções do dia a dia de um Profeta (que não são mais do que a personificação do seu ensinamento), ficam perdidas, quer acreditem na Doutrina da Trindade, quer afirmem verbalmente a Unidade Divina.

---

[12] *Erasmi Epistolai,* 1334 ed., P.S. Allen, V, pp. 173-192.

JESUS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Quanto maior número de pessoas têm tentado saber quem foi realmente Jesus, mais tem sido descoberto quão pouco se sabe sobre ele. Há registos restritos dos seus ensinamentos e de algumas das suas acções, mas, para além disso, muito pouco se conhece acerca da maneira como realmente viveu a vida momento a momento e como se relacionou diariamente com as outras pessoas.

Certamente, as imagens que muitas pessoas deram de Jesus — de quem era e daquilo que fez — são distorcidas. Embora haja alguma verdade nos quatro Evangelhos aceites, sabe-se que não só têm sido alterados e censurados através dos tempos, como também não constituem registos de testemunhas oculares. O primeiro Evangelho é o de Marcos, escrito por volta dos anos 60-70 D.C.. Marcos era o filho da irmã de São Barnabé. Mateus, por sua vez, era um colector de impostos, um oficial menor que não viajava com Jesus. O Evangelho de Lucas também foi escrito muito mais tarde e teve, de facto, a mesma origem dos anteriores. Lucas era o médico de Paulo e, tal como Paulo, nunca conheceu Jesus. Por sua vez, o Evangelho de João tem uma origem diferente e foi escrito ainda mais tarde, por volta do ano 100 D.C.. Além disso, este João não deve ser confundido com João, o discípulo, que foi outro homem. Aliás, durante dois séculos foi ardentemente debatido se este Evangelho deveria ser aceite como um registo seguro da vida de Jesus e poderia ser incluído nas Escrituras.

A descoberta dos famosos *Pergaminhos do Mar Morto* veio lançar uma nova luz acerca da natureza da sociedade em que Jesus nasceu. O Evangelho de Barnabé cobre mais extensamente do que os outros a vida de Jesus, enquanto o Alcorão e os *Ahadice*[13] clarificam ainda mais a imagem real de Jesus.

Nós descobrimos que Jesus não era o "filho de Deus" no sentido literal da palavra, mas, tal como Abraão e Moisés antes dele, e Maomé (ár. *Muhammad*) depois dele, era um Mensageiro que, como todos os seres humanos, necessitava de alimentos e ia ao mercado.

Nós descobrimos que Jesus travou inevitavelmente batalhas com outras pessoas cujos interesses estavam em conflito com o que ele ensinava. Pessoas que não aceitavam a orientação que dele recebiam ou

[13] Plural de *hadice*. [N. Ed.]

que, mesmo sabendo-a verdadeira, optavam por ignorá-la em favor da busca do poder, da riqueza e de reputação aos olhos dos homens.

Além disso, descobrimos que a vida de Jesus na terra faz parte integrante da história judaica e, por conseguinte, para perceber a sua história é necessário conhecer a dos Judeus. Ao longo da vida, Jesus foi um Judeu Ortodoxo praticante e chegou a reafirmar e reviver os ensinamentos originais de Moisés, que tinham sido alterados através dos anos.

Finalmente, descobrimos que não foi Jesus quem foi crucificado, mas alguém que se parecia com ele.

Lentulus, um oficial romano, descreve Jesus da seguinte forma :

«Tinha o cabelo castanho, cor de avelã, liso até às orelhas e formando caracóis que caiam levemente até aos ombros em anéis abundantes; usava risco ao meio, segundo a moda dos Nazarenos. A testa era lisa e clara e a cara rosada, sem borbulhas nem sardas, nem defeitos no nariz e na boca. Usa uma barba farta e luxuriante, da mesma cor do cabelo e dividida ao meio. Os olhos são dum azul acinzentado com uma capacidade de expressão variada e fora do vulgar. Tem uma altura média, com quinze punhos e meio. É alegre na seriedade e por vezes chora, mas jamais alguém o viu a rir».

Uma Tradição Muçulmana, no entanto, traça uma imagem diferente, dando-lhe um aspecto delgado. De acordo com esta fonte:

«Era um homem rosado, tendendo para o branco e não tinha o cabelo comprido. Nunca ungiu a cabeça e costumava andar descalço; não tinha casa, nem bens, nem roupas, não usava adornos e não levava consigo provisões, excepto os alimentos necessários para o próprio dia. O seu cabelo era desgrenhado e o rosto pequeno. Era um asceta neste mundo, esperando ansiosamente pelo próximo a fim de adorar Deus (ár. Allah)».

A data exacta do nascimento de Jesus não é conhecida. De acordo com Lucas, esta data está associada a um censo efectuado no ano 6 D.C., mas, por outro lado, é também afirmado que Jesus nasceu no reinado de Herodes e que este morreu no ano 4 A.C. Vicent Taylor, contudo, conclui que a data do nascimento de Jesus pode ter sido anterior, isto é, no ano 8 A.C.[14]; dado que o decreto de Herodes, desencadeado pelas notícias do recente ou do eminente nascimento de Jesus e que pretendia que todas as crianças recém-nascidas em Belém fossem mortas, tem que, obviamente, ter precedido a morte de Herodes.

[14] *The Jesus Report*, J. Lehman, pp. 14-15.

Mesmo se seguirmos Lucas, a discrepância entre dois versículos no mesmo Evangelho é de dez anos. A maioria dos comentadores acredita no segundo versículo, que infere que Jesus nasceu no ano 4 A.C., isto é, quatro anos "Antes de Cristo".

A miraculosa concepção e o nascimento de Jesus têm sido igualmente assuntos de muita discussão. Algumas pessoas crêem que ele não era mais do que o filho de carne e osso de José; enquanto outras, acreditando na *imaculada concepção*, concluem que ele era o "filho de Deus", mas permanecem divididas quanto ao facto do tratamento dos termos poder ser feito literal ou figurativamente. Lucas diz o seguinte:

«O Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem... e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o Anjo disse-lhe: "Salvé, ó cheia de Graça, o Senhor está contigo". Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o Anjo: "Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus..." Maria disse ao Anjo: "Como será isso, se eu não conheço homem?" E o Anjo respondeu-lhe: "...porque nada é impossível a Deus". Maria disse então: "Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". E o Anjo retirou-se de junto dela». (Lucas l: 26-39)

O mesmo episódio é descrito no Alcorão da seguinte forma:

«E quando o Anjo disse: "Ó Maria! Olha! Deus escolheu-te e purificou-te e elegeu-te acima de todas as mulheres da Criação. Ó Maria! Sê obediente ao teu Senhor! Prostra-te e curva-te com esses que se curvam em adoração." Isto é revelação de parte das coisas escondidas. A ti as revelamos, ó Muhammad. Tu não estavas presente quando eles lançaram as suas penas para saberem quem seria o guardião de Maria; nem estavas presente quando questionaram sobre isso. E lembra-te de quando o Anjo disse: "Ó Maria! Deus dá-te novas felizes de uma Palavra da Sua parte: o seu nome será Messias, Jesus, filho de Maria, grande no mundo e na Vida Futura e um desses levados para junto de Deus. Ele falará aos homens no seu berço e na sua velhice e pertencerá ao número dos justos". Ela disse: "Meu Senhor! Como poderei ter uma criança quando nenhum mortal me tocou? "Ele disse:" Assim é. Deus cria o que lhe agrada. Se Ele ordena uma coisa apenas diz: 'Sê?' E logo acontece"». (Alcorão, 3:42-47)

Dos quatro Evangelhos, Marcos e João mantêm silêncio em relação ao nascimento de Jesus e Mateus só casualmente o menciona. Tal como entre Mateus e Lucas, o primeiro indica vinte e seis pessoas entre Adão

e Jesus, ao passo que Lucas tem quarenta e dois nomes na sua lista. Portanto, há uma discrepância entre os dois, de dezasseis pessoas. Se considerarmos os quarenta anos como a idade média de uma pessoa, então há uma lacuna de seiscentos e quarenta anos entre os dois registos da suposta linha da ascendência de Jesus!

Contradições deste género não existem na Doutrina do Alcorão, nem quanto à imaculada concepção, nem relativamente ao milagroso nascimento de Jesus. No entanto, o Alcorão rejeita firmemente a Divindade de Jesus, tal como é mostrado nesta descrição do que aconteceu pouco depois do nascimento de Jesus:

«Então ela trouxe-o para o seu próprio povo. Eles disseram: "Ó Maria ! Tu fizeste algo extraordinário. Ó irmã de Aarão! O teu pai não era um homem mau nem a tua mãe uma impúdica". Então ela apontou para o menino. Eles disseram: " Como poderemos nós falar com alguém que está no berço, uma criança? "Ele disse: "Olhai: Eu sou o servo de Deus, o Qual me concedeu a Escritura e me designou Profeta, e tornou-me abençoado onde quer que eu esteja, e ordenou-me a oração e (o pagamento de) Zakat enquanto eu viver. E fez-me cumpridor dos deveres para com minha mãe, não permitindo que eu seja arrogante ou rebelde. A paz está comigo desde o dia em que nasci e estará comigo no dia em que eu morrer, bem como no dia em quc eu for ressuscitado." Tal era Jesus, filho de Maria; isto é a pura verdade, da qual duvidam. É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja Ele! Quando decide uma coisa, basta-Lhe dizer:"Sê!" e, isso é.» (Alcorão, 19:27-35)

O nascimento de Adão foi o maior milagre, uma vez que nasceu sem pai nem mãe; mas o nascimento de Eva foi um milagre maior do que o do nascimento de Jesus, pois também ela nasceu sem uma mãe. O Alcorão diz:

«Perante Deus, Jesus é semelhante a Adão; Ele criou-o da poeira e depois disse-lhe: "Sê!". E ele foi ». (Alcorão, 3:59)

É muito importante examinar a vida de Jesus no contexto do que estava a acontecer a nível político e social na sociedade em que ele nasceu, pois era um tempo de grande desassossego no mundo judaico.

Ao longo da sua história, os Judeus têm sido espezinhados pelos invasores, um a seguir ao outro, numa série de invasões que serão examinadas com pormenor, mais à frente. Além disso, devido às derrotas e ao abandono delas resultante, a chama do ódio manteve-se sempre a arder nos seus corações. No entanto, mesmo nos dias do mais negro desespero, grande parte dos Judeus manteve o equilíbrio mental e

continuou à espera de um novo Moisés que viesse com o seu exército afastar o invasor e dar início ao Governo de Jeová. Esse seria o Messias, ou o Anunciado.

Sempre existiu uma parte da nação judaica que idolatrava todas as auroras e desfraldava as velas qualquer que fosse o vento na ocasião, de maneira a tirar o maior proveito, mesmo de um mau negócio. Assim adquiriam fortuna e posição, tanto temporais, como religiosas, mas eram odiados pelos restantes Judeus e considerados como traidores.

Para além destes dois grupos, havia um terceiro agrupamento de Judeus que diferia profundamente dos primeiros. Refugiavam-se no deserto onde podiam praticar a religião de acordo com a Tora e preparavam-se para combater os invasores sempre que a oportunidade surgisse. Durante este período, os Romanos fizeram muitas tentativas falhadas para descobrir os seus esconderijos, mas o número destes patriotas continuou sempre a crescer.

A primeira vez que temos conhecimento deles é através de Josephus, que apelida estes três grupos de Judeus de Fariseus, Saduceus e Essénios, respectivamente.

A existência dos Essénios era conhecida, mas sem grande pormenor, não sendo mencionados, nem uma vez, nos Evangelhos. Então, subitamente, os documentos conhecidos como *Pergaminhos do Mar Morto* vêm a lume nas montanhas do Jordão, perto do Mar Morto, descoberta que desabou sobre todo o mundo intelectual e eclesiástico como uma tempestade. A história de como estes documentos foram encontrados precisa ser contada. Em 1947, um rapaz árabe, enquanto apascentava o seu rebanho perto de Qumran, notou que lhe faltava uma das ovelhas e, como tal, decidiu subir a montanha mais próxima à procura do animal que lhe faltava. Durante a busca, chegou à boca de uma caverna onde pensou que a ovelha tinha entrado. Atirou um calhau para o interior e esperou ouvi-lo bater em pedra. Em vez disso, o calhau provocou um estalido como se tivesse atingido um pote de barro e o rapaz pensou que talvez tivesse tropeçado num tesouro escondido. Na manhã seguinte, voltou à caverna e entrou, levando um amigo para o ajudar. Porém, em vez do tesouro, encontraram alguns potes de barro entre olaria partida. Levaram um deles para o acampampamento onde estavam a viver, mas ficaram amargamente desapontados ao verem que tudo o que tinham encontrado fora uma coisa suja e cheirando a pergaminho de couro, que desenrolaram até chegar de uma ponta à outra da tenda. Era um dos pergaminhos que mais tarde foram vendidos por um quarto de milhão de dólares. Os rapazes venderam-no a um Cristão Sírio chamado Kando por alguns xelins. Kando era um sapateiro e estava apenas interessado na pele, que lhe poderia servir para reparar

sapatos velhos. No entanto, o sapateiro reparou que a folha de couro estava escrita com letras que ele não conhecia. Após uma observação mais cuidada, decidiu mostrá-la ao Bispo Primaz Sírio do Mosteiro de São Marcos, em Jerusalém, e estas duas figuras sombrias carregaram então o pergaminho de país em país, na esperança de ganhar dinheiro.

No Instituto Oriental Americano do Jordão, verificaram que o pergaminho era a mais antiga cópia do Livro de Isaías do Antigo Testamento. Sete anos depois, o pergaminho foi colocado pelo governo de Israel no Santuário do Livro em Jerusalém.

Numa estimativa incerta, existem cerca de seiscentas cavernas na encosta sobranceira ao leito do rio. Ora nestas cavernas viviam os Essénios, uma comunidade de pessoas que tinha renunciado ao mundo, dado que o verdadeiro Judeu apenas podia viver sob a soberania de Jeová e não lhe era permitido obedecer a nenhuma autoridade, excepto à d'Ele. Portanto, segundo as suas crenças, um Judeu vivendo sob outro domínio e reconhecendo o Imperador Romano como senhor absoluto, cometia um pecado.

Cansados da pompa e do espectáculo do mundo, e oprimidos por forças incon- troláveis que conduziam, inevitavelmente, ao conflito e à auto-destruição, procuraram refúgio no silêncio dos rochedos que se elevavam nas margens do Mar Morto. Recolhiam à solidão das cavernas na montanha a fim de se poderem concentrar, levando uma vida de pureza e conseguirem assim ganhar a salvação. Ao contrário de muitos dos Judeus do Templo, não usavam o Antigo Testamento para ganhar dinheiro, mas tentavam viver segundo os seus ensinamentos e, com esta vida, esperavam alcançar perfeição e santidade. A sua finalidade era criar um exemplo que mostrasse aos restantes Judeus como escapar à estrada que os levava à destruição e que sabiam estar a aproximar-se rapidamente, a menos que os Judeus seguissem a Palavra de Deus.

Escreviam canções gnósticas, o que devia ter agitado os corações das pessoas mais profundamente do que as palavras, por si só, pudessem exprimir. Uma vida gnóstica é como uma embarcação numa tempestade, diz uma canção. Noutra, um gnóstico é descrito como um viajante numa floresta cheia de leões, cada um com uma língua afiada como uma espada. No princípio do caminho, um gnóstico é atormentado pela dor, tal como uma mulher em trabalho de parto ao dar à luz o seu primeiro filho, mas, se conseguir suportar esta dor, torna-se iluminado pela Luz perfeita de Deus. Então, apercebe-se de que o homem é uma criatura frívola e vazia, moldado em barro e amassado com água. Depois de ter passado o severo teste do sofrimento e de ter suportado os limites da dor e do desespero, alcançará a paz na agitação, a alegria no sofrimento, e uma nova vida de felicidade na dor. Então, ficará

envolto no manto do amor de Deus. Neste ponto, com um humilde reconhecimento, alcançará o significado do que é ter sido arrebatado de um fosso e colocado num plano elevado. E, assim iluminado pela Luz de Deus, poderá manter-se erecto e inflexivel perante a força bruta do mundo.

Antes da descoberta dos *Pergaminhos do Mar Morto*, muito pouco se sabia acerca dos Essénios. Plínio e Josephus mencionam-nos, mas foram virtualmente esquecidos pelos historiadores posteriores. Plínio descreve-os como uma raça em si própria mais notável do que qualquer outra no mundo:

«Não têm mulher, renunciam ao amor sexual, não têm dinheiro... A comunidade está a aumentar firmemente com um elevado número de pessoas atraidas pelo seu estilo de vida... desta forma a sua raça durou milhares de anos, embora ninguém tenha nascido no seu seio».

Josephus, que começou a vida como Essénio, escreve que estes *«acreditam que a alma (ruach) é imortal e uma dádiva de Deus. Deus purifica algumas criaturas para Ele próprio, removendo todas as manchas da carne. A pessoa assim aperfeiçoada atinge uma santidade livre de todas as impurezas».*

Estes habitantes das cavernas continuaram a levar uma vida que não foi afectada pelas vagas de conquistadores que tantas vezes destruíram o Templo e conquistaram os Judeus. A sua vida no deserto não era uma fuga à responsabilidade que todo o Judeu tem de lutar pela pureza da sua religião e de libertar a Judeia da agressão estrangeira. Lado a lado com aqueles que rezavam diariamente e que estudavam as Escrituras, alguns constituíram uma força eficiente e, não só pregavam a Doutrina de Moisés, mas também estavam preparados para lutar pela liberdade de viver de acordo com aquela Doutrina. Assim, a sua luta apenas podia servir para o serviço de Deus e não para ganhar poder ou consideração pessoal. Os membros desta força de luta eram chamados "Zelotes" pelo inimigo. Estavam organizados sob uma bandeira e cada tribo tinha a sua insígnia. Os Zelotes estavam agrupados em quatro divisões, cada uma encabeçada por um chefe. Cada divisão era composta por pessoas de três das tribos de Israel. Desta forma, todas as doze tribos judaicas estavam organizadas sob uma bandeira. O chefe tinha que ser um Levita, que era não só um comandante militar, mas também um professor da Lei. Cada divisão tinha o seu próprio *Midrash* (escola), e este Levita, para além de executar as tarefas de comandante militar, tinha que dar *darsh* (lições) regulares na escola. Assim, vivendo nas cavernas do deserto, os Essénios mantinham-se afastados da procura

do prazer, desprezavam o matrimónio e desdenhavam a riqueza. Além disso, formavam uma sociedade secreta cujos segredos nunca eram divulgados a alguém que não fosse seu membro. Os Romanos sabiam da sua existência, mas não conseguiram penetrar a muralha de segredo que os rodeava. O sonho de qualquer Judeu aventureiro era tornar-se membro desta sociedade, pois esse era o único método prático disponível para lutar contra os invasores estrangeiros.

Os Essénios, tal como já vimos nos registos de Plínio, desprezavam o casamento, mas adoptavam os filhos de outros homens desde que fossem dóceis e brandos, aceitando-os como parentes e moldando-os ao seu estilo de vida. Assim, por incrível que pareça, a sociedade Essénia perpetuou-se através de séculos, muito embora ninguém nela tenha nascido. Desta forma, Zacarias, Sumo Sacerdote do Templo de Salomão, teve um filho quando de idade avançada e enviou-o para os Essénios no deserto, local onde a criança foi criada, vindo a ser conhecido na História por João Baptista.

Agora que sabemos que a comunidade Essénia existiu, de facto, no deserto, a acção de Zacarias torna-se compreensível, pois não estava a mandar o filho querido, sozinho para o deserto, mas a confiá-lo à comunidade de maior confiança, uma comunidade que procurava viver de maneira a agradar a Jeová. Maria, a prima de Elisabete, mulher de Zacarias, foi criada por Zacarias porque tinha sido entregue no templo em concordância com um voto feito pela sua mãe. Foi neste ambiente que o nascimento de Jesus teve lugar.

Além disso, havia entre os Judeus a esperança num Messias, num novo «chefe» que seria baptisado e anunciado como rei. O rumor que circulava entre os Judeus, sobre o seu iminente nascimento, levou Herodes à decisão de matar todos os bebés nascidos em Belém onde, de acordo com a tradição, o Messias deveria aparecer. A poderosa sociedade secreta dos Essénios foi posta ao corrente por Zacarias, e Maria conseguiu, por isso, escapar às garras dos soldados romanos, indo com Jesus para o Egipto onde os Essénios tinham outra colónia.

O desaparecimento súbito de Jesus e Maria, e a sua fuga bem sucedida às autoridades romanas, foram um mistério e uma fonte de especulação, até à descoberta dos *Pergaminhos do Mar Morto*. Nenhum dos Evangelhos cobre este episódio, nem a existência da comunidade Essénia, nem como lhes foi possível evadirem-se dos perseguidores com tanto sucesso, apesar da publicidade que deve ter rodeado o nascimento. Em circunstâncias diferentes, uma criança que falava coerentemente e com autoridade desde o berço, e que foi visitada por pastores e Magos, não poderia desaparecer tão facilmente.

No ano 4 A.C., quando Jesus tinha três ou quatro anos de idade, Herodes morreu. Desta forma, o perigo eminente que rodeava a sua vida foi afastado e passou a poder mover-se livremente. Ao que parece, Jesus foi educado sob a dura disciplina de professores Essénios e, sendo um aluno inteligente, aprendeu a Tora muito depressa. Assim, quando tinha doze anos, foi mandado para o Templo, verificando-se que o aluno, em vez de repetir as lições que recebera, falava com uma certa confiança e autoridade. Há algumas tradições Muçulmanas que falam das singulares dádivas que tão cedo foram dadas a Jesus na sua vida. A citação que se segue pertence a *Histórias dos Profetas,* de Thalabi:

Wahb disse:

«O primeiro sinal de Jesus, que as pessoas viram, ocorreu enquanto a sua mãe estava a viver na casa do chefe da vila para onde José, o carpinteiro, a tinha levado quando foi com ela para o Egipto; e os pobres costumavam ir, frequentemente, a casa desse chefe. Entretanto, foi roubado algum dinheiro do tesouro que lhe pertencia, mas embora ele não tenha suspeitado dos pobres, Maria afligiu-se com o seu tormento. Quando Jesus viu a preocupação da mãe pela aflição do anfitrião perguntou-lhe: "Mãe, queres que eu o guie até ao dinheiro?". Ao que ela respondeu: "Sim, meu filho." Jesus disse: "Diz-lhe que reúna os pobres perante mim, na sua casa." Então Maria disse isso ao chefe que reuniu os pobres. Quando todos estavam reunidos, Jesus dirigiu-se a dois deles, um cego e outro coxo, pôs o coxo aos ombros do cego, e disse-lhe, "Levanta-te com ele." O cego respondeu: "Sou demasiado fraco para isso." Jesus disse-lhe: "Como foste suficientemente forte para fazer isso ontem?" Quando o ouviram dizer isto, bateram no cego até que se levantasse e, quando isso aconteceu, viram que o coxo chegava à janela do tesouro. Então Jesus disse ao chefe da aldeia: "Assim conspiraram ontem contra a tua propriedade, pois o cego valeu-se da sua própria força e o coxo dos olhos." Então o cego e o coxo disseram: "Ele falou verdade, por Deus!" E devolveram o dinheiro todo. O dono pegou nele, colocou-o no tesouro e disse: "Ouve Maria, podes ficar com metade." Ela respondeu: "Não fui criada para isso." O chefe disse: "Então dá-o ao teu filho." Ela respondeu: "Ele é-me superior." ...E nessa altura tinha ele doze anos».

Outro sinal:

Tal como disse Sadi:

«Quando Jesus, a paz esteja com ele, andava na escola, costumava dizer aos rapazes o que os pais estavam a fazer, e terá dito a um rapaz: "Vai para casa, pois a tua família tem estado a comer tal e prepararam tal

para ti e estão a comer tal." Então o rapaz terá ido para casa e chamado até lhe darem essa coisa. E ter-lhe-ão dito: "Quem te falou disto?" Ao que ele terá respondido: "Jesus." Reuniram-nos então numa casa e quando Jesus chegou à procura deles, disseram-lhe: "Não estão aqui." Jesus disse-lhes: "Então o que é que está nesta casa?" Eles responderam: "Suínos." Jesus disse: "Então que sejam suínos." E assim, quando abriram a porta, vede! Eram suínos. Os filhos de Israel estavam preocupados com Jesus, e assim, quando a sua mãe temeu por ele, pô-lo num burro e foram rapidamente para o Egipto...»

Ata' disse:

«Depois de Maria ter tirado Jesus da escola confiou-o a diversos comerciantes, sendo os últimos os tintureiros; assim, entregou-o ao chefe para que Jesus pudesse aprender com ele. O homem, como tinha vários panos para tingir e precisava partir em viagem, disse a Jesus: "Aprendeste este ofício e eu vou partir numa viagem da qual não voltarei senão daqui a dez dias. Estes panos têm cores diferentes e eu marquei cada um de acordo com a cor com que deve ser tingido e, portanto, quero que tenhas o trabalho terminado quando eu voltar". Jesus, a paz esteja com ele, preparou um recipiente com uma cor, pôs nele todos os panos e disse-lhes: "Sêde, com a permissão de Deus, o que é esperado de vós." Quando o tintureiro voltou, vendo que todos os panos estavam no mesmo recipiente, disse: "Oh Jesus, o que foi que fizeste?" Jesus respondeu: "Acabei o trabalho." O homem disse: "Onde está a roupa?" Jesus respondeu: "No recipiente." O homem disse: "Toda ela?" Jesus respondeu: "Sim." O homem disse: "Como pode estar toda no mesmo recipiente? Estragaste-me esses panos." Jesus respondeu: "Levanta-te e olha." O tintureiro levantou-se e Jesus tirou um trajo amarelo e um verde e um vermelho até os ter tirado todos de acordo com as cores que desejara. Então o tintureiro começou a pensar, porque sabia que aquilo era coisa de Deus, pois Ele é Grande e Glorioso. E disse às pessoas: "Venham e vejam o que Jesus (a paz esteja com ele) fez." Deste modo ele e os companheiros, que eram os discípulos, acreditaram; e Deus, Grande e Glorioso como Ele é, sabe bem».

Durante os primeiros anos da vida adulta de Jesus, começou a espalhar-se o rumor de que João se afastara da sociedade Essénia e estava a viver sozinho no deserto. *«Vestia-se de trajos simples de pêlo de camelo com uma faixa de couro à volta da cintura. Comia apenas gafanhotos e mel selvagem».* (Mateus, 3:4) Assim começou a pregar directamente às pessoas e não insistia no longo período de aprendizagem necessário a qualquer pessoa que desejasse ser membro pleno da irmandade Essénia. Era, portanto, um movimento público, pois João

convidava todos a voltarem-se para Jeová e assegurava-lhes que o Reino de Deus em breve seria estabelecido.

Relacionado com estes acontecimentos, é de interesse ler na história escrita por Josephus a parte relativa a um outro eremita de quem este historiador foi discípulo. Josephus tinha passado três anos no deserto como um asceta. Durante este tempo estava sob a direcção de um eremita chamado Bannus que se vestia com o que crescia nas árvores, comia apenas alimentos selvagens e disciplinava-se para a castidade com constantes banhos frios. Portanto, é obvio que João estava a seguir a tradição comum aos eremitas.

O deserto tinha sido um lugar de refúgio para David e para outros Profetas anteriores. Era um local onde os Judeus podiam estar livres do domínio dos governantes estrangeiros e da influência de falsos deuses. No deserto, não havia a procura dos favores dos governantes pagãos. Esta atmosfera, onde apenas poderia haver a dependência do Criador e a da Sua adoração como Deus Único, foi o berço do monoteísmo. A solidão do deserto removia qualquer falso sentido de segurança e o homem aprendia a confiar apenas na **Realidade**: *«Na aridez do deserto faltam todos os outros apoios e o homem fica entregue ao Deus Único, Poder e Fonte Permanente de toda a Vida e Raiz de toda a Segurança».* [15]Assim, a luta no deserto tinha dois aspectos. Primeiro, ocorria no interior dos corações dos próprios homens que tinham que travar batalhas com eles próprios uma vez que se propunham viver de maneira a agradar ao seu Senhor. Em segundo lugar, tal como já tínhamos visto, a escolha deste rumo de acção tinha como resultado inevitável o conflito com aqueles que desejavam viver de outra maneira. A primeira luta era uma questão de fé em Jeová e na vitória esprítual, independentemente da segunda batalha poder ser ganha ou perdida.

O toque de clarim de João começou a atrair uma grande multidão, na medida em que deixara de observar uma importante regra do código de conduta dos Essénios: *«Não revelar a outrem nenhum dos segredos da Comunidade, mesmo sendo torturado até à morte».*[16] A quebra no cumprimento desta regra tornou possível aos Romanos infiltrarem-se no movimento como espiões. No entanto, João com a sua visão profética reconheceu-os para lá da aparência e chamou-lhes "víboras". (Mateus 3:7) Também Jesus, o seu primo mais novo, se juntou ao movimento sendo provavelmente um dos primeiros a receber o baptismo; é provável ainda que Barnabé, que foi seu companheiro constante, tivesse sido baptisado juntamente com Jesus e, também, com um outro companheiro chamado Matias.

---

[15] *The Wilderness Revolt,* Bishop Pike, p. 101.
[16] *The Dead Sea Scrolls,* Edmund Wilson

João sabia que as "víboras" iam ser bem sucedidas antes de poder começar a luta e, como tal, o baptismo de Jesus deu-lhe tão grande satisfação que teve a certeza de que o movimento não acabaria com a sua vida. Como fora previsto por João, o Rei Herodes degolou-o e a sua manta foi cair sobre os ombros de Jesus.

Jesus tinha trinta anos quando percebeu que o tempo de preparação terminara e começara a parte significativa da sua vida, uma missão que não durou mais do que três anos. Deste modo, para podermos apreciar o pleno significado deste período, teremos que integrar a vida de Jesus no seu enquadramento histórico e, em particular, na história dos Judeus. Isto clarificará ainda mais a imagem que já começou a emergir, de que a existência da comunidade essénia, as actividades de João e, finalmente, o conflito entre Jesus e os Romanos, fazem parte de um padrão que se repete a si próprio, vezes sem conta, através da história dos Judeus. Em todos os casos, o que finalmente moveu os Judeus a revoltarem-se contra os invasores estrangeiros foi a tentativa destes últimos, no sentido de os associarem aos seus soberanos, pois a fé dos Judeus na Unidade Divina e na crença de que não existe outro objecto de adoração para além d'Ele, era categórica.

Como governantes, os Judeus mostraram uma absoluta falta de conhecimento acerca dos assuntos de Estado, embora tenham florescido sob a escravidão política. Nos primórdios da história, encontramos os Judeus a praticar a intriga contra o próprio Rei, porque fazia tudo o que "era mau aos olhos do Senhor." (II Reis 13:11) Entretanto, Nabucodonosor da Babilónia conquistou Jerusalém. O templo foi deixado intacto, mas os tesouros, quer do templo, quer do palácio real, ficaram sob o poder do novo governador. Ora os Judeus não perderam tempo e rebelaram-se contra o senhor absoluto de Babilónia, o que provocou um novo ataque que originou a destruição do templo e da cidade.

A roda da fortuna deu outra volta: os Persas, sob o comando de Ciro, conquistaram Babilónia e os Judeus, uma vez mais, intrigaram contra os invasores. Assim, Ciro apercebendo-se imediatamente de que uma tão grande população de aliados de Babilónia constituia um perigo, pediu-lhes para partirem e regressarem a Jerusalém, onde, além disso, eram autorizados a reconstruir o templo. A cavalgada que se dirigia a Jerusalém era composta por 42.360 Judeus, levando com eles 7.337 criados e mulheres, incluindo 200 cantores, homens e raparigas. Esta caravana foi conduzida por 736 cavalos, 245 mulas, 435 camelos e 6.720 burros (Ezra 2:64-69), para além dos animais que carregavam o tesouro que, entretanto, tinha sido acumulado. Ao chegar a Jerusalém, começaram a planear a reconstrução do templo e com este fim recolheram 61.000 dracmas de ouro e 5.000 libras de prata, que

juntaram ao que tinham trazido de Babilónia e que consistia em trinta cavalos carregados de ouro e numa centena transportando prata. Mais ainda, havia 5.400 recipientes de ouro e de prata para serem colocados no templo (Ezra, 1:9-11). Portanto, os cativos que regressaram a Jerusalém tinham crescido em número e em fortuna.

Como governadores de Jerusalém, os Judeus não gostavam de longos períodos de paz. Em 323 A.C., a conquista de Alexandre o Grande tinha alcançado a Índia, mas logo após a sua morte, nesse mesmo ano, os generais do exército dividiram o império entre si. Ptolomeu começou a governar o Egipto, tendo Alexandria por capital; o reino dos Seleceus foi dividido em duas partes — Antioquia tornou-se capital do reino do norte e Babilónia passou a ser o centro do que restava do império de Alexandre. Mas os governantes do reino de Ptolomeu e dos Seleceus viviam em contendas constantes e, num dos primeiros recontros, Jerusalém caiu nas mãos dos Gregos Egípcios. Os novos governantes não ficaram satisfeitos com a abundante concentração de Judeus em Israel; por isso, grande parte foi deportada para o Egipto, dando origem ao que viria a tornar-se na maior colónia de Judeus fora de Israel. Aqui entraram em contacto com a civilização da Grécia e traduziram as Escrituras hebraicas para o grego. Para os chefes ptolomaicos, Israel era uma colónia distante e os Judeus, após o pagamento dum tributo anual, ficavam praticamente entregues a si próprios.

Em 198 A.C. os Seleceus, para quem Jerusalém estava muito mais próxima e à mão, tomaram a cidade aos governantes de Ptolomeu, passando a interessar-se muito mais pelos assuntos dos habitantes de Jerusalém do que os governantes anteriores. O processo de helenização, que tinha decorrido gradualmente e num andamento natural sob a lei ptolomaica, foi acelerado pelos novos chefes numa tentativa deliberada de assimilar os Judeus ao seu modo de vida. Esta concordância cultural forçada alcançou a expressão extrema durante o reinado de Antiochus Epeplianus, que cometeu o erro de instalar uma estátua de Zeus no Templo de Salomão, ultrajando os Judeus e levando-os a revoltarem-se contra Judas Macabeus. O martelo foi o emblema da revolta que originou a expulsão dos Gregos da cidade de Jerusalém. Os Judeus vitoriosos, ao encontrarem o templo em ruínas, com o santuário assolado, o altar profanado e a porta queimada, reconstruíram-no de acordo com a Tora. Os novos governadores foram tão populares que chegaram a ser sumo sacerdotes do templo e reis de Israel. Entretanto, com a concentracção do poder nas mesmas mãos, os governantes tornaram-se muito rígidos na observação da lei, o que levou o povo a começar a ansiar pela administracção benevolente dos governantes estrangeiros. Verificando que o povo estava insatisfeito com o seu governo, os Macabeus

tornaram-se mais altivos e arrogantes. Os Judeus começaram então, uma vez mais, a intrigar contra os governantes, o que não teve um papel menor na penetração do governo Romano sobre Jerusalém.

Na época em que Jesus nasceu, os Romanos repetiram o erro dos governantes anteriores. Ergueram uma grande águia dourada sobre o portão principal do templo, enfurecendo os Judeus e originando uma série de revoltas contra os ocupantes. Os primeiros a desfraldar a bandeira da revolta, com o objectivo de destruir a águia, foram dois descendentes dos Macabeus. Para os Romanos, não era apenas um acto de rebelião, era também um insulto à sua religião. Assim, depois de muito sangue derramado, a revolta foi esmagada e os dois dirigentes foram capturados e queimados vivos. Pouco depois os Romanos tiveram que enfrentar uma outra rebelião e dois mil rebeldes Judeus foram crucificados.

Embora derrotados, os ânimos ainda estavam exaltados quando, em 6 D.C., o Imperador Augusto ordenou um censo dos Judeus a fim de facilitar a cobrança dos impostos. Ora pagar impostos ao imperador Divinizado era contra o ensino da Tora, pois os Judeus reconheciam apenas um rei: Jeová. Seguiu-se, por isso, um distúrbio. Os elementos mais moderados, que compreenderam que o conflito iria resultar num completo massacre dos Judeus, aconselharam o meio termo e concordaram em pagar os impostos a fim de salvarem o povo de cometer um suicídio sem sentido. Porém os chefes que procuravam a paz por este preço não eram populares e foram considerados traidores da nação judia.

A situação concreta e social existente na época do nascimento de Jesus, juntamente com os acontecimentos que levaram à morte de João, já foram mencionados, e chegamos, agora, a um ponto em que todo o movimento de resistência estava concentrado à volta da divinamente inspirada figura de Jesus.

Antes de fazer qualquer outra coisa, Jesus passou quarenta dias a viver e a rezar no deserto. Tinha então trinta anos de idade, altura em que, de acordo com a lei judaica, um homem ficava liberto da dominação do seu pai. Ao contrário de João, Jesus, não ensinou abertamente às multidões nas suas pregações, que deviam tomar posição contra os governadores romanos. Havia necessidade de manter uma actuação discreta, pois os atentados anteriores tinham terminado em desastre e a morte recente de João estava ainda fresca na mente de Jesus. Por isso, com previdência e prudência, começou a preparar e a organizar os Judeus. Não baptizou ninguém, pois teria atraído desnecessariamente demasiadas atenções por parte dos Romanos, e teria constituído uma prática perigosa, dado não poder evitar a infiltração de "víboras" no

movimento de resistência. Nestas circunstâncias, elegeu doze discípulos, o número tradicional que representava as doze tribos de Israel, que alistaram setenta patriotas para servirem sob o seu comando. Os Fariseus sempre tinham evitado familiaridades com o *Am Al Arez*, Judeus robustos que viviam nas aldeias, porém Jesus recolheu-os sob a sua protecção. Estes camponeses, muitos dos quais provindos da comunidade essénia, tornaram-se seguidores zelosos e estavam dispostos a entregar as suas vidas pela causa de Jesus. Eram conhecidos por Zelotes. De acordo com a Bíblia, pelo menos seis dos doze discipulos são considerados Zelotes. Jesus, que tinha vindo para reafirmar e não para rejeitar o ensino de Moisés, emitiu o apelo do Antigo Testamento:

«Aquele que sentir zelo pela Lei e permanecer fiel à aliança, venha e siga-me». (Macabeus 2:27-31)

Uma grande parte começou então a alistar-se, mas eram mantidos escondidos e os seus treinos efectuados no deserto. Eram igualmente chamados *Bar Yonim*, o que significa "filhos do deserto". De entre estes, os que tinham aprendido a usar o punhal eram conhecidos como *Siccari* (homens do punhal). Um grupo suplementar de homens cuidadosamente seleccionados formaram uma espécie de guarda-costas, sendo conhecidos por *Bar Jesus*, ou "filhos de Jesus". Uma quantidade de pessoas conhecidas como *Bar Jesus* são mencionadas nos registos históricos, mas uma cortina de mistério rodeia estes homens e muito pouco se conhece acerca deles, o que é compreensível, visto que as suas identidades tinham que ser escondidas dos olhos dos espiões romanos, por pertencerem ao círculo mais próximo dos seguidores de Jesus.

Jesus ordenou aos seus seguidores:

«Mas agora quem tem uma bolsa que a tome, assim como o alforge, e quem não tem espada, venda a capa e compre uma.» (Lucas 22:36)

E assim o número dos que o acompanhava, inspirados também pelos seus ensinamentos e milagres, cresceu. O resultado líquido de toda esta preparação foi Sossianus Hierocles, sucessor de Pilatos (citado por Lactanius, Pai da Igreja), dizer sem constrangimento que Jesus era o chefe de um bando de salteadores estimados em novecentos homens. Uma cópia medieval, em hebreu, de uma versão perdida de um trabalho de Josephus, relata também que Jesus tinha consigo entre 2.000 a 4.000 seguidores armados.[17]

Jesus tinha um grande cuidado para não se desviar do ensinamento dos Essénios, conhecidos pelo facto de "os ritos e os preceitos dos

[17] *The Death of Jesus*, Joel Carmichael, p. 141.

Evangelhos e das Epístolas se encontrarem em todas as páginas das suas produções literárias." [18] Durante a sua missão, contudo, não divulgou a totalidade dos ensinamentos à maior parte dos seus seguidores, e assim, muito poucos conheciam toda a verdade:

«Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Espírito da Verdade, Ele guiar-vos-á para a verdade total, porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e anunciar-vos-á o que há-de vir.» (João 16:12-14)

Jesus não pretendia poder material, nem como governante da região, nem dentro da fechada hierarquia dos Escribas e dos Fariseus. No entanto, a popularidade de que gozava junto das pessoas comuns e o grande número de seguidores, levaram os Romanos e os sacerdotes que os apoiavam a recear que fosse essa a sua intenção. Foi esta aparente ameaça à posição de poder que desfrutavam, que os impeliu a tentarem livrar-se dele.

A missão de Jesus era unicamente a de estabelecer o culto do Criador, da maneira como o próprio Criador tinha ordenado. Logo, tanto Jesus como os seus seguidores estavam preparados para lutar contra quem quer que tentasse impedi-los de viverem como o seu Senhor desejava.

A primeira luta teve lugar contra os Judeus leais aos Romanos e foi dirigida por Bar Jesus Barabbas que conseguiu desmoralizá-los completamente, matando-lhes o chefe num recontro; Bar Jesus Barabbas, no entanto, foi preso. O objectivo seguinte era o próprio templo. Os Romanos tinham uma poderosa força localizada por perto, uma vez que era a ocasião do festival anual e que se aproximava a festa da Páscoa. Por esta altura do ano, os Romanos, que estavam sempre atentos aos pequenos distúrbios, ficavam ainda mais alerta do que era costume. Além disso, a polícia do templo guardava o local sagrado. No entanto, a entrada de Jesus foi tão bem planeada que as soldados romanos foram totalmente apanhados de surpresa e Jesus conseguiu o controlo do templo. Este acontecimento é conhecido como a "limpeza do templo" e o Evangelho de João descreve-o com as seguintes palavras:

«Encontrou no templo os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas abancados. Com umas cordas, fez um chicote e expulsou-os a todos do templo, com as ovelhas e bois. Deitou por terra o dinheiro dos banqueiros, derrubou-lhes as mesas...» (João 2:14-15)

---

[18] *The Dead Sea Scrolls*, Edmund Wilson, p. 94

Comentando as palavras "as cordas do chicote", Carmichael diz:

«Eles empregam abertamente a violência e apresentam-no como um acontecimento atenuado ao mínimo, em relação ao que na realidade deve ter sido um forte combate. Se imaginarmos simplesmente o tamanho do templo e as dezenas de milhar de peregrinos amontoados duma ponta à outra, os numerosos servidores, a força policial, os soldados romanos, assim como a reacção dos boieiros, para não falar dos próprios cambistas, apercebemo-nos de que deve ter sido necessário algo mais do que mera surpresa para tudo aquilo se ter realizado. O cenário por detrás desta fragmentada lembrança do quarto Evangelho tem que ter sido muito diferente. O cronista suavizou os acontecimentos "espiritualizando-os" para além de toda a realidade.» [19]

Uma das lições de todo o defensor da liberdade tem sido a de que a polícia tem simpatias pelos patriotas e não pelo exército de ocupação. Este pode ter sido um factor que contribuiu para o colapso completo da defesa do Templo. Os Romanos sofreram um recuo local, mas o seu poder não tinha sido esmagado; chamaram reforços e novas tropas começaram a dirigir-se para Jerusalém. A defesa da porta de Jerusalém durou alguns dias, mas por fim a armada romana provou ser forte demais para os patriotas. Os seguidores de Jesus tiveram que se dispersar e desapareceram; até os discípulos fugiram, deixando Jesus com muito poucos homens à sua volta, refugiando-se nos subterrâneos e escondendo-se dos Romanos que começaram uma busca intensiva para o encontrar.

A "prisão", o "julgamento" e a "crucificação" estão rodeados de tantas contradições e mal-entendidos, que é extremamente difícil destrinçá-los e conseguir penetrar no sucedido, de modo a apreender o que realmente aconteceu. Pensamos que o governo romano foi bem sucedido na utilização dos serviços da pequena minoria de Judeus que esperavam beneficiar com a continuação do governo romano em Jerusalém.

Judas Iscariotes, um discípulo de Jesus, deixou-se persuadir pela promessa de receber trinta peças de prata se através da sua ajuda Jesus fosse preso. De modo a evitar qualquer outro problema, foi decidido esperar pela noite. Ao chegar ao local onde Jesus tinha ido com alguns seguidores, Judas tinha ordens para beijar Jesus, para que os soldados romanos, estrangeiros, o pudessem identificar. Porém, o plano foi mal sucedido, pois quando os soldados surgiram na noite, seguiu-se um tumulto, os dois Judeus confundiam-se no escuro e os soldados, erra-

---

[19] *The Death of Jesus*, Joel Carmichael, p. 139

damente, prenderam Judas em vez de Jesus. Deste modo foi possível a sua fuga. O Alcorão diz:

«...Eles não o mataram nem o crucificaram; apenas lhes foi sugerido isso através de uma ilusão...» (Alcorão 4:155)

Quando o prisioneiro foi levado à presença de Pilatos — o Magistrado Romano — a dramática reviravolta dos acontecimentos satisfez toda a gente. A maior parte dos Judeus estava feliz por, devido a um milagre, o traidor estar sentado no banco dos acusados, em vez de Jesus. Os Judeus pro-Romanos estavam contentes, porque, com a morte de Judas, a prova da sua culpa iria ser destruída. Mais ainda, uma vez que Jesus estaria legalmente morto, não poderia sair a céu aberto para lhes causar problemas. O papel desempenhado por Pôncio Pilatos, o Magistrado Romano, é difícil de determinar. A sua indecisão, tal como é descrita na Bíblia, a sua parcialidade em relação aos chefes judeus, juntamente com a sua boa vontade para com Jesus, tornam difícil acreditar na história. Esta pode ter sido o resultado da tentativa, por parte dos autores dos Evangelhos, de distorcer os factos de forma a atirar a responsabilidade da "crucificação" para toda a nação judaica e desta forma ilibar completamente os Romanos do seu papel na suposta morte de Jesus.[20] A única maneira de um registo oficial da vida de Jesus poder sobreviver, seria descrevê-la de forma a que não fosse ofensiva para com os governantes estrangeiros, omitindo, disfarçando ou mesmo mudando os pormenores que pudessem ser desagradáveis para quem estava no poder.

Outra explicação provém duma forte tradição de que Pilatos foi "conquistado" por um considerável suborno, o equivalente a 30.000 libras. Se é verdade o que se descreve nos Evangelhos, então é óbvio que Pilatos teve um interesse real no drama ocorrido nesse dia em Jerusalém.

Finalmente, há outro facto significativo. Nos calendários dos Santos da Igreja Copta, tanto no Egipto como na Etiópia, Pilatos e a sua mulher aparecem como "santos". Ora isto só pode ser possível se aceitarmos que Pilatos, sabendo perfeitamente que os seus soldados tinham efectuado uma prisão errada, condenou intencionalmente Judas em vez de Jesus e permitiu a fuga do último. Na descrição feita por Barnabé, diz-se que, na ocasião da captura, Judas foi transformado pelo Criador de maneira a que até a sua mãe e os seus seguidores mais próximos acreditassem que ele era Jesus. Só foram informados do que tinha sucedido realmente, quando Jesus lhes apareceu, depois da sua suposta

[20] *The Jesus Scroll*, D. Joyce, p. 126

morte. Isto iria explicar por que razão existe tanta confusão à volta dos acontecimentos que tiveram lugar naquela altura, e por que alguns registos, escritos por pessoas que não estiveram presentes nesses acontecimentos, apoiam a falsa crença de que foi Jesus o crucificado.

Nem todos estão inteiramente de acordo em relação ao facto de que foi o traidor de Jesus que foi crucificado. Os Cirenaicos e, mais tarde, os Basilidianos, que estavam entre os primeiros Cristãos, negaram que Jesus tivesse sido crucificado e acreditavam que, em vez dele, tinha sido Simão de Cirene. Cerinthus, um contemporâneo de Pedro, Paulo e João, também negou a ressureição de Jesus. Os Carpocratianos, outra das primeiras minorias Cristãs, acreditavam que não tinha sido Jesus o crucificado, mas sim um dos seus seguidores que se parecia muito com ele. Plotino, que viveu no século IV, diz-nos que tinha lido um livro intitulado *The Journies of the Apostles* (As Jornadas dos Apóstolos), que relatava os actos de Pedro, João, André, Tomás e Paulo. Entre outras coisas, afirmava-se que não tinha sido Jesus o crucificado, mas outro em seu lugar e, portanto, ria-se daqueles que acreditavam que o tinham crucificado.[21] Assim, embora seja sabido que Jesus não foi crucificado, as fontes, ou diferem, ou não são específicas em relação a quem o substituiu. Algumas pessoas acham difícil acreditar no que quer que seja:

«Quando nos apercebemos de que o rol de atrocidades imputado à tropa romana, repete quase literalmente certas passagens do Antigo Testamento... começamos a desconfiar de que todo o episódio seja pura invenção». [22]

Não existe nenhum outro registo histórico do que aconteceu a Jesus depois da "crucificação", além do Evangelho de Barnabé e do Alcorão, que descrevem o acontecimento relativo à forma como Jesus foi levado deste mundo, geralmente conhecido como a "ascensão" nos quatro Evangelhos aceites.

---

[21] *The Nazarens*, John Toland, p. 18
[22] *The Life of Jesus*, Carveri.

CAPÍTULO III

O EVANGELHO DE BARNABÉ

O Evangelho de Barnabé é o único sobrevivente conhecido, escrito por um discípulo de Jesus, isto é, por um homem que realmente passou a maior parte do seu tempo na companhia de Jesus, durante os três anos em que este transmitiu a sua mensagem. Barnabé possuía, portanto, uma experiência directa e um conhecimento da Doutrina de Jesus, o que não aconteceu com os autores dos outros quatro Evangelhos aceites. Na verdade, não se sabe exactamente quando é que ele anotou as lembranças que tinha de Jesus e da sua Doutrina, nem se os acontecimentos e relatos foram registados à medida que se davam ou se os escreveu pouco depois de Jesus deixar o mundo, por temer que, de outra forma, alguns dos ensinamentos pudessem ser alterados ou perdidos. É possível que não tenha feito quaisquer anotações até regressar a Chipre com João Marcos. Ambos fizeram uma viagem pouco tempo depois de Jesus ter deixado o mundo, pois tinham-se separado da companhia de Paulo de Tarso, por este se ter recusado a fazer outras viagens com Barnabé, se Marcos também estivesse presente. Não obstante o momento em que foi escrito, e ter sofrido inevitavelmente modificações ao ser traduzido e filtrado para outras línguas, tal como os quatro Evangelhos aceites, este Evangelho de Barnabé é, pelo menos, um registo da vida de Jesus feito por uma testemunha ocular. Além disso foi aceite como um Evangelho Canónico nas Igrejas de Alexandria, até ao ano 325 D.C., e sabe-se que andava a circular nos dois primeiros séculos após o nascimento de Jesus, conforme os escritos de Iraneus (130 - 200 anos D.C.), um defensor da Unidade Divina. Por outro lado, Iraneus opôs-se a Paulo, a quem acusava de ser o responsável pela assimilação da religião romana pagã e da filosofia platónica relativamente aos ensinamentos originais de Jesus e, com o intuito de dar força aos seus pontos de vista, citava abundantemente o Evangelho de Barnabé.

Em 325 D.C., foi convocado o famoso Concílio de Niceia, que declarou a Doutrina da Trindade como a Doutrina oficial da Igreja de Paulo. Ora uma das consequências desta decisão foi a escolha de quatro Evangelhos oficiais, de entre os cerca de trezentos existentes nessa altura na Igreja; foi também ordenado que os restantes Evangelhos, incluindo o de Barnabé, fossem completamente destruídos, assim como os Evangelhos escritos em Hebraico; foi ainda publicado um édito,

declarando que quem fosse encontrado na posse de um Evangelho não autorizado seria condenado à morte. Esta foi a primeira tentativa bem organizada para fazer desaparecer todos os registos existentes relativos à Doutrina original de Jesus, quer em seres humanos, quer nos livros que contradissessem a Doutrina da Trindade. No caso do Evangelho de Barnabé, estas ordens não foram inteiramente cumpridas, razão pela qual têm sido feitas referências contínuas à sua existência, até aos nossos dias. O Papa Damasus (304-384), eleito em 366 D.C., ficou conhecido por ter publicado um decreto que proibia a leitura do Evangelho de Barnabé, decreto este que foi apoiado por Gelasus, Bispo de Caesaria, falecido em 395 D.C., e que tinha incluído o referido Evangelho numa lista de livros apócrifos. *Apócrifo* significa simplesmente "escondido do povo"; logo, por esta altura, o Evangelho já não estava disponível para todos, embora fosse ainda referido pelos chefes da Igreja. Aliás, sabe-se que o Papa, em 383 D.C., pôs em segurança uma cópia do Evangelho de Barnabé, guardando-a na sua biblioteca privada. Houve ainda uma série de outros decretos que referiram este Evangelho: foi proibido pelo Decreto das Igrejas Ocidentais em 382 D.C. e pelo Papa Inocêncio em 465 D.C. e, também, no Decreto Glasian de 496 D.C., o *Evangelium Barnabe* foi incluído na lista de livros proibidos. Aliás este decreto foi confirmado por Hormisdas, o Papa vigente entre os anos 514 e 523 D.C.. Todos estes decretos estão mencionados no catálogo dos manuscritos gregos da Biblioteca do Chanceler Seguier (1558-1672), preparados por B. de Montfaucon (1655-1741).

Barnabé é igualmente mencionado na *Stichometry* de Nicephorus, como se segue:

Série Nº3, Epístola de Barnabé... Linhas 1.300

E também na lista dos *Sixty Books*, da seguinte forma:

Série Nº17. Viagens e Ensinamentos dos Apóstolos.
Série Nº18. Epístola de Barnabé.
Série Nº24. Evangelho segundo Barnabé.

Esta famosa lista era também conhecida por ***Index**, e* os Cristãos não deviam ler nenhum dos livros nela contidos sob pena de receberem o castigo eterno. Cotelerius, ao catalogar os manuscritos da Biblioteca do Rei de França, registou o Evangelho de Barnabé no *Index das Escrituras* que preparou em 1789. O Evangelho está também registado no 206º. manuscrito da *Baroccian Collection* na *Bodleian Library*, em

Oxford.[23] Há igualmente um fragmento isolado de uma versão grega do Evangelho de Barnabé encontrado num museu de Atenas e que constitui tudo o que resta de uma cópia já queimada:

Βαρνάβας ὁ ἀπόστολος ἔφη· ἐν ἁμίλλαις πονηραῖς ἀθλιώτερος
ὁ νικήσας, διότι ἀπέρχεται· πλέον ἔχων τῆς ἁμαρτίας[24]

No quarto ano de governo do Imperador Zeno, em 478 D.C., quando foram descobertos os restos mortais de Barnabé, encontrou-se no seu peito uma cópia do Evangelho, escrita com a sua própria letra, tal como está registado na *Acta Sanctorum*, Boland Junii, Tomo II, páginas 422-450, publicada em Antuérpia em 1698. A Igreja Católica Romana tem pretendido fazer crer que o Evangelho encontrado na sepultura de Barnabé era o de Mateus, mas nenhum passo foi dado no sentido de mostrar a referida cópia. Pelo contrário, o conteúdo da Biblioteca do Vaticano, com vinte e cinco milhas de comprimento, permanece obscuro.

O manuscrito, a partir do qual a tradução inglesa do Evangelho de Barnabé foi feita, esteve originalmente na posse do Papa Sextus (1589-1590). Ora este Papa tinha um amigo, um monge chamado Frei Marino, que ficou muito interessado no Evangelho de Barnabé depois de ler os escritos de Iraneus que citavam abundantemente este Evangelho. Um dia o monge foi visitar o Papa; almoçaram juntos e, após a refeição, o Papa adormeceu; o Padre Marino começou então a folhear os livros da biblioteca privada do Papa e descobriu entre eles um manuscrito italiano do Evangelho de Barnabé; escondendo-o na manga do hábito, saiu do Vaticano e partiu, levando-o consigo. A partir daí o manuscrito passou por diversas mãos até chegar a Amesterdão, às mãos de "uma pessoa de grande nome e autoridade" e "que, ao longo da vida, foi várias vezes ouvida a atribuir um elevado valor ao documento." Após a sua morte, chegou à posse de J. E. Cramer, um conselheiro do Rei da Prússia que, em 1713, ofereceu o manuscrito ao famoso perito de livros, o Príncipe Eugene de Savoy e, juntamente com a Biblioteca do Príncipe, em 1738, o manuscrito foi encaminhado para a *Hofbibliothek* em Viena, onde permanece actualmente.

Toland, um notável historiador da Igreja primitiva, teve acesso ao referido manuscrito e refere-se-lhe na sua *Miscelânea de Trabalhos* (*Miscelaneous Works*), publicada postumamente em 1747. Acerca do Evangelho diz o seguinte: "*É uma Escritura com um estilo de uma grande exactidão*", e continua:

---

[23] *The Nazarens*, John Toland, pp. 6-8
[24] *Spicilegium i* (ex Cod. Barocc. 39), Grabe.

«A história de Jesus é contada de maneiras muito diferentes nas diversas partes dos Evangelhos recebidos, mas muito mais integralmente [neste]... sendo quase tão longa como muitas das nossas. Alguém deve ter tido ideias preconcebidas a seu respeito porque, tal como as coisas são melhor conhecidas logo após acontecerem, assim também diminui o conhecimento quanto mais nos afastamos da sua origem». [25]

A publicidade que Toland deu a este manuscrito impediu que ele tivesse o mesmo destino de um outro manuscrito do Evangelho, que também chegou outrora a existir em Espanha e que foi oferecido à biblioteca de um colégio em Inglaterra, por volta da mesma altura em que o manuscrito italiano foi dado à *Hofbibliothek.* No entanto, este não chegou a estar muito tempo em Inglaterra, pois despareceu misteriosamente.

O manuscrito italiano foi traduzido para o Inglês por Canon e pela Senhora Ragg, e foi impresso e publicado pela Imprensa da Universidade de Oxford (Oxford University Press), em 1907. Quase toda a edição desta tradução inglesa desapareceu abrupta e misteriosamente do mercado, apenas se conhecendo duas cópias, uma existente no Museu Britânico, e a outra na Biblioteca do Congresso em Washington. Aliás, a partir desta, obteve-se uma cópia microfilmada e, além disso, a partir da tradução inglesa, foi impressa uma edição recente no Paquistão, tendo sido utilizada uma cópia desta última edição com o propósito de reimprimir uma versão revista do Evangelho de Barnabé.

Actualmente, considera-se em geral, que os três Evangelhos primitivos aceites, conhecidos como Evangelhos Sinópticos, foram copiados a partir de um Evangelho primitivo desconhecido e que os investigadores de hoje referem como *"Q"*, na falta de um nome melhor. A questão que se põe é a de saber se o Evangelho Apócrifo de Barnabé é, de facto, este Evangelho desaparecido. Devemos lembrar que João Marcos, autor do primeiro dos quatro Evangelhos, era filho da irmã de Barnabé e nunca conheceu Jesus. Assim, as descrições da vida e dos ensinamentos de Jesus referidas no seu Evangelho devem-lhe ter sido relatados por outros. Sabemos, aliás, a partir dos livros do Novo Testamento, que ele acompanhou Paulo e Barnabé em muitas das suas viagens missionárias até ao ponto em que um conflito agudo estalou entre estes, dando origem à ida de Barnabé e de Marcos, juntos, para Chipre. Desta forma é pouco provável que Marcos tenha confiado em Paulo como fonte de informação, uma vez que Paulo também nunca conheceu Jesus. A única conclusão razoável parece ser a de que Marcos deve ter repetido o que o seu tio Barnabé lhe havia contado sobre Jesus. Há

[25] *The Nazarens,* John Toland, pp. 15-16

quem diga, também, que ele serviu de intérprete a Pedro e anotou nessa altura o que aprendeu com este, o que pode estar correcto, pois Marcos deve ter tido algum contacto com os outros Apóstolos, nas ocasiões em que não viajava com Barnabé e Paulo. No entanto, Goodspeed mostra-nos, através da sua investigação, que tudo o que Marcos possa ter aprendido com Pedro era incompleto:

«Ele tinha sido intérprete de Pedro e anotara cuidadosamente, embora de maneira desordenada, tudo o que se lembrava que tivesse sido dito ou feito pelo Senhor. Porquanto não ouvira nem seguira o Senhor, mas posteriormente, tal como já foi dito, servira Pedro, e este adaptava as suas instruções às necessidades dos ouvintes sem a intenção de dar uma descrição coerente das revelações do Senhor». [26]

Lucas, que também escreveu os Actos dos Apóstolos, nunca conheceu Jesus, pois era o médico pessoal de Paulo; e Mateus que era um colector de impostos, também nunca se encontrou com Jesus.

Tem sido discutido se o Evangelho de Marcos pode ser o Evangelho *"Q"* e se Mateus e Lucas se basearam nele quando escreveram os seus Evangelhos. Contudo, eles registaram pormenores que Marcos não referiu, o que implica que o Evangelho de Marcos não pode ter sido a sua única fonte. Houve quem dissesse que isto não é importante uma vez que sabemos que o Evangelho de Marcos foi escrito em Hebraico e só depois traduzido para o Grego e retraduzido novamente para o Latim. Sabemos, também, que as versões hebraicas e gregas do Evangelho de Marcos, mais antigas, foram todas destruídas e, portanto, apenas é possível especular sobre que porções do Evangelho foram mudadas ou alteradas durante estas transcrições de uma língua para outra.

É interessante observar, de passagem, que tem havido tentativas para voltar exactamente à origem, através duma síntese feita a partir dos Evangelhos, uma vez que as contradições existentes entre eles se têm, por vezes, tornado incómodas para a Igreja estabelecida. Titian tentou fazer a síntese dos quatro Evangelhos aceites que já tinham sido considerados pela Igreja de Paulo como Escrituras oficiais no século II D.C.. Na referida síntese, o autor usou 96% do Evangelho de João, 75% do de Mateus, 66% do de Lucas, 50% do de Marcos e rejeitou o resto. É significativo que tenha confiado pouco no primeiro Evangelho e, pelo contrário, confiado mais intensamente no último a ser escrito. A verdade, porém, é que o Evangelho que resultou desta síntese não foi um sucesso. Assim, é discutível se o Evangelho de Marcos pode ser considerado como a fonte comum dos três Evangelhos Sinópticos,

---

[26] *The Apostolic Fathers*, E. J. Goodspeed, p. 266

tendo em consideração que todos os acontecimentos registados nestes três Evangelhos estão contidos no de Barnabé.

Se estes três homens, com passados tão diferentes, obtiveram o seu conhecimento da mesma fonte ou não..., o mandamento a respeito de Barnabé é o seguinte:

«Se Ele se aproximar de ti, recebe-o». (Epístola aos Colossenses, 4:10)

O PASTOR DE HERMAS

"O Pastor" *(The Shepherd)* foi um livro escrito por Hermas entre 88 e 97 D.C. em Patmos, perto de Éfeso. Tal como o Evangelho de Barnabé, o livro defendia a Unidade Divina e foi por esta razão que se conjugaram os esforços para o destruir, logo que a Doutrina da Trindade se enraízou firmemente na Igreja estabelecida de Paulo. Por isso foi um dos livros banidos, em consequência das decisões tomadas pelo Concílio de Niceia, em 325 D.C..

Segundo parece, Hermas escreveu *O Pastor* por volta da mesma ocasião em que João estava a redigir o seu Evangelho, embora algumas pessoas pensem que *O Pastor* tenha sido escrito anteriormente. No entanto não há opiniões divergentes no que diz respeito ao facto de Hermas não ter lido nem visto nenhum dos quatro Evangelhos incluídos no Novo Testamento. Alguns acreditam que Hermas se inspirou no Evangelho segundo os Hebreus, um Evangelho primitivo que desapareceu, mas cuja existência não foi demonstrada por Hermas nas informações que deu acerca de como o livro veio a ser escrito.

Até ao Concílio de Niceia, *O Pastor* fora aceite e profusamente usado pelos seguidores iniciais de Jesus, que consideravam Hermas como um Profeta, e perto do final do século II D.C. ele era mesmo aceite como parte do Novo Testamento por Clemente de Alexandria; Orígenes (185-254 D.C.) também o aceitou como um Livro Sagrado, e por isso foi incluído no fim do *Codex Sinaiticus*, em uso nos meados do século IV D.C.; Tertuliano (160-220 D.C.) aceitou-o no princípio, mas repudiou-o mais tarde, quando se tornou Montanista; Iraneus (130-200 D.C.) aceitou-o como Escritura; Eusebius de Caesaria rejeitou-o, mas Athanasius, em 367 D.C., considerando-o adequado para leitura individual dos novos convertidos, aceitou-o; Manichaeaus, um Cristão da Pérsia, levou-o mais longe, na direcção do Oriente; e Dante também foi claramente influenciado pelo livro.

Assim, *O Pastor* não podia ter sido ignorado e foi aceite como Livro Sagrado pela maior parte dos pensadores Cristãos primitivos e pelos que amavam a Deus. Foi escrito quando o movimento para a "Helenização" e os ensinamentos de Jesus estavam a dar os primeiros passos, e numa altura em que muitos daqueles que haviam seguido Jesus ainda estavam conscientes de que ele tinha vindo para restaurar e

espalhar os mandamentos que Moisés tinha trazido aos Judeus. Tal como Jesus, esses eram Judeus praticantes cuja compreensão do que estavam a fazer era iluminada pelo conhecimento que Jesus tinha trazido. Ainda acreditavam e seguiam o que estava escrito no Antigo Testamento e, uma vez que *O Pastor* afirmava aquilo que já sabiam, aceitaram o livro de Hermas como parte integrante do corpo das suas Escrituras. Com o ensinamento de alguns, nomeadamente de Paulo, **de que os Cristãos não precisavam seguir as leis dos Judeus**, começaram a surgir contradições entre o corpo das recém-redigidas Escrituras, que mais tarde ficaram conhecidas por "Novo Testamento", e o Antigo Testamento. No entanto, o Antigo Testamento foi mantido pela Igreja estabelecida apesar destas contradições, pois a sua completa rejeição teria sido vista por muitas pessoas como a rejeição do próprio Jesus. O resultado inevitável foi a confusão, dada a tentativa de simultâneamente aceitar e rejeitar o Antigo Testamento no interior do próprio Novo Testamento, uma vez que este tinha que ser "novo" sem rejeitar abertamente o antigo. Mas, nos primeiros tempos da Igreja, não houve nenhuma tentativa real para adaptar formalmente os livros e assegurar que as narrativas e as Doutrinas concordassem umas com as outras. Os chefes das primeiras comunidades Cristãs eram livres de usar o próprio discernimento e de se referirem às Escrituras que considerassem como as que melhor continham os ensinamentos de Jesus.

Com o desenvolvimento, formulação e aceitação oficial da Doutrina da Trindade, em 325 D.C., tal abertura deixou de ser aceitável para a Igreja estabelecida de Paulo. Desta forma foram seleccionados os quatro Evangelhos oficiais e foram banidas todas as outras Escrituras surgidas depois do nascimento de Jesus. No entanto, os chefes da Igreja de Paulo, que não estavam inteiramente satisfeitos com a Doutrina dos "mistérios" que então começava a desenvolver-se e que reconhecia a validade de alguns dos livros banidos, tiveram vontade de manter alguns destes livros, apesar de assim contradizerem directamente a Doutrina da Igreja. Desta forma foram agrupados em conjunto e a possibilidade de serem utilizados estava limitada às pessoas com poder no interior da Igreja, tornando-se conhecidos por *Apócrifos*, o que significa "escondidos do povo". Assim, os livros foram retirados da Bíblia e destruídos publicamente, juntamente com os que eram encontrados na posse das raras pessoas que deles tinham cópias. Tal como o Evangelho de Barnabé, foi este o destino de *O Pastor*, de Hermas. Além de ser retirado do Novo Testamento, como criava a confusão na mente das pessoas a quem era pedido que acreditassem na Doutrina da Trindade, fizeram-se várias tentativas para o destruir completamente. No entanto, tais tentativas não foram bem sucedidas, pois há registos de referências

acerca dele, embora ninguém no Ocidente tivesse tido a oportunidade de o ler, havia muito tempo. Então em 1922, imprevistamente, apareceu um texto num manuscrito de papiro do século III.

Verificou-se nessa altura que o Grego usado por Hermas era um simples vernáculo, uma linguagem que podia ser compreendida pelas pessoas comuns e, tornava-se evidente que o livro tinha sido escrito para todos e não apenas para uma elite intelectual. O estilo franco e informal utilizado e a originalidade da expressão tornaram o livro de fácil leitura.

O autor começa por contar que teve quatro visões, considerando a última como revelação, uma vez que nessa ocasião foi visitado por um Anjo vestido de pastor, que o informou de que tinha sido enviado pelo "Anjo mais venerável" (ou seja, o Anjo Gabriel), a fim de permanecer com Hermas para o resto da vida.

O Anjo ordenou-lhe então que tomasse nota de todos "os Mandamentos e Parábolas". E uma vez que estes lhe eram ditados por alguém que apenas relatava o que "o Anjo mais venerável" lhe tinha dito para relatar, foi aceite como Livro Sagrado pelos primeiros Cristãos.

Os mandamentos que lhe ordenaram que anotasse foram os seguintes:

I

Primeiro que tudo acreditai que Deus é Uno e foi Ele quem criou todas as coisas e quem as ordenou, e quem do nada originou todos os seres, e n'Ele estão contidas todas as coisas, não obstante Ele ser Único. Confiai n'Ele por isso, e temei-O; e temendo-O, sede reservados. Cumprindo este preceito expulsareis de vós toda a maldade e em tudo colocareis a virtude da integridade, e vivereis para Deus se seguirdes este mandamento.

II

Sede sinceros e simples de espírito.

Não faleis mal de ninguém e não presteis atenção ao ouvirdes alguém a fazê-lo.

Praticai o bem, e sede generosos a dar.

III

Amai a verdade.

IV

Observai a pureza. Sede puros não só na acção mas também no pensamento.

V

Sede pacientes e compreensivos. Deus é paciente, somente o diabo é irascível.

VI

Confiai no que é certo, e não confieis no que é errado, pois a rectidão tem um caminho direito e plano, mas a delinquência um caminho curvo e inclinado. Há dois Anjos no homem, um de rectidão e outro de maldade.

VII

Temei o Senhor e acatai os preceitos de Deus.

VIII

Evitai o que é errado e não pratiqueis o mal. Não eviteis o que é certo, somente praticai o bem. Coibi-vos de todo o mal e segui o caminho certo.

IX

Ponde a dúvida de parte. Perguntai ao Senhor sem duvidardes, e tudo recebereis. Deus não é como os homens que guardam ressentimentos, mas usa de clemência e sente piedade pelas Suas criaturas. Logo, purificai o vosso coração de todas as vaidades deste mundo.

X

Afastai de vós a tristeza, pois é a irmã da dúvida e da má índole.

XI

O homem que consulta um falso Profeta é um idólatra e permanece vazio da verdade.

Hermas perguntou ao Anjo como poderia distinguir o verdadeiro do falso Profeta. O Anjo respondeu que, em primeiro lugar, todo o homem possuído do Espírito que vem de cima é gentil, calmo e humilde. Abstém-se de toda a maldade e dos desejos fúteis do mundo... não fala por ele... apenas fala quando Deus deseja que fale... porquanto todo o poder pertence ao Senhor.

O falso Profeta exalta-se a si mesmo e quer ter o lugar principal. É impudente, sem vergonha e tagarela, vive no luxo e aceita pagamento pelas suas profecias. Poderá um espírito Divino aceitar ser pago pelas palavras que profere? O falso Profeta evita os homens rectos e liga-se antes aos que são duvidosos e inúteis; e diz-lhes tudo duma maneira falsa, de acordo com os seus desejos. Um jarro vazio colocado entre os outros não se parte, mas harmoniza-se com eles. Pegai numa pedra e atirai-a ao céu; vede se sois capaz de a alcançar. As coisas terrestres são impotentes e fracas. Por outro lado, recebei o poder que vem de cima. O granizo tem um grão muito pequeno, no entanto quando cai na cabeça de um homem, vede que dor provoca! Ou ainda, tomai atenção à gota de água que cai no chão vinda do telhado e vede como faz um buraco na pedra. Assim o Divino Poder é poderoso, vindo de cima.

XII

Coibe-te de todo o mau desejo e cobre-te com os bons e sagrados desejos. Deus criou o mundo em atenção ao homem, e a ele subordinou toda a Criação, e deu-lhe autoridade completa para poder dominar sobre todas as coisas existentes debaixo do céu. Um homem que tiver o Senhor no coração é capaz de exercer o poder sobre todas as coisas. Comportai-vos como um servo de Deus. O diabo não pode controlar os servos de Deus. O diabo pode combatê-los, mas não os consegue derrubar. [27]

---

[27] *The Apostolic Fathers*, E. J. Goodspeed

CAPÍTULO V

BARNABÉ E OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Barnabás, ou Barnabé, que significa "filho da consolação" ou "filho da exortação", era Judeu e tinha nascido em Chipre. Foi também conhecido por Joses, ou Joseph, mas este novo nome foi-lhe dado pelos discípulos de Jesus. Embora seja pouco mencionado nos quatro Evangelhos adoptados, é evidente a partir de alguns dos outros livros do Novo Testamento que veio a tornar-se num dos chefes dos discípulos, após o desaparecimento de Jesus. Foi ele, mais do que muitos outros, que se esforçou por manter os ensinamentos originais de Jesus e se opôs aos inovadores, nomeadamente a Paulo de Tarso. Lucas também escreveu os *Actos dos Apóstolos*, mas foi o médico pessoal e o divulgador dos pontos de vista de Paulo, o que explica que só tenha mencionado Barnabé na medida em que este servia para ilustrar a história de Paulo. Infelizmente, livros como *As Viagens e os Ensinamentos dos Apóstolos* (The Travels and Teachings of the Apostles) foram destruídos pela Igreja de Paulo, uma vez adoptada a Doutrina da Trindade, numa tentativa para eliminar todos os testemunhos que contradissessem aquele dogma, o que levou a que se perdesse muito do que era conhecido sobre Barnabé e os primeiros Cristãos. A actuação dos defensores da Doutrina da Trindade mostra porque é que todas as referências a Barnabé, ao longo da missão de Jesus, estão estranhamente ausentes dos quatro Evangelhos aceites; e porque é que Barnabé que, de acordo com Lucas, chega a ser o segundo em importância, a perde pouco tempo depois do desaparecimento de Jesus, desaparecendo das páginas da história assim que há um desentendimento com Paulo que provoca a separação dos dois.

Barnabé esteve com Jesus desde o início da missão deste, e o seu Evangelho demonstra claramente a grande lealdade e o amor que dedicou ao Mestre. Além disso, Barnabé foi, não só o companheiro constante de Jesus, como também aprendeu e manteve o seu ensinamento e, como tal, a partir de muito cedo deve ter adquirido a reputação, claramente testemunhada nos Actos, de homem com grande capacidade para transmitir o que tinha aprendido com o Mestre. O nome que os discípulos lhe deram indica que era uma fonte de consolação e encorajamento por ser um poderoso orador. Era sincero e generoso pois, quando conheceu Jesus, vendeu tudo o que possuía e deu o dinheiro para os

seguidores do Mestre. A afeição que Jesus e os discípulos tinham por Barnabé é demonstrada pelo número de nomes por que era conhecido. Além disso, quando os Apóstolos decidiram eleger um substituto para o lugar de Judas, de entre os que tinham estado permanentemente com Jesus, "começando no baptismo de João", seleccionaram duas pessoas para serem escolhidas posteriormente: *«José, de apelido Barsabás, chamado Justo, e Matias.»* (Actos I: 22-23). Ora no Novo Testamento não há referência a nenhum outro José que tivesse acompanhado Jesus durante a vida, excepto o que era popularmente conhecido por Barnabé. Assim, é com toda a probabilidade que *Barsabás* — de quem Goodspeed nos diz que uma vez bebeu um veneno mortal mas não sentiu nada desagradável — não era outro senão Barnabé. Se isto foi assim, então mostra também que, se Barnabé não era um dos doze primeiros Apóstolos, era certamente um dos primeiros setenta discípulos. O facto de ter sido considerado suficientemente importante para ser proposto como alguém apropriado para elevar o número dos Apóstolos para os doze originais, é apoiado pela tradição de que Maria, a mãe de Jesus, quando estava estendida no leito de morte, chamou pelos Apóstolos, e Barnabé foi um dos que compareceram. Clemente de Alexandria, nos seus livros, refere-se-lhe sempre como a **um Apóstolo**.

É verosímil que Jesus tenha sido criado pela comunidade dos Essénios, e é da tradição que Barnabé foi aluno de Gamaliel, o principal professor de Judaismo Ortodoxo daquele tempo. Portanto, o encontro de Jesus com Barnabé significava a fusão de tudo o que de melhor havia no ensinamento gnóstico dos Essénios e no Judaismo Ortodoxo do Templo. Sem dúvida que isto contribuiu para um harmonioso entendimento entre eles. Ora uma vez que Barnabé era um Levita, pode bem ter sido o comandante de uma divisão de Zelotes.

Embora muito pouco seja conhecido acerca de Barnabé, a investigação histórica mais recente tem, pouco a pouco, vindo a desvendar a importância que este teve, enquanto Jesus esteve na Terra. Actualmente, é em geral aceite que a Última Ceia teve lugar na casa da irmã de Barnabé.

Albert Schweitzer em *O Reino de Deus e a Primitiva Crença Cristã* (The Kingdom of God and the Primitive Christian Belief) escreve o seguinte:

«Pode-se inferir a partir dos Actos que os discípulos e os crentes da Galileia se encontravam em casa da mãe de João Marcos, que mais tarde acompanhou Barnabé e Paulo na Primeira Jornada Missionária (Actos 12:25)... O local de encontro dos crentes era o "quarto de cima", o que significa o quarto situado imediatamente abaixo do telhado, em forma de

terraço (Actos 1:12-14). Devia ser um grande quarto para albergar todos os companheiros. Ora foi neste quarto que os crentes estiveram "todos juntos num local" no dia de Pentecostes (Actos 2:1). Como é que veio a ser identificado com aquele em que Jesus celebrou a Última Ceia com os discípulos? Quando Jesus enviou dois discípulos de Bethany à cidade, com instruções para que preparassem a Páscoa dos Judeus para ele, disse-lhes que deviam seguir um homem com um cântaro de água que se cruzaria com eles e que os conduziria a uma casa com um grande quarto na parte superior, equipado com cobertores, onde deviam preparar a refeição. Devemos esta valiosa informação ao Evangelho de Marcos (Marcos 14:13-15), que se baseia numa tradição que remonta a João Marcos. Mateus apenas refere que Jesus mandou os dois discípulos a determinada direcção para informar alguém na cidade, "O Mestre manda dizer: o Meu tempo está próximo; é em tua casa que quero celebrar a Páscoa com os Meus discípulos". (Mateus 26:18). Theodore Zahn foi um dos primeiros a sugerir que a casa onde se efectuou a última refeição de Jesus com os seus discípulos era idêntica à da mãe de João Marcos onde os discípulos se encontravam com os crentes da Galileia». [28]

Embora Schweitzer diga que a casa era da mãe de João Marcos, não nos recorda que esta era a irmã de Barnabé. Uma vez que Barnabé tinha nessa altura vendido tudo o que possuía, é provável que, quando estava em Jerusalém, ficasse em casa da irmã, especialmente por esta ter uma divisão suficientemente grande para todos os discípulos se encontrarem. Talvez a razão de nada disto estar afirmado com clareza no Novo Testamento, seja a de que os discípulos quiseram manter secreto o seu local de encontro numa altura em que eram perseguidos devido às crenças que professavam. Pode-se perguntar porque não é feita qualquer menção a Barnabé nas descrições da Última Ceia dos quatro Evangelhos aceites, uma vez que foi claramente ele o anfitrião de todas as reuniões de homens havidas na casa da sua irmã. Na verdade, ou havia menções, mas foram retiradas ou, de outro modo, Barnabé simplesmente não esteve presente. É possível que estivesse impedido de comparecer por se encontrar na prisão. Aliás está registado que um homem chamado Barabbas, na companhia de outros homens, atacou um grupo de Judeus pro-Romanos, pouco antes da festa da Páscoa. Embora o chefe destes Judeus tivesse sido morto, Barabbas foi capturado e metido na prisão. Heinrich Holtzman, que examinou em pormenor os registos relativos a esta luta, diz que entre os presos estava *«o famoso Barabbas que era certamente um patriota e um 'Profeta'*

[28] *The Kingdom of God and Primitive Christian Belief*, Albert Schweitzer, p. 149

político e foi julgado quase ao mesmo tempo que Jesus». [29] Uma vez que Barnabé era um Levita e um dos discípulos próximos de Jesus, pode bem ter sido o chefe de uma das divisões de Zelotes. Estas quatro divisões, tal como sabemos através dos *Pergaminhos do Mar Morto*, eram uma parte integrante da comunidade essénia e estavam empenhadas em libertar a sua terra dos invasores estrangeiros e respectivos apoiantes. Naquela altura, apenas os Zelotes teriam sido capazes de um ataque organizado aos Judeus pró-Romanos e, assim, pode bem ser que *Barabbas* e *Barnabás* tivessem sido uma única pessoa. Aliás, juntamente com as outras reformas, é perfeitamente possível que a Igreja de Paulo, ou tenha erradicado, ou pelo menos alterado o nome de Barnabé, quando este aparecia mencionado em ligação directa com acontecimentos que não faziam parte da história de Paulo, embora não fosse possível adoptar este procedimento todas as vezes que Barnabé aparecesse mencionado nos livros do Novo Testamento pois, tal como está indicado nos *Actos dos Apóstolos*, **sem o apoio que Barnabé deu a Paulo nos primeiros tempos da Igreja, Paulo poderia não ter chegado a desempenhar qualquer papel na história da Cristandade.**

Existem escassos registos sobre o que aconteceu aos seguidores próximos depois de Jesus ter desaparecido. Parece, no entanto, que muitos deles se separaram após a suposta crucificação e, passado algum tempo, começaram a reagrupar-se em Jerusalém. Também não se sabe quantos dos Doze discípulos e setenta seguidores mais próximos voltaram. Porém, é certo, que aqueles que o fizeram eram homens repletos de fé, sinceridade e coragem e dedicavam um amor muito profundo a Jesus. A superioridade de Barnabé como homem que tinha estado perto de Jesus fez dele um membro destacado deste pequeno grupo de discípulos, que continuaram a viver como Judeus e a praticar o que o Mestre lhes tinha ensinado, cumprindo a lei dos Profetas e considerando que Jesus tinha vindo *«não para a destruir, mas para a fazer cumprir».* (Mateus 5:17) O facto de o ensino de Jesus poder vir a ser olhado como uma nova religião **não ocorreu a nenhum deles, pois eram Judeus praticantes sinceros e distinguiam-se dos seus semelhantes unicamente pela fé na mensagem de Jesus.** Naqueles primeiros tempos não se organizavam como uma seita separada, nem tinham sinagoga própria, pois não havia nada na mensagem de Jesus, segundo eles, que necessitasse de alteração uma vez que se tratava claramente duma continuada e revivificada afirmação dos mandamentos que Moisés tinha trazido. Assim, o conflito entre os Judeus e os seguidores de Jesus foi iniciado por aqueles Judeus que tinham adaptado a

[29] *Lebuch II*, Heinrich Holzmann, pp. 256, 376

mensagem de Moisés de modo a satisfazerem os seus próprios fins, e que receavam, e bem, que a aceitação dos seguidores de Jesus os levasse inevitavelmente a uma perda da riqueza, poder e posição de que gozavam. O pacto que os Judeus de nível elevado tinham feito com os Romanos, para salvaguarda dos benefícios que esperavam vir a ganhar e dos privilégios de que gozavam desde há séculos, tinha-lhes exigido um afastamento ainda maior da Doutrina que lhes fora ministrada. Aliás, este grupo de Judeus apoiava activamente os Romanos na perseguição daqueles cujas acções e palavras ameaçavam dar a conhecer o que tinham feito. Portanto, os seguidores de Jesus aceitavam-no, enquanto os Judeus o rejeitavam. Não pode, nestas condições, ter sido uma época fácil para os primeiros seguidores de Jesus que, por um lado eram perseguidos pelos Romanos que os viam como uma ameaça ao seu poder político e, pelo outro, eram perseguidos pelos Judeus que temiam ver a sua "autoridade religiosa" minada.

Nos anos que se seguiram, começou a aumentar o abismo entre os Judeus que se recusavam a reconhecer Jesus e os que o seguiam, o que levou os seguidores de Jesus a deixarem a cidade durante o cerco de Jerusalém em 70 D.C. e na altura do *Bar Coachaba*, uma rebelião verificada em 132 D.C.. **As questões da origem, da natureza e da relação de Jesus com Deus, que mais tarde se viriam a tornar uma fonte de muitas discórdias, não foram levantadas pelos primeiros seguidores, que aceitavam, sem qualquer dúvida, que Jesus fora um homem e um Profeta a quem Deus tinha dado muitos dons; e não havia nada nas palavras ou nos acontecimentos da vida terrestre de Jesus que os tivesse levado a modificar esta certeza. De acordo com Aristides, um dos primeiros apologistas, a adoração dos primeiros Cristãos era dum monoteísmo mais puro do que a dos próprios Judeus.**

Paulo de Tarso, por seu turno, conviveu neste círculo de sinceros seguidores **sem nunca ter conhecido Jesus**, nem ter estado junto dos seus discípulos mais próximos. De resto tinha a reputação de ser um dos maiores inimigos de Jesus, pois assistiu ao apedrejamento de Estevão que tinha sido um *«homem cheio de fé e do Espírito Santo»* (Actos 6:5) e uma das pessoas que se juntou aos seus seguidores, após o desaparecimento de Jesus. Aliás o próprio professor de Paulo, o famoso Gamaliel, foi igualmente apedrejado até à morte quando tentou proteger Estevão. E está escrito que Paulo, que por esta altura se chamava Saulo, foi o responsável por *«uma terrível perseguição contra a Igreja»* e que, naquele tempo, *«devastava a Igreja: ia de casa em casa, arrastava homens e mulheres e metia-os na prisão»* (Actos 8:1-3). O próprio admitiu que:

«...já ouvistes falar ... com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a assolava. E, na minha nação, excedia em Judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.» (Gálatas I: 13-15)

E, tal como é relatado nos Actos (9:1-2):

«Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo Sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém».

Diz-se que foi nesta jornada para Damasco que Paulo teve uma visão onde se encontrou com Jesus, tornando-se por isso num dos seus seguidores. Além disso, está escrito que, pouco antes destes acontecimentos terem ocorrido, Paulo desejara casar com uma mulher chamada Popea, a atraente mas ambiciosa filha do Sumo Sacerdote dos Judeus, possuidora de uma beleza avassaladora e de uma mente intriguista que, apesar de gostar de Paulo, rejeitou as suas propostas de casamento e foi para Roma como actriz. Ali, começando pelo palco, subiu passo a passo até chegar à cama de Nero com quem por fim se casou, tornando-se Imperatriz do Império Romano. Paulo tinha, por isso, boas razões para se ressentir dos Judeus e dos Romanos e a sua conversão coincidiu com a rejeição de Popea, devendo, nessa altura, estar sob um considerável esgotamento emocional e mental, pelo que é possivel que tal crise na sua vida tivesse provocado, em parte, a mudança súbita de um dos maiores apoiantes da Lei Judaica para um dos seus maiores inimigos.

Após a conversão, Paulo ficou com os seguidores de Jesus que estavam em Damasco e *«começou então imediatamente a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus»* (Actos 9:20). Por conseguinte, passou a estar sujeito à mesma perseguição em que tinha estado envolvido havia tão pouco tempo. Se usou realmente o termo "*filho de Deus*" para descrever Jesus, foi com certeza isso que provocou o enfurecimento dos Judeus, pois estes odiavam a ideia de atribuir a Deus um filho, uma vez que acreditavam firmemente na Unidade Divina.

Então Paulo deixou Damasco e, em vez de procurar a companhia dos seguidores de Jesus, foi para o deserto árabe onde permaneceu escondido durante três anos. Pode bem ter sido aqui que começou a formular uma versão pessoal dos ensinamentos de Jesus, que envolvia a rejeição da Lei Judaica que, por seu turno, significava a rejeição do facto de Jesus ter permanecido um Judeu praticante ao longo da vida e

de sempre ter procurado seguir os mandamentos anteriormente ensinados por Moisés. Foi depois deste longo período de retiro no deserto que Paulo voltou para junto dos Apóstolos, em Jerusalém, a quem a sua súbita chegada causou mais suspeita do que surpresa, visto que as histórias da perseguição aos seguidores de Jesus deviam estar ainda frescas nas suas memórias. **Podia um leopardo mudar as suas manchas?** Parece que os discípulos tinham boas razões para não o aceitar no seu círculo, pois não só os tinha perseguido, como também, na altura, afirmava saber o que Jesus tinha ensinado, embora nunca o tivesse visto e tivesse passado pouco tempo, se algum passou, com aqueles que tinham estado com Jesus. Em vez de tentar aprender com os que mais intimamente tinham estado ligados ao Mestre, na sua passagem pela Terra, Paulo queria ensiná-los. Mais tarde justificou esta abordagem numa Epístola aos Gálatas, onde disse o seguinte:

«Faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo». (Gálatas I:11-12)

Desta forma Paulo afirmava ter um conhecimento de Jesus que tinha sido negado aos seus mais próximos seguidores, e os ensinamentos que afirmava ter recebido não correspondiam aos que os Apóstolos tinham ouvido dos próprios lábios de Jesus enquanto este vivera, sendo portanto compreensível que estivessem desconfiados da conversão de Paulo e não considerassem as "revelações" dignas de confiança. Muitos suspeitariam mesmo de que não era mais do que um espião, passando-se por seguidor de Jesus.[30] A controvérsia sobre se Paulo devia ou não ser aceite foi, portanto, acesa e o resultado afigurou-se um julgamento precipitado; de acordo com a tradição, **Barnabé tinha sido colega de classe de Paulo, quando foi aluno de Gamaliel, o que o levou a intervir e interceder a seu favor, conseguindo, apesar de uma oposição unânime, que Paulo fosse aceite pelos seguidores de Jesus, o que dá indicação sobre o grau de influência que Barnabé exercia sobre os outros Apóstolos e, evidencia, também, o grau de intimidade que devia ter com Jesus.** Paulo deve ter compreendido que tinha sido aceite graças à autoridade de Barnabé e não pelo seu próprio esforço e, provavelmente por isso, sentiu-se insatisfeito, o que pode bem ter sido uma das razões por que, pouco depois, decidiu voltar a Tarso, sua terra natal, embora também esteja escrito que ele partiu porque estava em perigo.

---

[30] *The Jesus Report*, Johannes Lehman, p. 123

A perseguição aos seguidores de Jesus, efectuada não só pelos Romanos, mas também pelos Judeus, forçou muitos deles a dispersarem-se pelo país. Alguns dos Apóstolos puseram-se a caminho de Antioquia onde esperavam escapar a outras perseguições de Paulo e dos seus seguidores. Fundada por Seleucus Necator, Antioquia tinha crescido em tamanho até se tornar, na época, na terceira maior cidade do Império Romano, depois de Roma e Alexandria. A cidade já tinha sido a capital do reino da Grécia e tinha crescido o suficiente para se transformar num centro de trocas e comércio. Devido à acumulação da riqueza, o povo começou a levar uma vida de luxúria e decadência, o que lhe trouxe a reputação de possuir uma maneira de viver dissoluta. Foi aqui que este pequeno grupo de estranhos, vestidos de trapos, começou a levar uma vida temente a Deus com simplicidade e honestidade. Todos os que se cansaram da vida imoral começaram a unir-se a eles, mas a maior parte dos que os conhecia olhava-os com desdém e escárnio e alcunhava-os de "Cristãos". Para algumas pessoas pode ter sido um termo de respeito, mas para grande parte delas era usado com um sentido de ódio e calúnia, pois até aí os seguidores de Jesus tinham sido sempre chamados *Nazarenos*. Este era um termo hebraico, cuja raíz significava "conservar" ou "guardar", palavras que indicavam o papel que os Nazarenos detinham como defensores e guardiães dos preceitos ensinados por Jesus. Libanius refere que os Judeus de Antioquia costumavam suplicar três vezes por dia: "*Envia a maldição de Deus sobre os Nazarenos*". Prophery, outro historiador, que sempre se opôs aos Nazarenos, descreveu a sua forma de viver como "bárbara, nova e estranha religião". E Celsus refere que, de acordo com Jerome, chamavam aos Cristãos "impostores gregos e velhacos", porque usavam os mesmos mantos que os padres do templo grego.

Não obstante a oposição que enfrentaram, as pessoas continuaram a frequentar os estranhos recém-chegados e o seu número foi aumentando. Encorajados por este interesse, os discípulos de Antioquia enviaram mensagens a Jerusalém pedindo aos Apóstolos desta cidade que enviassem um homem para ajudar a difundir a verdade e os ensinamentos de Jesus entre os pagãos que os rodeavam. **Então os discípulos escolheram Barnabé**, por ser a pessoa mais indicada para tal tarefa e, desta forma, ele veio a ser o primeiro missionário da história Cristã. Quando chegou a Antioquia, Barnabé obteve um inesperado sucesso, dado que graças aos seus esforços, "*muita gente se juntou ao Senhor*" (Actos II:24), pois "*ele era um bom homem, cheio de fé e do Espírito Santo.*" Passado um ano, decidiu que tinha chegado a altura de estender a sua actividade para além de Antioquia e, como tinha a certeza de que Paulo daria um bom ajudante, foi a Tarso com aquela ideia em mente,

e trouxe Paulo de volta com ele.[31] Paulo voltou, pois, a estar cara a cara com algumas das pessoas que tinha perseguido e novamente enfrentou a hostilidade e a oposição.Uma vez mais, podemos avaliar a importância e o respeito de que Barnabé gozava pelo facto de ter levado a melhor e Paulo ter sido recebido na comunidade. Talvez Barnabé estivesse a olhar para os aspectos positivos do seu antigo parceiro de classe e achasse que, bem aproveitado, o zelo e o entusiasmo que tinham feito de Paulo um perseguidor tão meticuloso pudessem fazer dele um destacado e imprescindível seguidor de Jesus. Porém, nem todos os Apóstolos partilhavam da mesma opinião e Pedro, nomeadamente, opôs-se abertamente a Paulo, uma vez que, a par da hostilidade que as suas antigas acções despertavam, tinham divergências de opinião no que respeita a dois outros assuntos. Não estavam de acordo nem quanto a quem os ensinamentos de Jesus se deviam dirigir, nem quanto ao que devia ser ensinado. Pedro defendia que Jesus tinha vindo para revivificar a Doutrina seguida pelos Judeus e que, desta forma, o que Jesus tinha ensinado apenas devia ser pregado entre os Judeus. Por outro lado, Paulo não só considerava que a verdade se dirigia a todas as pessoas, Judeus ou não, como também afirmava ter recebido instruções adicionais de Jesus, após o seu desaparecimento. Além disso achava que deviam ser feitos os ajustamentos necessários a fim de adaptar os ensinamentos às necessidades manifestas do tempo e dos diferentes lugares. Barnabé tinha uma posição intermédia, considerando que apenas deviam pregar o que Jesus lhes tinha ensinado, mas achava que deviam levar a Doutrina a quem quer que fosse que beneficiasse dela e estivesse receptivo, Judeu ou não-Judeu. Quer Barnabé, quer Pedro consideravam os ensinamentos que tinham recebido como uma continuação e extensão do Judaísmo. Não podiam aceitar os preceitos que diferiam daquilo que tinham ouvido de Jesus e acreditavam que a nova Doutrina de Paulo era, na sua maior parte, uma criação puramente pessoal. Albert Schweitzer, no seu livro *Paulo e os seus intérpretes* (Paul and His Interpreters), diz o seguinte:

«Paulo nunca recorreu às palavras e aos mandamentos do Mestre».[32]

É verosímil que Barnabé esperasse que estas duas posições extremas amadurecessem e que Paulo, especialmente, em harmonia com os seguidores de Jesus, abandonasse as ideias pessoais em favor de um entendimento daquilo que deveria ter sido, sem parcialidade, uma leal e completa compreensão e interiorização do que Jesus tinha ensinado.

[31] *The Beginning of the Christian Church,* Hanz Lietzmann, p. 104
[32] *Paul and His Interpreters,* Albert Schweitzer, p. 198

Além disso torna-se claro quanto, nesta fase, o apoio de Barnabé era importante para Paulo, uma vez que o protegia e defendia da oposição unânime dos Apóstolos e talvez seja essa a razão por que esta parte da vida de Barnabé é referida nos Actos dos Apóstolos tão pormenorizadamente. A relação de Barnabé com Paulo é mencionada nos Actos (13:1- 2) da seguinte forma:

«Havia na Igreja estabelecida em Antioquia Profetas e doutores: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaen, companheiro de infância do tetrarca Herodes, e Saulo. Estando eles a celebrar o culto e a jejuar, disse-lhes o Espírito Santo: "Separai Barnabé e Saulo para o trabalho a que Eu os chamei"».

Na lista dos seguidores, Lucas menciona primeiro Barnabé e por fim Paulo. Tendo sido escolhidos para trabalhar juntos, partiram acompanhados por João Marcos, o sobrinho de Barnabé, a fim de difundir a Doutrina de Jesus pela Grécia, enquanto Jaime, filho de Maria por José, ficou a chefiar os seguidores de Jesus. Pedro ficou igualmente para trás.

Vem mencionado nos Actos dos Apóstolos que, apesar de serem apedrejados nalguns locais, em geral, estes dois missionários foram bem sucedidos. A sua reputação de homens de Verdade espalhou-se longínqua e amplamente. Quando chegaram a Licaónia e curaram um aleijado em Listra, correu o seguinte rumor:

«... os deuses tomaram forma humana e desceram até nós! E chamavam Júpiter a Barnabé e Mercúrio a Paulo... Então o sacerdote de Júpiter...trazendo touros e grinaldas para as portas, pretendia, juntamente com a multidão, oferecer um sacrifício. Ao terem conhecimento disso, os Apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as suas túnicas e precipitaram-se para a multidão, gritando: "Amigos, que fazeis? Também nós somos homens da mesma condição que vós, homens que vos anunciam que deveis abandonar os ídolos vãos e voltar-vos para o Deus vivo que fez o Céu, a Terra, o mar e tudo quanto neles se encontra"». (Actos 14:11-15)

Na medida em que esta reacção dos habitantes da Grécia é emblemática, serve como uma indicação das dificuldades práticas que Paulo e Barnabé devem ter enfrentado. Um verdadeiro Judeu teria imediatamente reconhecido no ensinamento de Jesus uma reafirmação da lei de Moisés, mas para muitos pagãos, deve ter parecido nova e estranha e, talvez, um pouco complicada. Na verdade, a maioria dos pagãos ainda acreditava num grande número de deuses que, segundo pensavam, se misturavam livremente com os seres humanos, casavam com eles e

participavam em todas as esferas da vida humana. Para as pessoas comuns da Grécia, a descrição de Jesus devia parecer-se com a de um dos seus deuses e, provavelmente, estavam prontos para o aceitar nesta qualidade, uma vez que havia sempre espaço para mais um deus. No entanto, o ensinamento real de Jesus vinha negar todos os outros deuses, na medida em que afirmava Unidade Divina, o que não podia ser bem recebido por muitos destes adoradores de ídolos. Para mais, as regras de comportamento que constituíam uma parte integrante do ensinamento de Jesus teriam obrigado a uma mudança imediata e radical no estilo de vida de todo aquele que decidisse segui-lo a menos que, é claro, fosse já um Judeu praticante, o que estes pagãos, obviamente, não eram. Aliás os Judeus, que eram vistos como pertencentes a uma nação de fazedores de dinheiro, não eram de todo bem vistos pelos não-Judeus. Toland, no seu livro *Os Nazarenos* (The Nazarenes), diz o seguinte:

«... entre os Gentios, o ódio pelos Judeus estava tão arreigado, que uma observação destes, sobre o que quer que fosse, mesmo razoável e necessária, era motivo suficiente para um Gentio converso a rejeitar».[33]

Para quem não tivesse sido tão verdadeiro e resoluto como Barnabé, a tarefa de difundir, na Grécia, o modo de vida de Jesus, sem fazer cedências, pareceria esmagadora. Para Paulo, no entanto, que já tinha exibido a sua tendência para alterar o ensinamento que conhecia, deve ter parecido absolutamente necessário fazer os ajustamentos que fossem precisos para tornar a Doutrina de Jesus agradável às pessoas comuns. Embora a Grécia não fizesse parte do Império Romano, os deuses dos romanos eram muito semelhantes aos dos gregos, o que manteve os mesmos equívocos que a crença nos deuses gregos já ocasionara. Paulo tinha anteriormente passado algum tempo em Roma e, como cidadão romano, é possível que o seu modo de pensar tenha sido influenciado pelo contacto com o modo de vida romano e tivesse consciência do forte domínio que as religiões Greco-Romanas exerciam sobre as pessoas comuns do Império. Torna-se evidente que Paulo deve ter achado que não seria possível mudar os comportamentos sem fazer também algumas concessões. Barnabé, por seu turno, tal como está referido acerca de Jesus, em Mateus (5:18), sabia que o seu Criador não desejava que a Sua Lei fosse reduzida ou mudada *«um só jota ou um só ápice»*, permanecendo fiel ao que lhe tinha sido ensinado. Nesta etapa da expansão do Cristianismo, a maior fonte de discórdia não era de natureza metafísica; os argumentos subtis e as requintadas

33 *The Nazarens*, John Toland, p. 6 (prefácio)

distinções dos intelectuais eram um desenvolvimento Doutrinário que só viria mais tarde. Barnabé e Paulo discordavam sobre os assuntos que afectavam a existência e o modo de vida diários dos seres humanos. Paulo, a fim de evitar provocar mudanças bruscas nos costumes que os Gregos já mantinham muito antes da sua chegada, quis abandonar os mandamentos que Moisés tinha transmitido acerca da carne que podia ser comida e de como os animais deveriam ser sacrificados; quis ainda abandonar, por lhe parecer oportuno, o mandamento estabelecido por Abraão respeitante à necessidade da circuncisão. Portanto, confrontados com a dificuldade prática em estabelecer e implementar certos aspectos da Doutrina de Jesus, as divergências entre Paulo e Barnabé devem ter aumentado em vez de diminuir.

No entanto, nesta fase, provavelmente as diferenças não eram ainda muito sérias, pois tanto Paulo como Barnabé se confrontavam com o desafio prático de instaurar o modo de vida de Jesus. O ensinamento da proclamação da Unidade Divina era essencial, mas inicialmente foi também necessário estabelecer um padrão de comportamento que terá sido diferente, em muitos sentidos, daquele a que os pagãos estavam habituados. Certamente, esta nova maneira de fazer as coisas só podia ser aprendida e assimilada gradualmente, através da vida quotidiana, pois nenhuma comunidade pagã poderia ter adoptado, de um dia para o outro, todo o conjunto de acções que Jesus personificava. Na verdade, os registos existentes, levam a crer que Barnabé e Paulo nunca permaneceram muito tempo em algum lugar, não podendo ter transmitido todos os ensinamentos de Jesus em tão pouco tempo. Devem, portanto, ter ensinado as partes que lhes pareciam mais importantes primeiro, com a intenção de voltar mais tarde ao local para completar com instruções adicionais o que já tinham revelado às pessoas anteriormente. Além disso, ao passo que Barnabé tinha a intenção de transmitir a totalidade do ensinamento de Jesus, Paulo estava disposto a prescindir de muitos aspectos, pois, de acordo com a nova Doutrina que estava a desenvolver, deixavam de ser necessários. Por conseguinte, quando regressaram a Jerusalém, cada um terá defendido as suas actuações com fundamentações diferentes. Não obstante as descrições dos milagres que tinham executado juntos, a divergência subjacente permaneceu e, por fim, houve uma separação dos dois caminhos. Há quem diga que se zangaram um com o outro porque Paulo recusou que João Marcos os seguisse em futuras missões, enquanto Barnabé insistia em que João Marcos devia continuar a acompanhá-los. Vem referido nos *Actos* (15:39-40) o seguinte: *«As divergências entre eles eram tão profundas, que se separaram um do outro e Barnabé tomou Marcos consigo, embarcando para Chipre»*, que era a sua terra natal. O facto de

João Marcos seguir com Barnabé mostra, claramente, que possuía crenças idênticas às do tio, o que terá sido uma das razões por que Paulo não teve vontade de se manter na sua companhia. **A partir deste ponto, quase não existe na Bíblia mais nenhuma menção a Barnabé.**

É interessante que Barnabé, que vem referido nos *Actos* como tendo sido escolhido pelo Espírito Santo, tenha sido rejeitado por Paulo, que talvez sentisse que já não precisava dele. No inicio da sua vida de Cristão, ninguém teria confiado nele se soubesse que não tinha estado com Jesus, mas uma vez integrado no seio da comunidade, isso deixou de acontecer. A sua reputação era tal, que talvez tenha pensado que podia partir e pregar a sua Doutrina, sem receio de ser rejeitado e sem a mão dominadora de Barnabé que o reprimia sempre que se desviava dos preceitos de Jesus. Para mais, Paulo era um cidadão romano, devendo, por isso, ter aprendido a linguagem de Roma; e com certeza também falava Grego, pois era a língua oficial da área onde tinha nascido. As Epístolas que mais tarde escreveu às comunidades Cristãs da Grécia devem ter sido escritas na sua língua nativa, o que significava que podia viajar na Grécia, e provavelmente em Itália, sem nenhuma dificuldade de comunicação. Barnabé, pelo contrário, não falava nenhuma destas duas línguas, por isso João Marcos o tinha acompanhado na primeira jornada missionária pela Grécia a fim de lhe servir de intérprete. Se Barnabé tivesse ido sozinho não teria possibilidade de se fazer compreender. Deste modo, a recusa de Paulo em viajar com João Marcos pode ter sido uma maneira indirecta de assegurar que Barnabé se recusaria a acompanhá-lo. Ao comentar a separação de Barnabé e Paulo, em *História da Cristandade na Época dos Apóstolos* (History of Christianity in the Apostolic Age), MacGiffert diz o seguinte:

«Que Barnabé... cujo direito a actuar entre os Gentios tinha sido reconhecido em Jerusalém... se tenha retirado e separado deles é muito estranho. Barnabé não estava em total acordo com a Doutrina de Paulo relativamente a uma completa liberdade dos Cristãos em se submeterem a normas de todos os géneros... A separação entre Paulo e Barnabé é referida pelo autor dos Actos como resultante de um desentendimento com respeito a Marcos, mas a verdadeira razão era mais profunda... O homem que se manteve mais próximo e mais intimamente associado a Paulo, durante os anos iniciais da sua orientação Cristã foi Barnabé, um membro da Igreja de Jerusalém nos primeiros tempos... A amizade deste tinha um grande significado para Paulo e, sem dúvida, contribuiu muito para a boa reputação e influência que este detinha entre os Cristãos. Nos primeiros tempos, enquanto a sua actuação como perseguidor se manteve fresca na memória da Igreja, Barnabé continuou a apadrinhar Paulo». [34]

A mudança de atitude de Barnabé em relação a Paulo só pode ter resultado das suas vivências enquanto viajavam. As esperanças de que Paulo mudasse de ideias e viesse a ser um verdadeiro seguidor de Jesus devem-se ter dissipado perante os acontecimentos daquela primeira jornada missionária. Talvez Barnabé também se desse conta da inutilidade de tentar difundir entre os Gentios uma Doutrina que só tinha sido destinada aos Judeus e, vendo a loucura desta acção, a abandonasse. Aliás, antes de tentar a difusão da mensagem de Jesus entre os Gentios, o projecto tinha-lhe parecido viável, mas depois a prática provou-lhe que tal não era possível. A experiência de Antioquia tinha-lhe parecido muito mais conseguida porque aí os Gentios tinham vindo junto dos seguidores de Jesus e pedido para serem aceites como Cristãos ao passo que, quando foram para a Grécia, tinham sido eles a pedir aos Gentios que se tornassem Cristãos.

Não existem referências sobre o que aconteceu a Barnabé depois de ter regressado a Chipre, mas sabe-se que, tal como tantos outros que aceitaram os ensinamentos de um novo Profeta, morreu como um mártir. **Não obstante o facto de Barnabé ter sido omitido em muitas das páginas da Bíblia, é evidente que conquistou uma posição na história da Cristandade que não pode ser esquecida**. Nos primeiros tempos da Igreja, quando até os que estiveram próximos de Jesus tinham medo de dar a conhecer a sua ligação com ele, Barnabé estava disposto a proclamar e a ensinar abertamente tudo o que tinha aprendido com Jesus. De resto, a sua lealdade para com Jesus é aceite como um facto, quer por amigos, quer por inimigos. Além disso, a casa da sua irmã, onde Jesus celebrara a última ceia da Páscoa, deve ter continuado a ser o local de encontro dos seguidores de Jesus, após o desaparecimento deste.

A influência que Barnabé exercia sobre os Apóstolos tem sido referida pela própria Bíblia, onde é apelidado de Profeta, professor e, também, Apóstolo; esta última designação foi-lhe atribuída por Lucas, cuja inquestionável lealdade era para com Paulo. **Porém, Barnabé é lembrado, acima de tudo, como um homem que não estava disposto a fazer concessões, nem a alterar a mensagem de Jesus**.

Após a partida de Barnabé para Chipre, Paulo continuou o que já havia começado. Embora já tivesse estado com muitos dos primeiros Cristãos o tempo suficiente para ser aceite como um deles, ainda estava consciente de quão fraca era a sua posição e, apesar de já ser chamado Apóstolo de Jesus, isso não alterou o facto de nunca o ter conhecido. Se bem que afirme ter tido conhecimento de Jesus através de revelações, nas jornadas entre os Gentios, continuava a necessitar da

[34] *A History of Christianity in the Apostolic Age*, A.C. MacGiffert, pp. 216, 231, 424-5

companhia de alguém que tivesse vivido com Jesus. A companhia de uma testemunha ocular proporcionar-lhe-ia uma ajuda incalculável e serviria para proclamar os seus argumentos com maior autoridade. Portanto, persuadiu Pedro a acompanhá-lo. Que Paulo e Pedro, que outrora se tinham confrontado tão veementemente, andassem agora juntos, talvez seja surpreendente. No entanto, a situação tinha mudado na medida em que Paulo passou a ser aceite por muitos como Cristão e deixou de ser visto como possível espião ou perseguidor. Celsus, um filósofo grego, crítico severo dos Cristãos, afirmou que, **em Antioquia, a raíz da discórdia entre os dois estava na inveja que Paulo sentia pela popularidade de Pedro**. Obviamente, a inveja de Paulo deve ter diminuído com o aumentar da sua reputação, especialmente entre os Gentios; e provavelmente a perseguição aos Cristãos teve também um papel considerável na reconciliação, visto que, na época, os Romanos e os seus apoiantes Judeus eram muito severos. Pedro já por ocasião dos supostos julgamento e crucificação tinha dado mostras da sua fraqueza quando, ou sob pressão, ou em face do eminente perigo, negou ter sido companheiro de Jesus. Portanto, estava mais tentado a seguir a abordagem de Paulo à mensagem de Jesus, uma vez que a introdução de mudanças, aqui e ali, podia significar uma perseguição menos intensa Assim, a situação nos primeiros tempos era tal, que pareceu conveniente a alguns mudar e adaptar a mensagem de Jesus, não só para que as pessoas não-Judias a aceitassem, mas também para que, aparentemente, não ofendesse ou ameaçasse os que detinham a autoridade no território. A política de obediência indiscriminada às regras vigentes, quer as leis dos governantes concordassem ou não com as do Criador do Universo, é evidente na primeira Epístola de Pedro (2:13-18):

«Sede, pois, submissos a toda a instituição humana, por amor do Senhor, quer ao rei, como soberano, quer aos governadores, como enviados por ele para punir os malfeitores e para louvar os bons. Porque é da vontade de Deus que, praticando o bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos. Comportai-vos como homens livres, não como daqueles que fazem da liberdade como que um véu para encobrir a malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos, amai os irmãos, temei a Deus e respeitai o rei».

Paulo viajou com Pedro para Ocidente, mas sem a simplicidade e a influência repressora de Barnabé, deve ter encontrado pouca oposição às suas novas Doutrinas e ao comportamento que adoptou. No Epílogo da Epístola aos Romanos (20-21), diz o seguinte:

«Timbrei, porém, em não pregar o Evangelho onde já tinha sido invocado o nome de Cristo, a fim de não edificar sobre fundamento alheio, mas conforme está escrito: "Aqueles a quem não foi anunciado hão-de vê-Lo; e os que não tinham ouvido falar entenderão"».

Se Paulo tivesse estado a difundir o ensinamento original de Jesus, então "*o fundamento alheio*" teria sido o mesmo que o dele, pois ter-se-iam envolvido ambos na construção do mesmo edifício. As pessoas que, pela primeira vez e pela boca de Paulo, ouviam falar de Jesus, ou antes, de Cristo, dado que era a única versão a que tinham acesso, não tinham possibilidade de a comparar com a Doutrina dos Apóstolos, ainda baseada nos ensinamentos de Jesus.

Paulo foi muito ajudado na difusão da sua mensagem por um sábio Judeu de Alexandria chamado Appolos, homem de muito sucesso na divulgação das suas ideias entre as pessoas. **Dizia-se mesmo, que Paulo plantava e Appolos regava. Mas, por fim, nem Appolos conseguiu aceitar todas as inovações de Paulo e, tal como Barnabé, separou-se dele.** Paulo desviava-se cada vez mais do ensino a que Jesus tinha dado corpo, ao dar mais importância à figura de Cristo e afirmando que este lhe aparecera em visões. A defesa que utilizava contra os que o acusavam de alterar os ensinamentos de Jesus era a de que a sua pregação tinha origem numa revelação recebida directamente de Cristo, o que lhe dava uma Autoridade Divina. E era em virtude desta "autoridade" que as Bençãos do Evangelho não se limitavam aos Judeus. Para mais, afirmava que os mandamentos da Lei de Moisés eram, não só desnecessários, mas também contrários ao que lhe tinha sido directamente revelado por Deus, portanto, eram blasfémias. Deste modo, Paulo incorria não só na cólera dos seguidores de Jesus mas, também, na dos Judeus, pois contradizia simultaneamente os seus dois Profetas. O porquê da escolha em divulgar o seu ensinamento entre pessoas que detestavam os Judeus e que não tinham ouvido a verdade acerca de Jesus é claro.

Paulo justificou a sua nova Doutrina através da seguinte analogia:

«Ignorais, porventura, irmãos — agora falo para os que sabem de leis — que a lei mantém o seu domínio sobre o homem, todo o tempo que ele viver?

Toda a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele viver; mas, se o marido morrer, fica desligada dele pela lei. Por conseguinte, será considerada adúltera se vier a ser de outro homem enquanto o marido viver; mas se o marido morrer, fica livre da lei e não será considerada adúltera, se vier a ser de outro homem». (Romanos 7:1-4)

Esta analogia indica claramente que Paulo fazia distinção entre Jesus e "Cristo". De acordo com o seu raciocínio, a lei determinada por Jesus e pelos seus seguidores deixou de ser necessária logo que o Mestre morreu, visto que agora não eram mais "casados" com Jesus mas com Cristo, que trouxera uma outra lei, pelo que era necessário seguir Cristo e não Jesus. Deste modo, quem quer que fosse que seguisse o ensinamento de Jesus teria ficado perdido. Foi com estas explicações que construíu a sua Doutrina de redenção e expiação, uma teoria que Jesus, certamente, nunca teria ensinado. Apesar disso foi um grande sucesso, uma vez que em poucas palavras pregava que o homem podia fazer o que quisesse sem ter que enfrentar as consequências das suas acções, desde que, no fim do dia, dissesse: *«Eu acredito em Cristo.»* No entanto, a premissa básica do raciocínio de Paulo era falsa, uma vez que Jesus não foi crucificado nem ressuscitou e, deste modo, as suas teorias de redenção e expiação são falaciosas.

O raciocínio de Paulo teve duas consequências principais: não só resultou em posteriores alterações à Doutrina de Jesus, mas também preparou o caminho para uma alteração total da ideia que as pessoas faziam de Jesus, transformando-o de homem em concepção. Por um lado já lhe tinha sido atribuída a Divindade, mesmo quando ainda estava na Terra, por alguns dos que ficavam maravilhados com as suas palavras e milagres, e que, erradamente, o consideraram mais do que um Profeta. Por outro lado, alguns dos seus inimigos espalharam simultaneamente o rumor de que era o "filho de Deus", esperando com isso despertar contra ele a cólera dos Judeus Ortodoxos por se associar com Deus. Assim, mesmo antes de ter desaparecido, tinha havido tentativas para obscurecer a sua verdadeira natureza atribuindo-lhe a Divindade. Esta figura imaginária de Cristo, que aparentemente tinha o poder de anular o que antes tinha sido ensinado por Jesus, não era obviamente de um vulgar mortal e, inevitavelmente, misturou-se com a de Deus, passando assim de figura imaginária para objecto de adoração, associada com Deus.

Esta mudança na ênfase dada a Jesus como homem para uma nova imagem de Cristo, que já era Divino, possibilitou aos intelectuais da Grécia e de Roma assimilarem o que Paulo e aqueles que o seguiam pregavam na sua própria filosofia. A sua visão da existência era tripartida, e assim o discurso das Igrejas de Paulo sobre "Deus, o Pai" e o "Filho de Deus", só precisava da inclusão do "Espírito Santo", para formar uma Trindade que combinasse com a deles. Com a passagem do tempo estas duas figuras fundiram-se numa só, e a Doutrina da Trindade nasceu. Não só as ideias filosóficas que predominavam naquela altura na Grécia coloriram o ensinamento, mas também a própria

linguagem da Grécia influenciou a expressão desse mesmo ensinamento, enredando e limitando o seu significado. A língua grega podia conter a filosofia dos Gregos, mas não era suficientemente vasta nem flexível para exprimir o que Jesus tinha dito. Nem mesmo um verdadeiro seguidor de Jesus que falasse grego fluentemente poderia expressar a totalidade dos seus ensinamentos através desta linguagem, pois tinham que ser expressos por palavras diferentes. Quando chegou a altura de traduzir os Evangelhos do Hebreu para o Grego, estas limitações tornaram-se permanentes e, finalmente, ficaram obstruídas quando quase todos os Evangelhos escritos em Hebreu foram destruídos.

Embora Paulo nunca tenha verdadeiramente pregado a Divindade de Jesus, nem a Doutrina da Trindade, a sua maneira de se exprimir e as alterações que provocou abriram as portas para estas duas ideias erradas, e desbravaram o caminho para se tornarem Doutrinas oficiais na Europa. E por fim, foram estas Doutrinas que levaram Maria a ser colocada na impossível posição de "*mãe de Deus*".

Parece que Paulo deu uma base racionalista às suas acções ao considerar que não havia ligação entre o período em que Jesus tinha vivido e o período em que ele agora vivia. Os tempos tinham mudado e as condições que predominavam agora eram tais, que o ensino de Jesus ficou antiquado e não podia continuar a ser aplicado. Tornava-se, portanto, necessário encontrar novas bases éticas, o que levou Paulo a examinar cuidadosamente as circunstâncias da altura e a ensinar o que lhe parecia que lhe exigiam que acreditasse:

« "Tudo me é permitido", mas nem tudo me convém. "Tudo me é permitido", mas eu de nada me farei escravo». (Coríntios I:6-12)

Paulo não só rejeitou simultâneamente Moisés e Jesus, como se afirmou com a sua própria lei. Muitas pessoas, obviamente, não aceitavam isto e Paulo respondeu, dizendo o seguinte:

«Mas, se a verdade de Deus, pela minha mentira, sobressai para glória Sua, porque sou eu julgado como pecador?». (Romanos 3:7-8)

Poderia parecer, através de um testemunho destes, que Paulo, embora soubesse que estava a mentir, achasse que os fins justificavam os meios, mas não se compreende como poderia a verdade ser espalhada através da mentira. De acordo com este raciocínio, se o homem Jesus era equiparado a Deus, que objecções poderia pôr um seguidor de Jesus? Paulo produziu uma religião que continha diversos elementos

contraditórios. Por um lado aproveitou o Unitarismo dos Judeus e associou-o à filosofia dos pagãos, combinando esta mistura com parte do que Jesus tinha ensinado e do que Cristo lhe tinha revelado. Por outro lado baseou a sua teologia na experiência pessoal interpretada à luz do pensamento contemporâneo grego, pelo que Jesus foi deificado e as palavras de Platão colocadas na sua boca sagrada. Além disso a teoria da redenção foi fruto da imaginação de Paulo, que criou uma crença inteiramente desconhecida de Jesus e dos discípulos, baseada nas ideias do "pecado original", "crucificação" e "ressurreição", qualquer delas sem nenhuma validade. Assim se produziu uma religião sintética: a Cristandade matematicamente absurda, historicamente falsa e, no entanto, psicologicamente impressionante. No magnífico templo da religião que Paulo com tanto zelo ajudou a erigir, abriram-se portas em todos os muros, levando a que as pessoas que pela primeira vez chegavam à Cristandade através da sua marca, ao entrarem no templo, tivessem a impressão de que estavam a prestar homenagem à mesma Divindade que sempre tinham adorado, quer fossem Judeus ou Gentios. À medida que as ideias erradas introduzidas por Paulo se desenvolveram e firmaram, muitos homens pensaram que estavam a seguir Jesus, seguindo Paulo sem o saberem.

Existe, portanto, alguma justificação para Heinz Zahrnt chamar a Paulo "**corruptor do Evangelho de Jesus**" [35] e Werde o descrever como "**o segundo fundador da Cristandade**."

Werde, dirigindo-se a Paulo, diz ainda o seguinte:

«...a descontinuidade entre o Jesus histórico e o Cristo da Igreja tornou-se tão evidente que a unidade entre ambos dificilmente é reconhecível».[36]

E Schonfield escreveu:

«A heresia paulista tornou-se a base da Ortodoxia Cristã e a Igreja legítima foi renegada como herética».[37]

Foi assim que Barnabé se tornou no grande herético.

Para os seguidores de Jesus, o caminho da Verdade, tal como uma recta geométrica, tinha comprimento mas não tinha largura e, como tal, não concordaram em mudar os ensinamentos de Jesus por mera conveniência, visto que para eles o que Jesus ensinara era a Verdade e toda a

---

[35] Citado em *The Jesus Report*, Johannes Lehman, p. 126
[36] Citado em *The Jesus Report*, Johannes Lehman, p. 127
[37] Citado em *The Jesus Report*, Johannes Lehman, p. 128

Verdade. Barnabé e os seguidores continuaram a pregar e a praticar a Doutrina de Cristo que tinham aprendido com o próprio Jesus. Sempre foram e continuam a ser reconhecidos como uma força, pois de entre eles saíram santos e sábios respeitados por todos os sectores do Cristianismo.

Barnabé e os seguidores de Jesus nunca criaram uma organização centralizada, e no entanto, devido à devoção dos chefes pela Verdade o seu número aumentou rapidamente. Estes chefes eram homens sábios que amavam e temiam a Deus e iam para os desertos e montanhas onde formavam pequenas comunidades, reunidas à volta de cada Santo. Estas comunidades eram independentes umas das outras, devido principalmente à aridez do terreno que os rodeava. No entanto a falta de uma organização estruturada foi uma fonte de força, pois, desta forma, não eram tão facilmente apanhados pelos perseguidores. A versão do Cristianismo defendida por Paulo expandiu-se através da Grécia e, posteriormente, da Europa, enquanto aqueles homens de Deus se espalharam pelo Sul e, eventualmente, na direcção do Norte de África. Enquanto as comunidades mantinham o estilo de vida de Jesus, os que aceitaram o seu ensinamento e continuaram a afirmar a Unidade Divina iam transmitindo, muito do conhecimento adquirido, directamente de pessoa para pessoa. Desta forma o comportamento era imitado e a Doutrina transmitida oralmente. Há registos de várias seitas que existiram nos primeiros séculos, imediatamente a seguir ao desaparecimento de Jesus, tais como os Ebionitas, os Cerinthianos,os Hasilidianos, os Carpocratianos e os Hypisistarianos, que se recusaram a adorar Deus como um pai, mas que O veneravam como o Senhor Todo Poderoso do Universo, o Maior de todos, sem ninguém a igualá-Lo.

Por esta altura, estavam em voga muitos e diversos registos escritos da vida dos ensinamentos de Jesus. Ora Jesus falara em Aramaico, um dialecto da Arábia que normalmente não se escrevia, razão por que os primeiros Evangelhos foram escritos em Hebreu. Nestes tempos primitivos, nenhum Evangelho foi, formalmente, aceite ou rejeitado. Uma vez que cabia ao chefe de cada comunidade Cristã decidir que livros seriam usados, cada seita recorria a uma fonte diferente, pois a escolha dependia do mestre por quem tinha sido ensinada. Aqueles que seguiam o exemplo de Barnabé recorriam a uma fonte, e os que seguiam o de Paulo, a outra.

Assim, pouco depois do desaparecimento de Jesus da Terra, já havia fortes e bem definidas divergências entre os seguidores de Jesus e a Igreja de Paulo, **Igreja esta que mais tarde viria a ser conhecida por Igreja Católica Romana**. As diferenças entre as duas eram evidentes, não só pelo modo de vida e pelas crenças, mas também porque

se encontravam claramente delineadas geograficamente. À medida que a Igreja de Paulo se foi implantando, foi-se simultaneamente tornando cada vez mais agressiva para com os seguidores de Jesus, aliando-se aos governantes do Império Romano. Desta forma a perseguição que inicialmente tinha sido dirigida a todos aqueles que se intitulavam Cristãos, começou então a pender principalmente para os que afirmavam a Unidade Divina e a surgir a tendência para fazer mudar as suas crenças e para demover à força aqueles que se recusavam a fazê-lo, juntamente com os livros que usavam, razão pela qual a maioria dos primeiros mártires eram Unitários. Quanto mais a Doutrina da Trindade era aceite, mais os seus aderentes se opunham àqueles que defendiam a Unidade Divina e, quando o Imperador Juliano subiu ao poder, a luta tinha chegado a tal ponto que o levou a afirmar o seguinte: *«nenhum animal selvagem é tão hostil para com o homem como, em geral, as seitas Cristãs o são umas para com as outras.»* Naturalmente, os que se desviavam do ensino de Jesus estavam preparados para alterar também as Escrituras, e até para introduzir dados falsos de maneira a justificarem as suas ideias. Toland, no seu livro *Os Nazarenos* (The Nazarenes), regista as seguintes palavras de Iraneus, um dos primeiros mártires Unitários:

«De forma a impressionarem os simples e os que ignoram as Escrituras da Verdade, procuraram impor-lhes um grande número de Escrituras apócrifas e falsificadas pela sua própria imaginação».

E prossegue:

«Sabemos já em que grau, nos primeiros tempos da Igreja Cristã, a impostura e a credulidade andavam de mãos dadas, a última tão pronta a recebê-los, quanto a primeira a falsificar livros... Este mal cresceu depois, não só quando os Monges eram os únicos copistas e guardiães de todos os livros, bons ou maus, mas também, com o tempo, se tornou quase impossível distinguir a história da fábula, ou a verdade do erro em relação aos primeiros e autênticos documentos escritos do Cristianismo...

Como é que os seguidores imediatos dos Apóstolos puderam confundir de tal maneira o ensino genuíno dos seus mestres com os que lhes foram falsamente atribuídos? Ou uma vez que tão cedo estavam no escuro acerca destes assuntos, como é que os que os seguiram foram iluminados por uma luz melhor? E observando que tais Livros Apócrifos eram muitas vezes colocados em pé de igualdade com os livros canónicos pelos Padres, e o primeiro citado como sendo Divina Escritura não menos que o outro, ou por vezes, quando aqueles que julgamos Divinos são proibidos por eles. Eu

proponho mais estas duas questões: Porque é que todos os livros que Clemente de Alexandria, Origenes, Tertulliano e os restantes escritores do mesmo género citaram como sendo genuínos não podem ser considerados igualmente autênticos? E que pressão foi exercida sobre o testemunho de Padres que não só se contradisseram uns aos outros mas que foram ainda, frequentemente, inconsistentes com eles próprios nas suas relações com os mesmos factos?».

Toland diz ainda que quando estas questões são colocadas, os "padres estúpidos e adivinhadores" em vez de apresentarem argumentos, começam a chamar "heréticos ou ateus dissimulados" aos que levantam as questões. E continua dizendo o seguinte:

«Esta conduta torná-los-á a todos suspeitos de aldrabões e impostores, pois naturalmente o homem gritará quando tocado numa parte sensível... Homem nenhum ficará zangado perante uma pergunta a que seja capaz de responder...»

Finalmente Toland pergunta o seguinte:

«Uma vez que os Nazarenos ou Ebionitas são reconhecidos pelos historiadores da Igreja, por unanimidade, como os primeiros Cristãos, ou como aqueles que, de entre os Judeus, acreditavam em Cristo e com quem o seu próprio povo viveu e morreu, tendo sido testemunhos destas acções, e tendo sido Apóstolos de todos, considerando isto, eu pergunto como pode ter sido possível que tenham sido eles os primeiros (pois foram os primeiros heréticos) a formarem concepções erradas das Doutrinas e desígnios de Jesus? E porque é que os Gentios, que depois da sua morte acreditaram nele, devido aos sermões de pessoas que nunca o tinham conhecido, para terem noções verdadeiras destas coisas, ou de quem poderiam obter estas informações senão dos Judeus crentes?».[38]

---

[38] *The Nazarens*, John Toland, pp. 73-76

OS PRIMEIROS UNITARISTAS DO CRISTIANISMO

Entre os Cristãos Apostólicos, como vieram a ser conhecidos os seguidores de Jesus e de Barnabé, surgiram numerosos sábios e santos com uma tal religiosidade e sabedoria que ainda hoje são respeitados e admirados. A exegese apostólica das Escrituras ou, como geralmente é conhecida, a exegese antioquiana, foi histórica e, contrariamente à actual abordagem Ortodoxa, através dela não se procurava um sentido alegórico oculto no texto, mas aderia-se ao pleno significado dos termos proferidos sob inspiração pelo Profeta. Além disso, os exegetas criticavam o que dizia respeito à maior ou menor importância a dar às diferentes partes da Bíblia; insistiam na Unidade de Deus; tinham aversão a todos os dogmas que tivessem a presença de tri-teísmo, por mais leve que fosse; e davam maior importância à figura histórica de Jesus, evitando usar o termo "Filho" quando se referiam a ele. Muitos habitavam no Norte de África, esforçando-se por viver e agir da mesma forma que Jesus. Alguns dos mais importantes, foram os seguintes:

Iraneus (130-200 D.C.)

Quando Iraneus nasceu, o Cristianismo Antioquiano já se difundira na direcção do Norte de África e, através da margem norte do Mediterrâneo, pelo Sul de França, até Espanha. A primeira menção que lhe diz respeito refere-se a uma petição que Iraneus levou ao Papa Eleutério, em Roma, a favor de Pothinus, Bispo de Lião, através da qual solicitava ao Papa para terminar com a perseguição dos Cristãos que não concordavam com a Doutrina da Igreja de Paulo. Iraneus ainda se encontrava em Roma, quando ouviu dizer que todos os Cristãos dissidentes, incluindo o Bispo Pothinus, tinham sido mortos e, no regresso, foi ele quem sucedeu a Pothinus como Bispo de Lião.

Em 190 D.C., o próprio Iraneus escreveu ao Papa Victor, no sentido de que parasse com o massacre dos Cristãos que estavam a ser mortos somente por terem crenças diferentes. Mais uma vez a História se repetiu e Iraneus veio a ser assassinado, em 200 D.C., por ter aderido à causa dos Cristãos que não seguiam o Papa. Iraneus acreditava num Deus Único e na Doutrina da humanidade de Jesus, criticando

duramente Paulo na medida em que foi o responsável pela introdução das religiões pagãs e das filosofias platónicas no seio do Cristianismo. Aliás, como sabemos, foi após a leitura dos documentos escritos por Iraneus, que Frei Marino ficou interessado no Evangelho de Barnabé, pois este era tão longamente citado por Iraneus, que levou o frade, por sua vez, a descobrir o manuscrito italiano do referido Evangelho na Biblioteca do Papa.

Tertuliano (160-220 D.C.)

Tertuliano era originário de Cartago e pertencia à Igreja Africana. Acreditava na Unidade de Deus, considerando Jesus um Messias Judeu e opunha-se ao Papa Calisto por este pretender que os pecados mortais ficavam perdoados após uma penitência canónica. Além disso, realçava a união da alma com o Ser.

Tertuliano escreveu o seguinte: *«As pessoas comuns pensam em Cristo como homem.»*

Também foi ele quem introduziu o termo "trinitas" nos documentos eclesiásticos escritos em Latim, na sequência da controvérsia que se gerou à volta da nova e estranha Doutrina, visto que o termo *"Trindade"* não fora anteriormente usado nas Escrituras inspiradas.

Orígenes (185-254 D.C.)

Orígenes era egípcio de nascimento, provavelmente de Alexandria. Leónidas, o seu pai, tinha fundado um centro de aprendizagem (onde Orígenes recebeu a sua educação) e designara para a direcção o famoso teólogo Clemente. A Igreja de Paulo, que não aprovava as crenças perfilhadas por Leónidas, por este ser fiel ao Cristianismo Apostólico e se recusar a aceitar as interpretações e inovações de Paulo, provocou o seu assassinato em 208 D.C.. Orígenes ficou de tal maneira afectado pelo acontecido, que quis oferecer-se como mártir, mas foi impedido pela mãe.

Com o falecimento do pai e na ausência de Clemente, o seu professor, que fugiu de Alexandria por causa do perigo de vida que corria, Orígenes sentiu-se na obrigação de dar um passo em frente e, como novo director da escola, rapidamente adquiriu a reputação de homem sábio e corajoso. Além disso, devido a uma religiosidade e zelo excessivos, mutilou-se, de acordo com as seguintes palavras de Mateus (19:12):

«Há eunucos que nasceram assim do seio materno, há os que se tornaram eunucos pela interferência dos homens, e há aqueles que se fizeram eunucos a si mesmos por amor do reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda!».

Em 230 D.C., Orígenes foi ordenado padre na Palestina, mas depressa foi deposto pelo Bispo Demerius e mandado para o exílio, refugiando-se por isso em Cesareia. Aqui, seguindo o exemplo do pai, abriu, em 231 D.C., um centro de aprendizagem que também veio a ser muito famoso.

Jerónimo, o autor da famosa *Bíblia Vulgata*, a primeira tradução para Latim da Bíblia Grega, começou por apoiá-lo, mas mais tarde passou a acreditar na Doutrina da Trindade e tornou-se seu inimigo, tendo tentado fazer com que a Igreja o condenasse. No entanto, graças à popularidade de Orígenes, o Bispo João não se atreveu a fazê-lo e, na realidade, foi o próprio Jerónimo quem foi mandado para o exílio. Mais tarde, em 250 D.C., Jerónimo viria, contudo, a lograr o seu intento, pois Orígenes foi condenado pelo Concílio de Alexandria, tendo sido aprisionado e submetido a uma prolongada tortura que o levou à morte em 254 D.C.. A razão dada para tal prisão foi a de que Orígenes rejeitava a Doutrina da Trindade, pregava a Unidade de Deus e acreditava que Deus era o Ser Supremo e Jesus não era igual a Ele, mas sim Seu servo.

Orígenes escreveu cerca de seiscentos tractos [39] e tratados e tem sido descrito como *«um dos mais interessantes personagens da História da Igreja»*.

Da juventude até à morte, Orígenes sempre demonstrou uma coragem extraordinária e foi um homem consciencioso e paciente, possuidor de todas as qualidades que fazem um verdadeiro professor e amado por todos aqueles a quem ensinava. O seu poder de discernimento, a energia criativa que possuía e a universalidade do seu conhecimento, quase não têm paralelo entre os Cristãos.

Diodorus

Diodorus foi Bispo de Tarso considerado como um dos mais importantes chefes do ramo antioquiano do Cristianismo.

Afirmava que o mundo está sujeito à mudança, mas a própria mudança é uma condição que implica um princípio e requer o pressuposto de que existe uma constância por detrás. Mais ainda, a variabilidade da existência e a sabedoria revelada pelo próprio processo de mudança

[39] Opúsculos de carácter religioso [N.Tr.]

apontam para uma unidade de origem que lhes está subjacente e mostram a presença de um Criador e de uma Providência. Assim só pode haver um Criador. Diodorus sublinhava ainda a total humanidade de Jesus, segundo ele, possuidor de uma alma e de um corpo humanos.

Luciano (morreu em 312 D.C.)

A reputação de Luciano como homem temente a Deus não era menor do que a sua fama de sábio, pois tinha conhecimentos de Hebreu e de Grego, simultaneamente. Permaneceu afastado da comunidade da Igreja de 220 a 290 D.C.. A sua religiosidade e profundo conhecimento atraíram um grande número de pessoa e rapidamente a sua escola se tornou o berço do que mais tarde viria a ser conhecido por *Doutrina ariana*. Arius foi um dos seus alunos.

Luciano acreditava na exegese gramatical e literal das Escrituras e numa abordagem empírica e crítica e opunha-se à tendência para procurar significados simbólicos e alegóricos. Ora a existência desta controvérsia demonstra o facto de que, nessa época, as pessoas começavam a confiar cada vez mais nas Escrituras e cada vez menos na transmissão oral da Doutrina de Jesus, o que constitui uma indicação de quão rapidamente se estavam a perder os seus ensinamentos na globalidade. Luciano foi um erudito importante, que fez a revisão da *Septuaginta*, eliminando muitas das alterações que tinham sido feitas a alguns dos Evangelhos aquando da tradução para o Grego. Publicou ainda os quatro Evangelhos que, em sua opinião, eram os verdadeiros, embora não fossem os adoptados geralmente pela Igreja de Paulo da época.

Luciano acreditava que Jesus não era igual a Deus, mas Seu subordinado, e foi por isto que atraiu sobre si a hostilidade da Igreja de Paulo. Após numerosas torturas foi morto em 312 D.C..

Arius (250-336 D.C.)

A vida de Arius está tão interligada à do Imperador Constantino que não é possível compreender uma sem conhecer a outra.

A história da forma como Constantino se envolveu com a Igreja Cristã tem início em Roma, quando o Imperador começou a ter ciúmes de Crispus, o seu filho mais velho e herdeiro do trono. Este, tornara-se de tal forma popular devido à boa aparência, aos modos encantadores e à bravura no campo de batalha, que Constantino mandou que o assassinassem a fim de assegurar a sua própria posição de Imperador. A morte de Crispus veio lançar nas trevas todo o reino, pois era sabido

que a madrasta queria que o seu próprio filho sucedesse a Constantino e tinha, portanto, motivos para matar o enteado. Nestas condições, Constantino atribuiu-lhe as culpas do crime e mandou que a matassem pela imersão num banho de água a ferver, esperando com este crime mitigar o anterior. Obteve, no entanto, o resultado oposto ao que tinha planeado — os apoiantes da rainha morta juntaram as suas forças às dos partidários do filho assassinado e, juntos, procuraram vingar-se. Desesperado, Constantino procurou a ajuda dos padres do templo romano de Júpiter, mas estes disseram-lhe que não havia sacrifício nem oração que o pudesse absolver de dois assassínios. Para o Imperador, tornou-se assim tão desconfortável permanecer em Roma, que decidiu mudar para Bizâncio.

Quando ali chegou, o Imperador rebaptizou a cidade com o seu nome, chamando-lhe Constantinopla. Além disso, deparou-se com um inesperado sucesso junto da Igreja de Paulo, onde lhe disseram que se fizesse penitência pelos seus pecados, estes lhe seriam perdoados. Constantino fez uso pleno desta facilidade e, na medida em que aliviou a consciência com a confissão, deixou de se atormentar com o futuro e passou a dirigir a atenção para os assuntos do Império, pois tinha as mãos, não só manchadas pelo sangue dos dois assassínios, como também cheias de problemas respeitantes à governação. Ao aperceber-se da possibilidade de usar a Igreja para os seus fins pessoais, desde que conseguisse conquistar a fidelidade dos Cristãos, passou a dar-lhes um apoio total. Face a este apoio inesperado, quase de um dia para o outro, a Igreja adquiriu uma grande força da qual Constantino tirou todo o partido. Dado que nas regiões que circundavam o Mediterrâneo existiam espalhadas muitas Igrejas Cristãs, o Imperador soube utilizá-las com vantagem nas guerras em que se envolveu, visto que muitos padres prestaram serviços de espionagem, ajuda que constituiu um factor importante nos esforços do Imperador para unificar a Europa e o Médio Oriente sob o seu domínio. Em parte como prova de gratidão e, por outro lado, a fim de diminuir o poder dos padres do Templo de Júpiter em Roma, que se tinham recusado a apoiá-lo, Constantino encorajou os Cristãos a fundarem uma Igreja naquela cidade. Todavia, não se tornou Cristão e, visto que muitos dos seus súbditos ainda acreditavam em Júpiter e nos outros Deuses do Panteão de Roma e, também, de modo a afastar quaisquer suspeitas que pudessem existir, tomou uma série de decisões que pareciam provar a sua veneração pelos deuses romanos. Tudo parecia correr bem, quando a antiga controvérsia entre a Igreja de Paulo e as Igrejas Apostólicas se voltou a inflamar.

Nesta altura, o chefe da Igreja Apostólica que continuava a afirmar a crença na Realidade Una era um presbítero conhecido na História por Arius, líbio por nascimento. Arius veio trazer uma nova força à Igreja Apostólica, por seguir implicitamente a Doutrina de Jesus e por se recusar a aceitar as inovações introduzidas por Paulo. Arius usava o seguinte lema: *«Seguir Jesus tal como ele pregou»*. A importância que adquiriu pode ser avaliada pelo facto de o seu nome se ter tornado sinónimo de *Unitarismo*, até mesmo na actualidade.

A Igreja de Paulo, embora tivesse feito com que as pessoas acreditassem que Arius era um mero "agitador intriguista", recebeu uma valente sacudidela e foi forçada a admitir que se tratava afinal de um presbítero sincero e irrepreensível. Numa altura em que a tradição oral que mantinha viva a Doutrina de Jesus e a compreensão do que fora escrito começavam a enfraquecer, Arius reanimou-as e renovou-as com o seu vigor e sabedoria, mantendo-se afastado da aliança estabelecida entre a Igreja organizada e o Imperador Constantino. Arius fora discípulo do maior crítico da Igreja de Paulo na época, o venerado mártir Luciano de Antioquia, conhecido pela sua imensa sabedoria e que, tal como os seus predecessores, fora morto por defender opiniões que não eram aprovadas pela Igreja de Paulo; assim, Arius estado plenamente consciente dos perigos em que incorria quem apoiasse uma crença que não tivesse a aceitação da referida Igreja. Não obstante os primeiros períodos da sua vida serem desconhecidos, está documentado que em 318 D.C., era ele o responsável pela Igreja de Baucalis em Alexandria, uma das mais antigas e importantes da cidade.

Sabe-se, a partir dos escassos registos disponíveis, que era um homem alto e magro e teria sido bonito se não fosse um emagrecimento geral, uma palidez mortal da face e um ar abatido provocado por uma visão deficiente. Além disso, o cabelo caído numa massa emaranhada, o modo de vestir (casaco comprido de mangas curtas), assim como o seu comportamento, tudo indicava tratar-se de um asceta dedicado. Geralmente mantinha-se em silêncio, mas quando a ocasião chegava, quebrava-o com palavras intensas e emocionantes, proferidas com uma voz doce e um ar distinto e sério, mas ao mesmo tempo sedutor, que fascinava todos aqueles que com ele contactavam. Era considerado um dos mais notáveis presbíteros de Alexandria, e era muito estimado por quem o conhecia:

«A sua fama de trabalhador honesto, levando uma vida séria e austera, e de pregador convincente, que falava audaciosa e francamente do grande princípio da fé, cedo se espalhou, mesmo para além de Alexandria. Aliás, era dotado de grandes qualidades como orador e de maneiras atractivas e

era, ainda, capaz de incutir nos outros o entusiasmo que sentia. Como todos os grandes chefes religiosos do mundo, ele era escrupulosamente sincero e pregava uma Doutrina vital e fecunda».[40]

É sabido, também, que era seguido por nada menos do que setecentas senhoras Cristãs de Alexandria.[41]

Até essa altura, a fé Cristã não era praticada por obrigação, mesmo existindo diferenças entre as seitas, por vezes profundas e desagradáveis, a crença individual baseava-se em convicções sinceras e pessoais. No período que se seguiu ao desaparecimento de Jesus, os santos e os mártires de bom grado tinham oferecido a própria vida, a fim de não comprometerem a crença que professavam, pois a espada empunhada pelas autoridades fora usada na tentativa de dissipar as crenças e não, certamente, com o fito de as reforçar. Porém, quando Constantino estabeleceu a primeira aliança com a Igreja, deu-se uma mudança dramática nos acontecimentos, pois embora permanecesse no cargo de Sumo Pontífice e na condição de chefe da religião pagã oficial, o Imperador começou a apoiar abertamente a Igreja Cristã, provavelmente quase sem fazer distinção entre os ramos Paulista e Apostólico. Este sinal de protecção trouxe uma nova luz ao Cristianismo, que virtualmente passou a ser o único culto oficial do Imperador Romano. Para muitos, o Cristianismo tinha-se transformado, repentinamente, numa questão de política e conveniência e, mesmo alguns dos que resistiam, depressa cederam com a ajuda de uma pequena pressão governamental. Nestas condições, muitas das conversões deixaram de vir do coração e foram, isso sim, o resultado de convicções inteiramente diferentes, de tal forma que o Cristianismo se tornou num movimento de massas. No entanto, foi um movimento que reafirmou a separação das Igrejas Paulista e Apostólica; aqueles que se tornaram Cristãos por conveniência escolheram, naturalmente, uma aproximação à Igreja Paulista, menos rigorosa; a Igreja Apostólica, por seu turno, recolheu apenas aqueles que, sinceramente, desejavam seguir o caminho de Jesus.

Constantino, que até esta altura não compreendera nem acreditara no Cristianismo, viu as vantagens políticas de ter uma Igreja unida que lhe obedecesse e cujo centro se situasse em Roma e não em Jerusalém e quando os membros da Igreja Apostólica se recusaram a agir de acordo com os seus desejos, tentou compeli-los pela força. Esta pressão do exterior, no entanto, não produziu o efeito esperado, pois várias das comunidades Cristãs Apostólicas mantiveram a recusa em aceitar a autoridade do Bispo de Roma, reconhecendo-a como um

[40] *Constantine the Great*, J.B. Firth, pp.190-191
[41] *A History of the Eastern Church*, A.R. Stanley, p. 94

empreendimento político e sem qualquer relação com a Doutrina de Jesus.

A primeira revolta surgiu entre as comunidades Berberes do Norte de África, levada a cabo não por Arius, mas por um homem chamado Donato. De uma maneira geral os Berberes sempre conservaram determinadas crenças básicas, sobretudo a da Unidade Divina, portanto, podiam acreditar em Jesus como um Profeta, mas nunca como um Deus. Uma vez que Jesus nunca tinha feito referência a Roma como centro de difusão da sua Doutrina, não podiam aceitar que tal ideia lhe fosse atribuída retrospec- tivamente. Em 313 D.C., Donato foi escolhido por estas pessoas para seu Bispo e, durante quarenta anos, permaneceu o chefe desta Igreja que continuou a crescer, opondo-se sempre ao Bispado de Roma. Segundo Jerónimo, no espaço de uma geração, o "Donatismo", tornou-se a religião de quase todo o Norte de África e, nem a força, nem a discussão, conseguiram alterá-la.

O Bispo de Roma, para substituir Donato, tentou instalar em Cartago, Caceliano, um dos seus Bispos, mas o prestígio de Constantino era tal, que ambas as partes apelaram para ele no conflito que sobreveio, pois teriam pensado que quem obtivesse o apoio do Imperador não teria mais batalhas a travar. Todavia, esta tentativa de ganhar a protecção de Constantino acarretou uma mudança muito importante na história do Cristianismo, pois pela primeira vez se tornara possível que a dissidência e o incumprimento da Ortodoxia fossem considerados ofensas puníveis pela lei secular. Esta arma secular passou a estar à disposição de quem provasse ser Ortodoxo, podendo assim ser usada contra aqueles que diferiam deste novo padrão de Ortodoxia. Constantino decidiu-se a favor de Caceliano, mas a populaça de Cartago reunindo-se em volta do posto do pro-cônsul romano, denunciou Caceliano, acção que aborreceu Constantino que, mesmo assim, nomeou um tribunal sob a jurisdição do Bispo de Roma para ouvir as duas partes. Donato não esteve presente, nem ninguém compareceu para defender a sua causa, portanto a decisão final foi contra ele, por ausência. No entanto, a Igreja Apostólica em África recusou-se a aceitar o veredicto *ex parte* do Bispo de Roma. Constantino ficou escandalizado com o facto de os *«ministros de Deus brigarem entre si como litigantes comuns»*. [42] Apesar deste desapontamento, nomeou um outro tribunal em Arles e ordenou às duas partes que viajassem até lá por caminhos diferentes, de modo a prevenir quaisquer conflitos antes do julgamento. Ali, os Donatistas voltaram a perder, em consequência da seguinte decisão:

---

[42] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend, p. 153

«...os Bispos relacionaram-se com homens perigosos que não tinham respeito pela autoridade nem pela tradição. Preparem-se apenas para a condenação».[43]

Para os Cristãos do Norte de África não havia mais razões para aceitar esta decisão do que houvera relativamente aos pareceres anteriores. Tal como estavam, tinham pouco respeito pelo pro-cônsul romano e pelos outros oficiais imperiais, pois ao longo de sucessivas gerações tinham sido perseguidos sob as suas ordens e consideravam-nos, por isso, emissários de Satanás. Primeiro tinham sido perseguidos por serem Cristãos e agora continuavam a ser perseguidos porque não eram o modelo certo de Cristão. Os Cristãos do Norte de África não podiam aceitar que, de um dia para o outro, os oficiais do Império Romano se tivessem transformado em servidores de Deus, meramente por procurarem impor a autoridade do Bispo da Igreja Paulista de Roma. Donato que até então tinha sido o seu Bispo, transformou-se, assim, no seu chefe mais popular. **Muito pouco se sabe acerca deste homem notável, pois tanto os livros que escreveu como a sua preciosa biblioteca de manuscritos foram queimados pelos soldados romanos em nome da Igreja Católica Romana.** Esta, graças ao apoio do Imperador pagão, começava a crescer em força e importância. Pouco se conhece, portanto, acerca do seu passado, bem como da aparência, dos amigos e dos factos da sua vida. Sabe-se, contudo, que Donato era um requintado orador e um grande chefe e, onde quer que fosse, era recebido com um entusiasmo tão grande que as visitas que fazia continuaram a ser lembradas por muito tempo, mesmo depois da sua morte. Os que o seguiam costumavam jurar pelos seus "cabelos brancos". Donato parece ter personificado a aversão popular pelos eclesiásticos mundanos que estavam seguros de que seriam bem sucedidos nesta vida e na próxima, caso fizessem as intrigas correctas. A sua integridade e honestidade eram reconhecidas, quer por amigos, quer por inimigos. Donato era conhecido como o reformador religioso "*que purificou a Igreja de Cartago dos erros*" [44] e por ser um milagreiro e um santo mais sábio do que Daniel, que permaneceu firme como uma rocha contra todas as tentativas para corromper e alterar os ensinamentos originais de Jesus. Constantino escreveu uma carta às duas Igrejas procurando persuadi-las a esquecerem as diferenças e a unirem-se sob uma Igreja apoiada por ele. Esta carta é significativa pelo facto de Constantino se julgar superior à Igreja, independentemente da forma desta, e

[43] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend, p. 164
[44] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend, p. 16

por as referências a Jesus serem notáveis pela ausência.[45] A carta não teve efeito nenhum, nem houve qualquer progresso no sentido de forçar a decisão resultante do tribunal que se tinha reunido em Arles. Em Julho de 315 D.C., o Imperador regressou a Roma, pois tivera necessidade de ir a Milão esmagar as incursões de Francos que tinham começado no Norte de Itália. Quando voltou a ter tempo disponível, nomeou uma comissão para se dirigir a África, a fim de examinar a situação e apaziguar a disputa. Porém, a comissão foi boicotada logo que chegou e houve um tumulto tal que os seus membros foram forçados a regressar a Itália, sem terem conseguido o que quer que fosse. **Em 316 D.C., quando estas notícias inquietantes chegaram a Constantino, o Imperador decidiu ir pessoalmente ao Norte de África, a fim de definir ele mesmo preceitos exactos e claros sobre a forma como a Divindade Suprema deveria ser adorada.**

É significativo que Constantino considerasse como uma competência sua formular tais opiniões. Na carta que escreveu às duas Igrejas em África, concluia o seguinte:

«Que mais pode ser feito por mim, de acordo com a minha prática constante e como verdadeiro ofício de um príncipe após expulsar o erro e destruir opiniões inconsideradas, que fazer com que todos os homens sejam unidos, sigam a verdadeira religião e simplicidade de vida e prestem ao Deus Todo Poderoso a adoração que Lhe é devida».[46]

É claro que, assim que o exemplo de Jesus foi esquecido ou ignorado, as questões de opinião, e Constantino valorizava sobretudo a sua, transformaram-se numa "verdadeira religião". Foi apenas por abordar o Cristianismo desta forma, que Constantino ganhou um profundo interesse pelos assuntos internos de uma religião que ainda não seguia. Além disso, considerou-se a si próprio como um homem que falava com maior autoridade do que os chefes das Igrejas e que, mais do que um comum mortal, era um vigário de Deus, opinião corroborada, aliás, pelos Bispos Paulistas com assento no tribunal de Arles, que afirmavam que a sabedoria lhes tinha sido concedida *«na presença do Espírito Santo e dos Seus Anjos».*[47] No entanto, quando os seus pareceres eram ignorados, era ao Imperador que se dirigiam a fim de pedir ajuda.

As coisas estavam de tal forma, que Constantino não pôde fazer a viagem que tinha planeado a África — disseram-lhe que os partidários de Donato se tinham tornado tão fortes, que não era aconselhável que

---

[45] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend
[46] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend
[47] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend

tomasse pessoalmente parte na disputa entre Donato e Caceliano, pois sofreria um grande golpe no seu prestígio no caso da intervenção falhar. Portanto, em vez disso, Constantino fez aprovar um decreto condenando Donato e chamando-lhe a atenção para *«a vantagem em adorar devidamente a Divindade Suprema»*.[48] Como foi ignorado, expediu para África *«uma lei muito mais severa»* segundo a qual as Igrejas erguidas por Donato deviam ser confiscadas e os seus chefes mandados para o exílio. Caceliano tentou subornar os chefes da Igreja de Donato, mas sem sucesso, pois estes opuseram-se às ordens imperiais, ignoraram os subornos e tornaram-nos públicos. Desta forma Caceliano ficou a ser considerado *«um homem mais cruel do que um carniceiro e mais brutal do que um tirano»*.[49]

A Igreja de Roma, que por essa altura adoptara o epíteto de "Católica" para indicar a universalidade da adoração a Deus, apelou aos Donatistas para que se unissem, mas não obteve qualquer resultado pois Donato recusou-se a entregar as suas Igrejas a Caceliano. Finalmente, o exército romano entrou em acção e provocou uma chacina maciça em que os cadáveres foram atirados para os poços e os Bispos foram assassinados nas próprias Igrejas. Apesar disto, os sobreviventes permaneceram firmes e o seu movimento tornou-se ainda mais forte, passando a chamar ao seu movimento, a "Igreja dos Mártires". Tais acontecimentos aprofundaram ainda mais o fosso existente entre os Donatistas e a Igreja Católica, pois esta passou a ser identificada como um local de "*idolatria odiada*" por agir aliada aos magistrados pagãos e aos seus soldados, e os Católicos apelidados de cismáticos.

Constantino, sendo um bom administrador, apercebeu-se da futilidade de tentar restaurar a harmonia e a unidade religiosas pela força e, decidindo que a prudência era o melhor caminho, deixou as pessoas do Norte de África entregues a si próprias. **Deve-se referir, no entanto, que estes acontecimentos desempenharam um papel importante na decisão, tomada mais tarde, de reunir o famoso Concílio de Niceia.**

Antes de voltar à história de Arius, que nesta altura começava a fazer ouvir a sua voz, seria de interesse contar brevemente a história dos Donastistas até ao surgimento do Islamismo. Assim que Constantino desviou a sua atenção do Norte de África para outras partes do Império, a perseguição aos Donatistas diminuiu consideravelmente e o seu número voltou a aumentar rapidamente, tornando-se tão poderosos que, quando o Imperador mandou construir uma Igreja para os Católicos do Norte de África, em 330 D.C., tomaram posse dela. O Imperador ficou furioso, mas não pôde fazer mais do que prometer aos

---

[48] *Constantine the Great*, J. B. Firth
[49] *Constantine the Great*, J. B. Firth

Católicos o dinheiro suficiente para construírem outra Igreja. O movimento dos Donatistas expandiu-se até chegar a Roma, onde também possuíam um Bispo, considerado, hierarquicamente, inferior ao Bispo de Cartago e de Nicomédia.[50]

Donato atingiu a autoridade suprema em Cartago, sendo considerado pelo povo como um ser superior aos outros mortais. Nunca foi chamado Bispo, mas era conhecido por "Donato de Cartago". Augustine queixou-se uma vez de que os Donatistas reagiam mais duramente a um insulto dirigido a Donato do que a uma blasfémia a Jesus, facto facilmente explicável pela forte e desagradável linguagem que muitos dos Católicos usavam quando falavam acerca de Donato.

Quando o reinado de Constantino terminou, os Donatistas continuaram a lutar pela independência da sua Igreja, opondo-se a qualquer interferência, quer do Imperador, quer dos seus oficiais, em matéria de religião. No entanto, não eram sectários, nem possuíam um espírito mesquinho. O próprio Augustine observa que os Donatistas não oprimiam os Católicos mesmo quando tinham superioridade numérica. Pelo contrário, os Católicos, sempre prontos para reivindicar tolerância, não estiveram dispostos a concedê-la aos Donatistas na altura em que, uma vez mais, as forças imperiais foram enviadas a fim de subjugarem tão destemidas pessoas. No entanto, a despeito desta contínua perseguição, os Donatistas recusaram-se a permitir que o Imperador alterasse o modo como adoravam Deus, considerando, em sua opinião, que *«os Católicos eram padres demoniacos que trabalhando com os reis do mundo e confiando nos seus favores, tinham renunciado a Cristo»*.[51]

Após a morte de Donato, o povo do Norte de África continuou ao longo de trezentos anos a seguir-lhe o exemplo, observando os seus ensinamentos e, como tal, a doutrina que Jesus tinha ensinado. **Quando o Islão chegou, abraçaram-no de imediato, pois estavam bem preparados para o que, afinal, era uma extensão e uma reafirmação da doutrina que até aí tinham seguido.**

No Sul do Egipto, houve um outro movimento semelhante ao de Donato, que ocorreu simultaneamente, embora fossem independentes. Em 324 D.C., Constantino estava prestes a fazer mais uma tentativa para desemaranhar o baralhado enredo da Cristandade do Norte de África, quando a sua atenção foi desviada para o Egipto, um país que fervilhava em descontentamento e revolta. No auge da perseguição aos Cristãos desencadeada por Diocleciano, muitos deles tinham feito cedências no sentido de a evitar. Um padre chamado Meletius dizia

---

[50] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend, p. 164
[51] *The Donatist Church*, W.H.C. Frend, p. 326

então que os padres que tinham renunciado publicamente ao Cristianismo deviam ser impedidos de reassumir as suas funções eclesiásticas e de assistir a todas as assembleias de pura adoração, sem terem dado provas suficientes de arrependimento. Embora Pedro, que nessa altura era Patriarca de Alexandria, aconselhasse uma maior brandura na acção, a maioria das pessoas apoiava Meletius que foi desterrado para as minas, quando Alexandre ocupou o trono episcopal.

Quando Meletius regressou, reuniram-se à sua volta muitos apoiantes que se haviam recusado a obedecer aos perseguidores. Desta forma Meletius ordenou Bispos, padres e diáconos e foi responsável pela construção de muitos lugares de culto, chamando a esta Igreja a "Igreja dos Mártires", em oposição à dos seguidores de Alexandre que se intitulava Católica e seguia a versão Paulista do Cristianismo. Após a morte de Meletius, os seus seguidores foram proibidos por Alexandre de manter as assembleias de adoração, porém, contrariando esta ordem, os partidários de Meletius enviaram uma delegação a Constantino. Só graças à ajuda de Eusébio de Nicomédia a delegação conseguiu obter autorização para ver o Imperador, mas a sua presença na corte constituiu mais um factor para a sua convocação para o Concílio de Niceia. Eusébio era amigo de Arius e foi através deste encontro que os movimentos de Arius e de Meletius entraram em contacto.

Ao movimento dirigido por Arius não agradava a posição secundária ocupada por estas duas Igrejas de Mártires. Tudo o que foi escrito a favor de Arius e todas as considerações independentes relativas ao seu movimento foram praticamente destruídas. Os livros referentes a Arius que ainda hoje existem foram quase todos escritos pelos seus inimigos, portanto, é impossível fazer uma descrição completa da sua vida. No entanto, relacionando os pedaços de informação que ainda existem, sobressai o seguinte quadro: Pedro, o Bispo de Alexandria, ordenou-o diácono, mas mais tarde excomungou-o, até que Achillas, sucessor de Pedro, o ordenou padre de novo. Quando Achillas morreu, Arius tornou-se tão popular que teve todas as oportunidades para ocupar o lugar deixado por aquele, mas porque não desejava ver-se envolvido em eleições, foi Alexandre o escolhido para se sentar no trono episcopal. Depois, face a uma queixa apresentada contra Arius por causa das ideias que pregava, o seu rival veio a tornar-se seu júiz e afinal Arius foi de novo excomungado.

Até essa data, tinha havido uma grande variedade de crenças entre os Cristãos, pois a Doutrina da Trindade era aceite por muitos dos que se intitulavam Cristãos, embora ninguém soubesse ao certo o que de facto significava. Uns confirmavam-na cegamente, outros, como Meletius e Donato, rejeitavam-na com firmeza e, finalmente, aqueles que

se encontravam entre estes dois pólos eram livres de expor a doutrina da maneira que melhor achassem. No entanto, após mais de dois séculos de discussão, ninguém tinha sido capaz de a exprimir em termos que não levantassem dúvidas e Arius desafiou quem quer que fosse a defini-la. Alexandre ficou completamente surpreendido, pois quanto mais tentava explicá-la, mais confuso se tornava e Arius, através do uso da razão e confiando na autoridade das Escrituras, provou que a doutrina era falsa.

A fim de refutar as explicações de Alexandre, Arius começou por se referir a Jesus argumentando da seguinte maneira: se Jesus fosse na realidade "filho de Deus" seria lógico o *pai* ter existido antes do *filho*, logo, teria havido um período em que o filho não existiu e, portanto, o filho era uma criatura composta duma substância que não tinha existido sempre. Uma vez que Deus é por essência Eterno e Sempre-existente, Jesus não podia ter a mesma essência de Deus.

Arius apelou sempre à razão e à lógica e uma vez que Alexandre não podia fornecer nenhum contra-argumento razoável, acabava sempre por perder a discussão. Dadas as premissas, Arius dizia: *«Onde está a falha da minha dedução e o erro do meu silogismo»?* Cerca do ano 321 D.C., Arius era um popular padre rebelde, profundamente confiante e certo daquilo em que acreditava.

Depois de sofrer este revés pessoal, Alexandre convocou um Sínodo provincial a fim de pronunciar-se acerca da doutrina de Arius, tendo comparecido cerca de cem Bispos Egípcos e Líbios. Arius, porém, manteve a posição que já tinha e com grande eloquência expôs a sua causa: houve um tempo em que Jesus não existia, ao passo que Deus existiu, até nessa altura. Uma vez que Jesus foi criado por Deus, o seu ser era finito e assim não podia possuir o atributo da Eternidade. Só Deus é Eterno. Uma vez que Jesus era uma criatura, estava sujeito a mudar como todas as outras criaturas racionais. Só Deus é imutável. Deste modo ele demonstrou que Jesus não era Deus. Assim como fez apelo à lógica, Arius também baseou os seus argumentos em numerosos versículos da Bíblia, pois estes em parte alguma ensinam a Doutrina da Trindade. Se Jesus disse: *«O meu Pai é maior do que eu»*,[52] então acreditar que Jesus e Deus eram iguais, argumentou Arius, era negar a verdade da Bíblia.

Os argumentos de Arius eram irrefutáveis, mas apesar disso, Alexandre, graças à sua posição, excomungou-o. Arius, porém, tinha tantos seguidores que não podia ser ignorado pela Igreja de Paulo. Além disso, numerosos apoiantes, em especial muitos dos Bispos do Oriente, não aceitaram o decreto de Alexandre. Assim, a controvérsia que

[52] João 14:28

fervilhava havia quase trezentos anos entrou em ebulição e Alexandre ficou perturbado e aborrecido por tantos dos Bispos do Oriente apoiarem Arius, além de que este tinha como principal aliado Eusébio de Nicomédia. Os dois eram velhos amigos, pois tinham sido alunos de Luciano, um homem universalmente respeitado pela sua religiosidade e sabedoria; e é possível que o martírio de Luciano, em 312 D.C., tenha ajudado a fortalecer a amizade e as ideias que ambos partilhavam.

Existe ainda uma carta que Arius escreveu a Eusébio em Constantinopla, depois de ter sido excomungado por Alexandre, onde Arius se queixava da perseguição que lhe estava a ser movida por Alexandre, numa tentativa para o expulsar de Alexandria como ateu sacrílego, porque ele e os seus amigos não subscreviam as doutrinas escandalosas professadas pelo Bispo. E dizia o seguinte: *«Somos perseguidos por dizermos que Jesus tem um princípio, enquanto Deus não o tem».*[53] Em consequência, Arius recebeu ainda mais apoio de Eusébio, um pregador com muita influência, não só junto do povo, mas também no próprio palácio imperial. Apesar deste apoio, no que diz respeito à disciplina dentro da Igreja, Arius parece ter tido sempre tendência para a reconciliação e não para o confronto.

Infelizmente, os documentos sobre esta disputa são muito escassos, mas existem algumas cartas que mostram como a intenção de Arius era unicamente a de conservar puros e sem alterações os ensinamentos de Jesus e não a de causar dissenções entre os Cristãos. Por outro lado, as cartas escritas por Alexandre mostram que o Bispo sempre usou uma linguagem intemperada contra Arius e os seus apoiantes, pois numa outra carta escreve o seguinte: *«Estão possuídos pelo Demónio que habita neles e os leva à fúria; são impostores, vigaristas e exorcistas espertos de palavras sedutoras; são salteadores que têm cavernas onde de noite e de dia amaldiçoam Cristo... conseguem partidários através da actividade de raparigas jovens e dissolutas da cidade».*[54] A utilização pelo Patriarca, de uma linguagem tão violenta e injuriosa, levanta a suspeita de que também ele devia estar consciente da fragilidade da causa que defendia.

Eusébio, ressentido com o tom usado pelo Patriarca de Alexandria, convocou o Sínodo dos Bispos Orientais a quem expôs o assunto. Deste encontro resultou o envio de uma carta a todos os Bispos, tanto do Oriente, como do Ocidente, implorando-lhes que induzissem Alexandre a trazer Arius de volta para o seio da Igreja. Alexandre, no entanto, quis a rendição completa de Arius que assim regressou para a Palestina onde continuou a servir os seus apoiantes. Alexandre enviou

---

[53] *Constantine the Great*, J. B. Firth

[54] *Constantine the Great*, J. B. Firth

então uma longa carta endereçada a *«todos os seus companheiros de trabalho da Igreja Católica»*, na qual voltava a atacar Arius, fazendo também referência a Eusébio, mencionando-o pelo nome e acusando-o de acreditar *«que o bem-estar da Igreja dependia duma concordância meramente formal»*.[55] Além disso, acrescentou que Eusébio apoiava Arius, não porque acreditasse sinceramente na sua doutrina, mas a fim de satisfazer os seus interesses ambiciosos. Desta forma, a controvérsia eclesiástica degenerou num conflito pessoal entre os Bispos do Oriente e do Ocidente.

Do círculo de Bispos, a questão em debate difundiu-se pelo povo, levando Gregório de Niceia a escrever o seguinte:

«Todas as esquinas de Constantinopla estão repletas de discussões: as ruas, o mercado, as lojas dos cambistas, os abastecedores. Pergunta-se a um comerciante por quantos óbolos vende um qualquer artigo da sua loja e ele responde com a disquisição da criação ou não criação do ser. Pergunta-se o preço do pão do dia e o padeiro diz: "O filho está subordinado ao pai." Pergunta-se ao criado se o banho está pronto e ele dá como resposta: "O filho apareceu vindo do nada". "Grande só existe a Criação", declaravam os Católicos, ao que os partidários de Arius replicavam: "Mas maior é Ele que criou"».[56]

As pessoas iam perguntar às mulheres se um filho poderia existir antes de ter nascido e nos altos círculos eclesiásticos o debate era igualmente aceso e penetrante. Sabe-se que *«em todas as cidades, Bispos se envolviam com outros Bispos em obstinados conflitos; pessoas contra pessoas... e entravam violentamente em conflito umas com as outras»*.[57]

No que dizia respeito a Constantino, as coisas iam de mal a pior, de tal maneira que o Imperador foi obrigado a intervir e a endereçar uma carta a Alexandre e outra a Arius, onde dizia que o seu maior interesse residia na defesa da unidade de opinião religiosa, uma vez que era a melhor garantia para a paz na região. Fortemente desiludido com os acontecimentos no Norte de África, esperara por melhores acções vindas do "*seio do Oriente*", o lugar onde tinha "*despontado a Luz Divina*". E continua assim:

«Mas Ah! Gloriosa e Divina Providência, que ferida foi infligida não só nos meus ouvidos mas também no meu coração, quando ouvi que existiam

---

[55] *Constantine the Great*, J. B. Firth
[56] *Constantine the Great*, J. B. Firth
[57] *Constantine the Great*, J. B. Firth

entre vós divisões ainda mais graves do que em África; para que vós, de cuja actividade esperei que resultasse a cura para os outros, necessiteis de um remédio mais eficaz do que eles. E no entanto, depois de ter feito um cuidadoso inquérito que fosse até à origem destas discussões, descubro que a causa é bastante insignificante e inteiramente desproporcionada com a briga... Concluo que a presente controvérsia teve a seguinte origem: pois quando tu, Alexandre, perguntaste a cada presbítero o que pensava acerca de uma determinada passagem das Escrituras ou, para ser mais exacto, o que pensava de um determinado aspecto relativo a uma questão tola; e tu, Arius, sem a devida consideração, estabeleceste proposições que nunca deviam ter sido concebidas ou, sendo concebidas, deviam ter sido enterradas no silêncio, levantou-se a discórdia entre vós — a comunhão foi impedida e a comunidade das pessoas rompeu-se em duas, deixando de preservar a unidade de um corpo comum.»

Em seguida o Imperador exorta-os a esquecer e perdoar a questão irreflectida e a resposta impensada:

«O assunto nunca devia sequer ter sido abordado, mas para mãos ociosas fazerem e cérebros ociosos pensarem há sempre acções perniciosas. A divergência que se levantou entre vós não dizia respeito a nenhum aspecto cardinal da Doutrina estabelecida nas Escrituras; nem foi introduzida qualquer Doutrina nova. Ambos têm uma e a mesma opinião. A união, por consequência, era possível sem dificuldades».

O Imperador continuou a citar o exemplo dos filósofos pagãos que aceitavam discordar nos pormenores, mas mantinham os mesmos princípios gerais, E pergunta, em seguida, como pode estar certo que irmãos da mesma religião se comportem como inimigos devido a meras insignificâncias e a diferenças verbais. Tal conduta, na sua opinião, era:

«... vulgar, infantil, e petulante, os próprios padres de Deus e homens de bom senso ... É o embuste e a tentação do Demónio. Deixai-nos acabar com isso. Se não podemos partilhar a mesma opinião em todos os tópicos, podemos pelo menos ser unidos nos mais importantes e essenciais. No que diz respeito à Divina Providência, que haja uma fé e uma compreensão, uma opinião Unitária no que se refere a Deus».

E a carta conclui:

«Devolvam-me os meus dias tranquilos e noites despreocupadas para que eu possa conservar a minha alegria e o contentamento de uma vida

pacífica. De outro modo tenho que me lamentar e desfazer totalmente em lágrimas, e não tenho pensamento que me conforte até morrer. Pois como posso eu ter tranquilidade de pensamento, enquanto o povo de Deus e os meus companheiros e servidores estiverem assim dilacerados e divididos em controvérsias ilícitas e perniciosas?».[58]

Esta carta demonstra a profunda ignorância do Imperador, não só no que diz respeito à Cristandade, mas também relativamente a todas as religiões, **pois presume que é indiferente um homem adorar Deus como lhe apraz ou adorá-Lo da maneira indicada por Deus**. Dizer que a controvérsia entre Alexandre e Arius era uma mera briga verbal ou um ponto insignificante e não essencial é absurdo. Considerar "insignificante" a diferença entre os dois mostra claramente que Constantino não compreendia aquilo de que falava. A certeza na Unidade Divina, por um lado, e a crença na Trindade, por outro, não podiam estar mais profundamente em oposição. A carta mostra que Constantino não estava preocupado com a natureza da Realidade, mas com a sua paz interior. Não é de espantar que tal carta, ao ser levada para Alexandria por Hosius de Córdova, não tenha provocado qualquer resultado e que, após uma curta estadia, o portador voltasse de mãos vazias para relatar ao Imperador o fracasso da sua missão.

Enquanto isto decorria, Constantino defrontou-se no campo de batalha com o cunhado Licínio num confronto em que este foi morto. Licínio tinha sido um apoiante de Arius e a sua morte veio enfraquecer ainda mais a posição que este ocupava no Tribunal do Imperador. No entanto, Constantino apercebeu-se de que é possível ganhar um guerra e, mesmo assim, perder a paz, pois desde o fracasso da missão de Hosius, a sua situação no Oriente tornara-se muito instável. Os cânticos e argumentos de Arius tinham originado o derramamento de sangue em Alexandria e a inquietação tinha-se espalhado pelas áreas orientais do Império. Já havia tumultos no Norte de África. Constantino compreendeu que os seus amigos da Igreja de Paulo não eram suficientemente poderosos para dissipar todas estas perturbações. A sua experiência em lidar com os Norte-Africanos, que em parte tinha contribuído para a sua vinda para o Oriente, depois de quase ter ficado escaldado em Roma, parece ter-lhe dado uma lição: — não devia tomar partido abertamente. Então decidiu convocar um Encontro de Bispos Cristãos de forma a resolver a questão de uma vez por todas. A sua posição de pagão, disse, era uma grande vantagem pois faria um juízo imparcial na medida em que não pertencia a nenhuma seita; além de que resolveria o problema que os Bispos até aí enfrentavam, pois não tinham sido

[58] *The Concile of Nicea*, J. Kaye, pp.23-25

capazes de acordar num Cristão para presidir como árbitro ao encontro. Este encontro de Bispos, efectuado sob a direcção de Constantino, é hoje conhecido por **Concílio de Niceia**.

Os convites foram enviados e todas as despesas foram pagas por Constantino através da tesouraria do Império. À parte os chefes dos dois partidos rivais, a maior parte dos que foram convidados não eram, no conjunto, muito inteligentes. Ninguém da Igreja de Donato foi chamado a comparecer, embora Caceliano, o maior opositor de Donato, fosse convidado. Entre os mais importantes Bispos que participaram no Concílio, encontravam-se os seguintes:

Eusébio de Cesareia, o pai da história eclesiástica. O seu livro é o principal repositório das tradições que faziam a ligação entre o quarto século e o primeiro da era Cristã. Para além da sabedoria, o seu grau de influência residia no facto de ser o único, entre os prelados orientais, a poder dizer o que ia na mente do Imperador, pois era o seu intérprete, capelão nominal e confessor. Era partidário de Arius de coração e gozava do apoio da maior parte dos Bispos da Palestina.

Eusébio de Nicomédia, vinha de uma família aristocrática e tinha sido um seguidor de Luciano na mesma altura que Arius. A sua superioridade espiritual era universalmente reconhecida. É de notar que existiram, nesta época, dois importantes homens de Deus que usavam o mesmo nome, facto que tem causado grande confusão a muitos dos historiadores deste período. Eusébio de Nicomédia era o mais resoluto apoiante de Arius, sendo chamado "o Grande" pelos seus seguidores e muitos milagres lhe foram atribuídos. Originalmente Bispo de Beirute, foi mais tarde transferido para Nicomédia, a capital do Império Oriental. Tinha sido um grande amigo de Licínio, cunhado e rival do Imperador, e como tal exercia alguma influência sobre Constantina, a irmã de Constantino. Licínio tinha recentemente enfrentado o Imperador e perdido a vida. Após a morte do marido, Constantina foi morar no Palácio Imperial. Assim, através dela e através da sua própria relação, apesar de distante, com a família imperial, teve uma influência na corte que nunca perdeu e através da qual conseguiu que o Imperador aceitasse o Cristianismo da Igreja de Arius e, finalmente, que morresse na crença da Unidade Divina.

Atanásio, um jovem e impetuoso apoiante da escola de teologia trinitarista. Alexandre, que estava a ficar velho para se deslocar pessoalmente e que já por diversas vezes tinha sido derrotado por Arius, decidiu enviar Atanásio a Niceia como seu representante. Hosius, foi o

Conselheiro Chefe do Imperador. A sua importância residia no facto de representar a Igreja de Paulo no Ocidente, onde a influência do Imperador era mais fraca. Hosius era reconhecido como sendo um profundo e erudito teólogo por mérito próprio. Na história é conhecido como o "venerável idoso" e Atanásio apelida-o de "sagrado". O seu carácter recto era reconhecido por todos e a sua importância tinha ainda aumentado devido à sua intimidade com o Imperador. Exceptuando estes poucos, o Concílio era composto por pessoas com uma reputação de devotos sinceros, mas sem sabedoria, homens cujos corações eram puros, mas cujas línguas nem sempre se pronunciavam com clareza.

Spiridem, um dos Bispos mais rudes e simples, quase iletrados, que constituíam a maioria dos Bispos da Igreja naquele tempo. Um estudo mais pormenorizado ajudará a compreender de que tipo de homem se tratava. Spiridem era um pastor que tinha sido perseguido, mas mesmo assim permanecera fiel à sua fé. Apesar de possuir um conhecimento superficial de política da religião tinha sido apontado para Bispo porque lhe eram atribuídos muitos milagres. Depois de se tornar Bispo não mudou o seu vestuário grosseiro e de aparência rural e continuou a caminhar sempre a pé. Os outros "príncipes" da Igreja de Paulo não gostavam dele e desejavam ansiosamente que não conseguisse chegar a Niceia a tempo para o Concílio. Quando Spiridem recebeu o convite do Imperador, apercebeu-se de que teria que viajar de mula se quisesse chegar a horas e, contrariamente a outros Bispos que viajavam com grandes comitivas, partiu com um criado, viajando em duas mulas, uma branca e outra pigarça. Uma noite, estavam os dois a descansar numa hospedaria, quando ali chegaram também os Bispos que não consideravam Spiridem como uma pessoa indicada para tomar parte nas deliberações do Concílio e, na manhã seguinte muito cedo, enquanto Spiridem ainda dormia, degolaram as duas mulas e partiram. Quando este acordou, pediu ao criado que fosse dar de comer às mulas e as selasse, mas o servidor encontrou os animais mortos e foi contar o sucedido ao patrão, que lhe disse para colocar a cabeça de cada mula perto do respectivo cadáver. Mal o criado acabou de fazer o que lhe tinha sido ordenado (e embora no escuro, o servidor tenha trocado as cabeças dos animais), as mulas levantaram-se com vida e eles puderam continuar a viagem. Passado algum tempo alcançaram os Bispos, que ficaram estupefactos pois pensavam ter deixado Spiridem para trás e estavam certos de que não chegaria a tempo a Niceia. Mas a sua surpresa foi ainda maior quando repararam que a mula branca tinha uma cabeça pigarça e a mula pigarça uma cabeça branca.[59]

[59] *Constantine the Great*, J.B. Firth, p. 60

Patammon, eremita.

Oesius, conhecido pelo seu zelo puritano.

Myser of Nicholas, cujo nome é preservado especialmente pelos historiadores da Igreja, devido ao facto de socar as orelhas enquanto Arius falava. Nestas condições, o Concílio de Niceia era largamente composto por Bispos que conservavam uma fé verdadeira e sincera, mas que não possuíam grande conhecimento intelectual acerca das bases em que assentava a fé. Estes homens foram repentinamente colocados face a face com os mais hábeis e sábios expoentes da filosofia grega da época, usando um modo de expressão tal, que os Bispos não podiam perceber o significado do que estava a ser dito. Incapazes de explicar racionalmente o seu conhecimento, ou de manter polémicas com os opositores, eles iriam, ou agarrar-se às suas crenças em silêncio, ou concordar com o que quer que fosse que o Imperador decidisse.

Todos os delegados chegaram a Niceia alguns dias antes da data prevista para o início do Concílio, e reuniam-se entretanto, em pequenos grupos onde as questões contro- versas eram debatidas, publicamente, com seriedade e emoção. Nestes ajuntamentos, que tinham lugar, ou no ginásio, ou em algum espaço aberto, os filósofos gregos, ao dispararem os argumentos como setas, puseram os restantes a ridículo com tanta eficácia, que causaram enorme confusão entre os delegados.

Por fim, chegado o dia, todos se reuniram para a abertura do Concílio com a presença do próprio Imperador. O aposento preparado para o encontro foi um salão longo e rectangular do palácio, em cujo centro estavam colocadas as cópias de todos os Evangelhos conhecidos, que naquele tempo se contavam por trezentos. Todas as atenções recaíam sobre o Trono Imperial, que esculpido em madeira e ricamente coberto de ouro, estava colocado no topo elevado do salão, entre duas filas de lugares viradas uma para a outra. O silêncio profundo foi perturbado pelos sons débeis do cortejo ainda distante, que se vinha aproximando do palácio; primeiro, entraram um a um os oficiais do Tribunal e por fim ouviu-se o sinal que anunciava a chegada do Imperador; toda a assembleia se levantou e pela primeira vez olhou curiosamente para Constantino, o Conquistador, o Majestoso, o Grande. A sua grande estatura e boa constituição, os ombros largos e as bonitas feições, tudo estava à altura do seu elevado estatuto. A sua expressão era considerada por muitos como uma manifestação de Apolo, o Deus do Sol Romano. Muitos dos Bispos ficaram impres-

sionados pela deslumbrante, ainda que bárbara, magnificência da sua indumentária; o longo cabelo estava coroado com o diadema de pérolas imperial e o manto escarlate resplandecia com as pedras preciosas e os bordados a ouro; calçava sapatos escarlates, na época usados apenas pelo Imperador e, actualmente, pelo Papa. Hosius e Eusébio ocuparam os seus lugares, um de cada lado do Imperador. Eusébio iniciou os debates dirigindo-se ao Imperador, que respondeu com um pequeno discurso traduzido do Latim para o Grego que apenas muito poucos foram capazes de entender, incluindo ele próprio, cujo conhecimento de Grego era escasso. Com a assembleia a decorrer, a comporta das controvérsias abriu-se completamente. Constantino, com parcos conhecimentos de Grego, concentrou todas as energias num ponto, ou seja, conseguir a unanimidade nas decisões. Informou o conjunto dos presentes de que tinha queimado todas as petições que poucos dias antes recebera das diferentes facções, assegurando-os de que não tinha lido nenhuma e, portanto, o seu espírito estava aberto e seria imparcial.

O representante da Igreja de Paulo quis pôr três "partes" de Deus no Trono Divino, mas na Bíblia apenas conseguiu arranjar argumentos a favor de duas. Apesar disto, a terceira "parte" de Deus, nomeadamente o Espirito Santo, foi declarado a terceira Pessoa da Trindade, embora não tenham sido apresentadas razões que sustentassem esta inovação.

Os discípulos de Luciano, por seu lado, estavam seguros do terreno que pisavam e forçaram os Trinitaristas a mudarem da sua posição impossível para outra.

Os Trinitaristas tiveram muitas dificuldades em dar uma definição de Cristão capaz de levar à exclusão de Arius e dos outros Unitaristas, principalmente porque **a crença na Doutrina da Trindade, que defendiam e era factor de distinção entre as duas partes, nunca tinha sido realmente referida nos Evangelhos.** Diziam que o "Filho" era "de Deus", ao que os partidários de Arius respondiam que eles próprios eram também "de Deus" uma vez que está escrito na Bíblia: *«Todas as coisas são de Deus».*[60]

Portanto, se este argumento fosse usado, então seria igualmente provada a Divindade de todas as criaturas. Os Bispos Paulistas argumentaram então que Jesus não era apenas "de Deus", mas também "da essência de Deus". A esta distinção opuseram-se todos os Cristãos Ortodoxos, que diziam que estas palavras não podiam ser encontradas na Bíblia. Desta forma, a tentativa de provar que Jesus era Deus, em vez de unir os Cristãos, dividiu-os ainda mais. Em desespero, os trinitaristas argumentaram que a Bíblia diz o seguinte: *«Jesus é a imagem*

[60] *Arius*, Prof. Gwatkin

eterna do Pai e Verdadeiro Deus». [61] Por sua vez os Arianos responderam que a Bíblia também diz: *«Nós, homens, somos a imagem e a glória de Deus».*[62] Portanto, se este argumento fosse usado, não só Jesus, mas todos os homens poderiam afirmar-se Divinos.

A discussão continuou não só no salão da assembleia, mas também no interior do Palácio Imperial, alargando-se à corte: Helena, a rainha Mãe, apoiava a Igreja de Paulo. Era um animal político e o oportunismo administrativo corria-lhe no sangue. Por outro lado, Constantina, a irmã do Imperador, que detestava a política e amava e tinha fé em Deus, era crente na Unidade Divina e temente a Deus e apoiava Arius que, na sua opinião, seguia o ensinamento de Jesus. De tal forma o debate se espalhou através da corte, que aquilo que começara por ser um Concílio, transformou-se numa intriga de palácio, onde até o eunuco imperial e o cozinheiro do palácio desempenharam papéis importantes. O Imperador, um mestre de estratégia, permaneceu à parte destas duas facções, deixando toda a gente a especular. Sendo pagão, não pertencia a nenhuma das partes, o que constituia o ponto mais forte a seu favor.

À medida que o debate prosseguia, tornou-se evidente para ambas as partes que nenhuma decisão clara iria sair daquele Concílio. No entanto, ambos desejavam apoio do Imperador que para a Igreja de Paulo significaria um acréscimo de poder, e para a Igreja Norte-Africana o fim das perseguições. De forma a manterem o favor de Constantino, todos os Bispos presentes concordaram em fazer algumas mudanças na religião. A Princesa Constantina tinha avisado Eusébio de Nicomedia que o Imperador desejava firmemente uma Igreja unida, pois qualquer divisão poria em perigo o Império. No entanto, se não se chegasse a acordo no seio Igreja, poderia perder a paciência e retirar o seu apoio a toda a Cristandade. Ora se ele actuasse desta forma a situação em que se encontravam os Cristãos tornar-se-ia pior do que a anterior, e a própria Doutrina ficaria em perigo daí em diante. Por isso Arius e os seus seguidores, aconselhados por Eusébio, adoptaram por sua vez uma posição passiva, mas das alterações aprovadas no Concílio, dissociaram-se das seguintes:

— Declaração do Dia do Sol (Domingo, "*Sunday*" em inglês) dos Romanos como o Sabbath Cristão;

— Adopção do aniversário tradicional do Deus-Sol, no dia vinte e cinco de Dezembro, como aniversário de Jesus;

— Adopção do emblema do Deus-Sol, a cruz de luz, como emblema do Cristianismo;

---

[61] *Arius*, Prof. Gwatkin

[62] *Arius*, Prof. Gwatkin

— Incorporação de todas as cerimónias efectuadas na comemoração do aniversário do Deus-Sol nas suas próprias celebrações.

Com estas alterações, a Igreja de Paulo deve ter subido na consideração de Constantino, visto que nesta altura a adoração do Deus-Sol Romano era muito popular em todo o Império e o Imperador era considerado uma manifestação do Deus-Sol na terra.

Deve ter sido reconfortante para Constantino ver diminuir o abismo existente entre a Cristandade e as religiões do Império de uma forma tão considerável. As possibilidades de Constantino conceder apoio à Igreja, antes aparentemente fracas, tornaram-se assim muito mas fortes.

Finalmente, o dogma da Trindade foi aceite como Doutrina fundamental do Cristianismo. É possível que nesta altura alguns dos seus aderentes ainda tivessem a experiência directa da Unidade Divina e a afirmassem. Para estes, a Doutrina da Trindade valia menos do que os meios pelos quais eles tentaram descrever o que haviam testemunhado. Uma vez que a linguagem da Unidade usada por Jesus se perdera, recorreram ao uso da terminologia da filosofia neo-platónica que, embora não fosse a mais adequada para o propósito, era tudo o que restara para indicar o que sabiam. No entanto, esta perspectiva era clara para muito poucas pessoas. *«Não faço comentários»*, escreveu Apuleius; ou ainda, *«essas Doutrinas platónicas e sublimes compreendidas por muito poucos devotos e absolutamente desconhecidas de todos os profanos»*.[63] Platão disse que: *«Descobrir o Criador fora difícil, mas explicá-lo ao homem comum é impossível»*.[64] E Pitágoras afirmou: *«Falar de Deus entre homens de opiniões preconceituosas não é seguro. Falar na verdade ou na mentira é igualmente perigoso»*.[65]

Embora o uso desta terminologia fosse justificado por alguns daqueles que estavam a tentar expressar a natureza da Unidade Divina, o intento estava irremediavelmente condenado ao fracasso. De forma alguma o conceito grego de "theos", que não se baseava em nenhuma mensagem revelada, podia estar ao mesmo nível da Doutrina superior revelada a Jesus. Só as inovações de Paulo e dos seus seguidores fizeram com que este casamento, numa primeira fase, parecesse possível; mas para aqueles que não conseguiam compreender as ideias dos filósofos gregos, só vinha aumentar a confusão. Este foi o caso da maioria das pessoas que entraram em contacto com a Doutrina da

---

[63] *Tetradymus*, J. Toland
[64] *Tetradymus*, J. Toland
[65] *Tetradymus*, J. Toland

Trindade. A confusão em que caíram deu origem a especulações sem fim, tal como o rumo que o Concílio tão claramente tinha demonstrado. É compreensível como a Doutrina foi aceite, no princípio, informalmente e, depois, oficialmente no Concílio de Niceia. É igualmente claro, tendo em conta a confusão que a Doutrina causou, porque é que Arius insistiu em que regressassem à fonte do Cristianismo como orientação, em vez de recorrerem aos pensamentos dos filósofos gregos que não provinham da revelação do Profeta Jesus. Uma vez que estas mudanças ficaram asseguradas no Concílio, o passo seguinte no sentido dum afastamento sucessivo dos ensinamentos de Jesus tornou-se possível e o que hoje é conhecido por *Credo de Niceia* foi lavrado e reconhecido pelos presentes com o total apoio do Imperador. Desta forma a visão dos trinitaristas foi guardada em relicário e tinha apenso, como clara recusa dos ensinamentos de Arius, o seguinte anátema:

«Mas para aqueles que dizem: "Havia, quando ele não era, e, antes de ter nascido não existia, e que nasceu vindo do nada," ou que afirmam que o Filho de Deus é de uma hipóstase ou substância diferente, ou é criado, ou está sujeito a alterações e mudanças — estes, a Igreja Católica anatematiza».

De entre os que assinaram o credo, alguns acreditavam nele, outros não sabiam onde estavam a colocar os nomes e os restantes, aliás a maioria dos delegados ao Concílio, não concordavam com a Doutrina da Trindade, embora, mesmo assim, o tenham assinado para agradar ao Imperador, apesar da discordância intelectual.

Um deles afirmou: *«Em nada pior se tornou o espírito, com um pouco de tinta».*[66] Referindo-se a esta afirmação, o Professor Gwatkin lamenta-se por não ser uma questão agradável para um historiador. Talvez isto aconteça porque o Professor Gwatkin não escreve como um historiador, mas como um advogado que aceita defender uma causa fraca! Foram estas as pessoas que decidiram, sob a direcção de um Imperador pagão, qual deveria ser a profissão de fé para um Cristão Ortodoxo. O resultado constituiu uma surpresa muito maior para os Trinitaristas do que para os Arianos, uma vez que ninguém previra o caminho que os acontecimentos iriam tomar. A ideia de uma profissão de fé universal foi uma mudança revolucionária de que ninguém gostou. E a introdução de uma condenação directa do Arianismo foi um passo ainda mais grave. Mesmo aqueles que tinham aceitado reconhecer o credo, fizeram-no com apreensão, quando se tratou de assinar a favor de uma expressão que não foi encontrada nas Escrituras e,

---

[66] *Tetradymus*, J. Toland

portanto, sem a autoridade de Jesus ou dos seus seguidores e disseram para si próprios que tinham assinado sob coacção. Nestas condições, o Concílio que fora iniciado com uma grande fanfarra, na realidade falhara completamente no que respeita aos resultados. A única pessoa que tinha conhecimento do que estava a fazer era o Imperador, **pois sabia que não podia ser levado a sério um credo apoiado em votos e não em convicções**. Uma pessoa poderia acreditar em Deus, mas nunca elegê-Lo pelo método democrático. Uma vez que Constantino sabia como e porquê o credo tinha sido assinado e estava decidido a não dar a impressão de que tinha forçado os Bispos a assinarem contra as suas convicções, resolveu recorrer a um milagre de Deus para confirmar e apoiar a decisão do Concílio, utilizando a pilha de Evangelhos — os registos escritos dos ensinamentos de Jesus — que permaneciam no meio do salão, no local onde tinham sido colocados no início do Concílio. Relativamente ao número de versões dos Evangelhos existentes nesta altura há também divergências. De acordo com uma das fontes haveria pelo menos 270, enquanto para outra seriam 4000 Evangelhos diferentes. Mesmo que aceitemos estes valores com o máximo de cautela, por variarem consideravelmente entre si, eles dão uma ideia de quão constrangedora deve ter sido a situação para um Cristão letrado da época. O elaborar um credo contendo ideias que não se encontravam nos Evangelhos e, nalguns casos, contradizendo-as directamente, deve ter tornado estas matérias mais confusas para algumas pessoas, enquanto a continuação da existência dos Evangelhos deve ter sido muito inconveniente para outras.

Decidiu-se então que todos os Evangelhos diferentes fossem colocados debaixo da mesa do salão do Concílio e que, após terem todos abandonado o salão, a porta fosse trancada. **Pediu-se aos Bispos que rezassem durante toda a noite para que a versão correcta do Evangelho passasse para cima da mesa e, de facto, na manhã seguinte, os Evangelhos aceites por Atanásio, o representante de Alexandre, encontravam-se ordenadamente colocados em cima da mesa. Depois, decidiu-se que todos os Evangelhos que continuavam debaixo da mesa fossem queimados. Não há registo de quem guardou a chave do aposento durante essa noite.**

Possuir um Evangelho não autorizado transformou-se num crime capital que deu origem a que mais de um milhão de Cristãos tivessem sido mortos nos anos que se seguiram ao Concílio, o que levou Atanásio a tentar conseguir a unidade entre os Cristãos.

Quando regressaram do Concílio, os Bispos logo esqueceram que tinham assinado o credo e retomaram rapidamente o fio da disputa que tinham abandonado ao serem convocados pelo Imperador, reactivando

a batalha e o antigo conflito. Os apoiantes de Arius não escondiam o facto de não considerarem o credo uma afirmação de um verdadeiro Cristianismo. Talvez apenas Atanásio permanecesse fiel ao Evangelho, pois até os seus apoiantes tinham dúvidas. **No Ocidente o credo era quase desconhecido**.

O Credo de Niceia era ainda estranho para Santo Hilário, trinta anos depois do Concílio se ter efectuado, o que o levou a escrever o seguinte:

«Anatematizamos aqueles que defendemos. Condenamos ou a Doutrina dos outros em nós, ou a nossa nos outros e, reciprocamente, reduzindo-nos uns aos outros a pedaços, tornámo-nos a causa da ruina dos outros. A tradução (do credo) do Grego para o Latim foi imperfeita, pois os termos gregos da filosofia platónica consagrados pela Igreja não foram capazes de exprimir os mistérios da Fé Cristã. As imperfeições verbais das Escrituras podem ter introduzido na teologia latina um grande número de erros ou perplexidades».[67]

Sabinas, outro dos principais Bispos da Trácia, descreve todos os que estiveram presentes em Niceia como uns ignorantes simplórios e considera a fé que lá declararam como tendo sido exposta por pessoas ignorantes e sem qualquer autoridade na matéria. Socritus, o historiador, compara-os a dois combatentes de exércitos travando uma batalha durante a noite, nenhum deles sabendo o significado das palavras usadas pelo outro. O Dr. Stanley escreve que se Atanásio, enquanto novo, tivesse adoptado a moderação que demonstrou quando já era velho, a Igreja Católica não se teria dividido e muito derramamento de sangue teria sido evitado.

Assim, o Concílio em vez de diminuir o abismo existente entre as seitas Cristãs conseguiu aprofundá-lo e a animosidade entre elas aumentou. A natureza da Igreja era tal que soube resistir à razão e à persuasão e aprendeu a eficácia da força, começando com um primeiro grande derramamento de sangue dos Arianos. Os Godos e os Lombardos foram "convertidos" pelos mesmos métodos e o temor pela perda da vida prosseguiu com as Cruzadas. Durante a Guerra dos Trinta Anos na Europa, ficou estabelecido que nem mesmo a crença na Trindade era suficiente: tinha que se obedecer à Igreja. Na época da Reforma a situação era tal, que as acções de Lutero nem sequer pretendiam ser uma tentativa real para regressar aos verdadeiros ensinamentos de Jesus, e apenas demonstravam uma mera luta pelo poder.

---

[67] *Tetradymus*, J. Toland

Retomando os acontecimentos que tiveram lugar imediatamente após o ano de 325 D.C., verificamos que o Bispo Alexandre morreu em 328 D.C., e à sua morte seguiu-se uma eleição tempestuosa na qual Atanásio foi eleito, declarado e consagrado Bispo, apesar da forte oposição demonstrada pelos Arianos e pelos apoiantes de Meletius e da eleição ter provocado disputas. Os opositores queixaram-se de perseguição, intriga política e até mesmo de magia.

Entretanto, na corte de Constantino, a sua irmã Constantina, que amava e temia a Deus, continuou a dar voz à oposição à chacina dos Cristãos, sem nunca tentar esconder o facto de que considerava Arius o represntante do verdadeiro Cristianismo e opondo-se, também, ao tratamento de Eusébio de Nicomédia que tinha sido banido pelo Imperador por causa das crenças que professava. Por fim, levou a sua avante e o regresso de Eusébio foi permitido,.o que constituiu um grande golpe para a facção de Atanásio, pois o Imperador começou, gradualmente, a inclinar-se para o lado de Arius. Quando recebeu a notícia de que a eleição de Atanásio estava a ser disputada, no- meou-o para a capital como novo Bispo. Atanásio, no entanto, desculpou-se e não foi para Constantinopla. Mais tarde, em 335 D.C., foi convocado um Concílio em Tyros para celebrar o trigésimo ano do reinado de Constantino a que Atanásio foi obrigado a comparecer e onde foi acusado de tirania episcopal. A atmosfera estava tão carregada de sentimentos contra ele que o levou a deixar o Concílio, sem esperar para ouvir as decisões que vieram a ser tomadas, tendo sido condenado. Em seguida os Bispos reuniram-se em Jerusalém, onde a condenação de Atanásio foi confirmada e Arius pôde voltar para a Igreja e aceitou receber a comunhão.

O Imperador então convidou Arius e o seu amigo Euzous para irem para Constantinopla. A paz entre Arius e o Imperador ficou assim, virtualmente, completada e para a cimentar os Bispos voltaram a condenar oficialmente Atanásio que, desesperado, decidiu "enfrentar o leão na sua caverna". Veio pessoalmente a Constantinopla onde lhe foi concedida audiência pelo Imperador. Eusébio de Nicomédia esteve presente nesta ocasião, pois sabia bem que a decisão tomada em Niceia tinha sido contrária a Arius por razões políticas. Portanto, em vez de começar um debate eclesiástico que o Imperador de modo nenhum compreenderia, acusou Atanásio de dificultar o abastecimento de milho à capital. Isto apanhou Atanásio completamente de surpresa, pois descobriu que outra pessoa podia também entrar no jogo em que ele era especialista. A acusação foi facilmente provada e Atanásio foi mandado para Trier na Gália. **Arius entretanto foi nomeado Bispo de Constantinopla, mas morreu pouco depois por envenenamento, em 336 D.C.**. A Igreja considerou o acontecimento um milagre, mas o

Imperador, suspeitando de assassínio, nomeou uma comissão para investigar esta morte ocorrida de maneira tão misteriosa e Atanásio acabou por ser considerado responsável e condenado pelo assassínio de Arius. O Imperador, fortemente emocionado pela morte de Arius e sem dúvida influenciado pela irmã, converteu-se ao Cristianismo, tendo sido baptizado por Eusébio de Nicomédia que morreu em 337 D.C.. Constantino, que tinha passado tanto tempo do seu reinado perseguindo aqueles que defendiam a Unidade Divina, morreu na fé daqueles que tinha morto.

Arius desempenhou um importante papel na História da Cristandade, pois representava fortemente, não só os meios pelos quais Constantino finalmente aceitou o Cristianismo, mas também aquelas pessoas que tentaram implicitamente seguir o ensino de Jesus. Numa altura em que a sua Doutrina começava a ficar seriamente apagada e a memória de Jesus, como homem que deu corpo àquela Doutrina, começava a desvanecer-se, Arius destacou-se como alguém que não estava disposto a aceitar o decurso dos acontecimentos com complacência.

Acreditava que Deus era absolutamente Uno, logo, a crença n'Ele era absolutamente verdadeira. Acreditava também que Deus é o Único que não pode ser gerado, o Único eterno, o Único sem princípio, o Único bom, o Único Todo-Poderoso, o Único imutável e inalterável e que o Seu Ser está misteriosa e eternamente escondido de todas as criaturas, pois estas dirigem o olhar apenas para as aparências.

Arius opôs-se a qualquer ideia favorável à humanidade de Deus, tendo implicitamente feito sérias pressões no sentido de que os ensinamentos de Jesus fossem cumpridos. Embora disposto a reconhecer em Jesus todos os atributos compatíveis com a singularidade e a unidade de Deus, recusava-se a admitir qualquer ideia que levasse a acreditar numa Divindade múltipla. Assim, rejeitava todo o dogma que aderisse à Divindade de Jesus.

Uma vez que o atributo de não poder ser gerado, nem admitir descendência, é a própria essência da Divindade, quer em sentido restrito, quer primordialmente, não pode haver nenhum filho de Deus. Se o acto de gerar for atribuído a Deus, dizia Arius, destrói a singularidade de Deus e atribui-lhe uma corporalidade e paixão que são atributos humanos e pressupõem que o Todo Poderoso está sujeito a necessidades, o que não acontece. Desta forma, não é possível de forma alguma atribuir-lhe o acto de gerar.

Arius afirmou também que, uma vez que Jesus é finito, é outro que não Deus, pois Deus é Eterno. É possível visualizar um tempo em que Jesus não existiu, que demonstra mais uma vez, que ele é outro que não

Deus. Jesus não é da mesma essência, mas apenas uma criatura de Deus, igual às outras, embora efectivamente único entre os homens devido à sua natureza de Profeta. Não só não partilha da Essência Divina, como nem sequer compreende a sua. Tem que depender, como todas as outras criaturas, da ajuda da graça de Deus, enquanto Deus não está dependente de nada. Como toda a humanidade, tem livre arbítrio e uma natureza capaz de o levar a actos agradáveis ou desagradáveis para com Deus. No entanto, embora Jesus fosse potencialmente capaz de agir de maneira a desagradar a Deus, a sua virtude impedia-o de o fazer.

Estes princípios básicos da crença de Arius sobreviveram até ao presente, e permanecem o fundamento da fé de muitos Cristãos Unitaristas.

Após a morte de Constantino, em 337 D.C., o Imperador que se lhe seguiu, Constâncio, aceitou também a fé de Arius, e a crença na Divina Unidade continuou a ser oficialmente aceite como Cristianismo Ortodoxo. Numa conferência em Antioquia, em 341 D.C., foi aprovado o Monoteísmo como a verdadeira base do Cristianismo. Esta lei foi confirmada por outro Concílio ocorrido em Sirmium, em 351 D.C., uma vez mais com a cooperação do Imperador então no poder. Assim, o ensino que Arius tinha defendido foi adoptado pela esmagadora maioria dos Cristãos. São Jerónimo escreveu, em 359 D.C. que *«todo o mundo murmurava e estranhava o ser Ariano».*[68] Nos anos que se seguiram, o número de trinitaristas aumentou, mas, em 381 D.C., em Constantinopla, a Doutrina de Arius foi declarada religião oficial do Imperador. No entanto, a Doutrina da Trindade veio pro- gressivamente a ser adoptado como base do Cristianismo no Ocidente. O fenómeno das reuniões "conciliares" e a tomada de resoluções "oficiais" demonstram quanto o Cristianismo Ortodoxo se afastara da Doutrina de Jesus na Europa. Ora Jesus nunca tinha recorrido a este tipo de organização, que era comum dentro das cortes dos governadores. Em 387 D.C., Jerónimo completou a sua famosa Bíblia *Vulgata*. Tratava-se da primeira tradução para Latim de algumas das Escrituras que tinham sido traduzidas para o Grego a partir dos textos hebreus, que incluía o que é hoje conhecido por Antigo Testamento. Esta Bíblia veio a ser a base de todas as outras Bíblias traduzidas para outras línguas e foi adoptada pela Igreja Católica Romana e, mais tarde, pela Protestante, como livro oficial. Uma vez consagrada, todos os outros Evangelhos e Escrituras não incluídos na selecção de Jerónimo acabaram por ser completamente destruídos pelas duas Igrejas.

---

[68] *A History of Christianity in the Apostolic Age*, A.C. MacGiffert

Assim, o contacto com o Jesus "real" continuou a perder-se cada vez mais.

A figura importante que se segue é a do Papa Honório, um contemporâneo do Profeta Muhammad,[69] a paz e a benção de Deus estejam com ele. Honório assistiu ao crescimento do Islamismo, uma Doutrina cujos princípios eram muito parecidos com os de Arius e, ao lembrar-se da recente chacina mútua entre Cristãos, talvez tenha pensado, a partir do que ouvira acerca do Islamismo, que poderia utilizá-lo para sanar as diferenças existentes entre os Cristãos. Por isso, nas suas cartas, começou a apoiar a Doutrina de "um espírito" no interior da Doutrina da Trindade, argumentando que se Deus possuísse três espíritos independentes, a consequência seria o caos. A conclusão lógica, portanto, apontava para a crença na existência do Deus Único.

O Concílio de Chalcedon em 451 D.C., tinha estabelecido que as naturezas de Cristo eram indivisíveis, o que levou Honório a concluir existir uma vontade única em Cristo e a argumentar que Cristo tomara para si próprio uma natureza humana, livre de toda a maldição do pecado original. Ora de acordo com este ponto de vista, Cristo tinha vontade humana e assim, a crença no Deus Único foi, indirectamente, afirmada no interior do Cristianismo de Paulo. O facto deste tipo de controvérsia ter chegado a nascer é uma indicação do elevado grau a que as inovações de Paulo tinham deitado mão e confundido as mentes das pessoas. O Papa Honório morreu em Outubro de 638 D.C.. No mesmo ano, o Imperador Heráclito adoptou, oficialmente, a Doutrina de Honório e deu ordem para *«todos os súbditos do Imperador reconhecerem a natureza única de Jesus».*[70] O Sínodo de Constantinopla, que também ocorreu em 638 D.C., apoiou a Doutrina como *«verdadeiramente concordante com orações Apostólicas».*[71] A Doutrina de Honório não foi, oficialmente, contestada durante cerca de meio século até que em 680 D.C., 42 anos depois da sua morte, se reuniu um Concílio em Constantinopla onde o **Papa Honório foi anatematizado** pois *«não extinguiu a chama do ensino herético logo no início, mas ainda a ateou por negligência»* e, como tal, *«permitiu que a fé imaculada fosse manchada».*[72] **Esta decisão, pela qual o Papa foi denunciado pelo seu sucessor com o apoio da Igreja, é única na história do Papado.**

A Igreja Paulista, ou melhor, a Igreja Católica Romana, como mais tarde veio a ser conhecida, cresceu em tamanho e poder, em grande

[69] "Maomé" no original; galicismo a evitar pois "Muhammad" é a transcrição quase perfeita do termo árabe. [N. do Ed.]

[70] *The Condemnation of Pope Honorius*, John Chapman

[71] *The Condemnation of Pope Honorius*, John Chapman

[72] *The Condemnation of Pope Honorius*, John Chapman

parte devido às associações com os Imperadores Romanos; quanto mais se comprometia, mais se identificava com os que detinham a autoridade. Durante os oito séculos posteriores ao Concílio de Niceia, estabeleceu-se firmemente, erigindo o seu quartel general não em Jerusalém, mas em Roma, e tendo, além disso, adquirido vastas extensões de terreno e propriedades no interior e em redor da cidade, que eram conhecidas como as "Doações de Constantino". Desta forma, tornou-se muito perigoso para qualquer pessoa, divergir da Igreja Católica Romana, que viria a ganhar o apoio do exército imperial e também a estabelecer o seu próprio poder. Após 325 D.C., mais de um milhão de Cristãos foram mortos por não subscreverem a Doutrina da Igreja Católica; foram de facto anos negros e poucas pessoas na Europa ousaram afirmar, abertamente, a Unidade de Deus. **Enquanto a Igreja Católica esteve ocupada em eliminar estes dissidentes chamados "heréticos", os Muçulmanos começaram a tornar-se conhecidos na periferia do mundo Cristão**. Quase todos os seguidores de Jesus no Norte de África reconheceram o Islamismo como uma mensagem adicional do seu Senhor, uma mensagem que vinha directamente ao encontro da Doutrina em que tinham vivido, tornando-se Muçulmanos. Por fim, só na Europa a "Cristandade" permaneceu.

No Vaticano, os responsáveis devem ter-se dado conta da similaridade entre o Islamismo e o Unitarismo pregado por Arius, pois ambas as Doutrinas acreditavam num Deus Único. Ambas aceitavam Jesus como um Profeta que, apesar disso, permanecia Homem. Ambas acreditavam na Virgem Maria e na imaculada concepção de Jesus. Ambas aceitavam o Espírito Santo. Ambas rejeitavam a Divindade que tinha sido atribuída a Jesus. Desta forma, o ódio pelos Arianos virou-se contra os Muçulmanos. Observadas através desta perspectiva, as Cruzadas deixam de ser um fenómeno isolado da história da Igreja, para se tornarem numa extensão do massacre dos Arianos praticado pela Igreja de Paulo.

Durante este período, a Igreja não tolerou qualquer oposição no seu interior e organizou uma entidade, conhecida por **Inquisição**, com o fim de investigar e eliminar o mínimo vestígio de "desvio" contrário às Doutrinas oficiais. Não se conhece, porém, o número exacto de pessoas assassinadas por este grupo, mas certamente um grande número sofreu e pereceu às mãos da referida Inquisição.

Com o aparecimento da Reforma, e a subsequente fundação das Igrejas Protestantes, que também viriam a tornar-se muito poderosas, a Doutrina da Trindade fixou-se ainda com maior firmeza, embora os Protestantes e os Católicos Romanos se opusessem duramente por causa de assuntos tais como a validade do documento que autorizava a

"Doação de Constantino". Mas desde que alguns estudiosos, ao observarem atentamente o documento, descobriram que se tratava de uma falsificação, o Vaticano deixou de se vangloriar. Além disso, a famosa Guerra dos Trinta Anos entre Protestantes e Católicos foi, além do mais, outra indicação de que estas batalhas de uma Igreja contra outra não se travavam com a intenção de implantar a verdadeira Doutrina de Jesus na Terra. Tal como as agressões da Igreja de Paulo aos seguidores de Arius e, mais tarde, aos Muçulmanos, esta guerra demonstrou claramente que a Igreja pretendia apenas o poder. Em todos estes três acontecimentos, a Igreja lutou de modo a fortalecer a sua própria existência como instituição e não de forma a difundir o que Jesus tinha ensinado.

À medida que o Islamismo se expandia, os Cristãos elaboraram uma grandiosa estratégia a fim de atacar os Muçulmanos por ambos os lados, pelo Este e pelo Oeste, com a finalidade de vir a unir forças com um lendário rei Cristão Indiano e, com a sua ajuda, conquistar o mundo inteiro. Aliás, nos seus esforços para alcançar a Índia, Colombo descobriu a América e Vasco da Gama um novo caminho para a Índia e ambas as descobertas se revelaram um empreendimento financeiro altamente lucrativo. Os Cristãos não descobriram o seu lendário rei, nem eliminaram o Islamismo, mas colonizaram grande parte do mundo e, como consequência, os respectivos chefes e comerciantes enriqueceram muito. Apesar do tremendo poder que detinham, nem a Igreja Católica, nem a Protestante foram capazes de destruir a crença na Unidade Divina, pois quer se tenha vindo a chamar Arianismo, Socianismo ou Unitarismo, a crença Unitária sobreviveu no seio do movimento Cristão até aos nossos dia, como o demonstram as pequenas biografias dos seus mais distintos aderentes relatadas no capítulo seguinte.

MODERNOS UNITARISTAS DO CRISTIANISMO

Michael Servetus (1511-1553)

Michael Servetus nasceu em 1511, em Villanueva, Espanha, filho de um juíz local e viveu num período de inquietação da Igreja oficial, numa altura em que todos questionavam a natureza do Cristianismo. Em 1517, tinha Servetus seis anos, Martinho Lutero começou a revoltar-se contra a Igreja Católica Romana, tendo sido excomungado e tornando-se assim no chefe da nova religião "protestante" reformada. Este movimento, hoje conhecido por Reforma, alastrou como um fogo selvagem, e mesmo aqueles que não concordavam com Lutero foram forçados a dispensar-lhe alguma atenção. A par deste conflito, havia ainda outro, mais próximo. Embora, os Muçulmanos e os Cristãos tivessem outrora vivido em boas relações, os resultados das Cruzadas no Oriente fizeram com que os Cristãos passassem a enraivecer-se contra os Muçulmanos, em Espanha. A organização conhecida por **Inquisição Espanhola** passou então a exigir a todas as pessoas não Cristãs a conversão ao Catolicismo Romano e qualquer descuido no cumprimento da face visível dos rituais tinha como resultado a aplicação de castigos severos, senão mesmo a morte.

À medida que crescia e se informava, o jovem Servetus ia ficando cada vez mais horrorizado com o derramamento de tanto sangue. Havia grandes comunidades de Muçulmanos e de Judeus no país, que apenas conseguiam escapar à justiça se confessassem, publicamente, a sua adesão à fé dos Católicos Romanos e aceitassem a fórmula da Trindade. Imagine-se o espanto de Servetus quando, depois de ter examinado cuidadosamente a Bíblia, **descobriu que a doutrina da Trindade de forma alguma fazia parte dos ensinamentos de Jesus**. Servetus descobriu ainda que a Bíblia nem sempre confirmava o que estava a ser ensinado pela Igreja. Assim, apenas com vinte anos, decidiu dizer a verdade ao mundo, tal como ele a tinha descoberto, ou seja, que se os Cristãos aceitassem a existência de Um Único Deus, desapareceria a causa do conflito que existia entre os Cristãos e os Muçulmanos, e as duas comunidades poderiam passar a viver juntas e em paz. Este jovem sensível, mas inexperiente, com a imaginação inflamada

pelo entusiasmo, pensou que tal objectivo seria facilmente atingido com a ajuda dos chefes da Reforma que, afinal, se tinham já afastado da Igreja Católica. As novas Igrejas Protestantes tornar-se-iam Unitaristas e, com a sua ajuda, Cristãos, Muçulmanos e Judeus seriam capazes de viver juntos e em paz. Desta forma, tornar-se-ia possível um mundo tolerante, baseado num Deus único, o "Pai" da família dos homens.

Servetus era demasiado novo para compreender que o espírito dos chefes da Reforma ainda estava preso a uma falsa metafísica, e só mais tarde viria a descobrir que Lutero e Calvino, temendo que a Reforma fosse longe demais, nunca poderiam vir a apoiar a sua crença na Unidade de Deus. De facto, os chefes da Reforma, embora tivessem abolido um certo número de cerimónias da Igreja Católica, tiveram medo de redescobrir os ensinamentos originais de Jesus, pois estes viriam aumentar as suas dificuldades e provocar uma diminuição do poder e da reputação que detinham. Talvez não estivessem conscientes do quanto as práticas da Igreja Católica Romana se tinham afastado da vida que Jesus levara e, por isso, tiveram muito trabalho para conter a Reforma no seio da Ortodoxia Católica. A sua luta era mais contra a organização romana do que contra a sua teologia e dirigia-se, particularmente, contra as pessoas que governavam a Igreja. As crenças de Servetus passaram a constituir uma ameaça para ambas as organizações, e assim, ironicamente, o seu apelo aos Reformistas apenas os levou a unirem forças com a Igreja Católica de forma a protegerem os interesses comuns. Mas Servetus não compreendeu o que se estava a passar.

Convencido de que o Catolicismo Romano não era a verdadeira religião de Jesus, Servetus depositara enormes esperanças nos chefes da Reforma. A crença na doutrina da Trindade fora destruida pelo estudo, que o levou a acreitar num Deus Único, tendo em Jesus o seu Profeta. Esta convicção tornou-se ainda mais forte, quando testemunhou a coroação do Imperador Carlos V de Espanha, realizada pelo Papa. Em 1527, Carlos V invadiu e saqueou Roma e, a princípio, aprisionou o Papa; porém, quando compreendeu a vantagem de ter um Papa como aliado — pois um Papa cativo dificilmente influenciaria as pessoas segundo a sua vontade — voltou a conceder-lhe algumas liberdades. Além disso, a fim de demonstrar que ambos mantinham boas relações, decidiu fazer-se coroar pelo Papa, o que, rigorosamente falando, não era necessário, pois era como fazer um casamento pela Igreja, depois de uma cerimónia civil. Os antecessores do Rei tinham acabado com esta prática, mas Carlos V pensou que era já suficientemente poderoso e o Papa suficientemente fraco, para a revivificar. A cerimónia realizou-se, não em Roma, mas em Bolonha, de acordo com a

crença popular, "Onde está o Papa, está Roma." Servetus testemunhou então esse espantoso espectáculo, que o encheu de repulsa pela Igreja Católica, levando-o a fazer a seguinte descrição do acontecimento:

«Com os meus próprios olhos vi-o (o Papa) levado em ombros, com pompa de príncipes, fazendo com a mão o sinal da cruz e adorado nas ruas por todas as pessoas, que se ajoelhavam; de tal forma que todos os que eram capazes de lhe beijar os pés ou as sandálias se consideravam mais afortunados do que os outros e declaravam ter obtido muitas indulgências e que, devido a isso, as suas dores infernais lhes seriam retiradas por muitos anos. Oh! Mais malvada das criaturas, mais descarada das meretrizes».[73]

Nestas condições, Servetus mantinha as suas esperanças nos chefes da Reforma, pois tinha a certeza de que se conseguisse fazê-los ver o erro da doutrina da Trindade, eles abandonariam a sua crença neste dogma, equívoco este que viria a custar-lhe a vida. Entretanto, Servetus deixou Espanha e passou a residir em Toulouse, onde estudou medicina, acabando por obter o diploma de médico, em 1534. Nos anos que se seguiram, rapidamente se tornou num médico trabalhador, embora, durante todo este tempo, tivesse dirigido a atenção no sentido de restabelecer a pureza do Cristianismo. Assim, nunca ficou muito tempo em qualquer lugar; pelo contrário, viajou para longe à procura de pessoas com espírito suficientemente aberto para ouvirem aquilo que ele afirmava ser o verdadeiro Cristianismo, tal como tinha sido ensinado por Jesus.

A seguir, Servetus foi para Basileia a fim de se encontrar com o então famoso Oeclompadius, que era um dos chefes da Reforma com quem teve vários encontros, centrando-se a conversa, basicamente, nas duas naturezas de Cristo. Servetus negou a crença de que Jesus tinha uma existência anterior à criação do mundo e fez notar que os Profetas judeus sempre tinham falado do "Filho de Deus", usando o verbo no futuro. No entanto, em 1530, quando constatou que as sua ideias não eram aceites pelos Protestantes na Suiça, deixou Basileia. Tal verificação constituiu para ele um grande choque, uma vez que, ao contrário da França Católica, esperava que os Protestantes prestassem maior atenção ao que ele tinha para dizer acerca de Jesus e dos seus ensinamentos. Partiu para Estrasburgo apenas para descobrir que lá não conseguiria ganhar a vida. Devido à sua ignorância da língua alemã, Servetus não teve possibilidade de praticar medicina e, como tal, foi forçado a ir para Lyon. Após sair de Espanha, Servetus continuou a corresponder-se com Calvino, ainda por muito tempo, mas durante este

---

[73] *The Hunted Heretic*, R. H. Bainton

período nunca recebeu qualquer resposta positiva da parte deste, que não estava de maneira nenhuma interessado em adoptar os ensinamentos de Jesus, querendo apenas permanecer o chefe do seu movimento. Uma vez que falharam todas as tentativas que fizera para influenciar as pessoas através do contacto pessoal, Servetus imprimiu as suas ideias num livro a que charmou, *Os Erros da Trindade*, e que foi publicado em 1531. No mesmo ano, publicou ainda um outro livro intitulado, *Dois Diálogos sobre a Trindade* que, juntamente com o primeiro, inflamou toda a Europa, pois não havia memória de que alguém tivesse alguma vez ousado escrever um livro tão audaz. Como consequência, a Igreja passou a perseguir Servetus em todos os lugares, de modo que foi forçado a mudar de nome, embora não tivesse mudado as ideias que defendia. Desta forma, de 1532 até à morte, ele viveu com um nome falso. Servetus parecia continuar a ter uma fé infantil em Calvino, um homem que, depois de ler os seus livros, deixou crescer um forte sentimento de antipatia por este jovem presunçoso, que se atrevia a ensinar-lhe teologia. Apesar disso, Servetus continuou a escrever a Calvino, cuja fúria aumentou ainda mais quando deu conta de que Servetus se recusava a aceitar as ideias protestantes. Os chefes do movimento protestante começaram então a temer que as ideias deste jovem entusiasta se tornassem conhecidas do povo e provocassem um retrocesso na expansão do movimento. Temiam ainda que a Igreja Católica intensificasse a sua perseguição, caso as duas doutrinas se afastassem demasiado uma da outra. De resto, Servetus, em vez de convencer os Protestantes das suas teses, forçou-os a adoptarem o dogma da Trindade ainda com maior fervor e, nestas circunstâncias, Lutero veio a condená-lo publicamente em 1539.

Durante este período, Servetus continuou a praticar medicina, tornando-se um médico muito popular e, não obstante o facto de esta profissão ocupar muito tempo, encontrou ainda disponibilidade para supervisionar a impressão de uma Bíblia, que foi publicada em 1540, e para a qual escreveu um prefácio onde perguntava se um texto da Escritura poderia ter mais do que uma acepção. Calvino respondeu com uma afirmativa, mas Servetus não concordou com ele. **Hoje, a Igreja Calvinista aceita exactamente o mesmo princípio de interpretação que Calvino alegara ser uma das maiores ofensas de Servetus contra a Ortodoxia**. Servetus afirmou que estava a seguir as ideias defendidas pelos primeiros Apóstolos, aqueles que tinham pertencido à Escola do Cristianismo de Antioquia.

É reconfortante descobrir que no período mais aceso desta amarga controvérsia, Servetus encontrou refúgio e paz em casa do seu velho amigo Peter Palmier, então Arcebispo da Igreja Católica Romana de

Viena, onde viveu treze anos gozando de liberdade para exercer medicina e tornando-se um médico muito conhecido. Aliás, foi uma das primeiras pessoas na Europa a escrever acerca do princípio da circulação do sangue e escreveu igualmente um livro de Geografia. Apesar das ocupações literárias, os assuntos respeitantes ao Cristianismo estiveram sempre no centro da sua atenção, continuando a escrever a Calvino, ainda na esperança de o convencer da veracidade das suas ideias, mas Calvino rejeitou com intransigência as crenças expressas nas cartas de Servetus. Este, então, recusou-se a aceitar o *obiter dicta* de Calvino, na época considerado como o mais importante pensador da religião Protestante, de tal maneira que Calvino exprimiu o seu aborrecimento por Servetus se atrever a desafiar as regras protestantes em matéria de religião. Por seu lado, Servetus recusou-se a aceitar Calvino como uma autoridade indiscutível em religião, ao que Calvino respondeu furioso, tendo-lhe Servetus, por sua vez, respondido com sarcasmo. Pela mesma época, Servetus escreveu outro livro intitulado, *A Restauração do Cristianismo*, e enviou uma cópia do manuscrito a Calvino. Quando o livro foi publicado apresentava sete capítulos, o primeiro e o último dos quais inteiramente dedicados às doutrinas do Cristianismo. O 5º capítulo continha cópias de trinta cartas que faziam parte da correspondência trocada entre os dois e onde Servetus expunha o facto de que, quaisquer que fossem os méritos que Calvino pudesse possuir, faltava-lhe o que é conhecido por humildade Cristã. Na sequência da publicação do livro, Servetus foi outra vez condenado por ambas as Igrejas, a Católica e a Protestante, que uniram esforços para destruir completamente a obra, conseguindo ser tão bem sucedidas que hoje **apenas se conhecem duas cópias**. Aliás, em 1791, foi publicado um fac-símile do livro, mas as suas cópias foram também destruídas. Numa carta escrita em 1546, Calvino ameaçava Servetus dizendo que se este alguma vez fosse a Genebra não lhe seria possível escapar com vida. Servetus não pareceu acreditar nisso, mas Calvino era homem de palavra e quando, mais tarde, Servetus foi a Genebra e o visitou, ainda convencido de que um entendimento de ideias seria possível, Calvino fez com que Servetus fosse preso pelos Católicos Romanos acusado de heresia e lançado para a prisão. Todavia, Servetus tinha-se tornado um médico tão popular, que conseguiu escapar da prisão com a ajuda de alguns dos seus antigos pacientes, tendo decidido ir para Nápoles por uma estrada que passava por Genebra. Embora pensasse que estava suficientemente disfarçado para escapar à detenção, enganou-se e, enquanto atravessava a cidade, foi reconhecido e mais uma vez preso; desta vez não conseguiu escapar, tendo sido considerado culpado de heresia, num julgamento que decorreu, em parte, como se segue:

«Servetus confessa que no seu livro chamou aos crentes na Trindade, Trinitários e Ateus. Chamou a esta Trindade um monstro diabólico com três cabeças... Chamou ao baptismo da criança uma invenção do diabo e feitiçaria... Isto implicou o assassínio e ruína de muitas almas. Além disso, juntamente com outras missivas e entre numerosas blasfémias, escreveu uma carta a um dos ministros onde declarava que a nossa religião evangélica é desprovida de fé e de Deus e que em vez de Deus temos um Cérbero de três cabeças. Dirigindo-se a Servetus, o Tribunal diz : "tu não tens vergonha nem horror em te colocares contra a Divina Majestade da Santíssima Trindade e portanto tentaste obstinadamente infectar o mundo com o teu veneno herético... por estas e outras razões desejando purgar a Igreja de Deus de tal infecção e cortar o membro podre... nós agora, por escrito, damos a sentença final e condenamos-te, Michael Servetus a seres levado para a Capela e aí atado a um poste e queimado com os teus livros até às cinzas. E assim acabarás os teus dias e servirás de exemplo a outros que pretendam fazer o mesmo"».[74]

A 26 de Outubro de 1553 Servetus foi amarrado ao tronco de uma árvore bem fixa na terra, com os pés mal tocando o chão e com a cabeça coberta por uma coroa de folha e palha polvilhados com enxofre. Empilharam à volta das suas pernas toros de madeira misturados com feixes de carvalho ainda em folha, e o seu corpo foi amarrado a um pau com uma corrente de ferro e uma corda torcida à volta do pescoço.

Então, acenderam o lume de forma a atormentá-lo, sem o queimar severamente. Vendo isto, alguns assistentes sentiram compaixão por ele e deitaram mais combustível de forma a acabar mais rapidademente com a sua miséria. De acordo com uma testemunha ocular, Servetus esteve a agonizar durante quase duas horas antes de morrer. Uma cópia de *Os Erros da Trindade* tinha sido amarrada à sua cintura antes da madeira ser incendiada. Diz-se que alguém salvou o livro e que este, meio queimado, ainda existe. Celsus diz que a serenidade de Servetus no meio do fogo induziu muitos homens a aderirem às suas crenças. Calvino, por sua vez, queixou-se do facto de haver tantas pessoas a estimarem e venerarem a sua memória. E Castillo, um seguidor de Servetus, afirmou: *«matar um homem não prova uma Doutrina».*[75] Anos mais tarde, a população de Genebra lembrá-lo-ia, erguendo uma estátua não a Calvino, mas ao homem por cuja morte este fora responsável. Cowper, por sua vez, escreveu as seguintes linhas:

---

[74] *A History of Unitarianism*, E. M. Wilbur

[75] *Challenge of a Liberal Faith*, G. N. Marshall

Eles vivem no anonimato
Até a perseguição os arrastar para a fama
E os seguir até ao céu. As suas cinzas voaram.
Nenhum mármore nos revela o destino. Com os seus nomes,
Nenhum bardo embala e santifica a sua canção.
E a história tão entusiasta por temas insignificantes
É reservada neste.[76]

A morte de Servetus não foi, de modo algum, um incidente isolado. Nesta altura, este género de coisas acontecia por toda a Europa, tal como vem referido na seguinte passagem do *Nascimento da República Holandesa*:

«No dia 15 de Fevereiro de 1568, uma sentença do Santo Ofício condenava todos os habitantes dos Países Baixos a morrerem como heréticos. Desta maldição universal escapou apenas um pequeno número de pessoas com nomeação especial. Dez dias depois, o Rei Filipe II de Espanha ditou uma proclamação confirmando o decreto da Inquisição e ordenando que fosse imediatamente executado... Três milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças foram sentenciadas ao cadafalso, em três linhas. Com o novo decreto, as execuções não abrandaram. Homens das mais altas e das mais humildes posições sociais eram diariamente e de hora a hora arrastados para a fogueira. Alva, numa única carta dirigida a Filipe II, calcula o número de execuções que iriam ter lugar logo após a Semana Santa em "oitocentas cabeças"».[77]

Alguns dos excertos de *Os Erros da Trindade* que provocaram tão violentas acções são os seguites:

«Os filósofos inventaram uma terceira pessoa, em separado, verdadeiramente distinta das outras duas, a que chamaram a terceira Pessoa, ou o Espírito Santo e assim forjaram uma Trindade imaginária, três seres numa só natureza. Mas na verdade três Deuses, ou um Deus triplo, são-nos impingidos com fingimento e em nome da Unidade... Para eles é fácil, tomando as palavras no seu sentido rigoroso, afirmar que existem três seres e dizer exacta, simples e realmente, que são diferentes e distintos e, no entanto, um nasceu do outro e outro foi inspirado pelos outros dois e, no entanto, os três estão confinados a uma vibração. Uma vez que não desejo usar mal a palavra Pessoas, chamar-lhes-ei primeiro, segundo e terceiro ser, pois nas Escrituras não encontrei nenhum outro nome para tais seres... Portanto, ao admitirem estes três, a quem à sua maneira chamam Pessoas, eles

[76] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace
[77] *Rise of the Dutch Republic*, Motley

passam livremente a admitir também uma pluralidade de seres, de entidades, de Essências, de substâncias e, tomando rigorosamente a palavra Deus, eles terão uma pluralidade de Deuses.»

E continua:

«Sendo assim, então porque são os Trinitaristas acusados, quando dizem que existem três Deuses, pois também concebem três Deuses ou Um em triplicado. Estes seus Deuses em triplicado formam uma substância compósita. E, embora alguns não usem a palavra, subentendendo que os três foram colocados juntos, usam no entanto uma palavra indicando que eles foram constituídos juntos, e que Deus é constituído por três seres. É, portanto, claro que são Trinitaristas e que nós temos um Deus em triplicado. Tornámo-nos Ateus, homens sem Deus. Pois ao pensarmos em Deus viramo-nos para três fantasmas, de forma que não resta nenhuma unidade na nossa concepção. O que mais existe sem Deus, mas não é capaz de pensar em Deus, quando está sempre presente na nossa compreensão uma espécie de confusão assombrada com três seres, pelos quais seremos sempre levados a supor que estamos a pensar em Deus... Eles parecem estar a viver num outro mundo, enquanto sonham com essas coisas para o reino dos céus que não conhece nada disso e, por outro lado, desconhecem que a Escritura fala do Espírito Santo».

E Servetus acrescenta:

«O quanto esta tradição da Trindade, ai de mim, tem sido motivo de riso dos Maometanos[78]*, só Deus sabe! Os Judeus também se coibem de aderir a esta nossa fantasia e riem da nossa patetice acerca da Trindade e, por causa das suas blasfémias, não acreditam que este é o Messias prometido na Lei. E não só os Maometanos e os Hebreus, mas as próprias bestas do campo se ririam de nós se compreendessem a nossa excêntrica noção, pois todas as criaturas do Senhor abençoam o Deus único.*

... Esta praga ardente foi, portanto, aumentada e imposta como tal pelos novos deuses que apareceram recentemente e que os nossos pais não adoraram. E esta praga da filosofia foi-nos trazida pelos Gregos, pois eles, acima de todos os homens, são os mais dados à filosofia; e nós, seguindo-lhes os passos, tornámo-nos filósofos embora eles nunca tenham compreendido as passagens da Escritura que alegaram, respeitantes a esta matéria».

---

[78] Ou, mais correctamente, "Muçulmanos", palavra que tem subjacente o sentido de *submissão a Deus*, e não o de adoração do Profeta. [N.Ed.]

Servetus também realçou aquilo que considerava ser a verdadeira natureza de Jesus:

«Há quem se escandalize por eu chamar a Cristo, o Profeta, e porque eles não lhe dão esse epíteto, imaginam que todos os que o fazem estão conotados com o Judaísmo ou o Maometismo,[79] *não obstante o facto de, tanto as Escrituras, como os escritores antigos, o terem também apelidado de Profeta».*[80]

Michael Servetus era um dos mais conhecidos críticos da Igreja institucionalizada do seu tempo e, esse facto, granjeou-lhe a distinção singular de ser queimado vivo pelos Católicos, com a ajuda dos Protestantes. Reuniu em si tudo o que havia de melhor na Renascença e na Reforma e esteve perto de atingir o ideal da sua época que seria um "homem universal" com um conhecimento "pansófico". Servetus era proficiente em medicina, geografia, ensino da Bíblia e teologia e essa diversidade de conhecimentos deu-lhe uma visão de conjunto que não era permitida a homens menos instruídos do que ele. Talvez a parte mais significativa da sua vida tenha sido a luta que travou contra Calvino e que era, certamente, um conflito pessoal, mas mais do que isso, era uma rejeição da Reforma. O movimento reformista estava preparado para alterar a forma, mas não o conteúdo de uma Igreja decadente. Custou-lhe a vida, mas embora Servetus tenha morrido, a sua crença na Unidade Divina sobreviveu e ele é, ainda hoje, considerado por muitos como "*o fundador do Unitarismo moderno*".

Nem todos os que partilhavam as crenças de Servetus partilharam igualmente o seu destino, como se vê pela carta que se segue, de Adam Neuser, que foi seu contemporâneo. Foi dirigida ao chefe dos Muçulmanos em Constantinopla, o Imperador Selim II e está incluída nas "*Antiquities Palatinae*" que se encontram, actualmente, nos Arquivos de Heidelberg.

«Eu, Adam Neuser; um Cristão nascido na Alemanha e promovido à dignidade de Pregador do povo de Heidelberg, uma cidade onde se encontram os homens mais sábios da Alemanha de hoje, procuro refúgio junto de Vossa Majestade, e com uma profunda submissão Vos peço, pelo amor de Deus e do Vosso Profeta, que esteja na paz de Deus, para me receberdes entre o número dos vossos súbditos e aqueles de entre o vosso povo que acreditam em Deus. Pois pela graça de Deus Omnipotente, vejo, sei e

[79] Pelas razões apontadas na nota anterior, seria mais correcto falar-se de "Islamismo" e não de "Maometismo", pois o Profeta Muhammad (que a paz esteja com ele), não foi autor mas 'veiculador' da Palavra de Deus. [N.Ed.]

[80] *The Epic of Unitarianism*, D. B. Parke, pp. 5-6

acredito de todo o coração, que a vossa Doutrina e Religião são puras, claras e aceites por Deus. Estou firmemente persuadido de que a minha retirada de entre os Cristãos idólatras irá fazer com que muitas pessoas de consideração adiram à vossa crença e religião, sobretudo porque muitos dos homens mais sabedores e considerados de entre eles partilham os meus sentimentos, como eu informarei vossa Majestade de viva voz. No que me diz respeito, sou certamente um dos que são referidos no XIII capítulo [81] *do Alcorão: os Cristãos mostram mais boa vontade para connosco do que os Judeus; e os seus Padres e Bispos, desde que não sejam imprudentes e teimosos, compreendem os mandamentos dados pelo Profeta e por Deus e, portanto, reconhecem a verdade, e dizem, com lágrimas nos olhos, "Ó Deus! Temos esperança nos nossos corações de que uma vez que acreditamos nas mesmas coisas que as boas pessoas fazem, Tu decidirás igualmente fazer-nos entrar na comunhão: porque não havemos nós de acreditar em Deus, Aquele que nos é manifestado pela Verdade?"*

Certamente, Ó Imperador! Eu sou um dos que lêem o Alcorão com agrado. Sou um dos que desejam ser do vosso Povo e testemunho perante Deus que a Doutrina do vosso Profeta, que esteja na paz de Deus, é indubitavelmente Verdade. Por esta razão suplico humildemente a vossa Majestade, pelo amor de Deus e do vosso Profeta, que tenha a bondade de me ouvir e saber de que maneira o Deus da Misericórdia me revelou esta Verdade . Mas, antes de mais, vossa Majestade deve estar completamente certa de que eu não recorro à vossa protecção, como é costume de alguns Cristãos, que por causa dos seus crimes, roubos, assassínios ou adultérios não podem viver em segurança entre as pessoas da sua Religião. Pois eu resolvi há mais de um ano pedir-vos refúgio e segui no meu caminho até Presburg, mas não compreendendo a língua húngara não pude avançar mais, e contra a minha vontade fui obrigado a voltar ao meu país o que não me teria aventurado a fazer se tivesse fugido por algum crime. Além disso nada me obriga a abraçar a vossa Religião, pois quem me poderia forçar a isso sendo desconhecido do vosso povo e sendo tão grande a distância entre nós?

Vossa Majestade não deve portanto colocar-me entre o número daqueles Cristãos que, sendo conquistados e aprisionados pelos vossos súbditos, abraçam a vossa Religião, mas porque não o fazem com sinceridade, fogem e renunciam à verdadeira fé assim que têm oportunidade. Portanto, eu suplico novamente a vossa Majestade para prestar atenção ao que vou dizer e para estar informado do verdadeiro percurso da minha retirada para o vosso domínio.

Tendo sido promovido à dignidade de Pregador, na famosa Universidade de Heidelberga, pelo Eleitor Palatine que, a seguir ao Imperador, é o

[81] Trata-se, na verdade, de uma tradução livre do Capítulo (ár. *Surah*) 5, versículos 82-84, (e não do Capítulo 13). Confira a versão portuguesa do Sagrado Alcorão de Yiossuf Adamgy. [N.Ed.]

príncipe mais poderoso da Alemanha, começei a ponderar atentamente comigo próprio as diversas dissensões e divisões existentes na nossa religião Cristã: pois tantas são as pessoas entre nós, quanto o número de opiniões e sentimentos. Começei a afastar-me de todos os Doutores e intérpretes das Escrituras que escreveram e ensinaram desde a época do Profeta Jesus Cristo, guiando-me apenas pelos mandamentos de Moisés e pelo Evangelho. Então, chamei por Deus com grande zelo religioso e rezei-Lhe para que me mostrasse o caminho certo, para que eu não corresse o perigo de me enganar a mim e aos que me ouviam. Então, quis Deus revelar-me os "Artigos da Invocação de Um Deus Único", sobre o qual escrevi um livro provando que a Doutrina de Jesus Cristo não consistia em afirmar que ele próprio era um Deus, como os Cristãos erroneamente alegam: mas que existe apenas um Deus que não tem nenhum filho consubstancial a Ele. Dediquei este livro a vossa Majestade e estou certo de que nem os homens mais capazes entre os Cristãos são capazes de o refutar. E, portanto, devo eu associar a Deus um outro Deus como Ele? Moisés proibiu-o e Jesus Cristo nunca o ensinou. Depois, fortalecendo-me de dia para dia pela graça de Deus, e compreendendo que os Cristãos fazem mau uso de todos os benefícios de Jesus Cristo, como anteriormente os Judeus abusaram da serpente de bronze... Concluí que nada de puro pode ser encontrado entre os Cristãos e que tudo o que têm é falso, pois perverteram com falsas interpretações quase todos os escritos de Moisés e do Evangelho, o que eu mostrei num livro escrito pelo meu próprio punho e que apresentarei a vossa Majestade. Quando digo que os Cristãos falsificaram e corromperam os mandamentos de Moisés e do Evangelho, refiro-me apenas às palavras e ao seu sentido. Quanto à doutrina de Moisés, de Jesus e de Maomé concordam em tudo e não são contrárias em nada... o Alcorão dá um testemunho muito positivo de Moisés e de Jesus Cristo, mas insiste principalmente no facto de os Cristãos terem corrompido os mandamentos de Moisés e do Evangelho de Jesus Cristo com falsas interpretações. Na verdade, se a Palavra de Deus fosse fielmente interpretada, não haveria diferenças entre os Judeus, os Cristãos e os Turcos. Assim, o que o Alcorão tantas vezes repete é verdade. A doutrina de Maomé destrói todas as interpretações falsas das Escrituras e ensina o verdadeiro sentido da Palavra de Deus...

Depois disto, pela graça de Deus compreendi que não havia senão um só Deus e observei que a doutrina de Jesus Cristo não estava a ser ensinada como devia, pois todas as cerimónias dos Cristãos eram muito diferentes das que tinham sido praticadas nas primeiras instituições. Comecei a pensar que era o único homem no Mundo com esta opinião. Não tinha conhecimento do Alcorão e entre nós, Cristãos, há o cuidado de espalhar por todo o lado boatos tão infames e escandalosos contra tudo o que se refere às doutrinas de Maomé, que as pobres pessoas que são levadas a acreditar nas coisas como verdadeiras enchem-se de pavor e perdem a cabeça ao ouvir o

nome do Alcorão. Apesar disso, quis a Divina Providência que o Livro viesse parar às minhas mãos pelo que dou graças a Deus. A Deus eu digo, quem sabe como nas minhas orações eu O invoco por vossa Majestade e por todos aqueles que vos pertencem. Procurei por todos os meios transmitir este conhecimento das verdades aos meus Auditores e, no caso de não aceitarem esta doutrina, resolvi pedir aos Eleitores para abandonar o meu ofício e me retirar para vós. Começei a atacar através da discussão, em todas as Igrejas e nas escolas, alguns pontos da nossa doutrina e obtive o que desejava: Pois conduzi o assunto até um tal ponto, que ficou conhecido em todos os Estados do Império e trouxe muitos homens de sabedoria para o meu lado. Então, o Eleitor (temendo uma invasão do imperador Maximiliano) ...depôs-me...».[82]

Esta carta caíu nas mãos do imperador Maximiliano. Neuser foi preso juntamente com os seus amigos, incluindo Sylvan e Mathias Vehe que foram também mandados para a prisão. No dia 15 de Julho de 1570, Neuser escapou mas foi preso de novo. Escapou uma segunda vez, mas foi novamente apanhado. O julgamento prolongou-se por dois anos e foi decidido cortar a cabeça a Sylvan. Então Neuser escapou outra vez, mas desta feita conseguiu chegar a Constantinopla e abraçou o Islão.

Francis David (1510-1579)

Francis David nasceu em Kolozsar, na Transilvânia, em 1510. Foi um estudante brilhante, tendo ganho uma bolsa para estudar em Wittenberg onde, durante quatro anos, se preparou para o episcopado Católico. Quando voltou a Kolozsar, foi indigitado para reitor de uma escola Católica: mas, entretanto, abandonou a escola Católica, passando a aceitar a Protestantismo e, em 1555, tornou-se reitor da Escola Luterana. Quando a separação entre Calvino e Lutero estalou no interior do Movimento Reformista, David juntou-se à parte Calvinista. Sendo ainda jovem a Reforma, o espírito inquisitorial não estava completamente instalado e havia uma atmosfera em que era permitida a discussão de todos os aspectos do Cristianismo. A Igreja Reformista não tinha adoptado ainda uma doutrina definitiva e havia lugar para o livre pensamento e, nesta situação, era possível gozar de uma liberdade de opinião que permitia que cada indivíduo apenas tivesse que dar contas a Deus.

[82] *Treatises Concerning the Mohametons,* A. Reland, pp. 215-223

Os dois dogmas que causaram mais confusão no pensamento do público em geral, e que pediam explicações racionais, eram o da *Divindade de Jesus* e o da *Trindade*. A mente de David andava inquieta com estes inexplicáveis artigos de fé, pois na verdade ele não conseguia perceber porque é que as pessoas que acreditavam nestes mistérios, sem tentar percebê-los, eram consideradas como se fossem os melhores Cristãos. David não estava preparado para seguir cegamente uma fé e, a pouco e pouco, foi chegando à conclusão de que Jesus não era Divino, e começou mesmo a afirmar a existência de um Deus Único. Na Polónia, esta crença já tinha numerosos aderentes, tendo-se constituído um grupo com dois chefes: Blandrata, o médico da corte, um homem chamado Socianus. E enquanto David estava ainda a formular esta ideia de fé, o Rei John da Transilvânia caíu à cama e chamou Blandrata para o tratar. David e Blandrata conheceram-se durante a estadia deste na corte, o que contribuíu definitavamente para que David aceitasse a crença num Deus Único como verdadeira base do Cristianismo. Em 1566, David fez uma confissão de fé que esclarecia a situação do dogma da Trindade à luz do que a Bíblia, de facto, dizia, desfazendo o conceito escolástico de Pai, Filho e Espírito Santo. Blandrata, por seu lado, publicou um folheto no qual formulava sete proposições que refutavam decididamente estas doutrinas, quer positiva, quer negativamente. No mesmo ano, seguindo as recomendações de Blandrata, o Rei John designou David como pregador da corte e foi nessa qualidade que veio a ser o orador do partido Unitarista, nos debates nacionais que o rei mandou convocar, a fim de que os assuntos religiosos da época fossem clarificados. David revelou-se então um orador incomparável, alguém que, como disse um contemporâneo, *«parecia ter o Novo Testamento na ponta da língua»*. [83]

Durante o reinado de John, os debates mais importantes efectuaram-se em Gyualafehervat, em 1566 e 1568, e em Nagyvarad, em 1569. O primeiro debate não foi conclusivo, no entanto, o rei ficou tão impressionado com os argumentos avançados por Blandrata e David que, em 1567, promulgou um decreto de tolerância religiosa onde declarava o seguinte:

«...em todos os locais os pregadores deverão pregar e explicar o Evangelho de acordo com o seu entendimento e, se a congregação gostar, tudo bem; senão, ninguém os deve compelir, e deverão ficar com o pregador cuja doutrina aprovem. Ninguém deve aborrecer ou molestar o pregador... ou permitir prisões e castigos... pelos seus ensinamentos, pois a fé é um atributo de Deus».[84]

[83] *Francis David*, W. C. Ganett
[84] *Francis David*, W. C. Ganett

O segundo Sínodo, realizado em 1568, foi convocado por forma a estabelecer se as doutrinas da Trindade e da eterna Divindade de Jesus tinham sido ensinadas pelas Escrituras e David, que era um orador muito bom e convincente, não foi desacreditado. Quando os seus oponentes compreenderam que estavam a perder o debate recorreram à calúnia, o que apenas serviu para convencer o rei de que os argumentos de David eram genuínos. O debate prolongou-se por dez dias e oficializou o Unitarismo como a fé popular e David como seu vencedor. Ao longo deste período, os livros e publicações de Michael Servetus, que tinham sido quase completamente destruídos, foram levados às escondidas para a Transilvânia e traduzidos para a língua local. Desta maneira tiveram grande divulgação, o que serviu para fortalecer o movimento Unitarista na Europa Oriental.

O terceiro Sínodo, realizado na Hungria, em 1569, foi considerado, segundo um historiador húngaro, *«o debate decisivo»*, aquele que produziu o *«triunfo final do Unitarismo»*.[85] Além de ter sido presidido pelo próprio rei, contou na assistência com os mais altos dignitários do reino, tanto civis, como militares. David argumentou, então, desta forma: Na realidade, a ideia da Trindade que tem sido sustentada pelo Papa, em Roma, é uma crença em quatro ou cinco deuses: uma substância, Deus, três pessoas individuais, cada uma delas sendo Deus, e um homem, Cristo, que é também con- siderado como sendo Deus. De acordo com Francis David, Deus é Único, o Pai, de Quem e por Quem tudo existe e Que está acima de tudo, Que criou tudo pela palavra da sua sabedoria e o sopro da Sua boca. Para além deste Deus, não existe mais nenhum deus, nem três, nem quatro, nem em substância nem em pessoas, porque a Escritura nunca se refere a um Deus triplo em parte alguma. O Filho de Deus de que fala a Igreja, que supostamente terá nascido da substância de Deus no princípio da eternidade, nunca é mencionado nas Escrituras, da mesma maneira que não existem referências a um Filho de Deus que seria a segunda pessoa da Trindade e que desceu do céu e se fez homem. Isto é apenas invenção humana e superstição e, como tal, deve ser desacreditado.

Jesus não se criou a si próprio — foi o Pai que lhe deu a sua eminência e fez com que ele fosse gerado pelo Espírito Santo. O Pai santificou-o e enviou-o para o mundo.

Entre Cristo e Deus, há apenas a relação que Deus quis que existisse; Deus permanece na Sua Divina Majestade e acima de todas as coisas e criaturas.

---

[85] *A History of Unitarianism*, E. M. Wilbur

Não há passado no tempo de Deus — para Deus tudo está no tempo presente — as Escrituras não ensinam, em parte alguma, que Jesus tenha nascido no princípio da eternidade.

O debate durou cinco dias e de novo foi conclusivo. Na sua palavra final, o rei ordenou que fosse dada plena liberdade de consciência aos Unitaristas. Melius, o chefe do partido Luterano, foi avisado para que não pretendesse fazer-se papa, nem queimar livros, nem fazer uso da força para converter as pessoas.

Mais tarde, David fez um resumo do debate usando as seguintes palavras:

«Eu segui a verdade da Escritura, mas os meus oponentes desdenharam-na; transformaram a luz em escuridão quando do Deus Pai fizeram três e de Cristo dois. A sua religião é contraditória na medida em que nem eles próprios a conseguem apresentar como um todo. No entanto, eles verão que, mesmo contra a sua vontade, Deus fará prova da Sua Verdade».[86]

Este debate fez com que quase todos os habitantes da cidade de Kolozsar passassem a acreditar num Deus Único. Tal crença espalhou-se pelo campo, vindo a ser também a fé defendida pela maioria das pessoas. Assim, o Unitarismo tornou-se uma das quatro "religiões aceites" oficialmente, ou seja, protegida pela lei. Em 1571, existiam quase quinhentas congregações unitárias na Transilvânia. Foi neste ano que o Rei John morreu e, embora a popularidade do Unitarismo continuasse a crescer, o novo rei, Rei Stephen, que não partilhava o sentimento de tolerância do Rei John, alterou a política de liberdade de consciência iniciada pelo seu antecessor. A vida tornou-se difícil para aqueles que afirmavam a Unidade Divina e, tornando tudo ainda mais difícil, David separou-se de Blandrata e Socianus. David era um Unitarista que não fazia cedências e não conseguia aceitar que algo fosse associado a Deus, mesmo que indirectamente. Socianus fez uma distinção entre adoração e invocação com relação a Jesus, afirmando que ninguém o podia invocar, mas sim adorar, o que David não tolerou. Até os Unitaristas polacos consideraram a distinção demasiado subtil, uma vez que entre as duas não chegavam a encontrar grande diferença. No pensamento comum e na prática diária, esta distinção tendia a tornar-se confusa e, no decurso de uma cerimónia religiosa, não se podia dizer, honestamente, se uma pessoa estava a adorar ou a invocar.

Os Católicos Romanos gozaram do apoio do novo Rei e a divisão entre os chefes do movimento Unitarista veio dar-lhes mais força.

[86] *Francis David,* W. C. Ganett

Numa Assembleia realizada em Torda, em 1571, foi apresentada a queixa de que alguns pastores eram culpados de inovações, o que se repetiu nas Assembleias de 1573, 1576 e 1578 e as queixas foram-se tornando cada vez mais específicas até que Francis David foi directamente apontado. Entretanto, Blandrata tinha-se tornado amigo do Rei e apreciava a reputação e a riqueza que tal associação lhe granjeava. Assim, em 1578, opôs-se abertamente a David e avisou-o de que não devia continuar a seguir as suas crenças. David, no entanto, não estava disposto a abandonar as convicções que defendia, apenas para salvar a pele. Blandrata, por seu lado, depois de passar a vida a lutar para estabelecer a crença na Unidade Divina, tornou-se instável e velho e queria descansar, sem provocar sarilhos nem para si, nem para os seus amigos, pois todos sabiam que o que David estava a fazer era muito perigoso e acharam que a vida seria muito muito mais fácil para todos se David seguisse os seus exemplos.

David, no entanto, permaneceu inamovível. Não só continuou a pregar, mas começou também a escrever e a distribuir folhetos contendo as suas ideias, não obstante a oposição a que estava sujeito. Blandrata convidou então Socianus para que viesse à Transilvânia a fim de convencer David a mudar de ideias e a aceitar a distinção entre adoração e invocação de Jesus. Socianus veio e ficou como convidado de David. A sua persuasão não produziria resultados, mas ficou acordado que David resumiria as suas crenças por escrito e que estas seriam apresentadas perante um Sínodo da Igreja Unitarista Polaca, o que David fez, escrevendo os quatro pontos seguintes:

O rigoroso mandamento de Deus é o de que ninguém pode ser invocado, excepto Deus o Pai, Criador do céu e da terra .

Cristo, o mestre da verdade, ensinou que além do Pai celeste, ninguém deve ser invocado.

A verdadeira invocação define-se como a que é oferecida ao Pai em espírito e em verdade.

As fórmulas naturais das orações são dirigidas, não a Cristo, mas ao Pai.

Socianus escreveu contra estes pontos de vista, e David respondeu de novo defendendo as suas ideias. Asim, a discussão foi aquecendo e, a pouco e pouco, foi-se tornando mais amarga e pessoal até que Blandrata e David se tornaram inimigos declarados, o que deu ao rei Católico o pretexto de que precisava para ordenar que colocassem David sob prisão domiciliária, não permitindo quaisquer visitas. David soube da ordem antes de ela ser promulgada e começou,

imediatamente, a pregar em todos os locais possíveis, nas Igrejas e na praça pública, explicando abertamente às pessoas as razões por que tinha sobre ele um mandato de captura, declarando o seguinte: *«Seja o que for que o mundo tente fazer, virá no entanto a tornar-se claro para todos, que Deus é Único».* [87]

Após o aprisionamento, David foi levado perante uma Assembleia e Blandrata agiu não só como promotor da acusação, mas também como testemunha principal da acusação. Perante tão grande pressão, David ficou doente e teve de ser carregado num cadeira pois mal podia mexer os braços e as pernas. Foi condenado a prisão perpétua e posto nas masmorras de um castelo construído no cimo de um monte muito elevado. Ninguém sabe quanto ele sofreu durante os cinco meses em que lá ficou, até morrer, em Novembro de 1579. Foi enterrado como um criminoso numa campa desconhecida.

Após a sua morte, foi descoberto um poema escrito na parede da cela. Numa parte, pode ser lido o seguinte:

Duas vezes dez anos eu servi lealmente o meu país.
E ao Príncipe a minha fidelidade foi provada.
Pergunto-te qual é o crime que o Pai da terra tanto odeia?
É apenas este: "Um Deus e não três", eu venerei.

E as últimas linhas do poema dizem o seguinte:

Nem chama, nem cruz, nem a espada do Papa, nem a face visível da morte,
Nenhum poder pode parar a progressão da Verdade.
O que senti escrevi e com fidelidade no coração falei.
E após a minha morte os dogmas falsos cairão.[88]

Embora David tenha morrido, o seu movimento continuou; e durante muitos anos, os Unitaristas transalpinos eram mesmo referidos como os "da religião de Francis David". Nos dias de hoje, os seus argumentos são aceites como *«evidentes, sérios e de acordo com as Escrituras. O veredicto de todos os homens sensatos é dado a favor de David».*[89] Blandrata, que tivera um papel tão importante na morte de David, tornou-se muito popular entre os Católicos e agradável ao rei. Tornou-se tão rico que o seu herdeiro não estava disposto a esperar

[87] *Francis David,* W. C. Ganett
[88] *Francis David,* W. C. Ganett
[89] *A History of Unitarianism,* E. M. Wilbur, p. 78

pela sua morte natural e assassinou-o. Embora a perseguição dos Unitaristas tenha continuado, não atingiu, como é costume, o resultado que os perseguidores desejavam. David foi imediatamente santificado como Mártir e o seu exemplo constituiu uma inspiração tal para os Unitaristas, que sobreviveu às muitas perseguições organizadas ao longo de gerações.

Embora os Unitaristas tenham diminuído consideravelmente na Transilvânia, o seu número começou a aumentar no Sul da Hungria, num território que estava sob o domínio Turco, pois o Alcorão incentiva os Muçulmanos a permitirem uma vida em paz aos praticantes de outras fés, desde que não interfiram nas práticas do Islamismo. Desta forma, sob o governo Turco, os Cristãos gozavam de uma liberdade que não existia em nenhum dos outros países Cristãos, pois até a prática das suas próprias leis lhes era permitida. Aproveitando-se desta liberdade, por exemplo, um Bispo Calvinista fez com que um Unitarista fosse enforcado por heresia. Outro Unitarista levou este acto ao conhecimento do governador Turco, em Buda, que ordenou que o Bispo Calvinista se apresentasse perante ele e, depois de um julgamento, o Bispo e os seus dois assistentes foram condenados à morte como assassinos. No entanto, o ministro Unitarista intercedeu a favor do Bispo condenado, dizendo que não procurava vingança, apenas desejava que estes incidentes fossem prevenidos e não voltassem a acontecer. Assim os culpados não foram enforcados e, em vez disso, foi-lhes imposta uma pesada multa.

Os Unitaristas gozaram da paz sob o governo turco durante quase um século, havendo aproximadamente sessenta Igrejas no país governado pelos Turcos. Com o declínio do governo Turco, no entanto, esta liberdade de opinião também diminuiu; as pessoas foram de novo forçadas às práticas da Igreja Católica Romana, e aquelas que se recusavam eram perseguidas violentamente. No fim do séc. XIX, no entanto, deixou de ser possível perseguir pessoas abertamente e o número de Unitaristas começou de novo a aumentar. O movimento Unitarista sobrevive ainda na Europa Oriental e a influência de David ainda se pode encontrar nos corações desta irmandade que continua a crescer. Há alguma especulação no que diz respeito aos contactos que Francis David teve com os Muçulmanos. De facto, as suas ideias aproximam-se muito do Islão e, pelo menos uma vez, naquilo que escreveu, David refere-se abertamente ao Alcorão para reforçar as suas ideias:

«O Alcorão diz, não sem razão, que Jesus não pode dar auxílio àqueles que o adoram, pois estariam a tomá-lo por Deus contrariamente à doutrina ensinada por si... por isso são merecedores de culpa aqueles que ensinam

que devemos adorar e invocar Jesus, tendo ele próprio ensinado que é o Pai que deve ser invocado... Deus não é triplo, mas Uno».[90]

No entanto, apesar das muitas calúnias lançadas sobre ele, David nunca foi chamado Muçulmano, talvez pelo facto de Calvinistas e Católicos recearem induzir os então poderosos governadores Turcos a ajudar os Unitaristas. A aparente ignorância dos governantes Turcos no que respeitava ao movimento Unitarista, cujas crenças eram tão próximas das suas, talvez possa dever-se à degeneração do seu próprio Islamismo. Uma das maiores críticas de David era a de que, caso as suas ideias fossem aceites, então a distinção entre Judaísmo e Cristianismo tenderia a desaparecer e o último recairia na primeiro. Até Blandrata censurava abertamente David dizendo que ele estava a voltar ao Judaísmo. Nunca refutou nenhum dos argumentos de David, mas tentou desacreditá-lo jogando com o forte sentimento popular contra os Judeus, e pareceu esquecer-se que cada novo Profeta veio reafirmar e completar os ensinamentos do Profeta anterior a ele. A importância de Francis David reside no facto de que através da sua afirmação da Unidade Divina, reafirmou a posição de Jesus na tradição profética sem negar de forma alguma os Profetas que vieram antes e depois dele. Mais ainda, lembrou às pessoas que fé sincera e confiança em Deus, em conjunto com uma vida vivida de acordo com o exemplo e os ensinamentos de Jesus, eram suficientes para esta vida e para a seguinte.[91]

Lelio Francesco Maria Sozini (1525-1562)

Lelio Sozini, nascido em 1525, tornou-se um jurista que a partir do estudo da lei, chegou a investigações acerca do Hebreu e da Bíblia. Ainda jovem, deixou Bolonha e dirigiu-se para uma região à volta de Veneza onde existia um nível de liberdade religiosa desconhecido noutras partes de Itália. A obra de Servetus tinha encontrado ali terreno propício e influenciado muitas pessoas. De entre os que adoptaram as crenças de Servetus, escreveu Wallace na sua *Biografia Anti-Trinitarista*, havia *«muitas pessoas distintas e sábios eminentes na cidade de Veneza».*[92] Dado que estas opiniões não eram toleradas abertamente pelo Senado, aqueles que as partilhavam começaram a encontrar-se em segredo. A sua intenção era a de estudar a verdade do Cristianismo e

---

[90] *Treatises Concerning the Mohametons,* A. Reland, p. 190
[91] *Francis David,* W. C. Ganett
[92] *Anti-trinitarian Biographies,* A. Wallace

restabelecer os ensinamentos de Jesus na sua pureza. Lubinietski, na sua *História da Reforma na Polónia*, escreve o seguinte:

«Eles chegaram à conclusão de que só existe um Deus.

Jesus era verdadeiramente um homem, concebido pela operação do Epírito Santo no útero casto de uma virgem. A doutrina da Trindade e a Divindade de Jesus foram opiniões introduzidas por filósofos pagãos». [93]

Lelio conheceu estas pessoas e, tal como foi escrito por Wallace, *«rapidamente ficou enamorado por estas ideias, abraçando-as com todo o ardor e com a ingenuidade de um espírito jovem interessado em procurar e aceitar a verdade religiosa».*[94] Um gnóstico chamado Camillo influenciou-o, particularmente, e fez com que novos horizontes se abrissem perante ele. Até então, o seu pensamento tinha estado limitado pelos rígidos dogmas da Igreja oficial, mas agora sentia uma nova liberdade que nunca tinha experimentado antes. A sua vida tinha ganho novo significado e ele queria dedicar-se, totalmente, à procura da Verdade. Sabe-se que o número de membros da Sociedade Secreta de Veneza, como é conhecida hoje, ultrapassava os quarenta. Quando a existência desta sociedade foi finalmente descoberta, alguns dos seus membros foram presos e condenados à morte, mas outros tiveram a sorte de escapar e de encontrar asilo noutros países. Os membros mais conhecidos desta sociedade, além de Lelio Sozini, eram: Ochinus, Darius, Sozini (primo de Lelio), Alciati e Bucalis. E há fortes indícios de que, do conjunto destes homens, os dois últimos acabaram por abraçar o Islamismo. Por isso o dr. White, nas suas conferências em Brompton, chamou aos discípulos de Sozini *«seguidores do Profeta árabe».*[95] Enquanto a existência desta sociedade se manteve secreta, a atenção de Lelio dirigiu-se para dois homens que estavam de fora: um era Servetus e o outro Calvino. Servetus tivera a coragem de afirmar abertamente a sua crença na Unidade Divina, enquanto Calvino conseguira ganhar uma força reconhecida em todos os círculos reformistas da Europa.

Sozini decidiu conhecer primeiro Calvino, mas quando tal aconteceu, ficou extremamente desapontado ao descobrir que Calvino tinha os mesmos preconceitos que um padre da Igreja Católica Romana. Além disso, tal sentimento transformou-se rapidamente em aversão, quando verificou que o próprio Calvino tinha ajudado a prender Servetus. A partir de então, passou a confiar apenas no exemplo de Servetus e a inspirar-se em Camillo e nos seus exaustivos estudos sobre as doutrinas da Igreja oficial.

---

[93] *A History of the Reformation in Poland*, Lubinietski

[94] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace

[95] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace

Em 1559 foi para Zurique onde passou os últimos três anos da vida a reflectir e a estudar profundamente. Morreu em 1562, quando tinha trinta e sete anos.

Fausto Paolo Sozini (1539-1604)

Fausto Paolo Sozini, nasceu em 1539, sendo sobrinho de Lelio Sozini, que lhe legou tudo o que tinha adquirido durante a sua curta mas produtiva vida. Quando tinha vinte e três anos, o jovem Fausto Sozini, ou Socianus, como popularmente ficou conhecido, tornou-se herdeiro não só da herança de Lelio, mas ainda da iluminação de Camillo e da sabedoria de Servetus. O seu legado mais precioso foi, no entanto, o grande número de manuscritos e notas exegéticas que o tio lhe deixou.

Socianus começou por ser educado em Siena, a cidade onde nasceu e, enquanto crescia, visitou Lyon e Genebra. Voltou a Itália em 1565 e foi para Florença onde entrou ao serviço de Isabel de Medeci, de quem recebeu posição e honra. Após a morte de Isabel, deixou Itália e fixou-se em Basle. Aqui, o jovem estudante cedo atraíu as atenções de todos aqueles que estavam interessados no estudo da teologia, tendo ainda publicado um livro anonimamente, apenas para circulação privada, uma vez que era muito perigoso divergir abertamente dos ensinamentos da Igreja.

O livro chegou então às mãos de Blandrata, o médico da corte polaca, que nesta altura tinha a coragem, a visão, a capacidade e a ambição necessárias para levar as pessoas comuns a libertarem-se do domínio que a lgreja oficial exercia sobre os seus espíritos. A tolerância religiosa dos governantes da Polónia tinha transformado o país num local atractivo para todos aqueles que queriam discutir livremente os assuntos religiosos e não desejavam seguir, cegamente, o dogmatismo obtuso da Igreja. Blandrata convidou então Socianus para ir à Polónia, oferta que foi aceite com agrado. Na atmosfera agradável de liberdade que Socianus encontrou na Polónia, sentiu-se encorajado para escrever o que pensava, sem pseudónimos e sem medo de ser perseguido pela Igreja. No entanto, embora pessoalmente estivesse em segurança, os bens que possuía em Itália foram confiscados. Socianus casou com uma polaca e quebrou todas as relações com a terra natal.

Os governantes da Polónia não acreditavam na doutrina da Trindade, mas ainda estavam às apalpadelas no escuro, sem saber que passos dar para fixarem um dogma definitivo. Foi desta forma que a presença de Socianus satisfez esta necessidade, e agradou aos

governantes e às pessoas. A sabedoria que o seu tio lhe tinha transmitido, juntamente com os frutos do seu próprio estudo, fundiram-se no intelecto de Socianus de forma que aquilo que escreveu teve um poderoso impacto na Igreja oficial.

Furiosa, a Igreja prendeu-o e condenou-o à fogueira. No entanto, Socianus gozava de um apoio popular tão grande, que o Tribunal decidiu submetê-lo ao teste da água fria, de forma a dar maior credibilidade ao julgamento. Este teste, bem como a prova de fogo, tinham sido adoptados pela Igreja e denominados *judicum dei*, o julgamento de Deus, embora nunca tenham feito parte dos ensinamentos de Jesus, nem de Paulo. O resultado desta prova, dizia-se, era o julgamento imediato de Deus. Na prova da água fria, o acusado era atirado para águas profundas e, caso se afogasse, era considerado culpado. Desta forma, sabendo perfeitamente que Socianus não sabia nadar, o clero oficial atirou-o ao mar. Apesar disso, ele salvou-se de morrer afogado e viveu até que, em 1604, a morte o levou.

Em 1605, tudo o que Socianus tinha escrito foi reunido num livro publicado em Rokow, ficando conhecido popularmente como *Catecismo Rocoviano*. Originalmente publicado em polaco, chegou a ser traduzido para quase todas as línguas europeias. A seu tempo, os ensinamentos de Socianus espalharam-se por todo o lado e a sua escola de teologia tornou-se conhecida por Socianismo. Harnack, no seu livro, *Linhas Gerais da História do Dogma*, coloca o Socianismo a par do Catolicismo Romano e do Protestantismo, como últimos estágios do Dogma Cristão. Além disso, foi em grande parte devido a Socianus que os Unitaristas se constituíram em entidade separada, dentro do Cristianismo moderno. Warnack declarou que Socianus tinha as seguintes características:

Teve a coragem de simplificar as questões respeitantes à realidade e ao conteúdo da religião, e destruir o fardo do passado eclesiástico.

Quebrou as rígidas fronteiras entre religião e ciência, entre Cristianismo e Platonismo.

Ajudou a difundir a ideia de que a verdade religiosa para ter força deve ser clara e facilmente apreensível.

Tentou libertar o estudo das Sagradas Escrituras da escravidão de velhos dogmas que lá não estavam.

Naquela época, dizia-se: "*A Ignorância do povo é a Fonte de Rendimento do clero*". Ora os ensinamentos de Socianus contribuiram muito para minimizar tal realidade. A religião de Socianus atravessou a

Europa e chegou a Inglaterra. O Bispo Hall de Norwich é recordado por ter lamentado o facto de *«as mentes dos Cristãos terem sido seduzidas... pela infernal heresia sociânica, pelos Anti-trinitaristas e pelos Novos Arianos e, portanto, a destruição final do Cristianismo devia ser temida».*[96] Em 1638, começou a perseguição organizada e brutal contra os socianistas. O colégio de Rocow foi fechado ao mesmo tempo que os seguidores de Socianus ficaram privados dos seus direitos civis, e muitas das pessoas que afirmavam acreditar na Unicidade de Deus foram queimadas vivas. Assim, por exemplo, em 1639, apenas com dezoito anos de idade, **Catherine Vogal, esposa de um joalheiro polaco, foi queimada viva pelo crime de acreditar que Deus era Único; que Ele era o Criador dos Mundos Conhecidos e Desconhecidos; e que Deus não podia ser concebido à medida do intelecto humano. Estas posições correspondem, claramente, à metafísica pura do Islão**. A este respeito, Fuller escreve o seguinte: *«o lançamento dos heréticos à fogueira chocou as pessoas comuns... por causa da hediondez do castigo... e elas ficaram preparadas para pensar bem acerca das ideias dos heréticos que, tão humanamente, as confirmaram com o seu sangue».*[97] Aliás, Wallace diz: *«James I saciou a sua propensão para incendiário através da prática mais inofensiva de queimar livros».*[98]

Em 1658, as pessoas tiveram que optar entre a aceitação do Catolicismo Romano ou a ida para o exílio e, desta feita, muitos Unitaristas se dispersaram por toda a Europa, levando os seus ensinamentos e, durante muito tempo, permaneceram como uma entidade separada.

O conteúdo do *Catecismo Racoviano*, que Socianus escreveu, abala as raízes da Cristandade Ortodoxa ao negar a doutrina da redenção. Embora ignorasse o facto de que Jesus não foi crucificado nem ressuscitou e que, portanto, essa doutrina não tem qualquer fundamento, Socianus foi capaz de determinar o absurdo da doutrina da ressurreição por outras formas. Num breve resumo, dir-se-á que a doutrina da redenção prega que o homem nasce em estado de pecado por causa da primeira má acção de Adão e que Jesus, pela sua (suposta) crucificação, redime este estado de pecado e todas as más acções de todos os que são baptizados e o seguem. De acordo com o Cristianismo Ortodoxo, a Igreja é uma corporação religiosa, uma sociedade de origem Divina que foi fundada por Cristo e que se empenha na reparação dos pecados do homem. Só no seio desta comunhão, dizem, e pelo seu

---

[96] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace, Introduction, p. 79
[97] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace, p. 44
[98] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace, p. 45

ofício, pode o homem pecaminoso encontrar o caminho de Deus. A Igreja era portanto considerada a mais importante e a mais elevada entidade para o crente individual. Sozini, no entanto, veio negar tudo isto. Estava certo de que um homem podia dirigir-se directamente a Deus, sem necessitar de intermediários e de que para obter a salvação precisava, não do baptismo, mas da "Razão Correcta"; não era preciso seguir cegamente a Igreja. Ao negar a doutrina Ortodoxa, Socianus pôs em causa toda a autoridade da Igreja e a sua razão de ser, e foi em grande parte devido a esta contestação que Católicos e Protestantes uniram forças para combater o Socianismo com tanto fervor. Socianus refutou a doutrina da expiação dos pecados nos seguintes termos:

Cristo não pode ter oferecido um sacrifício eterno pelos pecados, pois de acordo com a narração do Evangelho, apenas sofreu durante um curto espaço de tempo. Ora um sofrimento mais intenso por um período limitado não é nada, comparado com o sofrimento eterno a que o homem estava sujeito. Se se diz que o sofrimento é tanto maior quanto aquele que o sofre é infinito, então também o poder de o suportar é maior. No entanto, nem mesmo o sofrimento de um ser infinito pode ocupar o lugar do sofrimento eterno.

Se é dado como certo que Cristo ofereceu um expiação infinita, então é impossível falar no perdão de Deus ou da gratidão do homem para com Ele por lhe ter sido concedido o perdão, uma vez que um homem baptizado em nome de Cristo adquire automaticamente a expiação dos seus pecados, antes de Deus poder castigá-lo. Assim, seguir a doutrina significa que a Lei de Deus deixa de ser obrigatória para os seus servos, uma vez que o castigo pelos seus pecados já foi pago por completo e, portanto, um homem passa a ter liberdade total para fazer o que quer. Uma vez que a oferta de Cristo foi absoluta e infinita, tudo estava incluído nela, incluindo a salvação universal. Por outras palavras, Deus não tem o direito de acrescentar mais nenhuma condição ao que Ele requer de um homem. O preço foi pago por inteiro e pelo passado, presente e futuro; a partir de então, portanto, todos os devedores ficam livres. Suponha-se que um grupo de homens tinha uma grande dívida para com um credor humano e, alguém a tinha pago por completo; que direito tinha o credor de pedir mais ou de impor mais condições aos homens que já não estavam em dívida para com ele? A doutrina da expiação foi, além disso, indirectamente posta em questão por Socianus por afirmar que Jesus não era um Deus, mas apenas um homem. Na verdade, de forma alguma pode um homem expiar todas as más acções da humanidade e este facto, por si só, é suficiente para invalidar tal doutrina.

Socianus afirmou ainda que Jesus era um verdadeiro homem mortal, nascido de uma virgem e diferente de todos os outros homens devido à santidade da vida que levava. Não era Deus, mas recebia d'Ele inspiração e desta forma tinha visão e poderes Divinos, embora não fosse ele o seu autor. Deus enviou-o com a Sua autoridade suprema numa missão pela humanidade. Socianus apoiou estas crenças com extensas citações e excertos seguros de passagens relevantes das Escrituras. Os argumentos que utilizava, argutos e subtis deram uma significação razoável à palavra de Cristo. Jesus deixou de ser a Palavra feita Carne, existindo antes do mundo existir, pois foi um homem que, através da santidade da vida, alcançou a vitória sobre as más acções e sobre a carne. E não era proibido invocar a ajuda de Jesus em oração, desde que ele não fosse adorado como Deus.

Socianus afirmou que Deus é o Senhor Supremo de tudo. A Omnipotência não é o seu único atributo, mas governa sobre todos os outros. Nenhuma questão pode ser levantada contra Deus. O finito não pode servir como medida para o infinito. Assim, todas as concepções humanas acerca da natureza de Deus devem ser consideradas como um domínio inadequado para basear um julgamento crítico acerca d'Ele. A vontade de Deus é livre e não se rege por nenhuma das leis que a mente humana possa formular. Os Seus propósitos e a Sua vontade estão escondidos da mente humana. O domínio de Deus consiste numa autoridade absoluta e suprema para determinar o que quer que seja. Ele pode escolher, relativamente a todos nós e a todas as outras coisas. Pode ler os nossos pensamentos mesmo que estejam escondidos no mais fundo do nosso coração. Pode, a Seu belo-prazer, ordenar leis e determina recompensas e castigos pela pureza e pelas falhas nas intenções de um homem. Assim, o homem é um indivíduo a quem foi dado liberdade de escolha mas que é, na verdade, impotente.

Uma vez que não pode haver mais do que um ser que possua domínio supremo sobre todas as coisas, afirmou Socianus, falar em três pessoas supremas é falar irracionalmente. A essência de Deus é uma, não só em género, mas também em número. Não pode, de forma alguma, conter uma pluralidade de pessoas, pois uma pessoa individual não é mais do que uma essência individual inteligente. Onde quer que existam três pessoas, em número, deve da mesma maneira ser reconhecida a existência de três essências individuais. Quando se afirma que numericamente há uma essência, deve-se considerar também que, em número, há uma pessoa.

A doutrina da Trindade foi, ainda, refutada por Socianus com base no facto de que não era possível que Jesus tivesse duas naturezas simultaneamente. Socianus disse que duas substâncias com pro-

priedades opostas não se podem combinar numa mesma pessoa e que tais propriedades são: a mortalidade e a imortalidade, ter um princípio e não ter princípio, ser mutável e imutável. E disse ainda que, existindo duas naturezas distintas, cada uma delas capaz de constituir uma pessoa separadamente, elas não se misturam numa só pessoa; pois, em vez de uma, nasceriam necessariamente duas pessoas e, consequentemente, tornar-se-iam dois Cristos, um Divino e outro humano. A Igreja diz que Cristo é constituído por duas naturezas, a humana e a Divina, tal como um homem é constituído pelo corpo e pela alma. Socianus respondeu que, esse caso é muito diferente da crença segundo a qual as duas naturezas de Cristo estão tão unidas que Cristo é assim constituído por um corpo Divino e humano. Num homem, a alma e o corpo estão ligados de tal forma, que um homem não é nem alma nem corpo, pois nem a alma nem o corpo, separadamente, constituem uma pessoa. Pelo contrário, a natureza Divina por si só constitui uma pessoa e, assim, a natureza humana deve, necessariamente, constituir uma pessoa separada. Mais ainda, acrescenta Socianus, as próprias Escrituras não referem que Cristo tivesse uma natureza Divina, dado que: primeiro, Deus criou Jesus; em segundo lugar, as Escrituras dizem que Jesus era um homem; e em terceiro lugar, qualquer que fosse a excelência de Jesus, esta seria, segundo as Escrituras, uma dádiva de Deus. Por último, as Escrituras indicam muito claramente que Jesus atribui sempre os milagres, não a si próprio, ou a uma sua natureza Divina, mas ao Pai, portanto, o próprio Jesus confirmou a Vontade Divina.

Em *Reflexões Históricas e Críticas sobre o Maometismo e o Socianismo* de Reland, pode encontrar-se o seguinte excerto do *Catecismo Racoviano*:

«A opinião daqueles que atribuem Divindade a Jesus Cristo não só é inversa à razão correcta, mas ainda às Sagradas Escrituras, e estão muito errados aqueles que crêem que não só o Pai mas também o Filho e o Espírito Santo são três pessoas numa Divindade... A essência de Deus é pura e simplesmente uma e, portanto, é contraditório o facto de alguém gerar outrem, se são três pessoas independentes. E o pobre raciocínio dos nossos adversários de que o Pai tinha criado um filho da sua substância é ridículo e impertinente... Até ao Concílio de Niceia e por algum tempo depois, como se deduz daquilo que escreveram os que viveram nessa época, apenas o Pai... era tido como verdadeiro Deus, e aqueles que pensavam o contrário, como os Sabelianos e outros, eram considerados heréticos... O espírito do Anti-Cristo não tinha ainda introduzido um erro tão perigoso na Igreja de Cristo como o desta doutrina que ensina que existem três pessoas distintas na mais simples essência de Deus, cada uma das quais é ela própria Deus e

que o Pai... não é o único Deus verdadeiro mas que o Filho e o Espírito Santo devem estar juntos com Ele. Nada há de mais impossível, absurdo e incompatível com a razão correcta... Os Cristãos também acreditam que Jesus Cristo morreu para nos salvar e para saldar as dívidas que contraímos com os nossos pecados, no entanto esta opinião é falsa, errónea e muito perniciosa».[99]

Socianus disse que uma das causas da aceitação da doutrina da Trindade foi a influência da filosofia pagã, como aliás está indicado na seguinte passagem dos *Nazarenos*, de Toland:

«Os Socianistas e os outros Unitaristas afirmam com segurança que os Gentios introduziram no Cristianismo o seu politeísmo, do mesmo modo que a Divinização do homem morto: embora mantivessem o nome de Cristianismo, alteraram-no bastante de forma a que servisse os seus interesses e as necessidades dos seus negócios e introduziram-lhe todas as opiniões e costumes em voga naquele tempo».[100]

É compreensível a aceitação tão grande da obra de Socianus. Os Socianistas, não só transmitiram às pessoas uma imagem mais correcta daquilo que Jesus tinha sido e da Mensagem que trouxera, mas também ajudaram a destruir muito do poder que a Igreja exercia sobre as pessoas. A grandeza de Socianus reside no facto de ter elaborado uma teologia simultaneamente lógica e baseada na Bíblia, de tal modo que os seus oponentes tiveram muita dificuldade em contradizer o que ele escrevera. Em 1680, quando, por exemplo, o Reverendo George Ashwell descobriu que os livros de Socianus se estavam a tornar muito populares entre os seus alunos, decidiu escrever um livro, mas a descrição que o Reverendo faz de Socianus não deixa de ser significativo, pois da pena de um inimigo, sai o seguinte:

«Tão insigne foi o autor e patrono desta seita, que reunia todas as qualidades que despertam admiração e atraem a atenção dos homens; tanto, que através de uma espécie de fascínio, encantava todos aqueles com quem conversava e deixava no espírito de todas as pessoas um forte sentimento de admiração e amor. De tal forma ele sobressaía pela elevação do seu génio e pela suavidade do seu carácter, tal era a força do seu raciocínio e eloquência, tão assinaláveis eram as virtudes de todos visíveis, que ele... possuía num grau extraordinário; tão grandes eram os seus dons naturais e tão exemplar foi a sua vida, que ele pareceu cativar o afecto da humanidade».

[99] *Historical and Critical Reflexions Upon Mohametonism and Socianism*, A. Reland
[100] *The Nazarens*, John Toland

Depois de dizer tudo isto, Ashwell concluíu que Socianus era *«o espírito do mal lançando armadilhas».*[101] Hoje em dia, poucos Cristãos partilham os mesmos sentimentos contraditórios acerca de Socianus, como o Reverendo Ashwell. Há um sentimento dominante de simpatia pelo Socianismo e a maneira brutal como foi reprimido, e existe uma forte reacção contra o trinitarismo. Muitos intelectuais Cristãos aceitam as crenças de Socianus, negando a Divindade de Jesus e tudo o que ela implica.

John Biddle (1615-1662)

John Biddle, que nasceu em 1615, foi o Pai do Unitarismo em Inglaterra. Aluno brilhante, foi considerado como um homem que *«ultrapassou os mestres, tornando-se o tutor de si próprio».*[102] Em 1634, entrou para a Universidade de Oxford, tendo-se diplomado em 1638, e doutorado em 1641. Após ter deixado Oxford, foi convidado para ensinar na Escola Livre de St. Mary de Crypt em Gloucester, e aí começou a questionar as suas opiniões religiosas e a pôr em causa a validade da doutrina da Trindade, tendo sido influenciado pelo pensamento dos Unitaristas europeus, pois os ensinamentos de Socianus tinham já aberto caminho até à Inglaterra. Uma versão latina do *Catecismo Racoviano* tinha sido enviada para Inglaterra com uma dedicatória dirigida ao Rei James, mas foi queimada em público pelo carrasco, em 1614. Embora o livro tenha sido queimado, o seu conteúdo cativou o interesse do público pelo que foram dados todos os passos no sentido de o desacreditar. John Owen, a quem o Conselho de Estado, sob as ordens de Cromwell, destacou para refutar os ensinamentos de Socianus, é recordado por ter dito o seguinte: *«Não pensem nestas coisas como se estivessem afastadas dos vossos interesses, pois o diabo está à porta; não há cidade, vila ou mesmo aldeia em Inglaterra onde não tenha sido derramado o veneno».* [103]

Tais tentativas para manter os dogmas oficiais da Igreja depararam com a oposição, entre outros, de William Chillingworth (1602-1644), que condenou a *«maldade dos credos que promovem a perseguição, a queima e a maldição de homens por não aceitarem as palavras de outros homens como se fossem a palavra de Deus».*[104] Por sua vez, Jeremy Taylor e Milton afirmaram que *«procurar verdadeiramente a*

---

[101] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
[102] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
[103] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
[104] *The Religion of the Protestants*, W. Chillingworth

razão não faz um herético. O prejuízo moral reside nas influências que pervertem a vontade».[105] Assim o debate se foi espalhando, levando as autoridades a tomarem medidas no sentido de proteger a crença na Trindade. Em Junho de 1640, as Convenções de Canterbury e York decidiram proibir a importação, a impressão e a circulação dos livros de Socianus. Os padres receberam ordens para não pregarem tais doutrinas e todos enfim foram avisados de que quem acreditasse nelas seria excomungado. Alguns sábios e pensadores denunciaram esta decisão, mas sem resultado.

Foi nesta atmosfera que as opiniões de Biddle foram reapreciadas e examinadas novamente, tendo passado por uma metamorfose completa, especialmente as que estavam relacionadas com a doutrina da Trindade. Em 1644, dado que Biddle expressara livremente as suas ideias, os Magistrados pediram-lhe uma confissão de fé por escrito o que ele fez dizendo simplesmente o seguinte: *«Eu creio na existência de uma Essência Toda Poderosa, chamada Deus. Portanto, só existe uma pessoa em Essência».*[106]

Nesta mesma data, Biddle publicou também um panfleto intitulado *Doze Argumentos que Refutam a Divindade do Espírito Santo*, dirigido "Ao Leitor Cristão." Em 1645, porém, o manuscrito foi apreendido e Biddle aprisionado e, mesmo quando foi chamado a depor perante o Parlamento, recusou-se a aceitar a Divindade do Espírito Santo. Em 1647 voltou a imprimir o panfleto, mas a 6 de Setembro desse mesmo ano, o Parlamento deu ordens para que "Os doze Argumentos" fossem queimados pelo carrasco, o que veio a acontecer. A 2 de Maio de 1648, foi passada uma "Severe Ordinance", declarando que quem negasse a Trindade ou a Divindade de Jesus ou do Espírito Santo seria morto sem o benefício do julgamento do clero.

Segue-se um resumo dos "Doze Argumentos", causa de medidas tão extremistas:

1) - *Aquele que se distingue de Deus não é Deus. O Espírito Santo distingue-se de Deus. Portanto o Espírito Santo não é Deus.*

Biddle explicava a seguir este silogismo com as seguintes palavras:

«A premissa mais importante é bastante clara, atendendo a que se afirmamos que o Espírito Santo é Deus e no entanto distinto de Deus, então isso implica uma contradição. A premissa menor de que o Espírito Santo é distinto de Deus vem confirmada ao longo de toda a Escritura. O

---

[105] *The Religion of the Protestants*, W. Chillingworth
[106] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

argumento de que o Espírito Santo é distinto de Deus, quando tomado pessoalmente e não na essência, é totalmente contra a razão:

Primeiro, é impossível a qualquer homem distinguir a Pessoa da Essência de Deus, sem formular dois Seres ou Coisas no seu espírito. Consequentemente, ele será forçado a chegar à conclusão de que existem dois Deuses.

Em segundo lugar, se a Pessoa for distinguida da Essência de Deus, a Pessoa será alguma Coisa Independente. Portanto será ou finita ou infinita. Se finita, então Deus seria algo finito uma vez que de acordo com a Igreja tudo em Deus é o próprio Deus. Portanto a conclusão é absurda. Se infinita, então haverá dois infinitos em Deus e, consequentemente dois Deuses, o que é ainda mais absurdo que o argumento anterior.

Em terceiro lugar, falar de Deus considerando-o impessoal é ridículo, pois tal como é admitido por todos que Deus é o Nome de uma Pessoa, que com majestade absoluta governa sobre todos... Só uma pessoa pode governar sobre outras e, portanto, se O considerarmos de outra forma que não pessoalmente, estaremos a considerá-Lo de uma forma que não é Ele».

2) - *Jehova, o Único, foi aquele que enviou o Espírito Santo aos Israelitas. Portanto, o Espírito Santo não é, nem Jehova, nem Deus.*

3) - *Aquele que não fala por si não é Deus. O Espírito Santo não fala por si. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

4) - *Aquele que é ensinado não é Deus. Aquele que ouve de outrém o que deve dizer é ensinado. Cristo fala o que lhe é dito. Portanto Cristo não é Deus.*

Neste ponto Biddle cita João 8:26, quando Jesus diz: «Tudo aquilo que ouvi d'Ele foi o que preguei.»

5) - *Em João 16:14, Jesus diz: "Deus é Aquele que a todos deu todas as coisas." Aquele que recebe de outro não é Deus.*

6) - *Aquele que é enviado por outro não é Deus. O Espírito Santo é enviado por Deus. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

7) - *Aquele que não é o dador de todas as coisas não é Deus. Aquele que é dádiva de Deus não é o dador de todas as coisas. A dádiva está no poder e à disposição do dador.*

É, portanto, absurdo imaginar que Deus possa estar no poder ou à disposição de outrém.

Neste ponto Biddle cita Actos 17:25: «Deus deu a todos, vida, ar, e tudo o resto».

8) - *Aquele que muda de lugar não é Deus. O Espírito Santo muda de lugar. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

Biddle explica ainda este silogismo com as seguintes palavras:

«Se Deus mudasse de lugar então deixaria de estar onde estava antes e passaria a estar onde não estava antes, o que vai contra a sua Omnipresença e a Sua Divindade. Portanto, não foi Deus que foi ter com Jesus mas um Anjo representando a Pessoa em Nome de Deus.»

9) - *Aquele que pede um julgamento a Cristo não é Deus. O Espírito Santo fá-lo. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

10) - *Em Romanos, 10:14 lê-se: «Como podem eles acreditar naquele de que nada ouviram? Aquele em quem os homens não acreditaram e, no entanto, foram seus discípulos.»*

Aquele em quem não se acredita não é Deus. Os homens não acreditaram no Espírito Santo, no entanto foram discípulos. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.

11) - *Aquele que ouve de Deus, em segunda mão, a saber, Jesus Cristo, aquilo que deve dizer, tem uma compreensão diferente da de Deus. Aquele que ouve de Deus o que deve dizer é ensinado por Deus. O Espírito Santo fá-lo. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

12) - *Aquele que tem uma vontade distinta em número da de Deus não é Deus. O Espírito Santo tem uma vontade distinta em número da de Deus. Portanto, o Espírito Santo não é Deus.*

Aqui Biddle cita, Romanos 8:26-27 onde se lê o seguinte:

«O Espírito Santo também ajuda... pois nós não sabemos rezar como deveríamos, mas o Espírito Santo intercede por nós junto dos santos de acordo com a vontade de Deus».

Biddle argumentou também contra um versículo do Novo Testamento que a Igreja oficial citava a fim de defender a sua perspectiva da Trindade. Trata-se de João 5:7, onde se lê o seguinte: *«Pois há três registos no céu — o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são Um».* Biddle disse que o versículo era contrário ao senso comum e contradizia outros versículos das Escrituras e que apenas

significava uma união de consentimento e acordo, mas nunca de essências. Mais ainda, o versículo não aparecia nem nas antigas cópias gregas do Evangelho, nem nas traduções siríacas, nem nas mais antigas edições latinas. Parecia, por isso, que o versículo tinha sido intercalado e, como tal, tinha sido rejeitado pelos intérpretes, quer antigos quer modernos.[107]

Apesar da Lei de 1648, Biddle publicou dois outros folhetos e teria, muito provavelmente, sido enforcado por isso, se não tivesse sido ajudado por membros independentes do Parlamento. Um dos trabalhos, intitulado "Uma Confissão de Fé de Acordo com as Escrituras Respeitante à Santíssima Trindade", é composto por seis artigos, cada um deles ilustrado com passagens da Bíblia em apoio dos argumentos defendidos por Biddle. No prefácio, o autor começa por realçar os males que resultam da crença na doutrina da Trindade, dizendo que os argumentos usados pelos trinitaristas eram *«mais adequados a prestidigitadores do que a Cristãos»*.[108] Segue-se um excerto da "*Confissão de Fé de Biddle*":

«Eu acredito que existe um Deus Superior, Criador do Céu e da Terra e Causa primeira de todas as coisas e, consequentemente, objecto último da nossa Fé e Adoração. Acredito em Jesus, considerado como nosso irmão e como detentor de um sentimento de companheirismo para com as nossas enfermidades, que o levou a ajudar-nos. Ele tinha apenas a natureza humana.

É subordinado a Deus e não outro Deus. Não existem dois Deuses.

O Espírito Santo é um Anjo que devido à sua eminência e intimidade com Deus foi encarregado de transportar a Sua mensagem».[109]

O outro trabalho publicado por Biddle chamava-se "*Os Testemunhos de Iraneus, Justin Martyr, Etc. Respeitantes ao Deus Único e às Pessoas da Santíssima Trindade*".

Depois de uma longa espera na prisão, um magistrado concedeu-lhe a liberdade, mediante uma caução. O nome do magistrado não foi porém divulgado, por temerem pela sua segurança. Aliás, ainda Biddle não se tinha habituado à liberdade, foi de novo lançado para a prisão. Pouco depois o magistrado morreu, deixando um pequeno legado a Biddle, mas este depressa o gastou devido aos custos elevados da prisão. Desta forma, durante algum tempo a ração de Biddle ficou reduzida a uma pequena quantidade de leite de manhã e à noite e a sua situação só melhorou quando um editor de Londres lhe deu emprego, ainda na prisão, como revisor de provas para uma nova edição da

---

107 *True Opinion Concerning the Holy Trinity*, J. Biddle
108 *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
109 *The Epic of Unitarianism*, D. B. Parke, pp. 31-32

Septuaginta, uma tradução grega da Bíblia. A 16 de Fevereiro de 1652, Biddle foi amnistiado e posto em liberdade. No mesmo ano, foi impressa em Amsterdão uma versão inglesa do *Catecismo Racoviano* que imediatamente se tornou muito popular em Inglaterra. Em 1654, e de novo em Amsterdão, Biddle imprimiu um livro sobre o Unitarismo que foi também muito lido em Inglaterra. Durante este período de liberdade, Biddle começou todos os Domingos a encontrar-se com outros Unitaristas para adorarem Deus à sua maneira. Aqueles que compareciam não acreditavam no conceito de Pecado Original, nem na doutrina da Expiação. No entanto, a 13 de Dezembro de 1654, Biddle, que tinha publicado recentemente dois catecismos, foi de novo preso e enviado para a prisão, onde foi proibido de usar caneta, tinta e papel e, ainda, de receber visitas. Além disso, foi ordenado que todas as cópias dos seus livros fossem queimadas. Biddle, porém, apelou e foi libertado a 28 de Maio de 1655.

Não foi preciso muito tempo para Biddle entrar de novo em conflito com as autoridades, pois enquanto decorria um debate público, em que o orador iniciou a discussão perguntando se algum dos presentes negava que Cristo era Deus todo Poderoso, Biddle declarou pronta e firmemente: «Eu nego-o». E quando apoiou o seu testemunho com argumentos que os seus adversários não foram capazes de refutar, decidiram interromper o debate e continuá-lo noutro dia. Então, fizeram queixa de Biddle às autoridades e ele foi de novo preso, antes da data fixada para a continuação do debate. Para começar, negaram-lhe o direito a um advogado, talvez por terem dúvidas de que, à luz da lei vigente, ele pudesse ser acusado. Os seus amigos, que estavam cientes deste facto, decidiram dirigir-se directamente a Cromwell, enviando-lhe uma petição. Antes, porém, que a petição chegasse às mãos de Cromwell, foi de tal maneira alterada, que os seus autores tiveram que a renegar publicamente como falsa.

Cromwell, sem saber o que fazer perante esta difícil situação, decidiu afastar Biddle para as Ilhas Scilly a 5 de Outubro de 1655, onde deveria permanecer sob custódia no Castelo de St. Mary até ao resto da sua vida, com uma pensão de cem coroas por ano. Durante o cativeiro, Biddle escreveu um poema, do qual se extrairam as seguintes linhas:

O conclave reuniu-se, o juiz estava sentado,
Um homem ocupou o trono de Deus;
E aí julgaram um caso, que só d'Ele depende;
Da fé fizeram uma irmã do crime,
E esmagaram pensamentos simples, verdadeiros e sublimes.[110]

[110] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

Quanto mais sofria, mais se convencia dos erros cometidos pela religião dominante, apoiada pela Igreja oficial. Thomas Firmin, que já antes o tinha ajudado, continuava a fazê-lo, enviando-lhe o dinheiro que tornava a sua vida na prisão tão confortável quanto possível. Entretanto, em todo o lado a simpatia por Biddle aumentava muito e quanto mais ele sofria, mais o seu credo se popularizava. Então, o governo pediu ao Dr. John Owen para impedir que os ensinamentos de Biddle se espalhassem. Após uma inquirição que revelou que um grande número de ingleses eram Unitaristas, John Owen respondeu a Biddle, em 1655. De certa maneira, este foi ajudado pela decisão tomada por Cromwell, pois sustentado pela pensão anual, Biddle estava fora do alcance dos seus inimigos e podia passar o seu tempo em contemplação e oração. Permaneceu prisioneiro no Castelo de St. Mary até que, em 1658, devido às crescentes pressões para que fosse libertado, readquiriu a liberdade.

Assim que saiu da prisão, começou a organizar encontros públicos nos quais examinava as Escrituras para demonstrar a Unicidade de Deus e mostrar a falsidade da doutrina da Trindade. Estes encontros acabaram por se transformar em celebrações regulares do Unitarismo, segundo a fé que professavam, o que nunca tinha acontecido em Inglaterra.

No dia 1 de Junho de 1662, durante um dos encontros, Biddle foi de novo preso, juntamente com alguns dos seus amigos. A caução foi recusada, mas como não havia razões para que pudessem ser castigados, foram acusados apenas de delito comum e, assim, Biddle foi multado em cem libras e condenado a ficar na prisão até as pagar, e os seus companheiros foram multados em vinte libras cada um. Durante o cativeiro, Biddle foi maltratado e mantido em isolamento, o que juntamente com o ar impuro da prisão, lhe provocou uma doença de que veio a falecer. Morreu em menos de cinco semanas, a 22 de Setembro de 1662. A morte de Biddle, aliada a uma Lei da Uniformidade, decretada no mesmo ano, implicou que as celebrações públicas segundo o padrão estabelecido por Biddle deixassem de poder efectuar-se. Aliás, após a publicação desta lei, 2 257 padres ficaram sem vida, pois o seu destino passou a ser desconhecido. Sabe-se contudo que, durante este período particular, em Inglaterra, cerca de 8000 pessoas morreram na prisão por se recusarem a aceitar a doutrina da Trindade. O autor de uma memória sobre Biddle, escrita aproximadamente vinte anos após a sua morte, preferiu manter o anonimato para bem da sua segurança. Entretanto, o Unitarismo continuou a propagar-se como escola de pensamento, os seus aderentes aumentaram e a própria utilização da força para levar novamente as pessas para a Igreja oficial, apenas contribuiu

para que mais gente se associasse à fé de Socianus e de Biddle e até, que muitos dos intelectuais mais importantes da época, incluindo Milton, Sir Isaac Newton e Locke, acreditassem na Unidade Divina.

O nível atingido pelas autoridades, na tentativa de extinguir o Unitarismo, pode ser avaliado através das leis que foram decretadas. Assim, um decreto de 1664 condenava ao desterro todas as pessoas acusadas de se recusarem a frequentar a Igreja oficial. E caso regressassem, seriam enforcadas. Havia ainda penas para os que comparecessem a qualquer encontro religioso, com mais de cinco pessoas, que não estivesse autorizado pela Igreja. Quem cometesse esta ofensa pela segunda vez seria desterrado para a América, e no caso de regressarem ou escaparem seriam submetidos à morte, sem a presença do clero. O "*Test Act*" de 1673 estipulava que, à excepção do castigo estabelecido pelo Decreto de 1664, todas as pessoas que não tivessem recebido o sacramento, de acordo com o costume da Igreja de Inglaterra, seriam impedidas, sob condenação, de servir quem quer que fosse ou de intentar qualquer acção em tribunal. Não poderia ser tutor de uma criança, executor, nem receber qualquer legado, escritura ou dádiva. Se alguém sob condenação tentasse fazer alguma destas coisas, estaria sujeito a uma multa de quinhentas libras. Em 1689 foi decretada uma *Lei de Tolerância* que, todavia, não incluía aqueles que rejeitassem a doutrina da Trindade. Os Unitaristas, então, condenaram a intolerância desta *Lei da Tolerância*. O Parlamento respondeu condenando o Unitarismo como uma "*heresia obnóxia*". A pena por este crime consistia na perda de todos os direitos civis e num cativeiro de três anos. Apesar disso, aquilo por que Biddle tinha lutado não podia ser afastado dos corações dos homens apenas com um decreto, embora as leis impedissem muita gente de professar a sua fé abertamente. Todos aqueles que não se sentiram capazes de desafiar a lei e de denunciar, abertamente, a doutrina da Trindade, recorreram a inúmeros expedientes para poderem calar as acusações das suas consciências, uns omitindo silenciosamente as partes do Credo de Atanásio com que não concordavam, e os outros mandando um sacristão ler. Diz-se que um padre mostrou o seu desrespeito pelo credo fazendo com que o cantassem como uma popular toada de caça. Outro padre, antes de ler a doutrina da Trindade proscrita por lei, dizia, *«Irmãos, este é o credo de Santo Atanásio, mas Deus proíbe que seja o credo de qualquer outro homem»*.[111] No entanto, de um modo geral, aqueles que acreditavam na Divina Unidade não se atreviam a declarar abertamente a sua fé.

Biddle era um escolástico trabalhador e as suas formulações resultaram de um profundo estudo, pois estava convencido de que a

[111] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

melhor maneira de servir a Humanidade era testumunhar corajosamente a verdade, mesmo que isso significasse ser atacado e perseguido. Estava preparado para aceitar a pobreza, as masmorras e o exílio, queria que os homens abandonassem as Igrejas que considerava corruptas e renunciassem a qualquer aparência de conformidade com as manifestações de erro. Biddle possuía, pois, a coragem de um mártir.

Milton (1608-1674)

Milton, que viveu na mesma época de Biddle e partilhou muitas das suas opiniões, não era tão franco quanto Biddle, preferindo passar a sua vida fora da prisão. No segundo volume do "*Tratado da Verdadeira Religião*" ele diz o seguinte: *«Os Arianos e os Socianistas têm a missão de lutar contra a Trindade. Afirmam acreditar no Pai, no Filho e no Espírito Santo, de acordo com as Escrituras e o Credo Apostólico. Quanto aos termos 'Trindade', 'tri-unidade', 'co-essencialidade' e 'tri-personalidade' são rejeitados como noções escolásticas que não existem nas Escrituras. Na generalidade das máximas protestantes é claro e é vantajoso expressar abundantemente o seu significado próprio nas palavras mais adequadas e relacionadas com tal assunto, que convém conhecer. De facto são um mistério nas suas subtilezas sofistas, mas nas Escrituras são uma doutrina clara».* [112]

Noutro livro foi mais directo, dizendo que o poder exercido por Papas, Bispos e Presbíteros devia ser classificado como a pior e mais odiosa das tiranias. E continuou: *«Todas as imposições de ritos religiosos, cerimónias e doutrinas são um indesculpável ataque à Liberdade».*[113]

O poeta não desafiou directamente a autoridade civil do país, mas empenhou-se no protesto contra o fanatismo e a intolerância da Igreja oficial e, tal como alguns intelectuais distintos da época, deixou de ir a qualquer Igreja. O Dr. Johnson disse de Milton:

> *«Ele não estava associado a nenhuma seita de Protestantes. Sabemos melhor o que ele não foi do que o que foi. Nem pertencia à Igreja de Roma. Nem pertencia à Igreja de Inglaterra. Milton envelheceu sem dar sinais visíveis de adoração. Na forma como distribuía as horas não havia períodos para a oração — o trabalho e a meditação eram a sua oração habitual».*[114]

---

[112] *The Christian Doctrine,* J. Milton
[113] *The Christian Doctrine,* J. Milton
[114] *Anti-trinitarian Biographies III,* A. Wallace

É claro que o Dr. Johnson não teve conhecimento de um livro que Milton escrevera, e que só em 1823 foi descoberto, quase cento e cinquenta anos após a morte do autor. O manuscrito foi encontrado no antigo *State Paper Office*, em Whitehall, e intitulava-se "*Dissertação Relacionada com Deus*". Escrito enquanto Milton foi secretário de Cromwell, obviamente que não se destinava a ser publicado durante a vida do seu autor.

No Livro I, capítulo segundo, Milton escreve sobre os atributos de Deus e, em particular, sobre a Unidade Divina, o seguinte:

«Embora não sejam poucos os que negam a existência de Deus, 'pois o tolo disse no seu coração que não há Deus', Salmo 14.1, a Divindade imprimiu tantos sinais Seus no espírito humano e, na própria natureza são visíveis tantos traços Seus, que ninguém, no seu perfeito juízo, pode continuar a ignorar a verdade. No há dúvida de que tudo no mundo, pela beleza da sua ordem e pela evidência do objectivo benéfico por que se rege, é testemunho de que um eficaz Poder supremo deve ter pré-existido graças ao qual tudo foi ordenado para um fim específico.

No entanto, ninguém pode ter pensamentos certos acerca da natureza de Deus, ou ter a razão como seu guia, por si só, e independentemente da palavra ou mensagem de Deus... Portanto Deus forneceu-nos uma revelação tão completa de Si, quanto a nossa mente pode conceber ou a fraqueza da nossa natureza pode aguentar,... tanto conhecimento da Divindade quanta o necessário para a salvação do homem, pois fazia parte da Sua bondade ficar satisfeito em revelar abundantemente... Os nomes e atributos de Deus mostram a Sua natureza e o poder e a excelência Divinos.»

Milton enumera então alguns dos atributos de Deus: Verdade, Espírito (Eu sou o que sou), Imensidão e Infinitude, Eternidade, Imutabilidade (Eu não mudo), Incorruptibilidade, Imortalidade, Omnipresença, Omnipotência e, finalmente, Unidade que, diz, *«resulta necessariamente de todos os atributos anteriores»*. Milton enumera então as seguintes provas, provenientes da Bíblia:

... só o Senhor é Deus e não há nenhum outro além d'Ele. (Deuteronómio 4:35)

... só o Senhor é Deus e que não há outro, tanto no alto do céu, como aqui em baixo, sobre a terra. (Deuteronómio 5:39)

Eu é que sou Deus, Eu só, e nenhum outro Deus, além de mim! (Deuteronómio 32.39)

... que todas as pessoas da terra saibam que o Senhor é Deus e não há nenhum outro. (I Reis 8:60)

... Tu és o Deus, só Tu, de todos os reinos da terra. (II Reis 19:15)
Acaso há outro Deus fora de Mim ? Não conheço. (Isaías 44.8)
Eu sou o Senhor, não há outro, não existe outro Deus fora de Mim. (Isaías 45:5)
Não há outro Deus fora de Mim. (Isaías 45:21)
Porque eu sou Deus e não há outro. (Isaías 45:22)

Comentando o versículo anterior, Milton diz *«ou seja, nenhum Espírito, nenhuma pessoa, nenhum ser além d'Ele é Deus, pois* "nenhum" *é uma negativa universal».*

Sim, Eu sou Deus e não há outro. Eu sou Deus e não há nenhum semelhante a Mim. (Isaías 46:9)

E Milton continua:

«... o que é que poderá ser mais claro, mais distinto, mais adequado à compreensão em geral e às formas vulgares de discurso, para servir o propósito de enraizar nas pessoas a ideia de que existe Um Deus e Um Espírito, na aceitação comum da unidade? Na verdade, foi adequado e extremamente agradável para a razão que os primeiros, e consequentemente, os maiores mandamentos, aqueles que até as pessoas mais vulgares tinham que cumprir escrupulosamente, fossem ensinados de maneira tão clara que, de forma alguma, as expressões ambíguas ou obscuras pudessem induzir em erro, ou manter na dúvida os seus adoradores. Da mesma forma, os israelitas cumpridores da lei e os seus Profetas, sempre souberam que isso significava que Deus era UM em número, além do qual não havia outro, e muito menos outro igual. Pois os escolásticos não tinham ainda, como viriam a fazer mais tarde, com confiança na sua sagacidade ou, mais propriamente falando, com argumntos puramente contraditórios, imposto a própria doutrina da Unidade de Deus, que pretendiam discutir. Mas, no que diz respeito à omnipotência da Divindade, tal como é aceite universalmente e tal como foi declarado anteriormente, Ele não pode fazer nada que envolva contradição: devemos, portanto, ter sempre presente que nada pode ser dito do Deus Único que seja inconsistente com a Sua Unidade e com a atribuição, em simultâneo, dos atributos de unidade e de pluralidade. Marcos, 13:29-32: "Ouve, Israel. O Senhor nosso Deus é um Senhor." Resposta em relação à qual o escriba afirmou: "Bem, Mestre, haveis dito a verdade: pois existe Um Deus; e não há mais nenhum além d'Ele"».

Milton prossegue então a argumentação sobre a natureza do Espírito Santo. As Escrituras, diz, são silenciosas, sobre a sua natureza, sobre a maneira como existe e de onde surgiu. E continua, então:

«É pouco razoável, para não dizer mesmo perigoso, que em aspectos tão difíceis, se peça aos crentes que aceitem uma doutrina acrescentada pelos seus defensores como sendo de grande importância e absolutamente certa, ou não menos clara que o mais claro testemunho das Escrituras; e que um ponto que vai abertamente contra a Razão seja, mesmo assim, considerado susceptível de prova pela Razão humana, apenas através de disputas duvidosas e obscuras.»

Milton traça então as seguintes conclusões a partir do conhecimento da Bíblia: O Espírito Santo não é omnisciente, nem omnipresente. Não se pode dizer que, pelo facto do Espírito Santo levar a cabo o trabalho de Deus, ele é uma parte de Deus. Se fosse assim, então porque se havia de chamar *Consolador* ao Espírito Santo, que veio depois de Jesus, que não fala de si, nem em seu nome e cujo poder é, portanto, recebido? (João,16:7-14). Torna-se assim claro que, em vez de aceitar o termo "Consolador" no seu sentido mais óbvio, como o de um Profeta que veio depois de Jesus, se Ele for chamado *Espírito Santo* e, até *Deus*, isso cria uma confusão interminável.[115]

Milton concorda com Arius, quando este afirma que Jesus não era eterno. Diz que Deus tem o poder de criar ou de não criar Jesus. E conclui que Jesus nasceu "entre os limites de um tempo". Fica perturbado por não conseguir encontrar nas Escrituras nenhuma passagem que apoie a "*eterna geração de Jesus*". A hipótese de que Jesus tem a mesma essência de Deus, embora pessoal e numericamente seja outro, é estranha e oposta à Razão. Este dogma violenta não só a Razão, mas também as provas da própria Escritura. Milton concorda com o "*Israelitish people*" quando afirma que *Deus é um só,* o que é tão evidente que não exige expliações. Só um Deus Único pode existir por si mesmo; um ser que não se cria a si mesmo não pode ser Deus.

Milton conclui então o seguinte:

«É espantoso como alguns indivíduos se esforçaram por iludir ou obscurecer um significado tão claro como o das Escrituras, com distinções extremamente fúteis ou com artifícios de impostor».[116]

Milton diz que o Espírito Santo é inferior a Deus e a Jesus, uma vez que a sua missão é a de transportar mensagens de Um para outro. Por si só, ele nada poderia fazer. É subserviente e obedece a Deus em todas a coisas. É enviado por Deus e nada pode dizer por si mesmo.

Milton sentiu que não podia exprimir estas opiniões abertamente, pois se o fizesse estaria a pôr em perigo a sua segurança pessoal e a

[115] *The Christian Doctrine*, J. Milton
[116] *The Christian Doctrine*, J. Milton

expor-se ao mesmo tipo de tratamento que Biddle e muitos outros já tinham sofrido. Em 1611, isto é, no período em que Milton viveu, dois homens, chamados Leggat e Wightman, foram queimados vivos com a autorização do Rei, por não acreditarem na existência de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, na Unidade da Divindade, por sustentarem que Jesus Cristo não era o verdadeiro filho natural de Deus, nem era da mesma substância, eternidade e majestade que o Pai, no que diz respeito à sua Divindade; e que Jesus Cristo era apenas um homem, uma mera criatura, e não Deus e homem juntos numa mesma pessoa.

É, portanto, compreensível o silêncio que Milton quis manter enquanto viveu.

John Locke (1632-1704)

John Locke, conhecido sobretudo pelas suas dissertações sobre os acordos sociais, era também um homem de ideias Unitaristas mas que tinha medo de as declarar abertamente. A determinado altura, foi forçado a abandonar Inglaterra devido às suas opiniões políticas e quando voltou, após a revolução de 1668, certificou-se de que não ofendia directamente os poderes da Igreja, pois temia mais perseguições. Nem sequer a sua monografia sobre a Razão foi apreciada pela Igreja, e o outro folheto que escreveu foi publicado anonimamente. Sabe-se, no entanto, que ele estudou os ensinamentos dos primeiros discípulos de Cristo e que não conseguiu encontrar justificação para a crença na Trindade. Locke era amigo íntimo de Newton e, obviamente, conversou com ele sobre esta matéria, pois era um assunto que estava em grande discussão na época. Le Clere, um amigo de Locke e de Newton fez notar que, até então, nenhum debate tinha sido conduzido, por um lado, com tanta habilidade e, por outro lado, com tanta deturpação, confusão e ignorância. Diz a tradição, além disso, que foi Locke quem negociou os termos da Lei da Tolerância, de 1689.

Sir Isaac Newton

A vida ilustre de Newton foi resumida por Alexander Pope, o famoso poeta Inglês, nestas palavras:

«A natureza e as leis da natureza escondem-se no escuro da noite. Deus disse, "Faça-se Newton" — e tudo se fez luz».[117]

[117] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace, p. 428

E até Newton foi outro dos homens que acharam insensato professar as suas crenças abertamente. Em 1609, ele enviou uma pequena embalagem a John Locke, contendo os seus comentários sobre a adulteração do texto do Novo Testamento relativamente a João 5:7 e a I Timóteo 3:16. Esperava, assim, que Locke o ajudasse a traduzir o manuscrito para francês, a fim de o poder publicar em França, pois achava que seria demasiado perigoso imprimi-lo em Inglaterra. Chamava-se *«Um Registo Histórico de Duas Notáveis Adulterações das Escrituras»* e, em 1692, houve quem fizesse uma tentativa para publicar, anonimamente, a tradução latina. Quando soube disto, Newton pediu a Locke para tomar medidas no sentido de que tal não acontecesse, pois achou que a altura não era propícia.

No seu *«Registo Histórico»*, Newton diz, referindo-se a João 5:7:

«No decurso da longa e veemente controvérsia universal sobre a Trindade, no tempo de Jerome, e muito antes, e muito depois dele, nunca se pensou neste texto dos "três no céu". Está agora na boca de toda a gente e é considerado o mais importante texto sobre o assunto, e tê-lo-ia sido certamente, se estivesse presente nos seus livros».

E Newton continua:

«Deixai aqueles que disso forem capazes, tirarem algum sentido. Pela minha parte não consigo tirar nenhum. Se se diz que não nos cabe a nós, através do julgamento individual, determinar o que está e o que não está nas Escrituras, eu confesso-o em trechos não alterados, mas nos trechos controversos adoro associar-me ao que consigo compreender melhor. Faz parte do temperamento da parte supersticiosa da humanidade, em matéria de religião, gostar de mistérios, e por essa mesma razão gostar mais daquilo que menos percebem. Tais homens podem usar o Apóstolo João tanto quanto quiserem, mas eu tenho um respeito por ele que me faz acreditar que ele escreveu coisas com sentido e, portanto, tomo isso como sendo dele, que é o melhor».[118]

De acordo com Newton, este versículo apareceu, pela primeira vez, na terceira edição do Novo Testamento de Erasmus. Newton acreditava que, antes da publicação desta edição, o "*falso texto*" não se encontrava no Novo Testamento, pois *«Quando introduziram a Trindade nesta edição fizeram-no através de um manuscrito, como se fosse um almanaque velho. E poderão tais trocas desonestas satisfazer homens atentos»*? E continua: *«Em religião é mais perigoso do que vantajoso apoiar-se em coisas sem valor».*

---

[118] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace, p. 438

Referindo-se a I Timóteo 3:16, Newton diz: *«No período que durou a acesa e persistente controvérsia Ariana nunca entrou em cena ... esses que lêem 'Deus manifestou-se na carne' consideram-no um dos mais claros e pertinentes textos sobre o assunto».*[119]

Newton opunha-se às interpretações alegóricas e dúbias do Antigo Testamento e não acreditava que todos os livros das Escrituras tivessem a mesma autoridade. Segundo Whiston, Newton escreveu ainda uma dissertação sobre dois outros textos que Atanásio tinha tentado adulterar, mas de que actualmente não há sinais.

Finalmente, Newton disse ainda o seguinte:

«A palavra 'Divindade' implica o exercício do domínio sobre outros seres subordinados e a palavra 'Deus' significa, muito frequentemente, 'Senhor'. Nem todos os senhores são Deus. Se esse domínio é real então esse ser é o verdadeiro Deus; se for fictício, é um falso Deus; se for supremo, um Deus supremo».[120]

Thomas Emlyn (1663-1741)

Thomas Emlyn nasceu a 27 de Maio de 1663, tendo ido estudar para Cambridge em 1678. Concluídos os estudos, voltou para Dublin, cidade onde se tornou um pregador muito popular. O Ministro Presbítero pregou o seu primeiro sermão em 1682, e durante os dez anos que se seguiram a sua popularidade de bom pregador foi aumentando. Por volta de 1702, um membro da sua congregação notou que Emlyn evitava algumas expressões muito conhecidas da eloquência sagrada e os argumentos geralmente empregues para apoiar o dogma da Trindade, o que fez com que o interrogassem sobre o que pensava acerca do conceito da Trindade. Uma vez que a pergunta foi feita tão directamente, Emlyn sentiu-se obrigado a expressar as suas ideias, abertamente e sem reserva.

Admitiu que acreditava num Deus Uno e declarou que Deus era o Único Ser Supremo e que todo o poder e autoridade de Jesus advinham apenas d'Ele. Acrescentou que, se a congregação considerasse ofensivas as suas ideias, se prontificava a demitir-se de forma a que pudessem escolher um ministro que apoiasse as suas ideias. A maioria da congregação não quis que isto sucedesse, mas a situação era tal que ele acabou por se demitir, com grande pena de todos. Aconselharam-no então a ir para Inglaterra durante algum tempo, até que as coisas acalmassem.

---

[119] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
[120] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

Após ter passado dez semanas em Inglaterra, voltou a Dublin para reunir a família e levá-la consigo para Inglaterra. Antes, porém, em 1703, foi preso e acusado de heresia, pois descobriu-se que tinha sido o responsável pela publicação de um livro sobre o Unitarismo, intitulado *"Uma Humilde Pesquisa nos Registos das Escrituras sobre Jesus Cristo"*, que forneceu à acusação a prova de que precisava. Todo o livro se baseava fundamentalmente no texto de João (14:28) em que Jesus diz: *«O Pai é Maior do que Eu»*. Emlyn procurou demonstrar que Jesus era um mediador entre o homem e Deus e, de maneira subtil, separou Jesus de Deus, o que vinha destruir a ideia de Trindade.

Devido à dificuldade que os seus oponentes tiveram para elaborar uma acusação contra Emlyn, o julgamento foi adiado por alguns meses, que este passou na prisão. Quando finalmente o julgamento começou, um *"senhor de vestes compridas"* informou-o de que não lhe seria permitido defender-se, antes pelo contrário, pois tinha sido decidido *«deitá-lo abaixo como um lobo, sem lei nem luta»*.[121] Não é surpresa que ele tenha sido acusado e considerado culpado de *«escrever e publicar uma Bíblia infame e escandalosa, declarando que Jesus Cristo não era o Deus Supremo»*.[122] Deram-lhe a escolher entre ser preso por um ano ou pagar uma multa de mil libras, tendo ele permanecido na prisão até a multa ser paga. Nas recorrências que se seguiram a esta sentença, fai arrastado de tribunal para tribunal e exibido como um herético perante o público. O tratamento desumano a que esteve submetido, foi, apesar de tudo, considerado piedoso, pois se tivesse sido em Espanha teria sido queimado vivo. Devido a grandes pressões por parte do governo, a multa foi reduzida para setenta libras e quando foi paga, Emlyn saiu não só da prisão, mas também da Irlanda. Um padre eminente, comentando o tratamento dado aos heréticos, declarou que *«a faculdade de escolher entre a masmorra e a multa é muito convincente»*.[123]

Emlyn veio, assim, juntar-se ao número de santos notáveis que se atreveram a negar a Trindade e a apoiar a fé n'Um só e Único Deus. Na revelação Divina do Alcorão todo este assunto se torna claro, pois Deus é supremo e não há outro como Ele. Mais ninguém é mencionado como se fosse Deus. Infelizmente, não se passa o mesmo com a Bíblia, por isso Emlyn tentou esclarecer tal confusão no seu livro. De acordo com Emlyn, Deus *«por vezes significava o Maior, mais Perfeito e Infinito Ser, que é por si mesmo o Único e que não deve a ninguém, nem o Seu Ser, nem a Sua Autoridade, nem seja o que for; e isto é que na*

---

[121] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace, p.517
[122] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace
[123] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

maior parte das vezes se pretende quando falamos de Deus no discurso vulgar, na Oração e nos Louvores; queremos dizer isso de Deus no mais elevado sentido». Emlyn continuou, então, a mostrar que na Bíblia, a palavra *Deus* é muitas vezes usada para indicar pessoas que são investidas de autoridade e poder subordinados, em comparação com o Ser Supremo.

«Os Anjos são designados por deuses... "Tu foste feito à imagem e semelhança de Deus". (Salmo 8.5); os magistrados são deuses. (Êxodo 22:28, Salmos 82:1, João 10:34-35); por vezes uma pessoa é designada como Deus, como Moisés que, por duas vezes, é chamado Deus para Aarão, e posteriormente Deus para o Faraó; e o Diabo também é chamado Deus, Deus do seu Mundo, isto é, o Príncipe e governador poderoso que, através da usurpação injusta e da anuência de Deus ocupa essa posição. Mas aquele que sozinho é Deus no primeiro sentido é infinitamente superior a todos estes, por isso o achamos distinto de todos os outros que são chamados de deuses».

Para melhor clarificar esta distinção, Emlyn citou Philo que descreve o Ser Supremo como sendo «Deus, não apenas dos homens, mas Deus dos deuses». Este é o supremo e mais glorioso epíteto que Lhe é dado no Antigo Testamento, quando se pretende fazer a mais magnífica referência à Sua Grandeza e Glória.

Uma vez que a Bíblia usa o termo "Deus" para descrever Deus e para descrever seres inferiores a Deus, Emlyn prossegue, tentando resolver a questão e diz o seguinte: *«Em qual dos dois sentidos se diz que Cristo é Deus nas Sagradas Escrituras»*? Concluiu que Cristo é uma criatura inferior comparativamente ao Deus dos deuses, (ver I Coríntios 8:5). Emlyn chegou a esta conclusão fazendo a si próprio a seguinte pergunta crucial: *«Jesus Cristo tem algum Deus acima dele, com maior Autoridade, e maior capacidade do que ele, ou não»*? A resposta a esta questão decidiria a posição de Jesus, de uma forma ou de outra. Se tivesse Deus acima dele, então não seria o Deus Absolutamente Supremo. A resposta de Emlyn foi: *«Sim»*, e concebeu três argumentos para apoiar a sua resposta:

Jesus fala expressamente de um Deus que é outro que não ele. Aceita que o Seu Deus esteja acima ou sobre ele. Pede perfeição porque lhe faltam as qualidades super-eminentes e infinitas que apenas pertencem a Deus, o Ser Supremo.

Emlyn achou que estes três pontos tinham que ser elaborados de forma a que o público em geral os compreendesse. Desacreditou a

prática daqueles que escreviam sobre as Escrituras de maneira ininteligível e ainda assim esperavam que as pessoas acreditassem no dogma que descreviam. Emlyn desenvolveu estes três pontos da seguinte forma:

«Primeiro, Jesus fala de um outro Deus distinto de si. Encontra-mo-lo diversas vezes dizendo: "Meu Deus, Meus Deus", a outrem (Mateus 27:46), "Meu Deus, Meus Deus, porque me abandonaste?" (João 20:17). Ora Jesus não pretendia, com certeza, dizer "Eu próprio, Eu próprio porque me abandonaste"? Este Deus era diferente de Jesus, tal como o próprio declara em João 8:42, onde deve notar-se que Jesus não se distingue d'Ele, enquanto Pai, mas enquanto Deus e, portanto, em toda a construção anterior, Jesus não pode ser considerado o próprio Deus, de quem se diferenciou...

Em segundo lugar, Jesus reconhece, não só outro que não ele, como sendo Deus, mas ainda que Ele está acima ou sobre si, o que é também, claramente, assumido pelos Apóstolos. Jesus proclama de viva voz a sua submissão ao Pai em muitas circunstâncias. Em geral, declara que o seu Pai é maior do que ele; afirma ter vindo, não para fazer algo por si, mas apenas em nome e subordinado à autoridade do Pai; procurou não a sua, mas a Glória de Deus; não fez a sua vontade, mas a de Deus. Foi em tal posição de submissão, que desceu do céu para esta terra. De novo confessa a sua dependência em relação a Deus, mesmo em relação às coisas que supostamente lhe pertencem como se fosse Deus, a saber, o poder de fazer milagres, de ressuscitar os mortos, de efectuar julgamentos universais. De tudo isto ele diz: "Por mim, sozinho, não posso fazer nada."

Em terceiro lugar, Jesus nega as perfeições infinitas (poder não subordinado, bondade absoluta, conhecimento ilimitado), que pertencem apenas ao Supremo Deus dos Deuses. E o certo é que se lhe faltar qualquer destas perfeições essenciais à Divindade, então não poderá ser Deus. Se Jesus não possuir uma, deixa de poder ostentar a outra, pois negar que tem todas as Perfeições Divinas, ou negar que é o Deus Infinito, é a mesma coisa».

Emlyn continuou, dando exemplos para provar o seu último ponto:

Uma grande e peculiar Perfeição da Divindade é a Omnipotência absoluta e não subor- dinada, pois aquele que não pode fazer todos os milagres, nem faz aquilo que quer por si só, nunca será o Ser Supremo, se não o consegue fazer sem a ajuda de outrem. Em comparação, Jesus parece ser algo imperfeito e defeituoso, uma vez que precisa de ajuda e pede mais forças a outro que não ele.

Ora é absolutamente evidente que Jesus (quaisquer que fossem os poderes que possuia), confessa, inúmeras vezes que, por si só, não tinha

poderes infinitos: "Eu nada posso fazer por mim mesmo" (João 5:30). Ele tinha falado de grandes milagres, a saber, ressuscitar os mortos, efectuar julgamentos universais; além disso tornara claro o facto de que os homens devem saber que a sua capacidade para estas coisas provém de Deus. A princípio afirma: "O filho não pode fazer nada além do que vê o Pai fazer", e volta a repeti-lo a meio. Como se não conseguisse inculcar esta grande verdade, acrescenta na conclusão: "Eu nada posso fazer por mim mesmo...". Seguramente esta não é a voz de Deus, mas sim a de um homem! O Mais Alto não pode receber de ninguém, ninguém pode torná-lo mais poderoso ou sábio, uma vez que à Perfeição absoluta, nada há a acrescentar. Como o poder em Deus é uma Perfeição em essência, conclui-se que, se derivasse de algo, então também a essência ou o próprio Ser o seriam, o que é uma blasfémia contra o Mais Alto. Colocá-lo entre as criaturas dependentes e subordinadas será equivalente a "desdeificá-lo". O Deus Supremo é, de facto, a primeira e a causa original de tudo».

Emlyn examinou ainda a afirmação atribuída a Jesus em Marcos 13:32. Falando do Dia do Julgamento, Jesus diz: *«Quanto a esse dia nenhum homem o conhece, nem os anjos do céu, nem o filho, apenas o Pai».* Emlyn fez notar que, para os que acreditassem na Divindade de Jesus, esta afirmação pressupunha que Deus teria duas naturezas, ou dois estados de conhecimento diferentes e simultâneos, ficando na ridícula posição de saber e não saber uma coisa ao mesmo tempo. Se Jesus fosse Divino ou Deus, então teria tal conhecimento; senão, Jesus não teria feito tal afirmação, pois se tivesse a mesma natureza do Pai, também possuiria o mesmo conhecimento.

Thomas Emlyn estava totalmente ciente de que iria ser mal interpretado por um largo número de Cristãos. Ao defender a sua crença tornou clara a sua "Confissão de Cristianismo", dizendo que considerava Jesus como seu professor, a quem admirava e amava além do pai, da mãe e dos amigos. E continuou, dizendo o seguinte: *«Eu sei que Jesus não ama nada que não seja Verdade, e nunca ficará ofendido com alguém que sustenta as suas palavras, a saber, que* "O Pai é maior que eu" *(João 15:28). Tendo em vista esta declaração, argumentou Emlyn, seria perigoso dizer que: "Deus não é maior do que Jesus».*[124]

Thomas Emlyn foi um sábio homem de Deus, conhecido pela sua sabedoria e integridade, e pela firmeza com que suportou a perseguição sem comprometer as crenças que defendia. Por isso faz parte da galáxia de santos que desafiaram aqueles que se lhes opunham. Além disso, sofreram cativeiros, torturas e até mesmo a morte, mas não

[124] *Anti-trinitarian Biographies III*, A. Wallace

cederam perante o poder da Igreja e do Estado, que tantas vezes uniram forças para os eliminar. Afinal, cada perseguição apenas fazia aumentar a popularidade da sua mensagem que era simplesmente: *«Não existem Três, mas sim Um Deus».*

Emlyn foi um dos primeiros, de entre os dissidentes Protestantes, a ter a coragem de pronunciar publicamente a sua descrença na doutrina da Trindade. Em seguida, no início do século XVIII, o número de Ministros Presbiterianos que se lhe juntaram, e que abraçaram as crenças de Arius, Unitária e outras, foi considerável. Dez anos depois do julgamento de Emlyn, e de ter sido publicamente posta em causa a suposta Divindade de Jesus, a agitação abafada sentida na Igreja de Inglaterra, explodiu, em 1712, com a publicação do livro intitulado "*A Doutrina da Trindade na Escritura*" de Samuel Clarke. Neste livro eram citadas 1251 passagens das Escrituras para provar que Deus, o Pai, era superior e que Cristo e o Espírito Santo eram subordinados. Clarke publicou mais tarde uma versão anotada do Livro das Orações Comuns, omitindo o Credo de Atanásio e outras passagens trinitaristas.

Thomas Emlyn morreu em Junho de 1741.

Theophilus Lindsey (1723-1808)

Theophilus Lindsey nasceu em 1723, tendo sido o organizador da primeira congregação unitária na Inglaterra. Praticando um ritual religioso baseado na revisão de Samuel Clarke, realizada 60 anos atrás, Lindsey dirigiu a primeira cerimónia numa sala de leilões na Essex Street, em Londres, a que assistiu uma vasta comunidade, incluindo Benjamin Franklin e Joseph Priestly. Eis uma descrição do acontecimento, extraída de uma carta redigida no dia seguinte por Lindsey, e tendo como destinatário um seu amigo:

«Ficará contente por saber que ontem tudo correu da melhor forma. Contrariando as minhas expectativas, a audiência era maior e mais respeitável do que eu podia ter esperado, tendo-se comportado com grande decência e tendo muitos deles expressado uma grande satisfação pela cerimónia.

Dei-me conta de alguma agitação, que me fez temer o pior, mas não houve um único movimento desagradável. A única falha que encontrei foi o facto da cerimónia ter sido demasiado pequena. Parece-me que devido à boa impressão que causou, e à seriedade e satisfação geral, tudo leva a crer que esta tentativa, com a benção Divina, pode vir a ser de uma utilidade única. O contraste entre as nossas cerimónias e as da Igreja surpreende toda a gente. Desculpa-me dizer, mas devo ter corado por aparecer com

uma vestimenta branca. No mínimo, ninguém pareceu esperá-lo. Estou feliz por não ter ficado embaraçado com nada e bastante satisfeito com toda a cerimónia, uma satisfação que nunca havia conhecido antes.

Devo dizê-lo novamente, e agradecer a Deus por termos capacidade para fazer as coisas bem feitas e apenas desejamos continuar com a Sua benção, como começámos...». [125]

A criação da congregação de Essex Street, cedo inspirou a construção de outras "capelas" Unitárias em Birmingham, Manchester e outras cidades inglesas. A independência do clero encorajou a liberdade doutrinal, e assim, em 1790, dirigindo-se aos estudantes de Oxford e de Cambridge, Lindsey afirmou o seguinte: *«factos claros e simples para todos compreenderem... todos os homens que acreditam nas Escrituras, mais tarde ou mais cedo terão que se curvar perante o conhecimento de:*

Que existe um Deus Uno, uma única pessoa, que é Deus, o único Criador e Senhor supremo de todas as coisas;

Que o sagrado Jesus foi um homem da nação judaica, o servo deste Deus, extremamente honrado e distinguido por Ele;

Que o Espírito, ou Espírito Santo, não foi uma pessoa ou um ser inteligente, mas apenas um extraordinário poder ou dádiva de Deus, concedido ao próprio Jesus Cristo durante a vida e, consequentemente, aos Apóstolos e a muitos dos primeiros cristãos, outorgando-lhes poder para proclamar e difundir o novo testamento com sucesso (Actos 1:2);

Que esta doutrina que diz respeito a Deus, a Cristo, e ao Espírito Santo, foi ensinada pelos Apóstolos e pregada aos judeus e aos ateus». [126]

Com tais convicções, quase modernas, o Unitarismo inglês entrou no seu período áureo. Lindsey, aliás, de forma a tornar claro o facto de Jesus Cristo não ser Deus, fez notar na sua obra os seguintes pontos:

Jesus Cristo nunca se fez passar a si próprio por Deus, nem sequer insinuou ser a pessoa por quem todas as coisas foram feitas. As Escrituras do Antigo Testamento mencionam apenas uma pessoa, um Jeová, um Deus por si mesmo, um Deus Único criador de todas as coisas. Em referência a João 5:7, não é credível que este, um piedoso hebreu, tivesse introduzido um novo criador, um novo Deus sem qualquer

---

[125] *The Epic of Unitarianism*, D. B. Parke, p.46
[126] *The Epic of Unitarianism*, D. B. Parke, p. 47

aviso. Não é do nosso conhecimento qual a altura em que ele desenvolveu esta estranha doutrina ou qual a autoridade em que se fundamentou; especialmente quando consideramos que, pela lei de Moisés cuja Divina autoridade ele reconheceu, era um crime de idolatria e blasfémia, ter ou adorar qualquer outro Deus que não fosse Jeová. O seu senhor e mestre, Jesus, não mencionou nenhum outro Deus para além de Jeová, e nunca se assumiu como um símbolo para falar de si próprio mas, tal como o seu Pai, de quem era mensageiro, deu-lhe um mandamento acerca daquilo que deveria dizer e fazer (João 12:49). Os autores da história do Evangelho falam de uma pessoa Divina, o Pai, como o único e verdadeiro Deus (João 17:3).

Marcos, Mateus e Lucas, que escreveram sem se consultarem uns aos outros, nunca tentaram dar a entender que Jesus era Deus. Não se pode acreditar ou sequer imaginar que, se estes homens o tivessem conhecido como sendo Deus e Criador do mundo, tivessem mantido silêncio sobre um assunto tão importante como este. João, que começou o seu Evangelho dizendo que a Palavra era Deus e que Jesus era a Palavra encarnada, não volta a descrevê-lo desta forma no resto do Evangelho.

Analisando o Evangelho de Lucas, podemos perceber como ele acreditava que Jesus não teve qualquer outra existência antes de ter nascido através da sua mãe Maria, uma vez que:

Em 3:23-38, é-nos dada uma descendência linear de Jesus.

Em 4:24 e 8:33, Jesus é reconhecido como sendo um Profeta de Deus.

Em 7:16 e 24:19, Jesus é designado por Profeta.

Em 3:13-26 e 4:27-30, Pedro e outros Apóstolos chamam a Jesus *o servo de Deus.*

Em 17:24-30, Lucas descreve-o como o *filho do homem,* atribuindo-lhe uma importante tarefa, inferior no entanto à de Deus que criou o mundo.

Lindsey perguntou àqueles que adoram Jesus qual seria a sua reacção, se este aparecesse e lhes colocasse as seguintes questões:

«Porque me diriges as tuas devoções? Alguma vez te indiquei que o fizesses ou me propus a mim próprio como um objecto religioso de adoração?

Não servi eu de exemplo, permanentemente e até ao último momento, ao rezar ao Pai, ao meu Pai, ao teu Pai, ao meu Deus e ao teu Deus? (João 20:17). Quando os meus discípulos me pediram para os ensinar a rezar

(Lucas 11:1-2), ensinei-os a orar a mim próprio ou a qualquer outra pessoa que não fosse o Pai? Alguma vez me apelidei Deus ou vos disse que era o criador do mundo e que devo ser admirado?

Salomão, depois de construir o templo disse, «Irá Deus de facto habitar na terra? Olhai! Se nem o céu, nem os altíssimos céus Vos podem conter, muito menos esta casa que construí. (1 Reis 8:27)».[127]

Lindsey acredita na Unidade Divina como se torna evidente por estas suas palavras:

«O Criador Infinito deveria ser adorado em todos os lugares, pois Ele está em todo o lado... nenhum lugar é mais sagrado do que outro, mas todo o sítio é sagrado para aquele que reza. O adorador cria o lugar. Sempre que um espírito humilde e dedicado olhar para Deus, encontra-O. Um espírito sem pecados é o verdadeiro templo de Deus».[128]

Joseph Priestly (1733-1804)

Joseph Priestly nasceu na pequena aldeia de Fieldhead, seis milhas a sudoeste de Leeds, em 1733. Filho primogénito de um alfaiate, Priestly tinha apenas seis anos de idade quando a mãe faleceu. Em casa recebeu uma rigorosa educação Calvinista, mas os professores da escola eram ministros dissidentes, ou seja, sacerdotes que não concordavam com todas as doutrinas da Igreja de Inglaterra. Com a intenção de vir a ser padre, obteve boas classificações a Latim, Grego e Hebraico, embora o mais antigo membro da Comunidade lhe tenha recusado a admissão, por Priestly não demonstrar um arrependimento suficientemente grande pelos pecados de Adão. Uma vez que as Universidades se recusavam aceitar quaiquer pessoa que não tivesse mostrado concordância com todas as doutrinas da Igreja Ortodoxa, Priestly foi enviado para uma bem conhecida Academia, onde tanto os professores como os estudantes estavam divididos entre a Ortodoxia estabelecida pela Igreja e a "heresia" de crer num Deus Único. Nesta Academia, Priestly começou a duvidar da verdade dos dogmas fundamentais da Igreja Cristã, especialmente o da Trindade e quanto mais estudava a Bíblia, mais convencido ia ficando das suas próprias opiniões.

As obras de Arius, Servetus e Sozini, deixaram-lhe uma profunda impressão e, tal como eles, também chegou à conclusão de que a Bíblia oferecia um frágil suporte às doutrinas da *Trindade* e da *Expiação*. Por isso, ao completar os seus estudos, deixou a Academia como reconhecido ariano.

---

[127] *A List of False Reading of the Scripture*, T.Lindsey
[128] *Two Dissertations*, T. Lindsey

Após terminar os estudos, Priestly ficou como assistente de um padre, a receber um salário de trinta libras por ano, mas demitiram-no logo que descobriram a crença que professava. Em 1758, deram-lhe outra missão, voltando a exercer funções como padre em Nantwich, em Cheshire, onde permaneceu três anos. Apesar de receber um salário reduzido, conseguia completá-lo dando explicações privadas.

Cedo adquiriu a reputação de bom professor. Por isso, quando, em 1757, os Arianos fundaram uma Academia em Warrington, Priestly deixou Nantwich e fixou-se como professor em Warrington. Durante as férias visitava Londres tendo, pela primeira vez, conhecido Benjamim Franklin numa dessas visitas. Em 1767 aproximou-se do seu velho lar, passando a exercer funções de padre em Mill Hill, em Leeds, onde permaneceu durante seis anos. Em Leeds, Priestly publicou alguns folhetos e cedo se tornou um orador notável e de autoridade, bem conhecido do Unitarismo. Além disso, começou a estudar Química nos tempos livres, obtendo um considerável sucesso. Chegou a ser reconhecido pela Sociedade Real e, em 1774, descobriu o oxigénio, uma surpreendente descoberta que o tornou famoso, continuando a descobrir novos gases, mais do que todos os estudiosos que o precederam. Priestly, no entanto, estava mais interessado na Religião do que na Ciência e considerou estas suas descobertas como um passatempo de teólogo. Nas memórias pessoais, Priestly dedicou apenas uma página a estas descobertas, escrevendo o seguinte: *«Fiz descobertas em alguns ramos da Química. Nunca dei muita atenção à sua rotina vulgar e soube muito pouco acerca dos seus processos mais triviais».* [129]

Em seguida Priestly associou-se ao Conde de Shellburne como seu bibliotecário e, também, como companheiro literário, recebendo um salário generoso e uma ampla liberdade para fazer o que desejasse. Tal cargo ocupou-o durante sete anos, período em que passou os Verões no campo, na mansão do Conde, e os Invernos em Londres. Além disso, acompanhou o Conde em viagens a Paris, Holanda, Bélgica e Alemanha. No entanto, a partir do momento em que Benjamin Franklin se considerou totalmente a favor da revolução que estava a ter lugar em França, o Conde considerou embaraçosa a amizade entre Priestly e Franklin. Então, Priestly terminou oficialmente tal amizade e em breve se dirigiu a Birmingham, onde permaneceu durante onze anos que, embora terminados em tragédia, talvez tenham correspondido ao período mais feliz da sua vida, pois as tarefas como padre foram restringidas aos Domingos, ficando com o resto da semana livre para trabalhar no laboratório e escrever o que desejasse.

---

[129] *Memoirs of Dr. Priestly*, J. Priestly

Em Birmingham, Priestly produziu o seu mais importante e influente trabalho, a *"História das Adulterações do Cristianismo"*, um livro que muito enfureceu a Igreja contemporânea, na medida em que, não só negava a validade da doutrina da Trindade, como também provava a humanidade de Jesus, ao afirmar que as narrativas do nascimento de Jesus não eram idênticas umas às outras. Priestly acreditava que Jesus era um homem e em tudo semelhante a qualquer outro homem, sujeito, portanto, às mesmas enfermidades, ignorância, debilidades e preconceitos. Considerava também que Jesus foi escolhido por Deus para difundir pelo mundo a moral de Deus, sendo também instruído sobre a natureza da sua missão e investido de poderes milagrosos. Jesus foi enviado para revelar o **segredo de uma outra vida,** na qual os homens seriam recompensados segundo os seus actos e não pelo simples facto de terem sido baptizados. Todavia, os seus pontos de vista não foram do agrado, nem do governo, nem da Igreja.

Priestly, não só afirmou a humanidade de Jesus, como também negou a Imaculada Concepção, deste modo fornecendo as bases da fundação do novo pensamento, facto que fez com que o Unitarismo se assemelhasse a uma viagem de barco sem orientação em águas turbulentas. A noção de direcção está completamente ausente no Unitarismo Universal. Esta negação da Imaculada Concepção conduziu a uma controvérsia des- necessária, que foi mais prejudicial do que benéfica para aqueles que defenderam a Unidade Divina. Entretanto, um movimento similar contribuiu para a Revolução Francesa com o seu reinado de terror, pelo que os acontecimentos que tiveram lugar no outro lado do Canal conseguiram enervar muitas pessoas em Inglaterra. Deste modo, a Igreja Ortodoxa fez com que parecesse que os ensinamentos de Priestly acabariam por provocar o mesmo tipo de tragédia em Inglaterra. Por isso começaram a enviar-lhe inúmeros insultos e cartas ameaçadoras, e a queimar a sua imagem em diferentes partes do país.

Em 14 de Julho de 1791, um grupo de pessoas celebrava o aniversário da tomada da Bastilha num hotel de Birmingham. No exterior, uma grande multidão, partiu as janelas do hotel pensando que Priestly se encontrava nas celebrações, mas Priestly não estava lá. De seguida, o grupo dirigiu-se para casa de Priestly que, de acordo com as suas memórias, *«foi pilhada e queimada sem qualquer misericórdia»*.[130] A biblioteca, o laboratório e todos os papéis e manuscritos ficaram destruídos com o fogo. Priestly, que entretanto fora avisado por um amigo, por pouco não conseguia escapar a tempo. No dia seguinte, as casas dos Unitários mais importantes foram queimadas, e nos dois dias que se seguiram começaram a incendiar as casas daqueles

[130] *Memoirs of Dr. Priestly*, J. Priestly, p. 76

que, não eram Unitários assumidos, mas tinham abrigado e protegido os Unitários que tinham ficado sem casa. Durante todo este tempo a população de Birmingham ficou em pânico, todas as lojas foram fechadas e as pessoas gritavam e escreviam nas portas "Igreja e Rei", para escapar à fúria das multidões. Tudo isto aconteceu até ao momento em que chamaram o exército que veio dispersar os arruaçeiros.

A partir dessa altura, tornou-se demasiado perigoso para Priestly permanecer em Birmingham, pelo que fugiu disfarçado para Londres. Ao descrever as suas experiências em Birmingham, Priestly disse o seguinte: *«Em vez de fugir da violência ilegítima, tenho vindo a fugir da justiça pública. Não podia ter sido perseguido com mais rancor».*[131] Uma vez em Londres, Priestly não podia caminhar livremente pelas ruas, pois podiam atacar e destruir a casa dos seus hospedeiros. Passado algum tempo, porém, alugou ele mesmo uma casa, apesar dos receios do senhorio que temia a destruição, não só da casa que lhe alugara, como também da própria casa em que vivia.

Em 1794, Priestly partiu para a América na companhia de Benjamin Franklin. Lá, abriram algumas das primeiras Igrejas Unitárias, quer no interior, quer nos arredores de Filadélfia. Nos anos que se seguiram, a situação em Londres acalmou. Em 1802, a velha congregação de Priestly inaugurou uma capela e Bilsham, um responsável Unitário, foi convidado a realizar o sermão inaugural. Priestly, no entanto, contentou-se em permanecer na América até 1804, ano em que faleceu.

A principal contribuição de Joseph Priestly para o Unitarismo em Inglaterra foi uma argumentação polivalente, tanto filosófica, como histórica, a favor da Unidade de Deus, retirada das Escrituras e dos documentos escritos pelos velhos pais do Cristianismo, interpretada pela Razão, e rigorosamente aplicada aos problemas religiosos e políticos do seu tempo. «*O absurdo apoiado pelo poder*», escreveu Priestly, «*nunca poderá manter-se contra os esforços da Razão*».[132]

De todos os seus trabalhos religiosos, o que teve mais influência foi a "*História das Adulterações do Cristianismo*", um livro publicado em dois volumes, em que o autor procurou mostrar a verdadeira natureza Unitária da Cristandade, personificada nas crenças da Igreja primitiva, constituindo corrupção qualquer afastamento dessa crença. O livro enfureceu os Ortodoxos e agradou aos liberais, tanto na Inglaterra, como na América. Na Holanda foi queimado publicamente. O próprio resumo de Priestly é o seguinte:

---

[131] *Memoirs of Dr. Priestly*, J. Priestly, p. 89
[132] *The Epic of Unitarianism*, D. B. Parke, p. 48

Ao analisarmos a Cristandade, poderemos pensar que se trata de um sistema muito aberto à corrupção e ao abuso. O seu traço principal reside no facto de o Pai universal da Humanidade ter confiado a Jesus Cristo a tarefa de conduzir os homens à prática da virtude, assegurando o seu perdão aos penitentes e o seu propósito de conceder a imortalidade e a alegria a todos os que forem virtuosos e bons. Até aqui nada se encontra que possa levar alguém a especulações, por mais subtis que sejam, capazes de suscitar animosidades. A doutrina em si mesmo é tão clara, que nos leva a pensar que, tanto os sábios, como os não sábios, estão ao mesmo nível para a interpretar.

Uma pessoa que desconhecesse o estado das coisas no período inicial, não encontraria nenhuma possível explicação para as monstruosas corrupções e abusos, que o sistema acabaria por arrastar mais tarde. No entanto, ***Jesus e os seus Apóstolos profetizaram que iria surgir um forte afastamento da verdade e que algo de subversivo, contrário ao que haviam ensinado, se desenvolveria na Igreja****.*

Contudo, as causas das sucessivas corrupções já existiam e assim, seguindo o seu curso natural, todos os abusos acabaram por florescer ao máximo; o mais maravilhoso é que, também por causas naturais, vemos os abusos a serem gradualmente corrigidos e o Cristianismo a recuperar a sua beleza e glória primitivas.

As causas da corrupção residiam quase totalmente nas opiniões do mundo ateu, especialmente no que diz respeito à filosofia e, assim, quando esses ateus aceitaram o Cristianismo misturaram-lhe os seus próprios dogmas e preconceitos. Da mesma forma, tanto judeus como ateus, ficaram tão escandalizados com a ideia de virem a ser discípulos de um homem que tinha sido crucificado como um vulgar malfeitor, que os Cristãos estavam dispostos a aceitar qualquer ideia que apagasse eficazmente esta vergonha. A convicção de que as faculdades mentais de um homem, pertencentes a uma substância distinta do corpo ou do cérebro e à sua parte espiritual invisível, a alma, seriam capazes de subsistir antes e depois da sua união com o corpo, foi maravilhosamente estudada para responder àquele propósito e acabou por ficar profundamente enraizada em todas as escolas de filosofia. Assim, os Cristãos tinham a possibilidade de conceder à alma de Cristo a essência que mais lhes agradasse, no reino celestial anterior ao seu nascimento. Segundo este princípio, os Gnósticos introduziram as doutrinas que receberam da filosofia oriental. Posteriormente, os filósofos Cristãos introduziram outro princípio, que simbolizava a sabedoria ou o Verbo de Deus, o Pai, igual ao próprio Deus Pai...

Os abusos das instituições formais do Cristianismo, monstruosos como foram, surgiram naturalmente da ideia das virtudes purificadoras e santificadoras dos rituais e das cerimónias, que constituíam a verdadeira base de toda a adoração dos pagãos, sendo também semelhantes aos abusos da

religião judaica. Podemos, ainda, ver os rudimentos da austeridade da vida monástica nas opiniões e práticas dos pagãos, que pensavam exaltar e purificar a alma massacrando e mortificando o corpo.

Quanto aos abusos do governo da Igreja podem ser facilmente considerados como abusos do governo civil; homens materialistas, sempre prontos a deitar mão a todas as oportunidades para aumentarem o seu poder; e, nas épocas negras, a ocorrência de demasiadas circunstâncias deram ao clero cristão significativas vantagens sobre o povo. Globalmente, congratulo-me com o facto de que a um leitor atento deste trabalho parecerá que a corrupção do Cristianismo, em todos os artigos de fé ou práticas, foi a consequência natural das circunstâncias nas quais foi propagado, e também que a sua recuperação destas corrupções é a consequência natural de diferentes circunstâncias. Para fazer um pequeno resumo da falsa doutrina Cristã:

1. *O Conselho Eclesiástico deu ao Filho a mesma natureza do Pai.*
2. *Admitiu o Espírito Santo na Trindade.*
3. *Consignou a Cristo uma alma humana conjuntamente com o Verbo.*
4. *Estabeleceu a hipotética união das naturezas humana e Divina de Cristo, e*
5. *Afirmou que, em consequência desta união, as duas naturezas constituem uma única pessoa.*

Para reter todas estas distinções é preciso uma memória muito boa, pois é apenas uma questão de palavras, não diz respeito às ideias».[133]

Priestly escreveu uma outra obra denominada "*A História de Jesus Cristo*", parte da qual se transcreve a seguir:

«Quando pesquisamos uma doutrina em qualquer livro ou livros, que tenham a ver com determinados assuntos, e certas passagens particulares desses assuntos forem alegadamente a favor de diferentes opiniões, devemos considerar, principalmente, qual é o tom geral de todo o trabalho com respeito a esse assunto, e qual a impressão que irá causar a um leitor imparcial, na primeira leitura cuidadosa ...

Se consultarmos os registos de Moisés sobre a Criação, poderemos constatar que ele não fez qualquer alusão a mais do que Um Deus, Criador dos céus e da terra, que forneceu a terra com plantas e animais e que também formou o homem.

É empregue o plural quando se alude a Deus em Génesis 1:26 — "Façamos o homem", mas isso é mera fraseologia, como é evidente, pois

---

[133] *A History of the Corruptions of Christianity*, J. Priestly

imediatamente a seguir, se emprega o singular: "Deus criou o homem à Sua própria imagem", (Génesis 5:27), e assim o Criador é um Único Ser. Também nos registos da construção da Torre de Babel podemos ler no Génesis 11:7, que Deus disse:"Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles...", mas encontramos logo no versículo seguinte, a referência a Um ser que realmente o disse.

Na relacionação entre Deus, Adão e Noé, e os outros patriarcas, não se faz qualquer menção de que tivesse havido mais do que um Ser a dirigir-se-lhes. O nome pelo qual Ele é reconhecido, é umas vezes Jeová e outras, o Deus de Abraão, etc., mas não se pode colocar nenhuma dúvida quanto ao facto de ser o mesmo denominado sob o título usual de Deus e a quem é atribuída a criação dos céus e da terra.

Nas Escrituras fazem-se frequentes referências aos "anjos", que por vezes falam em nome de Deus, mas nesses casos estão sempre representados como criaturas e servos de Deus ... em nenhum registo, estes anjos podem ser considerados como "deuses", rivais do Supremo Ser, ou com o mesmo estatuto que Ele.

***São frequentes no Antigo Testamento as mais expressivas declarações dizendo respeito à unidade de Deus**, e à importância de se acreditar nisso. O primeiro mandamento é: "Não terás outro deus a não ser Eu" (Êxodo,20:3). Isto é repetido de maneira mais enfática em Deuteronómio, 5:4: "Ouve ó Israel, o Senhor teu Deus é um Senhor". A preservação do conhecimento da Divina Unidade enquanto o resto do mundo caía em idolatria parece, de facto, ter sido o grande objectivo religioso dos judeus, que foram distinguidos, entre outras nações, pela superior presença e assistência de Deus. E por intermédio desta nação, e pela sua disciplina, a grande doutrina foi eficazmente preservada entre os homens e assim o continuou a ser até aos nossos dias.*

A existência de algumas distinções entre pessoas na natureza Divina, tal como a Doutrina da Trindade supõe, consituiria uma infracção à doutrina fundamental da religião judaica, facto que requereria certamente uma explicação; e a doutrina deveria ser guardada das óbvias inferências contra ela. Tivesse o Pai eterno tido um Filho e também um Espírito, cada um deles igualando-o em poder e glória, num certo sentido, cada um deles, seria verdadeiramente Deus, e no entanto existia, para falar correctamente, um único Deus; no mínimo a dedução mais óbvia, teria sido a de que, se cada uma das três pessoas, fosse de facto, Deus, todas juntas acabariam por somar três Deuses. Uma vez que, nada deste género é dito no Antigo Testamento, e como nunca se fez, nem respondeu, a nenhuma objecção deste tipo, é evidente que a ideia ainda nunca ocorreu. Naquele tempo, nenhuma expressão sugeria qualquer dúvida sobre o assunto.

Se nos guiarmos a nós mesmos pelo sentido através do qual os Judeus entendem os seus Livros Sagrados, podemos concluir que eles não contém

qualquer doutrina análoga à da Trindade Cristã. Pois não parece que qualquer judeu, quer dos tempos antigos, quer dos modernos, alguma vez tenha deduzido tal doutrina a partir dos livros. Os Judeus sempre entenderam que as Escrituras ensinavam que Deus é simplesmente Um, sem distinção de pessoas, e que o mesmo Ser que fez o mundo também falou com os patriarcas e com os Profetas sem que quaisquer outros seres a não ser os Anjos tenham tido qualquer intervenção. Os Cristãos idealizaram o Messias como a segunda pessoa da Divina Trindade, mas os Judeus, apesar das grandes expectativas relativamente ao Messias, nunca supuseram tal coisa. E se considerarmos as profecias relativas a esta eminente personagem, devemos ficar satisfeitos por elas não os terem de forma alguma conduzido a esperar por nada mais do que um homem. Supõem alguns que o Messias foi anunciado aos nossos primeiros antepassados sob o nome de "a semente da mulher", (Génesis 3:15)...

Deus prometeu a Abraão, (Génesis,12:3), que "na sua descendência, todas as famílias da terra seriam abençoadas". Se isto realmente dissesse respeito ao Messias, não nos poderia dar outra ideia a não ser a de que essa sua descendência ou posteridade, seria o meio de conferir grandes bençãos à Humanidade. Que mais poderia ser sugerido pela descrição que se supõe que Moises deu do Messias, quando disse, no ***Deuteronómio*** *18:18,* ***"Suscitar-lhes-ei um Profeta, como tu, entre os seus irmãos, porei as Minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que Eu lhe ordenar"****. Ora não há aqui nada semelhante à segunda pessoa da Trindade, como pessoa igual ao Pai, mas apenas um Profeta, que diz em nome de Deus o que lhe é ordenado ...*

No Novo Testamento, tal como no Antigo encontramos a mesma doutrina relativa a Deus. Para o escriba que inquiriu qual foi o primeiro de todos os mandamentos, o nosso Salvador respondeu: "O primeiro é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" etc ... e o escriba respondeu-lhe: "Muito bem, Mestre, com razão disseste que Ele é o único e que não existe outro além d'Ele", etc. (Marcos, 12:29).

O próprio Cristo sempre rezou a este Deus, como Deus e Pai e sempre disse que recebeu a doutrina e o poder por parte de Deus, e mais uma vez negou possuir qualquer poder realmente seu. "Jesus tomou a palavra e disse-lhes: Em verdade, em verdade, vos digo: não pode o Filho fazer nada por si mesmo..." (João, 5:19); "As palavras que vos dirijo, não vêm de mim, mas do Pai que habita em mim", (Caldeus, 14:10); "Ide aos meus irmãos e dizei-lhes que eu ascendi até ao meu Pai, o vosso Pai, e até ao meu Deus, o vosso Deus." (Caldeus, 20:17). Certamente, Deus não utilizaria esta linguagem».

Até ao último período do que escreveram, os Apóstolos falaram a mesma linguagem, representando o Pai como Único e verdadeiro Deus, e Cristo como homem, um servo de Deus que o ressuscitou da morte e lhe deu

como recompensa da sua obediência todo o poder que possui; Pedro disse: "Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio..." (Actos 2:22). Paulo diz ainda, "Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens — Jesus Cristo, homem."... (I Timóteo 2:5)

Veremos no decurso desta história, que as pessoas vulgares, para quem os livros do Novo Testamento foram escritos, não encontraram neles as doutrinas da pré-existência ou Divindade de Cristo, que muitos, hoje em dia, acreditam encontrar... Se a doutrina da Trindade é de facto verdadeira, porque não foi explicitamente e de maneira clara ensinada no Novo Testamento, pelo menos de uma forma idêntica à doutrina da Unidade Divina, no Novo e no Antigo Testamento? E porque será que a doutrina da Unidade é sempre anunciada de maneira clara?. Os religiosos contentam-se com a construção da estranha e inexplicável doutrina da Trindade, baseando-se em meras deduções de expressões casuais sem poderem aspirar a que se torne numa fonte textual, clara, expressiva e inequívoca.

Há muitas, mesmo muitas, passagens da Escritura que inculcam a doutrina da Divina Unidade de uma maneira muito clara e forte. Que se aponte uma passagem idêntica a favor da Trindade. E porque deveremos nós acreditar em coisas tão misteriosas sem uma prova clara ou evidente?

Há outras considerações a fazer relativamente àqueles que sustentam que Cristo ou é Deus, ou é o criador do mundo sob as ordens de Deus. Isto é, a maneira pela qual o nosso Mestre fala dele próprio e do poder com que realizou milagres, é inconsequente com a ideia de ter um poder próprio, maior do que o de qualquer outro homem, de acordo com a construção comum da linguagem.

Se Cristo foi o criador do mundo ... então teria afirmado que não poderia fazer nada por si mesmo, que as palavras que dissera não lhe pertenciam, e que foi o Pai dentro dele que realizou todas as coisas. Pois, se qualquer homem comum, fazendo aquilo que outros homens geralmente fazem, empregar esta linguagem para si mesmo, e afirmar que não foi ele que falou ou actuou, mas sim Deus que falou e actuou por ele e que, de outra maneira, ele não teria capacidade de falar ou actuar, não deveremos hesitar em dizer que a sua linguagem foi falsa ou insultuosa...

Também seria um abuso de linguagem ... pretender que Cristo teria afirmado que o Pai era maior do que ele, significando secretamente a sua natureza humana, enquanto a sua Divina natureza era, em simultâneo, inteiramente equivalente à do seu Pai. Não existe nada nos Evangelhos de Mateus, Marcos ou Lucas, que possa ser considerado em apoio da natureza Divina, ou mesma supra-angélica de Cristo, e mesmo aceitando que possa existir alguma referência a este facto, na introdução do Evangelho de João,

é impressionante que existam tantas passagens nesse Evangelho decididamente a favor da simples humanidade de Cristo.

Os Evangelistas não poderiam conceber que nem os Judeus nem os Gentios, para quem os seus Evangelhos foram escritos, não tivessem necessidade de ser informados sobre um assunto de tanta importância como este. Se as doutrinas da Divindade ou da pré-existência de Cristo fossem verdadeiras, não haveria dúvidas de que teriam um alto grau de importância e interesse. Como os Evangelistas não as referiram de uma forma clara e distinta, e nada dizem sobre a sua importância, talvez possa ser deduzido com segurança que tais doutrinas lhes eram desconhecidas.

Também deverá ser questionado como é que os Apóstolos puderam continuar a considerar Cristo como homem, quer nos livros dos Actos quer nas epístolas, após terem descoberto que ele também era Deus, ou um ser supra-angélico, o criador do mundo sob as ordens de Deus. Depois disto, a sua aparição sob uma forma humana deve ter sido bastante degradante, pouco natural e imprópria. Coloquemo-nos, a nós próprios, no lugar dos Apóstolos e dos primeiros discípulos de Cristo. No princípio, certamente que viram e falaram com Cristo, supondo que era um homem tal como eles. Sobre isto, não pode existir nenhuma dúvida. Daí a sua surpresa ao serem informados de que Cristo não era um homem, mas sim Deus, e mesmo o Criador da mundo. Tal surpresa seria igual à nossa ao descobrirmos que um homem do nosso conhecimento poderia ser realmente Deus, ou o criador do mundo. Consideremos, em seguida como nos teríamos sentido e comportado face a uma tal pessoa, e como iríamos falar dela. Ninguém, tenho a certeza, alguma vez chamaria homem a uma pessoa, depois de saber que essa pessoa era Deus ou um Anjo. Iríamos sempre falar dele de uma maneira adequada ao seu estatuto.

Suponham que concluíamos que quaisquer dois homens do nosso conhecimento eram os Anjos Miguel e Gabriel: iríamos então apelidá-los de homens? Claro que não. Certamente diríamos de uma forma natural que, "aqueles dois homens que tomámos por homens, na realidade não o são, mas são Anjos disfarçados". Esta seria a linguagem mais apropriada. Tivesse sido Cristo algo mais que um homem antes de ter vindo ao mundo e, especialmente, tivesse ele sido Deus ou o criador do mundo, nunca poderia ter sido considerado como homem enquanto esteve entre nós. Pois não poderia despir-se da sua natureza superior. Embora disfarçado, de facto ele teria sido sempre o mesmo, e ficaria marcado por todos aqueles que o conheceram verdadeiramente.

Por último, Cristo terá sido considerado como um homem com tal raciocínio e poder de argumentação, que não obstante a sua aparência externa, levou os homens a conceder-lhe tal apelido...

Qualquer pessoa, que dê uma atenção mínima à fraseologia do Novo Testamento, pode compreender que os termos "Cristo" e "Deus" são

permanentemente usados de uma forma distinta um do outro, assim como os termos "Deus" e "homem", e se considerarmos o uso natural das palavras, acabamos por ficar satisfeitos por ele ter sido alterado, de forma a que a primeira pudesse ter sido um predicado da última , ou seja, que Cristo pudesse ter sido Deus.

Nós dizemos "o príncipe e o rei", pois um principe não é um rei. Se o tivesse sido, deveríamos ter recorrido a outra distinção tal como "o maior e o menor", "o senior e o júnior", " o pai e o filho ", etc ... Desta forma, quando o Apóstolo Paulo afirmou que a Igreja de Corinto era de Cristo e que Cristo era de Deus, sendo essa a maneira corrente de os distinguir no Novo Testamento, é evidente que não poderia ter existido a ideia de que Cristo era Deus em nenhum dos possíveis significados da palavra.

De certa forma, Clemens Romanus, ao designar Cristo por "ceptro da majestade de Deus", prova suficientemente que, na sua ideia, o ceptro era uma coisa, e o Deus a quem o ceptro pertencia era uma outra coisa. Isto, digo eu, deverá ter sido o caso em que tal linguagem foi adoptada pela primeira vez.

Tendo mostrado que o tom geral das Escrituras, e muitas das considerações que obviamente podemos deduzir delas, são altamente desfavoráveis à doutrina da Trindade, e às considerações da Divindade ou da pré-existência de Cristo, isto conduz a outro comentário. Este comentário mereceu pouca atenção, mas parece em grande medida demonstrar que estas doutrinas não foram conhecidas no tempo dos Apóstolos e, desta forma, também não foram as doutrinas das Escrituras. Que Jesus foi o Messias, foi divulgado com o máximo dos cuidados, tanto pelos Apóstolos, como pelos Judeus. Durante muito tempo, o nosso Mestre nada disse explicitamente sobre este assunto, mas deixou que os seus discípulos, e a maioria dos Judeus, o julgassem por aquilo que viam. Ele apenas deu resposta aos mensageiros enviados por João Baptista.

Se o Sumo-Sacerdote rasgou as roupas, expressando o seu horror por Jesus se reconhecer como Messias, que teria ele feito se tivesse ouvido ou suspeitado que Cristo teve pretensões mais elevadas? E se ele as teve, devem ter sido a pouco e pouco conhecidas. Quando as pessoas em geral viram as suas obras miraculosas, interrogaram-se sobre o facto de Deus ter conferido um tal poder a um homem. "Quando a multidão viu tais prodígios, glorificou Deus por ter dado um tal poder aos homens". (Mateus 9:8). No tempo em que Herodes ouviu falar de Jesus, houve quem pensasse que se tratava de Elias, outros de um Profeta e outros ainda julgaram tratar-se de João ressuscitado; mas ninguém imaginou que pudesse ser Deus Supremo, ou o Criador do mundo sob as ordens de Deus. Ninguém sugeriu então que Jesus pudesse ter realizado os feitos grandiosos a partir do seu próprio poder. Se a doutrina da Divindade de Cristo tivesse, realmente, sido pregada pelos Apóstolos, e adoptada em geral pelos judeus

convertidos, não poderia ser desconhecida dos Judeus descrentes dessa doutrina. E estes, que já naquele tempo eram e continuam a ser tão zelosos no que respeita à doutrina da Unidade Divina, não teriam então feito soar o alarme e formulado a objecção de que o Cristianismo, difundia a crença em mais do que um Deus no tempo dos Apóstolos?

No entanto, não se encontra nenhum vestígio desta natureza em toda a história do livro dos Actos, nem em qualquer outra parte do Novo Testamento. Para responder à acusação de que adoravam dois ou três Deuses, existe um importante ponto doutrinal nas obras de vários antigos Padres Cristãos. Porque será então que não encontramos nada deste género na época dos Apóstolos? A única resposta possível é a de que a doutrina da Divindade de Cristo não pôde ser invocada enquanto não houve ocasião para isso.

Que outra acusação poderia ter sido feita contra Estêvão (Actos 6:13), senão a de ter proferido blasfémias contra o Templo e a Lei? Se acompanharmos o Apóstolo Paulo em todas as suas viagens e assistirmos aos discursos que fez aos Judeus nas sinagogas, e à perseguição perpétua e inveterada que estes lhe moveram, encontraremos indícios de suspeita por parte dos Judeus de que Paulo pregava uma nova Divindade, a Divindade de Cristo.

Será possível dar a devida atenção a estas considerações sem constatar que as doutrinas da Divindade ou da pré-existência de Cristo nunca foram ensinadas aos Apóstolos? Como tais doutrinas eram muito recentes, ter-lhes-iam parecido extraordinárias e certamente seríamos capazes de determinar a altura em que elas lhes foram comunicadas. Se tivessem duvidado da veracidade da informação, naturalmente que teriam manifestado alguma surpresa. Se tivessem recebido as doutrinas com uma fé inabalável tê-las-iam ensinado a outros, que poderiam não as ter recebido tão prontamente, e teriam que se defrontar com algumas dúvidas e encontrar resposta para certas objecções. No entanto, em toda a sua história e nos abundantes documentos escritos, não encontramos qualquer traço, nem da sua própria surpresa ou dúvidas, nem da surpresa, dúvidas ou objecções de outrem.

Deve reconhecer-se que o objecto própria da oração é Deus Pai, que é considerado a primeira pessoa da Trindade. Assim, não conseguimos encontrar nas Escrituras qualquer preceito que nos autorize a endereçarmo-nos a qualquer outra pessoa da Trindade, nem nenhum exemplo concreto desse facto. Aquilo que podemos alegar a este propósito, tal como a curta mensagem que Estêvão enviou a Cristo após a aparição deste último, é bastante insignificante. O próprio Jesus sempre rezou ao seu Pai com tanta humildade e resignação, como poderia ter rezado o mais insignificante ser do Universo, dirigindo-se sempre a Ele como seu Pai, ou autor do seu ser; e ordenando aos seus discípulos para que rezassem ao mesmo ser, o Único, que devemos servir.

Desta forma, a prática da oração ao Pai apenas foi cumprida universalmente na Igreja Cristã, nos tempos primitivos. *As curtas mensagens enviadas a Jesus, tal como as contidas na Litânia, "Deus tenha misericórdia de nós, Cristo tenha misericórdia de nós", são, comparativamente, de idades mais recentes. Na liturgia Clementina, a mais antiga de que temos conhecimento, contida nas Constituições Apostólicas, que foram provavelmente compostas por volta do século IV, não há qualquer indício de tais mensagens. Oregen, numa tese bastante desenvolvida sobre o conteúdo da Oração, pede muito insistentemente a obrigatoriedade de se rezar apenas ao Pai e não a Cristo e, como não divulga nenhum indício de que as formas públicas de Oração tivessem algo de repreensível relativamente a este assunto, somos naturalmente levados a concluir que, no seu tempo, tais petições a Cristo eram desconhecidas nas assembleias públicas dos Cristãos.*

Atentemos agora em algumas particularidades da história dos Apóstolos. Quando Herodes ordenou a morte de Jaime, irmão de João, e aprisionou Pedro, podemos ler nos Actos 12:5, que "a Igreja rezava a Deus, instantemente, por ele" e não a Cristo. Quando Paulo e Silas estavam aprisionados em Filipos, podemos ler nos Actos 16:25, que eles "entoavam louvores a Deus" e não a Cristo. E quando Paulo foi avisado do que lhe aconteceria se fosse a Jerusalém, Actos 21:14, ele disse "Seja feita a vontade do Senhor". Isto, supõe-se, referia-se a Deus Pai, porque Cristo usou a mesma linguagem neste sentido, quando, rezando ao Pai, disse: "Seja feita a Tua vontade e não a minha ... "

Tem sido demonstrado que não há nas Escrituras nenhuma doutrina como a da Trindade. Tal doutrina, tal como tem sido claramente demonstrado, não pode ser aceite, nem considerada por homens sensatos, pois contém contradições que exprimem a sua insignificância.

A doutrina atanasiana da Trindade tem como princípio que nada falta, nem ao Pai, nem ao Filho, nem ao Espírito, para que possam ser um Deus verdadeiro, sendo cada um deles igualmente eterno e todos eles Divinas perfeições. No entanto, estes três não são três Deuses mas sim um só Deus. São, portanto, um e simultaneamente muitos — em qualquer dos seres um Deus perfeito. Isto é seguramente tão contraditório como dizer que Pedro, Jaime e João, tendo cada um deles tudo o que é necessário à constituição de um homem completo são, no entanto, não três hamens, mas um só homem. Pois as ideis, associadas às palavras "Deus" ou "homem", não podem mudar a natureza das duas proposições. Há aspectos da doutrina da Trindade que depois do Concílio de Nice, são explicados desta mesma maneira. Os padres dessa época, que estavam particularmente interessados em preservar a completa igualdade das três pessoas, perderam inteiramente a noção da Unidade. Assim, qualquer que seja a maneira de explicar esta doutrina, ou a 'igualdade' é sacrificada à 'Unidade', ou a 'Unidade' é

sacrificada à 'igualdade'. Como as pessoas tendem a confundir-se com o uso das palavras " pessoa" e "ser", estas deverão ser bem definidas.

O termo "ser" pode ser atributo de todas as coisas e, portanto, de cada uma das três pessoas da Trindade. Pois dizer, por exemplo, que Cristo é Deus, mas que não há nenhum ser ou substância aos quais os Seus atributos possam ser atribuídos, seria manifestamente absurdo. Portanto, quando se diz que cada uma das pessoas é por si só Deus, isto significa que o Pai, considerado isoladamente, tem um ser; que o Filho, considerado isoladamente, tem um ser; e também que o Espirito Santo considerado isoladamente tem um ser. Aqui há pois não menos do que três seres, assim como três pessoas e o que poderão eles ser, senão três Deuses, sem pensarmos que existem "três pessoas coordenadas, ou três Pais, três Filhos ou três Espíritos Santos?

Se este poder misterioso de Criação fosse unicamente do Pai, porque será que não continua a operar? Não é Ele um ser imutável, o mesmo que sempre foi desde o princípio, não são as Suas perfeições as mesmas, não é o Seu poder de as contemplar o mesmo, porque não criou então mais filhos? Ter-se-á tornado incapaz de criar, como os Padres Ortodoxos costumavam perguntar? Ou dependerá esta Criação da Sua vontade em recorrer ou não a este poder? Se assim fôr, não será o Filho uma criatura subordinada à vontade do Criador, tal como tudo o mais que foi criado, embora de outra maneira; e isto quer ele seja ou não da mesma substância de Deus?

Também se deve questionar de que maneira a terceira pessoa da Trindade foi criada. Terá sido pela união das duas primeiras pessoas na contemplação das respectivas perfeições? Se assim for, a mesma operação não poderá criar uma quarta pessoa, e assim por diante?

Admitindo a invulgar criação da Trindade, a existência pessoal do Filho resulta necessariamente e por si só do intelecto do Pai. Isto implica realmente uma virtual primazia ou superioridade do Pai em relação ao Filho. Nenhum ser dependente pode explicitamente ser Deus, que não tem superiores. Em resumo, este esquema deita por terra a doutrina das igualdades, assim como a unidade das três pessoas da Trindade.

*A grande objecção à doutrina da Trindade é que ela infringe a doutrina da Unidade de Deus, considerado como único objecto de adoração e que foi o primeiro desígnio estabelecido pela Divina Revelação. Portanto qualquer modificação desta doutrina, ou qualquer outro sistema, deveria ser considerado suspeito na medida em que cria uma multiplicidade de objectos de adoração, ou seja, **introduz a idolatria**».*[134]

O movimento Unitarista em Inglaterra, teve um profundo efeito na América. Começou por ser uma ramificação do Calvinismo, mas por volta do século XVII, os diferentes ramos foram-se transformando,

[134] *The History of Jesus Christ*, J. Priestly

gradualmente, em congregações religiosas e o dogma não foi demasiado enfatizado. Assim, as alterações teológicas tinham o caminho aberto. Charles Chauncy (1705-1757) de Boston, orientou duma forma definida a crença na Divina Unidade. Com James Freeman (1759-1835), a congregação da capela do Rei purificou a Liturgia Anglicana de todas as referências à doutrina da Trindade. Isto deu-se em 1785. Desta forma, a primeira Igreja Unitarista nasceu no Novo Mundo. As doutrinas de Priestly foram abertamente publicadas e livremente distribuídas, tendo sido recebidas pela maioria das pessoas e aceites por todos os ministros de Boston, com excepção de um.

William Ellery Channing (1780-1842)

William Channing nasceu em 1780. Quando tinha vinte e três anos foi para Boston, onde iniciou o seu ministério, o que viria a ter uma grande influência no pensamento Unitarista. Channing nunca aceitou a doutrina da Trindade, mas na época não era seguro afirmá-lo abertamente e como tal, juntamente com outros ministros Unitaristas, foi acusado de difundir secretamente as suas ideias contra a doutrina da Trindade. Channing respondeu que as suas ideias sobre a Trindade não estavam escondidas, mas sim que eles pregavam como se elas nunca tivessem existido, dizendo que tinham adoptado este método para que não houvesse divisões entre os Cristãos. Nesta fase, portanto, o movimento Unitarista ainda não aparecia abertamente.

Em 1819, Channing fez um discurso na ordenação do Reverendo Jared Sparks, no qual, com os seus modos inimitáveis, pôs em destaque os pontos mais relevantes da crença Unitária, a saber: **que o Novo Testamento se baseava no Antigo Testamento; que o ensino Cristão era uma continuação do ensino Judaico; e que era o fecho de um vasto esquema de Providência que requeria uma perspectiva alargada para ser compreendido.**

Tendo isto presente, Channing afirmou a crença de que Deus nunca contradiz numa parte da Escritura o que ensina na outra, e *«nunca contradiz numa revelação, o que ensina nos Seus feitos e providências. Portanto, desacreditamos qualquer in- terpretação, que depois de estudada atentamente, pareça diferente da verdade estabelecida»*. Channing insistia em que o homem fizesse uso da razão: *«Deus deu-nos uma natureza racional e chamar-nos-á para prestarmos contas dela. Podemos deixá-la dormir, mas por nossa conta e risco, pois é como seres racionais que recebemos a Revelação. Podíamos desejar, preguiçosamente, que Deus nos tivesse dado um sistema*

que não obrigasse a um trabalho de comparação, escolha e dedução. Mas tal sistema não estaria em conformidade com o carácter da nossa existência actual; e faz parte da sabedoria tomar a Revelação tal como ela nos é dada, e interpretá-la com a ajuda das nossas faculdades, que existem em todos e nas quais se baseia a revelação». E o autor continuou dizendo que *«se Deus é infinitamente sensato Ele não pode brincar com a compreensão das Suas criaturas. Um professor sensato descobre a sua sabedoria ao adaptar-se às capacidades dos seus alunos e não deixando-os perplexos com o que é ininteligível, nem neles provocando a angústia com contradições aparentes... Não é sinal de sensatez usar uma fraseologia ininteligível ou que está para além das nossas capacidades, confundir e inquietar o intelecto com aparentes contradições... Uma Revelação é uma dádiva de luz. Não pode aumentar a nossa escuridão ou multiplicar as nossas perplexidades»*. Seguindo estes princípios Channing continua:

«... em primeiro lugar, acreditamos na doutrina da Unidade de Deus, e que há Um e apenas Um Deus Único. A esta verdade damos uma importância infinita e sentimo-nos inclinados a ter cuidado com qualquer homem que no-la estrague com filosofias vãs. A proposição de que existe um Deus Único parece-nos extremamente clara. Compreendemos, através dela, que existe um Único Ser. Uma Única Mente; uma Única Pessoa; um Único Agente Inteligente e algo Único a quem pertence a perfeição e o domínio infinitos e não subordinados. Consideramos que estas palavras não podiam ter outros significados para as pessoas simples e incultas que foram postas de parte como depositárias desta grande verdade e totalmente incapazes de compreender as inexistentes distinções entre 'ser' e 'pessoa', que com sagacidade se fizeram em épocas posteriores. Não encontramos qualquer indicação de que a unidade de Deus seja diferente da unicidade de outros seres inteligentes.

Objectamos contra a doutrina da Trindade que, confirmando embora através de palavras a Unidade Divina, subverte na verdade o sentido dessa Unidade. De acordo com esta doutrina, existem três pessoas infinitas e iguais, possuindo Divindade suprema, chamadas Pai, Filho e Espírito Santo. Cada uma destas pessoas, tal como são descritas pelos teólogos, tem a sua consciência, vontade e percepção particulares. Amam-se umas às outras, conversam entre elas e deliciam-se na companhia umas das outras. Desempenham papéis diferentes na redenção do homem, cada uma com a sua função apropriada e nenhuma fazendo o papel da outra. O Filho é o mediador e não o Pai. O Pai envia o Filho e não é Ele próprio enviado; nem é cônscio, como o Filho, de se tornar carne. Aqui temos, portanto, três agentes inteligentes, que possuem consciência, vontade e percepção diferentes, agindo de maneiras distintas e mantendo relações diferentes; e se isto

não implica que existam três mentes ou seres, estamos perdidos sem saber como se podem formar três mentes ou seres. É a diferença nas propriedades, actos e consciência que nos leva a crer em seres inteligentes diferentes e se isto falha, todo o nosso conhecimento cai por terra; não temos provas de que todos os agentes e pessoas do universo não são uma e a mesma mente. Quando tentamos conceber três deuses, não podemos fazer mais do que representar três agentes, distintos entre si por características e peculiaridades semelhantes àquelas que separam as três pessoas da Trindade; e quando os Cristãos comuns ouvem falar destas pessoas como conversando umas com as outras, amando-se e agindo de forma distinta, como podem eles deixar de as considerar como diferentes seres, diferentes mentes?

Nós protestamos, com todo o fervor, embora sem censurar os nossos irmãos, contra a irracional doutrina da Trindade inexistente nas Escrituras. "Para nós", como para os Apóstolos e os primeiros Cristãos, "existe um só Deus". Com Jesus, adoramos o Pai, como o único Deus existente e verdadeiro. Surpreende-nos, que um homem que leia o Novo Testamento não fique convencido de que o Pai, por si só, é Deus. Estamos continuamente a ouvir a distinção entre o nosso Salvador e Jesus, através das seguintes frases: "Deus enviou o Seu Filho" e "Deus ungiu Jesus". Que singular e inexplicável é esta fraseologia, que enche o Novo Testamento, se este título pertencer igualmente a Jesus e se o objectivo principal deste livro for o de revelá-lo como Deus, partilhando igualmente com o Pai a Divindade suprema! ***Desafiamos os nossos oponentes a mostrarem uma passagem do Novo Testamento onde a palavra Deus signifique <u>três pessoas</u>*** *e não esteja limitada a uma pessoa e onde, a menos que tomada num sentido diferente do usual, não signifique <u>o Pai</u>. Poderá apresentar-se prova mais concludente de que a doutrina das três pessoas na Divindade não é, de facto, uma doutrina fundamental do Cristianismo?*

Se esta doutrina fosse verdadeira, deveria, pela sua dificuldade, singularidade e importância, ter sido apresentada com grande clareza, guardada com um cuidado extremo e testemunhada com toda a precisão possível. Mas onde aparece este testemunho? Das muitas passagens que tratam de Deus, pedimos uma, apenas uma, em que nos digam que Ele é um ser triplo ou, que Ele corresponde a três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. Pelo contrário, no Novo Testamento, onde, pelo menos, seriam de esperar numerosas asserções desta natureza, declara-se que Deus é único, sem a mínima tentativa de impedir que as palavras sejam interpretadas no seu significado usual; e fala-se e dirige-se sempre a Deus no singular, isto é, numa linguagem universalmente entendida para indicar uma pessoa singular, a que nenhuma outra ideia pode ser associada, sem que haja uma adulteração expressa. De tal forma as Escrituras se abstêm de testemunhar a Trintade que, quando os nossos oponentes a inseriram nos seus credos e

doxologias, foram compelidos a abandonar a Bíblia e a inventar palavras que realmente não estão sancionadas na fraseologia das Escrituras. O facto de esta doutrina tão estranha, tão sujeita a interpretações erróneas, tão fundamental como se diz que é, e requerendo tanto cuidado na sua exposição, ter sido tão mal definida e mal protegida e ter sido criada a partir de deduções baseadas em diferentes e separadas partes das Escrituras constitui uma dificuldade que, pensamos, nenhum argumento, por mais talentoso que seja, pode explicar.

Temos outra dificuldade. O Cristianismo, deve ser lembrado, foi semeado e cresceu entre inimigos argutos e estes não vislumbraram nenhuma parte do sistema que pudesse ser sujeita a objecções, e deviam ter prestado toda a atenção se a doutrina envolvesse tão óbvias contradições como a da Trindade. Não conseguimos imaginar uma opinião, contra a qual os Judeus, que se orgulhavam da afirmação da unidade de Deus, pudessem ter levantado maior clamor. Como pode admitir-se então que os documentos apostólicos, que tanto se referem a objecções ao Cristianismo e a controvérsias que cresceram a partir desta religião, não digam uma só palavra que indique que a doutrina da Trindade levantou objecções contra o Evangelho, nem pronunciem uma palavra em sua defesa, nem sequer para a salvar do vexame e do erro? Este argumento tem quase a força duma demonstração. Somos persuadidos a acreditar que, se três pessoas Divinas tivessem sido anunciadas pelos primeiros pregadores do Cristianismo — todas iguais, infinitas, uma das quais era o próprio Jesus que teria mais tarde morrido na cruz — então esta peculiaridade do Cristianismo teria absorvido quase por completo todas as outras, e o grande trabalho dos Apóstolos teria sido repelir os ataques contínuos que isto teria despertado. Mas o facto é que, desde a época dos Apóstolos, não chegou ao nosso conhecimento nem um murmúrio de objecção ao Cristianismo, nesse sentido. Nas Epístolas não observamos qualquer vestígio de controvérsia que tenha sido gerado pela Trindade.

Temos ainda mais objecções a esta doutrina, retiradas da influência exercida pela sua prática. Considera-mo-la pouco propícia à devoção, por dividir e distrair a mente na sua comunhão com Deus. É uma grande excelência da doutrina da Unidade de Deus, oferecer-nos Um objecto de homenagem, adoração e amor supremos, Um Pai Infinito, Um Ser dos seres, Um Ser Original e uma Fonte, a quem podemos atribuir todo o bem, em Quem todos os poderes e afeições estão concentrados e Cuja natureza misericordiosa e venerável ocupa todos os nossos pensamentos. A verdadeira piedade, quando dirigida a uma Divindade indivisível, tem uma pureza e uma singularidade muito propícias ao respeito religioso e ao amor. A Trindade apresenta-nos três objectos distintos de adoração suprema; três pessoas infinitas, reclamando partes iguais dos nossos corações; três agentes Divinos agindo de forma distinta e que devem ser reconhecidos e adorados

de diferentes formas. É possível, perguntamos nós, que a mente fraca e limitada do homem se possa ligar a estas três pessoas com o mesmo poder e alegria com que se liga a Um Pai Infinito, a única Causa Primordial, n'O Qual todas as bençãos a natureza e redenções encontram seus centro e fonte? Deverá a devoção ser repartida pelas exigências iguais de três pessoas semelhantes? Deverá a adoração do Cristão consciencioso e sensato ser incomodada pelo receio de negar a homenagem devida a qualquer uma destas três pessoas?

Pensamos ainda que a doutrina da Trindade fere a devoção, não só por juntar ao Pai outros objectos de adoração, mas também por tirar ao Pai a afeição suprema, que lhe é devida, transferindo-a para o Filho. Este é um ponto extremamente importante. Que Jesus Cristo, engrandecido relativamente à Divindade Infinita, seja mais importante do que o Pai, é precisamente o que se pode esperar da história e dos princípios da natureza humana. O homem quer um objecto de adoração parecido com ele e o grande segredo da idolatria reside nesta propensão. Um Deus vestido à nossa maneira e sentindo os nossos desejos e penas, fala à nossa natureza fraca com mais intensidade do que um Pai no céu, um Espírito puro, invisível e inatingível, gravado na mente sensata e purificada. Pensamos ainda que os feitos peculiares atribuídos a Jesus pela teologia popular, o tornam a personagem mais atraente da Divindade. O Pai é o depositário da justiça, o defensor dos direitos, o juíz das leis da Divindade. Por outro lado, o Filho, luminosidade da misericórdia Divina, está colocado entre a pura Divindade e a humanidade culpada, expõe a sua cabeça dócil às tempestades e o seu coração compassivo à espada da justiça Divina, e carrega todo o peso do nosso castigo obtendo com o seu sangue todas as bençãos que descem do céu. Será preciso explicar o efeito que estas representações tiveram, especialmente nas mentes comuns, para quem o Cristianismo foi principalmente concebido, e a quem procura levar-se o Pai como o ser mais adorável?

Tendo assim expressado as nossas opiniões sobre a Unidade de Deus, irei mostrar em segundo lugar, que nós acreditamos na unidade de Jesus Cristo como sendo uma mente, uma alma e um ser, tal como nós, e igualmente distinto do Deus único. Protestamos contra a doutrina da Trindade, que não satisfeita em transformar Deus em três seres, transforma Jesus em dois seres, e assim introduz uma confusão infinita nas nossas concepções sobre o seu carácter. Esta adulteração do Cristianismo, igualmente estranha ao senso comum e às Escrituras em geral, é uma prova notável do poder que a falsa filosofia tem para desfigurar a simples verdade de Jesus.

De acordo com esta doutrina, Jesus Cristo, em vez de ser uma mente, um princípio cônscio e inteligente, que podemos compreender, é formado por duas almas e duas mentes; uma Divina, outra omnisciente. Pela nossa parte, mantemos a posição de que isto é transformar Cristo em dois seres.

Denominá-lo uma pessoa, um ser e, no entanto, supô-lo feito de duas mentes, infinitamente diferentes uma da outra, é injuriar e confundir a linguagem, lançando a escuridão sobre todas as nossas concepções próprias de naturezas inteligentes. De acordo com esta doutrina comum, cada uma destas duas mentes em Cristo possui a sua própria consciência, vontade e percepção, sem terem propriedades em comum. A mente Divina não sente nenhum dos desejos ou dores sentidos pela mente humana e esta, por sua vez, está infinitamente distante da perfeição e da felicidade da mente Divina. Poderá alguém conceber dois seres mais distintos no Universo? Sempre pensámos que uma pessoa era constituída e se distinguia por uma consciência. A doutrina de que uma e a mesma pessoa deva ter duas consciências, duas vontades, duas almas, infinitamente diferentes entre si é, pensamos nós, um enorme desafio à credulidade humana. Consideramos que se uma doutrina tão estranha, difícil e distante de todas as concepções humanas anteriores é, de facto, uma parte e uma parte essencial da revelação, deve ser ensinada com grande destaque e, portanto, pedimos aos nossos irmãos que nos apontem uma passagem clara e directa, onde se refira que Cristo é composto por duas mentes infinitamente diferentes, embora cons- tituindo uma só pessoa, pois nós não encontrámos nenhuma. Outros Cristãos, dizem-nos mesmo, que esta doutrina é necessária à harmonia das Escrituras, pois uns textos referem-se a Jesus como homem, ao passo que outros lhe atribuem propriedades Divinas e, para as reconciliar, devemos pressupor duas mentes, a que estas propriedades se possam referir. Por outras palavras, com o propósito de conciliar certas passagens difíceis... devemos inventar uma hipótese bastante mais difícil, envolvendo grandes absurdos — como se devêssemos encontrar o caminho que nos leva à saída de um labirinto, através de uma pista que nos conduz a meandros mais inexpugnáveis. Com certeza que se Jesus Cristo tivesse sentido que era formado por duas mentes e que isso era a figura condutora da sua Religião, a sua fraseologia com respeito a si próprio teria expressado esta peculiaridade. A linguagem universal dos homens é moldada pela ideia de que uma pessoa é uma pessoa, uma mente e uma alma; e quando a multidão ouviu esta linguagem da boca de Jesus, deve tê-la tomado no seu sentido comum e deve ter pensado numa única alma, a menos que tivesse sido expressamente instruída no sentido de interpretar de forma diferente as palavras de Jesus. Mas onde encontramos nós esta instrução? Onde está, no Novo Testamento, a fraseologia que abunda nos livros trinitaristas e que provém, necessariamente, da doutrina das duas naturezas de Jesus? Onde está a frase do professor Divino que afirma: " Isto eu digo como Deus, e isto como homem; isto provém apenas da minha mente humana, isto apenas da minha mente dívina"? Onde encontramos nós, nas Epístolas, os vestígios desta estranha fraseologia? Em parte alguma. Não foi precisa nessa altura. Foi exigida pelos erros de uma época posterior. Acreditamos, portanto, que Cristo é

uma mente, um ser e, acrescento eu, um ser distinto do Deus único... Desejamos que aqueles com quem discordamos, pensem num facto determinante. Jesus, nas suas orações, falou continuamente de Deus. A palavra Deus estava sempre na sua boca. Então, perguntamos nós, alguma vez ele pretendeu, com as suas palavras, referir-se a si próprio? Respondemos: nunca. Pelo contrário, distinguiu-se claramente de Deus, assim como os seus discípulos fizeram. A forma como tudo isto deve ser conciliado com a ideia de que a manifestação de Cristo como Deus, era uma objectivo principal do Cristianismo, deve ser determinada pelos nossos adversários.

Se examinarmos as passagens em que Jesus é diferenciado de Deus, veremos que estas não só falam dele como outro ser, como se dão ao trabalho de expressar a sua inferioridade. Assim, ele é continuamente referido como o Filho ou enviado de Deus, d'Ele recebendo todos os seus poderes, fazendo milagres porque Deus estava com ele, julgando com justiça pois Deus tinha-o ensinado, tendo crédito na nossa crença porque tinha sido apontado e ungido por Deus e por si só não era capaz de fazer nada. Tendo em conta que o Novo Testamento está repleto destas expressões, perguntamos então, qual a impressão que esta linguagem transmitia e pretendia dar? Pode alguém, que as tenha ouvido, imaginar que Jesus era o próprio Deus, um Deus em relação a quem Cristo se declarou tantas vezes inferior, o próprio Ser que o enviou, e de quem afirmava ter recebido a sua mensagem e poder?

Os Trinitaristas afirmam obter algumas importantes vantagens com o seu modo de ver Cristo, pois fornece-lhes, dizem, uma expiação infinita ao mostrar-lhes um ser infinito sofrendo pelos seus pecados. A confiança com que repetem esta falácia surpreende-nos. Quando postos perante a questão de acreditarem realmente que o Deus imutável e infinito sofreu e morreu na cruz, reconhecem que isto não é verdade, mas sim, que a mente humana de Cristo suportou as dores da morte. Mas se assim é de facto, como temos então um sofredor infinito? Esta linguagem parce-nos uma imposição às mentes comuns e muito depreciativa em relação à justiça de Deus, como se este atributo pudesse ser criado por um sofisma e uma ficção».[135]

Assim, embora Channing acreditasse que Jesus tinha sido crucificado e tinha ressuscitado, era ainda assim capaz de ilustrar o absurdo da doutrina da expiação, apesar de ignorar o facto de que os eventos em que esta doutrina é baseada nunca aconteceram. Channing refutou a doutrina da expiação nos seguintes moldes:

«Não há na Bíblia qualquer passagem que nos diga que o filho do homem é infinito e precisa de expiação infinita. Esta doutrina ensina-nos que o homem, embora criado por Deus como ser frágil, errante e

[135] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace

imperfeito, é considerado pelo Criador como um pecador infinito. Channing disse que os Unitaristas acreditam que Deus pode perdoar os pecados para além deste rígido expediente. Esta doutrina que fala de Deus, tornando-se uma vítima e um sacrifício para os seus súbditos rebeldes é tanto mais irracional quanto menos surge nas Escrituras. A expiação deve ser feita a Deus e não por Deus. Se era necessária uma expiação infinita, que só Deus pode fazer, então Deus tornar-se-ia um sofredor e deveria tomar sobre Si próprio a nossa dor e aflição, um pensamento que a mente não consegue conceber. Para escapar a esta dificuldade dizem-nos que Cristo sofreu como homem e não como Deus. Mas, se o homem apenas sofreu durante um curto e limitado período, então haveria necessidade de expiação infinita? Se temos Deus no céu com bondade e poder infinitos, não precisamos de outra pessoa infinita para nos salvar. Esta doutrina desonra Deus quando diz que sem a ajuda da segunda e da terceira Divindades, Ele não poderia salvar o homem. Se para a salvação do homem era indispensável uma satisfação infinita da justiça, isto deveria ter sido expresso clara e definidamente em, pelo menos, uma passagem da Bíblia. ***Tal doutrina é como um juiz castigando-se a si próprio pelo crime cometido por um transgressor que tivesse ido a tribunal.***

A Bíblia diz: "Porque todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito, enquanto estava no corpo." (II Coríntios, 5:10). E novamente "Todos nós comparecemos perante o tribunal de Deus ..." (Romanos,14:10).

Se, através da crucificação de Jesus, a justiça de Deus fica satisfeita em relação aos pecados passados, presentes e futuros, então Deus perdeu todo o seu poder de apreciar uma vida bondosa e virtuosa e ainda toda a prerrogativa de castigar a desobediência. Se, no Dia do Julgamento, Deus castiga um pecador, então isso significa claramente que Deus cometeu uma infracção à fé, ou então a doutrina da expiação não é verdadeira».

Até 1819, as congregações dos Unitaristas efectuavam-se, ou em casas particulares, ou no corredor do Medical College, na Barclay Street, em Boston. Em 1820, iniciou-se a construção de um edifício destinado ao culto Unitarista, que foi completado em 1821. Apesar disto constituir uma prova da implantação dos Unitaristas, continuaram a ser chamados *«um monte de heréticos, infiéis e ateus».*[136] No entanto, neste mesmo ano, a política de precaução nos discursos Unitaristas conheceu uma inversão. Channing, que até então tinha recebido ataques estúpidos e amargos por parte dos pregadores da Igreja Ortodoxa sem retaliar, achou que tinha chegado o momento de ripostar com toda a

---

[136] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace

força de que dispunha, e bramou em apoio da sua fé e contra os preconceitos da Ortodoxia. No seu livro, "*Uma História do Unitarismo*", E. M. Wilber escreve o seguinte sobre Channing: *«A sua teoria era a de que as Escrituras, quando sensatamente interpretadas, ensinam a doutrina pregada pelos Unitaristas. Assim, pegou nas doutrinas mais importantes em que o Unitarismo estava em desacordo com a Ortodoxia e examinou cuidadosamente cada uma delas... fez um apelo eloquente e grandioso contra um esquema tão ilógico, desumano e obscuro como o era o do Calvinismo... e denunciou a Ortodoxia da época perante o tribunal da razão popular e da consciência».*[137]

A causa do Unitarismo na América foi ainda ajudada por uma assembleia realizada no Massachusetts, em 1823, ocasião em que a Igreja Ortodoxa tentou, sem sucesso, impor um teste de doutrina aos ministros que desejavam pregar nas congregações unitárias, o que levou o movimento unitário a sair do anonimato e os seus diferentes membros a unirem-se para defenderem a causa comum.

Em 1827, Channing inaugurou uma segunda Igreja, com um sermão que ficou famoso. A este respeito, E. M. Wilber escreve, que é Channing quem merece os créditos, pois foi ele o principal responsável pelo resultado obtido. Assim, *«mesmo sem haver um reconhecimento explícito e ainda que formalmente confessada, a doutrina da Trindade, deixou de ser o centro da fé Ortodoxa e perdeu a importância que lhe era dada até então; desta feita as bem conhecidas doutrinas de Calvino passaram a ter novas interpretações, que os padres teriam rejeitado com horror».*[138] Este desenrolar dos acontecimentos encontrou, evidentemente, resistência. Em 1833, os Unitaristas foram atacados como *«infiéis de sangue-frio»* e injuriados *«sem paralelo mesmo nos períodos de intolerância e de fanatismo religioso».*[139] Regista-se que em 1924, trinta ou quarenta Unitaristas se encontraram em Boston e formaram uma Associação Anónima, o que indica que, embora nada nos leve a crer que eles partilharam o destino dos primeiros Unitaristas, existiam ainda perigo para os Cristãos que afirmassem a Unidade Divina.

Channing permaneceu Unitarista até ao fim dos seus dias, pois para ele, Jesus era não só humano, mas também um Profeta inspirado por Deus. Em contraste com as doutrinas Calvinistas da depravação humana, da ira de Deus e do sacrifício de expiação de Cristo, Channing proclamou *«uma ideia sublime»*, que ele definiu como, *«a grandeza da alma, a sua união com Deus através da semelhança espiritual, a*

---

[137] *A History of Unitarianism*, E.M.Wilbur, p. 424
[138] *A History of Unitarianism*, E.M.Wilbur
[139] *Anti-trinitarian Biographies*, A. Wallace

receptividade ao Seu espírito, o poder de se corrigir, a sua inefabilidade e a sua imortalidade».[140] Esta foi uma mudança vivificadora perante a lógica fria e o mundo fenomenal de Priestly, que deu vida ao movimento Unitarista, não só na América, mas também em Inglaterra. Afinal, Priestly era apenas um cientista e um físico, com um raciocínio sólido, mas de concepção materialista, mas Channing elevou-o, concedendo-lhe uma estatura espiritual sublime, ao afirmar o seguinte: *«a natureza racional do homem provém de Deus»*[141], palavras que causaram grande impressão nos dois lados do Atlântico. Além disso, Channing protestou contra todas as formas de restrição das ideias relacionadas com as seitas. As agressões a comunidades religiosas eram estranhas à sua natureza e ao seu espírito e as suas ideias vieram inspirar os responsáveis pelo movimento que culminou na fundação da Escola da Divindade da Universidade de Harvard, em 1861.

A sua constituição afirma, em parte, o seguinte: *«Que seja dado todo o encorajamento a uma investigação séria, imparcial e sem preconceitos acerca da verdade Cristã e que não seja necessário aplicar qualquer sanção às peculiaridades de alguma seita por parte de alunos, professores ou mestres».*[142] Em 1825, formou-se a Associação Americana, ou seja, no mesmo ano em que se formou a Inglesa. Quando Ralph Waldo Emerson, (1803-1882), se demitiu do cargo de pregador em Boston, a separação entre os pensamentos antigo e moderno desfez-se. Assim, a religião de Jesus foi proclamada como sendo o amor de Deus e o serviço do homem, e passou a ser considerada uma "religião absoluta."

O Unitarismo permaneceu no interior da Cristandade até hoje. Muitas das seitas Cristãs, apesar de terem pouca informação sobre a realidade existencial de Jesus — como ele se comportava com as pessoas, como com elas se relacionava, como conduzia a sua vida — acreditam num Deus Único e procuram viver de acordo com os preceitos da Bíblia, apesar das contradições nela contidas. Na entanto, a confusão causada pelas doutrinas da expiação, da redenção e da Trindade, juntamente com a ausência de um guia real, que ensine a viver do mesmo modo que Jesus, causaram uma rejeição quase completa do Cristianismo, que faz com que nos nossos dias as Igrejas estejam vazias.

---

[140] *The Epic of Unitarianism,* D. B. Parke
[141] *Challenge of a Liberal Faith,* G.N.Marshall
[142] *A History of Unitarianism,* E.M.Wilbur

CAPÍTULO VIII

O CRISTIANISMO DE HOJE

Para podermos descobrir a natureza do Critianismo nos nossos dias, é necessário termos presente a distinção entre o conhecimento que nos chega através da observação e da dedução e o conhecimento que é revelado ao homem independentemente daquele. O conhecimento dedutivo está em mudança permanente, de acordo com as novas experiências e observações, faltando-lhe portanto, certeza, enquanto o conhecimento revelado provém de Deus. Ora em cada mensagem revelada há sempre dois aspectos: o metafísico, que revela a natureza da Divina Unidade e o físico, que fornece um código de comportamento. Além disso, o conhecimento revelado foi sempre transmitido por alguém que deu corpo a uma mensagem, através do modo como a viveu e difundiu; portanto, comportar-se como o Mensageiro, corresponde a ter conhecimento da mensagem, e é neste conhecimento que se encontra a certeza. Diz-se que o Cristianismo actual se baseia no conhecimento revelado, mas parte alguma da Bíblia contém a mensagem de Jesus intacta, exactamente como lhe foi revelada, pois não há praticamente quaisquer documentos sobre o modo como Jesus se comportou, além de que os livros do Novo Testamento nem sequer contêm descrições feitas por testemunhas oculares acerca das suas acções ou daquilo que disse, pois foram escritos por pessoas a quem o conhecimento chegou em segunda mão. Assim, tais documentos não são completos, uma vez que nada do que Jesus disse e fez ficou registado, perdendo-se para sempre. Aqueles que investigam o que está contido no Novo Testamento afirmam que este, mesmo incompleto, está pelo menos correcto. No entanto, é significativo que todos os antigos manuscritos do Novo Testamento que sobreviveram, e de que derivam todas as nossas traduções da Bíblia, **tenham sido escritos depois do Concílio de Niceia**, ao passo que o *Código Sinaiticus* e o *Código Vaticanus* datam do século IV, e o *Código Alexandrius* do século V. Após o Concílio de Niceia, foram sistematicamente destruídas cerca de trezentas outras descrições da vida de Jesus, muitas das quais de testemunhas oculares. Aliás, os acontecimentos do Concílio de Niceia mostram que a Igreja de Paulo tinha todas as razões para alterar os quatro Evangelhos que sobreviveram. **Torna-se claro, portanto, que os manuscritos do Novo Testamento, escritos depois do Concílio de Niceia, são diferentes dos que**

existiam antes do Concílio e torna-se também compreensível que alguns *Pergaminhos do Mar Morto*, que não se coadunavam com os manuscritos posteriores ao Concílio de Niceia, tenham sido escondidos.

A própria Igreja parece admitir a falta de credibilidade dos Evangelhos, pois o pensamento do Cristianismo dos nossos dias, nem sequer se baseia no que vem nos Evangelhos; a Igreja oficial fundamenta-se nas doutrinas do pecado original, da expiação e redenção, da Divindade de Jesus, da Divindade do Espírito Santo e da Trindade, nenhuma das quais aparece nos Evangelhos, nem foi ensinada por Jesus, pois são fruto das inovações de Paulo e da influência da cultura e da filosofia gregas. Paulo nunca acompanhou Jesus nem teve conhecimento directo dos seus ensinamentos. Antes da sua "conversão", perseguiu violentamente os seguidores de Jesus e, depois dela, foi ele o grande responsável por se terem abandonado as regras de vida que Jesus seguia, na ocasião em que levou o "Cristianismo" aos não-Judeus da Grécia e a terras ainda mais distantes. A figura de "Cristo", que ele afirmava ter-lhe sido transmitida pela nova doutrina, é pura imaginação e os seus ensinamentos fundamentam-se num acontecimento que nunca teve lugar — a suposta morte e ressurreição de Jesus.

Apesar de terem uma origem duvidosa, estas doutrinas constituem parte integrante do condicionamento de todos aqueles a quem é dada uma "Educação Cristã" e, embora muitos tenham rejeitado parte dela ou a tenham mesmo rejeitado na íntegra, a magia que estas doutrinas exercem é tal, que aqueles que lhe dão alguma credibilidade são levados pela sua lógica, a acreditar no princípio muito difundido de que: *«Fora da Igreja não há salvação»*. A idealização metafísica da Igreja é a seguinte: A doutrina da expiação e redenção afirma que Cristo, que pertencia a Deus, recebeu uma forma humana e se transformou em Jesus, o qual veio a morrer a fim de expiar todos os pecados da humanidade. A Igreja garante o perdão dos pecados e a salvação no "Dia do Juízo Final" a todos aqueles que crêem em "Cristo" e seguem os seus ensinamentos. Mais ainda acredita-se que este contrato está à disposição de todas as pessoas, até ao fim do mundo.

As consequências naturais desta crença são as seguintes: Em primeiro lugar, o pressuposto de que homem não é responsável pelas suas acções, nem terá que prestar conta delas depois da sua morte pois, tenha ele feito o que quer que seja, acredita que vai ser redimido pelo "*sacrifício de Cristo*". **No entanto, isto não significa uma vida de alegria na terra, na medida em que a sua crença na doutrina do pecado original — segundo a qual, devido à falta que Adão cometeu, todos os homens nascem em estado de pecado — significa que,**

enquanto estiver vivo, a sua condição é de indignidade e imperfeição. Esta visão trágica da vida está reflectida na seguinte declaração do Cristão J. G. Voss, quando compara o Islamismo com o Cristianismo:

«No existe nada no Islamismo que leve um homem a dizer: "Oh, que homem malvado eu sou! Quem libertará o meu corpo deste destino mortal"? ou "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne não mora boa coisa". Uma religião com objectivos razoáveis e realizáveis... não dá ao pecador a angústia duma consciência pesada, nem a frustação de, através da vida prática, tentar atingir sem sucesso as exigências de um padrão moral absoluto. Em poucas palavras, o Islamismo faz com que o homem se sinta bem, enquanto o Cristianismo, desde o início e pelos séculos fora, tem feito com que o homem se sinta mal. A religião que despedaça o coração é o Cristianismo, não o Islamismo». [143]

Em segundo lugar, a crença na doutrina da expiação e redenção dá origem a uma grande confusão, sempre que um Cristão tenta conciliar os outros ensinamentos que Deus revelou ao homem com a sua própria crença, pois pressupõe que o "*sacrifício de Cristo*" e a sua "*mensagem*" são únicos e definitivos e, portanto, não pode aceitar os ensinamentos de outros Profetas, ao mesmo tempo que não pode negar a verdade que eles revelam. Desta forma, um Cristão rejeita o Judaísmo, mas aceita o Antigo Testamento que provém dos ensinamentos que Moisés legou aos Judeus, colocando-se assim na posição impossível de ter que aceitar duas crenças que se contradizem, como mostra a seguinte passagem:

«Existem elementos relativamente bons nas crenças não-Cristãs. Embora a Bíblia faça vários apelos para que nos afastemos das falsas religiões e as Escrituras falem do carácter demoníaco das crenças pagãs... a verdade é que se encontram nessas religiões elementos relativamente bons. Embora seja verdade que têm carácter demoníaco, é igualmente verdade (e vem nas Escrituras) que elas são um produto das falsas interpretações que o homem faz, relativamente à revelação de Deus na natureza. Apesar de poderem ser obra do diabo, mesmo assim, não são apenas obra do diabo, pois em parte são um produto da graça comum a Deus, e em parte são um produto dos abusos do homem pecador em relação à revelação de Deus na natureza». [144]

É significativo que J. G. Vos não tenha mencionado as distorções que a Bíblia já sofreu. Numa tentativa para evitar o dilema da

---

[143] *A Christian Introduction to Religions of the World*, J.G. Vos, pp. 66-67
[144] *A Christian Introduction to Religions of the World*, J.G. Vos, p. 27

simultânea aceitação e rejeição das crenças não-Cristãs, há quem defenda que alguns Cristãos "separam neles a influência do 'Cristo cósmico' que, como Logos eterno e revelador da vontade de Deus, 'é a luz que ilumina todos os homens'. Esta opinião... foi resumida por William Temple, quando escreveu o seguinte:

«Através da palavra de Deus — que é o mesmo que dizer, de Jesus Cristo — Isaías, Platão, Zoroastro, Buda e Confúcio proferiram e escreveram algumas verdades, tal como eles declararam. Há uma única Luz Divina e cada homem, à sua medida, é iluminado por ela».[145]

O raciocínio desta passagem baseia-se no pressuposto de que "uma Luz Divina" e "Cristo" são a mesma coisa. Ora uma vez que "Cristo" é um fruto da imaginação, a doutrina falha, logo, o dilema permanece e apenas poderá ser resolvido recorrendo ao "pensamento duplo" de George Orwell, assim definido pelo próprio:

«O "pensamento duplo" significa que é passível manter simultaneamente duas crenças contraditórias, aceitando ambas. A inteligência sabe que está a brincar com a realidade, mas através do exercício do "pensamento duplo" também se persuade a ela própria de que a rea- lidade não é violentada».[146]

O "pensamento duplo" está na base do pressuposto de que Cristo é Deus, pressuposto em torno do qual se tem propagado, com toda a intensidade, a controvérsia acerca das duas naturezas de Jesus. Num momento é humano e no momento seguinte é Divino; primeiro é Jesus, depois é Cristo. Só através do exercício do "pensamento duplo" o homem pode aceitar simultaneamente estas duas crenças contraditórias, assim como manter a doutrina da Trindade. O Artigo VII dos Trinta e Nove Artigos da Igreja de Inglaterra começa assim: *«O Antigo Testamento não é contrário ao Novo ...».* Como já Milton demonstrara com toda a clareza, o Antigo Testamento está cheio de passagens afirmando a Unicidade de Deus, sem que qualquer delas descreva a Realidade Divina nos termos da doutrina da Trindade. O facto de se afirmar o que está no Antigo Testamento ou nos Evangelhos e ao mesmo tempo defender-se a crença na doutrina da Trindade é, talvez, a melhor demonstração do exercício do "pensamento duplo" no Cristianismo de hoje. Desta forma, a lógica do pensamento da Igreja, na medida em que se baseia em doutrinas que nunca foram ensinadas por Jesus, obscurece

---

145 *The World's Religions*, N. Anderson, p. 232
146 *"1984"*, G. Orwell, p. 220

não só a natureza de Jesus, mas também a Unidade Divina. Actualmente, a metafísica do Cristianismo é totalmente oposta à que Jesus trouxe. O seu aspecto físico, o seu comportamento, estão irrecuperavelmente perdidos. Viver como Jesus viveu significa apenas compreender a sua mensagem, pois praticamente não há quaisquer documentos sobre a maneira como Jesus viveu e o pouco que existe é ignorado. **O acto mais importante e fundamental de Jesus foi o da adoração do Criador, propósito para o qual o homem foi criado. No entanto, é evidente que nenhum Cristão pratica os mesmos actos de adoração de Jesus, que todos os dias rezava habitualmente na sinagoga, a horas fixas, de manhã, ao meio do dia, e à noite. Já não se conhecem exactamente as orações que Jesus rezou então, mas sabe-se que se baseavam na oração que tinha sido dada a Moisés. Jesus disse que tinha vindo para fazer cumprir a Lei e não para a destruir, nem na mais pequena fracção, tendo sido educado, desde os onze anos, numa sinagoga que costumava limpar, em Jerusalém. Hoje, nenhum Cristão executa estas tarefas. Além disso, quantos Cristãos foram circuncisados tal como Jesus? Os serviços religiosos das Igrejas actuais foram criados muito depois de Jesus ter desaparecido e muitos deles descendem mesmo dos rituais mitológicos greco-romanos. As orações que rezam não são as que Jesus orou e os hinos que cantam não são os louvores que Jesus entoou a Deus. Devido a estas inovações de Paulo e dos seus seguidores, já não há qualquer ensinamento quanto ao que se deve comer e não comer. Hoje, qualquer pessoa a quem tenha sido dada uma "educação cristã" come aquilo que lhe apetece, embora Jesus e os seus verdadeiros seguidores apenas comessem carne limpa, segundo a lei judaica, e estivessem proibidos de comer carne de porco. Pensa-se que a última refeição que Jesus tomou, antes do seu desaparecimento, foi a Ceia. Nenhum Cristão hoje em dia celebra esta velha tradição judaica que Jesus cumpria tão meticulosamente. Já não se sabe de que maneira Jesus comia e bebia, com quem comeria, onde comeria, quando comeria e não comeria. Jesus jejuava, mas de novo, não se sabe como, onde ou quando o fazia. A sua ciência do jejum perdeu-se. Não há qualquer referência relativamente aos alimentos de que ele pudesse especialmente gostar. Jesus não casou enquanto viveu na terra, mas não proibiu o casamento. Não há qualquer passagem na Bíblia indicando que um seguidor de Jesus tenha que ser celibatário, nem qualquer mandamento no sentido da criação de comunidades de um só sexo como os mosteiros ou os conventos, embora estas possam ter sido originadas em comunidades como as dos Essénios. Os primeiros seguidores de Jesus, que**

eram casados, devem ter seguido as regras de comportamento ensinadas por Moisés. Hoje, o seu exemplo já não é emulado.

A destruição das estruturas familiares, que actualmente se verifica no Ocidente, demonstra a ausência de um guia de conduta efectivo no seio do casamento Cristão, que indique como um homem se deve comportar com uma mulher, e vice-versa. Extrair um princípio moral dos Evangelhos e tentar viver de acordo com ele não é o mesmo que comportar-se de uma dada maneira por se saber que Jesus agiu dessa mesma forma, nessa situação — um é fruto do conhecimento dedutivo e o outro resulta do conhecimento revelado.

Não há referências à forma como Jesus andava, se sentava, como se mantinha limpo, como se ia deitar, como acordava, como cumprimentava as pessoas, como se comportava com os mais velhos, com os mais novos, com as mulheres idosas, com as mulheres jovens, com estranhos, com convidados e com os seus inimigos, como fazia as suas compras no mercado, como viajava e o que lhe era ou não permitido fazer.

Os documentos relativos à mensagem de Jesus, tal como esta lhe foi revelada por Deus, são incompletos e imprecisos. As doutrinas em que o Cristianismo actualmente se baseia não se encontram nesses documentos. Além disso, e não obstante o facto de os documentos sobre o modo como Jesus agia serem quase inexistentes e o pouco que se conhece ser virtualmente ignorado, a Igreja sempre reclamou o título de intérprete e guardiã da mensagem de Jesus, mesmo não tendo sido institucionalizada por ele. Ora Jesus não estabeleceu qualquer hierarquia para os padres, no sentido de servirem de mediadores entre Deus e o homem e, apesar disso, a Igreja de Paulo sempre ensinou os Cristãos a crerem que a sua salvação estava assegurada desde que agissem e tivessem fé no que a Igreja lhes dizia. Mas onde foi a Igreja buscar a autoridade? Esta autoridade, reclamada nas suas formas mais extremas, pode ser encontrada na doutrina papal da Igreja Católica Romana, que o Cardeal Heenan resumiu nas seguintes palavras:

«O segredo da maravilhosa unidade da nossa Igreja está na promessa de Cristo de que a Igreja nunca deixará de ensinar a verdade. Assim, sabemos o que a Igreja ensina, aceita-mo-lo, pois sabemos que é necessariamente verdade... Todos os padres Católicos ensinam a mesma doutrina porque todos obedecem ao Vigário de Cristo. A palavra "vigário" significa "alguém que toma o lugar de outrém". Portanto, o Papa é o Vigário de Cristo porque toma o seu lugar como Chefe da Igreja na terra. A Igreja permanece única porque todos os seus membros acreditam na mesma fé e

acreditam nela porque a Igreja não pode ensinar nada que seja falso. É isto que queremos dizer ao afirmar que a Igreja é infalível. Cristo prometeu guiar a sua Igreja e uma das formas que escolheu para guiar a Igreja foi a de deixar o seu Vigário na terra a fim de que falasse por ele. Por isso dizemos que o Papa é infalível, porque ele é o chefe da Igreja infalível e Deus não permitiria que ele a conduzisse para o erro».[147]

É significativo que o Cardeal Heenan fale de "Cristo", **mas não diga nada sobre Jesus, nem refira os Evangelhos para apoiar as suas afirmações**.

Muitas vezes se provou que este dogma é estranho, pois se de facto todos os Papas são infalíveis, **então porque foi o Papa Honório anatematisado?** Quererá a recente Encíclica papal, que afirma que os Judeus não foram responsáveis pela *suposta crucificação de Jesus*, dizer que afinal os papas anteriores não eram infalíveis? Actualmente, muitos Católicos Romanos rejeitam a validade da *«promessa de Cristo de que a Igreja nunca deixará de ensinar a verdade»*, pois tal não se encontra em nenhum dos Evangelhos. A grande diferença entre os ensinamentos e a prática da Igreja preocupa o Arcebispo de Cincinatti, Joseph L. Bernadin. Aliás, numa entrevista na U. S. Católica, Bernadin disse o seguinte:

«São tantos os que se consideram bons Católicos, muito embora as suas crenças e práticas pareçam estar em conflito com os ensinamentos oficiais da Igreja, que isto é quase um novo conceito do que significa ser Católico hoje em dia... ***A partir do momento em que se tornou legítimo (em 1966) comer carne à sexta-feira, passou a ser possível duvidar da autoridade do Papa, praticar o controlo de nascimentos, deixar o episcopado e casar-se ou, ainda, fazer aquilo que apetecer****».*

A este respeito, Greely escreve o seguinte:

«A prática da abstinência da carne às sextas-feiras, que significava emular o jejum de Jesus e comemorar o dia em que foi crucificado, tornou-se por fim um mandamento da Igreja e, durante séculos, serviu como uma espécie de distintivo dos Católicos Romanos».

Doris Grumbach escreveu na sua Crítica:

«O Vaticano II (o 2º. Concílio do Vaticano, de 1962), deixou-me estupefacto pois trouxe a possibilidade de dar mais do que uma resposta a um mundo mal definido, que assenta nas consciências e nos comportamentos

---

[147] *Christianity on Trial*, Colin Chapman, pp. 32-33

individuais. Mas tal como noutras áreas da experiência humana, por regra, assim que se abre uma fresta tudo passa a ser posto em dúvida. Desta forma, nada permanece constante ou absoluto e, ***para mim, a Igreja tornou-se uma questão discutível. Ainda sigo os Evangelhos, Cristo e alguns dos seus seguidores, mas a instituição deixou de me parecer importante. Já não vivo nela****».*[148]

O facto de a Igreja se ter investido de autoridade, tal como a ideia da sua total infalibilidade, ainda permanecem, tendo-se enraizado até nas Igrejas que rejeitam a autoridade do Papa. **Nos dias de hoje, contudo, começa-se a duvidar e a rejeitar a validade desta doutrina numa escala nunca antes conhecida**. De acordo com as palavras de George Harrison:

«Quando se é novo, os nossos pais levam-nos à Igreja e a escola empurra-nos para uma religião. Obviamente, ambos estão a tentar introduzir algo na nossa mente, porque caso contrário, ninguém iria à Igreja, nem ninguém acreditaria em Deus. Mas porquê? Porque não interpretaram a Bíblia como deviam. Eu não acreditei verdadeiramente em Deus como m'O tinham ensinado, pois era exactamente igual a algo saído dum conto de ficção científica. Apenas nos ensinam a termos fé, sem termos que nos preocupar com isso e tendo apenas que acreditar no que nos dizem». [149]

Entre os dois polos, uma aceitação ou uma rejeição completas da segurança da Igreja oficial como guardiã da mensagem de Jesus, há toda uma vasta gama de opiniões acerca do que pode ser um Cristão. Sobre isso, Wilfred Cantwell Smith escreve o seguinte:

«Actualmente, há tanta diversidade, tantas divergências e tanto caos no seio da Igreja Cristã, que o velho ideal de uma verdade Cristã unificada e sistemática, desapareceu e o movimento ecuménico surgiu demasiado tarde. ***O que aconteceu foi que o mundo Cristão deslizou para uma situação de grande variedade e de inúmeras alternativas opcionais. Dei-xou de ser possível ouvir, ou sequer imaginar que alguém lhe possa dizer qual o significado formal e genérico de ser Cristão. Cada um terá que decidir por si e só por si****».*[150]

Esta conclusão pressupõe que existem actualmente tantas versões do Cristianismo como existem Cristãos e que o papel que a Igreja outrora desempenhou, de instituição guardiã da mensagem de Jesus, já se perdeu quase por completo. Aliás, um estudioso diplomado pela

[148] *Time Magazine*, 24 de Maio de 1976, pp. 42-43
[149] *Christianity on Trial*, Colin Chapman, p. 37
[150] *Christianity on Trial*, Colin Chapman, pp. 51-52

U.C.L.A. pergunta o seguinte: *«Qual é a razão de ser da Igreja se tudo cabe sempre à minha consciência»?* [151] No entanto, a Igreja permanece como parte integrante da actual cultura ocidental e a relação que existe entre as duas é interessante.

Na tentativa de compreender a natureza da existência, escreveram-se no Ocidente, durante os últimos séculos, numerosas obras literárias, que nos podem servir de catálogo acerca de todos os ramos do pensamento que a mente humana persegue, sempre que não possui a certeza do conhecimento revelado, segundo o qual deve viver e nortear a sua vida. Alguns escritores, tais como Pascal, compreenderam que a mente é um instrumento limitado e que o coração é o centro do ser, aquele que contém o verdadeiro conhecimento:

«O coração tem razões que a razão desconhece... É o coração e não a mente que tem consciência de Deus. É nisso que consiste a fé: na percepção intuitiva de Deus através do coração e não através da razão». [152]

Numa tentativa para garantir o acesso ao coração, muitos rejeitaram o Cristianismo e experimentaram outros caminhos:

«Diz-se que a prática do misticismo conduz ao conhecimento da "verdade" acerca do universo, uma verdade que é inexprimível por palavras, mas que pode ser sentida. O caminho pode ser a música, as drogas, a meditação...». [153]

Estas tentativas de aproximação da compreensão da Realidade têm sido adoptadas em larga escala por muitas pessoas no Ocidente, muitas vezes apenas como meio de auto-satisfação.

A Igreja depressa se acomodou a estas novas tendências da cultura Ocidental. Alguns padres, numa tentativa para manterem as Igrejas cheias, introduziram no ritual grupos de música pop e equipamento musical para atrairem os jovens; e concertos, exposições e vendas de objectos variados para os gostos mais conservadores. Os motivos caridosos ajudam aqueles que se sentem atraídos por eles a estabelecer um propósito. Estas tentativas de "modernizar" a Igreja e de a manter a todo o custo "actualizada" estão de acordo como as intenções da Igreja de Paulo de fazer cedências e com a ideia de que, quando não pode transmitir a mensagem de Jesus, deve pelo menos desempenhar uma "função social útil". Este

---

[151] *Time Magazine,* 24 de Maio de 1976, p. 46
[152] *Christianity on Trial,* Colin Chapman, p. 63
[153] *Christianity on Trial,* Colin Chapman, p. 74

processo de cedências, desenvolvido especialmente durante a última década, teve como resultados uma contínua absorção da Igreja pela cultura e a reabsorção da cultura por esta mutante estrutura da Igreja. É um processo com dois sentidos, que tem vindo a ser constantemente aperfeiçoado, desde que Paulo e os seus seguidores o desencadearam. Muitas pessoas "voltaram ao Cristianismo" em consequência das suas experiências com música, drogas e meditação, tendendo, ou a rejeitar completamente as experiências anteriores e a adoptar uma forma puritana de Cristianismo, ou a incorporar no seu modo de vida novas versões do Cristianismo. Todavia, estas duas tendências escondem a profetização de Jesus que, assim, ou é exaltado como Deus, ou considerado como uma figura carismática, que preconizou o bem, mas foi mal compreendido.

A identificação da Igreja com a cultura ocidental está claramente exposta quando observamos como as pessoas vivem hoje em dia, pois à excepção dos que se retiraram para mosteiros e conventos de forma a louvarem Deus, o estilo de vida daqueles que se intitulam Cristãos aproxima-se muito do estilo de vida de todos os que se afirmam agnósticos, humanistas ou ateus; as suas crenças podem ser diferentes, mas em geral os comportamentos são os mesmos.

As leis que existem nos países Cristãos do Ocidente, que governam o nascimento e a morte, a formação e a dissolução do casamento, os direitos de propriedade no interior e fora do casamento ou, no caso de divórcio ou morte, a adopção e tutela e o comércio e a indústria não se encontram nos Evangelhos. Não são leis que tenham sido reveladas ao homem por Deus, mas são, isso sim, fruto de um conhecimento dedutivo e foram, ou herdadas do sistema de leis dos romanos, ou baseadas na prática corrente das pessoas durante um longo período, ou ainda estatutos erguidos e emendados de acordo com o método democrático que deriva dos antigos gregos. Nos tribunais de hoje, nas discórdias entre pessoas, ninguém pode invocar os Evangelhos como uma autoridade compulsiva, e fazê-la valer.

A Cristandade dos nossos dias é inseparável da cultura ocidental. A Igreja Cristã e o Estado são um só, mas os indivíduos que trabalham no interior destas instituições não vivem como Jesus. Hoje em dia, a completa enfermidade de que sofre a Cristandade deve-se, sem dúvida, ao facto de que falta aos Cristãos a ciência do comportamento social e essa falta empobreceu-os nesta vida e deixou-os mal preparados para o que acontece depois da morte. Tal como escreve Wilfred Cantwell Smith:

«A afirmação de que a Cristandade é verdadeira não tem nada de significativo; a única questão que diz respeito a Deus, a mim ou ao meu vizinho é se o meu Cristianismo é verdadeiro e o vosso também. E, no meu caso, relativamente a essa questão, a essa verdadeira questão cósmica, a única resposta válida é um desgostoso 'nem por isso...' ».[154]

À luz de tudo isto, não é de facto uma surpresa que, à medida que as Igrejas de todo o mundo se esvaziam, as Mesquitas do Islamismo se encham.

[154] *Christianity on Trial,* Colin Chapman, p. 61

CAPÍTULO IX

JESUS NO ALCORÃO

O Alcorão, o último dos Livros Divinos, revelado pelo Criador ao último dos mensageiros, é uma fonte de conhecimento acerca de Jesus que os estudiosos do Cristianismo geralmente desconhecem. Ora o Alcorão, não só nos leva a compreender melhor quem foi Jesus, mas também, através dessa compreensão, faz com que aumente o nosso respeito e amor para com ele. Assim, a última Revelação, aquela que nos chegou cerca de seis séculos após o nascimento de Jesus, refere o que é importante que saibamos acerca da sua vida e dos seus ensinamentos, e atribui-lhe o papel de Profeta na perspectiva alargada que vai além da própria profecia, tal como foi entendida pelos Unitaristas. Com efeito, o Alcorão fornece uma visão como nenhuma outra fonte pode fornecer. O Alcorão não descreve a vida de Jesus com grande pormenor, nem da mesma maneira como fala de acontecimentos mais específicos. Os milagres e os poderes que foram dados a Jesus são referidos, mas na sua maioria em termos gerais. Da mesma forma, o Livro que lhe foi dado por Deus, o *"Ingeel"*, (Evangelhos), é mencionado diversas vezes, mas o seu conteúdo exacto não é indicado. No entanto, o Alcorão é muito específico no que diz respeito às intenções de Jesus, à maneira como apareceu na terra, quem foi e quem não foi, e como acabou a sua missão.

Aliás, antes de olharmos para a vida de Jesus, seria proveitoso examinar qual era a sua missão na terra e como se encaixa na matriz do que veio antes dele e no que viria depois dele: é dito uma e outra vez que Jesus pertencia à longa linhagem de Profetas que tinham sido enviados aos povos desta terra; que ele era um Mensageiro cuja doutrina e ensinamentos constituíam uma reafirmação e um aprofundamento dos mandamentos que os Profetas anteriores tinham trazido, e uma preparação para a mensagem que o Profeta a seguir a ele traria.

A primeira referência a Jesus aparece logo no princípio do Alcorão:

«Demos a Moisés o Livro e seguiram-se-lhe uma sucessão de Mensageiros; e demos a Jesus, filho de Maria, sinais claros e fortificámo-lo com o espírito de Santidade...». (2:87)

A passagem que se segue remete-nos para a linha de mensageiros da qual Jesus fazia parte. Depois de mencionar Abraão, continua:

«E demos-lhe por filhos Isaac e Jacob; a ambos guiámos como no passado haviamos já guiado Noé; e da sua descendência Nós guiámos David, Salomão, Job, José, Moisés e Aarão. Assim recompensamos a virtude. E Zacarias, João, Jesus e Elias: todos eles pertenceram ao número dos justos. E Ismael, Elisha, Jonas e Lot, a todos elevámos acima das outras criaturas». (6:84-86)

E esta lista de mensageiros não está, de forma alguma, completa, pois há

«Mensageiros que te mencionámos antes, e Mensageiros que ainda não te mencionámos...». (4:164)

De facto, *Sayidina* Muhammad, a paz de Deus esteja com ele, disse que Jesus era um de cento e vinte e quatro mil Profetas, entre os quais não existem razões para conflitos ou discórdias. Deus diz ao Seu Mensageiro, numa passagem do Alcorão:

«Diz: "Cremos em Deus e no que nos foi revelado, e no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacob e às (doze) Tribos, e no que foi dado a Moisés, a Jesus e aos Profetas pelo seu Senhor — não fazemos distinção nenhuma entre eles, e submetemo-nos à vontade d'Ele" (literalmente 'somos Muçulmanos')». (3:84)

Os Profetas estão todos bem cientes de que foram enviados por Deus, obedecendo ao mesmo objectivo e à mesma mensagem:

«E quando Nós fizemos um pacto com os Profetas e contigo, [ó Muhammad], com Noé, Abraão, Moisés e Jesus, filho de Maria, estabelecemos com eles uma solene aliança». (33:7)

«Ó vós Mensageiros! Comei das boas coisas e praticai o bem. Olhai: Eu estou a par daquilo que fazeis! E, olhai: esta vossa Religião é uma só Religião e Eu sou o vosso Senhor; cumpri, portanto, o vosso dever para Comigo». (23:51-52)

«Ele instituiu para vós a Religião que precreveu a Noé, e que Nós te revelámos e que ordenámos a Abraão, Moisés e Jesus, dizendo-lhes: 'Estabelecei a Religião e não fiqueis divididos por causa dela...». (42:13)

Assim, a imagem que se dá não é a de algum homem notável que apareceu na Terra como acontecimento isolado, num mundo que seria caótico sem esse aparecimento, mas a de um Mensageiro que, como todos os outros mensageiros, foi enviado para aquele tempo e para aquela época, como elo de uma cadeia de revelação no universo:

«E Nós levamos Jesus, filho de Maria, a seguir as pegadas dos Profetas, a confirmar aquilo que havia sido revelado, antes dele, na Torah, e demos-lhe o Evangelho onde há orientação e luz, e se confirma o que havia sido revelado na Torah — um guia e uma advertência para os que temem Deus». (5:46)

E mais ainda, tal como Jesus estava bem ciente, um tempo que possuía limites; um tempo que era limitado pelo tempo anterior e posterior ao seu:

«E quando Jesus, filho de Maria, disse: 'Ó Filhos de Israel! Olhai: Eu sou o Mensageiro de Deus para vós; confirmo o que foi revelado antes de mim na Torah e dou as boas novas de um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome é "O Louvado" (Ahmad)...'». (61:6)

A concepção e o nascimento de Jesus estão registados com grande pormenor no Alcorão. Será esclarecedor começar com o nascimento e a educação da sua mãe, pois ajuda-nos a ver como ela foi preparada por Deus para ser a mãe de Jesus e como foi escolhida por Ele.

«(Lembra-te de) quando a mulher de 'Imran disse: "Ó meu Senhor! Consagrei-Te o que está no meu ventre, liberto de tudo; portanto, aceita-o de mim: na verdade, Tu és o que ouve e sabe tudo". Quando ela deu à luz, disse: "Ó meu Senhor! Eu dei à luz uma menina!" — E Deus bem sabia o que ela dera à luz — "E o macho não é como a fêmea; dei-lhe o nome de Maria, e ponho-a, bem como a sua descendência, sob a Tua protecção, contra Satanás, o amaldiçoado. Seu senhor aceitou-a benevolamente, e criou-a pura. E designou Zacarias como seu guardião. Cada vez que Zacarias entrava no 'mihrab' para visitá-la, encontrava-a provida de alimentos. Ele disse: "Ó Maria! De onde te vem isto?" Ela disse: "De Deus: na verdade, Deus providencia o alimento a quem deseja, incomensuravelmente. Então Zacarias rogou ao seu Senhor, dizendo: "Ó meu Senhor! Concede-me uma descendência abençoada: na verdade, Tu és Aquele que ouve a prece". Então os Anjos chamaram-no enquanto ele estava a orar, de pé, no 'mihrab': "Deus dá-te boas novas de (um filho cujo nome será) João, que confirmará a Palavra de Deus e será chefe, casto e um Profeta entre os justos". Ele disse: "Ó meu Senhor! Como poderei ter um filho se a velhice já me alcançou e a minha esposa é estéril"? (O Anjo) disse:

"Assim será; Deus faz o que deseja". Ele disse: "Ó meu Senhor! Indica um Sinal para mim". (O Anjo) disse: "O Sinal será que tu não falarás com ninguém durante três dias, a não ser por sinais; lembra-te muito do teu Senhor e glorifica-O ao anoitecer e ao amanhecer"». (3:35-41)

João foi o Profeta imediatamente anterior a Jesus; o seu nascimento miraculoso é novamente mencionado na sura chamado *"Maryam"*:

«Eis uma referência da misericórdia do teu Senhor para com o seu servo Zacarias. Quando ele implorou ao seu Senhor numa prece em segredo, disse: 'meu Senhor! Os meus ossos estão cada vez mais fracos e a minha cabeça brilha com cabelos esbranquiçados e nunca me senti nas minhas orações a Ti, meu Senhor. Eu receio pela minha descendência, pois a minha mulher é estéril. Dá-me da Tua presença um sucessor que seja meu herdeiro e que herde também da casa de Jacob. E fá-lo, meu Senhor, aceitável para Ti.' Foi-lhe dito: 'Ó Zacarias! Olha: Nós trazemos-te novas de um filho cujo nome é João; nunca demos este nome a ninguém antes dele'. Ele disse: 'Meu Senhor! Como poderei ter um filho quando minha mulher é estéril e eu estou velho e enfermo?'. Ele disse: 'Assim será. O teu Senhor disse: É facil para Mim; da mesma maneira te criei antes, quando tu não eras nada'. Ele disse:'Meu Senhor! Faz para mim um sinal'. Ele disse:'O teu sinal é este: tu, sem defeito físico, não falarás a ninguém durante três noites'. Então veio do santuário para o seu povo e disse-lhe: 'Glorificai o vosso Senhor ao romper do dia e ao cair da noite.' E foi dito ao seu filho: 'Ó João! Sustenta bem a Escritura'. E Nós demos-lhe sabedoria quando era criança; e compaixão da Nossa presença e pureza; e ele era devoto, e cumpridor dos seus deveres para seus pais. E não era arrogante nem rebelde. A paz estava com ele no dia em que nasceu e no dia em que morreu; e estará com ele no dia em que for ressuscitado». (19:2-15)

A história do nascimento de Jesus é contada em duas partes diferentes do Alcorão:

«E (lembra-te) quando os Anjos disseram: "Ó Maria! Na verdade, Deus escolheu-te e purificou-te; e escolheu-te acima das mulheres de todas as nações. Ó Maria! Sê obediente ao teu Senhor, prostra-te e curva-te com os que se curvam (na adoração)". Esta é parte das informações das coisas ocultas, que Nós te revelamos (Ó Muhammad). Tu não estavas com eles quando atiravam as suas canas para saberem qual deles seria encarregado de cuidar de Maria, e nem estavas presente quando disputavam. E (lembra-te) quando os Anjos disseram: " Ó Maria! Na verdade, Deus dá-te boas novas de uma Palavra Sua: o seu nome será Messias, Jesus,

filho de Maria, ilustre neste mundo e no outro, e um dos mais próximos de Deus; ele falará às pessoas no berço e na maturidade. E pertencerá ao número dos justos". Ela disse: "Ó meu Senhor! Como poderei ter um filho se nenhum homem me tocou"? Ele disse: "Assim é: Deus cria o que deseja; quando ele ordena uma coisa, apenas diz: "Sê", e ela acontece. E Ele ensinar-lhe-á o Livro, a Sabedoria, a Torah e o Evangelho, e (fará dele) um Mensageiro para os Filhos de Israel (dizendo-lhes): "Na verdade, eu vim para vós com um Sinal do vosso Senhor, pelo qual eu faço para vós de um pedaço de barro, a figura de um pássaro; assopro-a, e ela transforma-se num pássaro vivo com a permissão de Deus; e curo o cego de nascença, e o leproso, e faço ressuscitar os mortos com a permissão de Deus; e digo-vos o que comeis e o que armazenais em vossas casas. Na verdade, nisso está um Sinal para vós, se sois crentes; e venho confirmar o que existia antes de mim na Torah, e tornar legal parte do que vos estava proibido; e vim para vós com um Sinal do vosso Senhor. Portanto temei a Deus e obedecei-me. Na verdade, Deus é o meu Senhor e o vosso Senhor; então adorai-O. Este é o caminho recto". Quando Jesus notou a incredulidade deles, disse: "Quem serão os meus auxiliares na causa de Deus"? Disseram os discípulos: "Nós somos os auxiliares de Deus; nós cremos em Deus, e testemunha tu que somos Muçulmanos.[155] Ó nosso Senhor! Nós cremos naquilo que nos revelaste e seguimos o Mensageiro; inscreve-nos, pois, entre os que dão testemunho». (3:42-53)

A história é ainda contada na Sura "*Maryam*" (Maria):

«E menciona Maria no Livro, quando ela deixou a família e se recolheu num aposento virado a Oriente. E preferiu o isolamento à família. Então enviámos-lhe o Nosso Espírito que assumiu a seus olhos o aspecto de um homem perfeito. Ela disse: "Olha! Eu procuro refúgio contra ti no Beneficente, se és temente a Deus". Ele disse: "Sou apenas um enviado do teu Senhor, para dar-te um filho sem mácula". Ela disse: "Como poderei ter um filho se nenhum mortal me tocou nem nunca deixei de ser casta"? Ele disse: "Assim será. O teu Senhor disse: 'É fácil para Mim. E assim faremos dele uma revelação para a Humanidade e uma graça da Nossa parte, e isto é uma coisa já decidida'. E ela concebeu-o e retirou-se com ele para um lugar distante. E as dores do parto levaram-na para junto do tronco de uma palmeira. E ela disse: "Oh! Pudesse eu morrer antes disto e desaparecer"! Então uma voz segredou-lhe: "Não te atormentes! O teu Senhor colocou um ribeiro a teus pés; e sacode o tronco da palmeira e sobre ti farás cair tâmaras maduras. Portanto, come, bebe e consola-te. E se encontrares algum mortal, diz-lhe: 'Eu fiz um voto de silêncio ao Beneficente e não posso falar hoje a nenhum mortal'. Então

[155] O Islão consiste em submeter-se à Vontade de Deus. Nesse sentido, são Muçulmanos todos os que têm fé e se submetem a Deus. [N. Ed.]

ela trouxe-o para o seu povo. Eles disseram: "Ó Maria! Eis que fizeste algo extraordinário! Ó irmã de Aarão, o teu pai jamais foi um homem do mal, nem tua mãe uma adúltera"! Então ela indicou-lhes que interrogassem o menino. Disseram: "Como falaremos a uma criança que ainda está no berço"? Ele disse-lhes: "Sou o servo de Deus, o Qual me concedeu o Livro e me designou Profeta. Fez-me abençoado onde quer que eu esteja e encomendou-me a oração e o "Zakat" enquanto eu viver. E fez-me piedoso para com minha mãe, não permitindo que eu seja arrogante ou rebelde. A paz está comigo desde o dia em que nasci; estará comigo no dia em que morrer, bem como no dia em que for ressuscitado". Este é Jesus, filho de Maria; é a pura verdade da qual duvidam. É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-Lhe dizer: 'Seja'! E logo é. E Deus é meu e vosso Senhor. Adorai-O pois. Este é o caminho direito». (19:16-36)

O local onde Jesus nasceu é mencionado noutra passagem do Alcorão:

«E fizemos do filho de Maria e de sua mãe um sinal, e proporcionámos-lhe refúgio numa colina provida de fontes». (23:50)

A sua infância e adolescência não são mencionadas. A reacção dos homens que se tornaram seus discípulos é também descrita na seguinte passagem:

«Ó vós que acreditais! Sede ajudantes de Deus, como disse Jesus, filho de Maria, aos discípulos: "Quem são os meus ajudantes na causa de Deus"? Disseram: "Nós somos ajudantes da causa de Deus"! E uma parte dos israelitas teve fé e outra não. Então Nós fortalecemos esses que tiveram fé, contra os seus inimigos, e saíram vitoriosos». (61:14)

E, de novo, mais pormenorizadamente:

«E quando inspirei os discípulos, (dizendo-lhes): "Crede em Mim e no Meu Mensageiro"!, eles disseram: "Cremos! Testemunha que somos Muçulmanos"![156] Quando os discípulos disseram: "Ó Jesus, filho de Maria! Poderá o teu Senhor fazer descer do céu uma mesa servida"?, ele disse: "Temei Deus se sois crentes". Eles tornaram a dizer: "Desejamos desfrutá-la para que os nossos corações sosseguem e para que saibamos que nos tens dito a verdade e para que sejamos testemunhas disso". Jesus, filho de Maria disse: "Ó Deus! Senhor nosso! Envia-nos do céu uma mesa servida! Que seja um banquete para o primeiro e o último de nós, um

[156] Cf. Nota anterior

Sinal da Tua parte. Dá-nos sustento porque Tu és o melhor dos Sustentadores". E disse Deus: "Fá-la-ei descer; porém, quem de vós, depois disso, continuar a duvidar, saiba que lhe infligirei o castigo mais severo que já infligi a alguma das Minhas criaturas"». (5:111-115)

Quando a doutrina de Jesus começou a espalhar-se, alguns aceitaram o ensinamento e outros não:

«E quando o filho de Maria é mencionado como exemplo, eis que o teu povo faz troça, e diz: "Porventura as nossas divindades não são melhores que ele"? Eles não fazem a objecção senão para discutir. São pessoas que gostam de disputas. Ele (Jesus) não é mais que um servo a quem agraciámos, e dele fizemos um exemplo para os israelitas». (43:57-59)

«... e enviámos Jesus, filho de Maria, a quem concedemos o Evangelho; e infundimos compaixão e clemência nos corações dos que o seguem. Mas inventaram a vida monástica que não lhes prescrevemos; (apenas prescrevemos) agradarem a Deus, porém, isso não não observaram devidamente. E recompensamos os crentes de entre eles; mas muitos vivem no pecado». (57:27)

A mensagem que ele trouxe era simples:

«Quando Jesus veio com provas claras da soberania de Deus, disse: "Trago-vos a sabedoria, para elucidar-vos a respeito de algo sobre que disputais. Temei, pois, Deus e obedecei-me. Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-O, pois! Este é o caminho recto!"». (43:63-64)

Os seus milagres são de novo mencionados:

«Então Deus dirá: "Ó Jesus, filho de Maria! Recorda o Meu favor para contigo e tua mãe, quando te fortaleci com o Espírito Santo, quando falaste aos homens tanto no berço como na maturidade, como te ensinei as Escrituras, a Sabedoria, a Torah e os Evangelhos, e como tu moldaste o barro dando-lhe a forma de ave, com a Minha permissão, e como sopraste sobre isso que se transformou, com a Minha permissão, num pássaro vivo; e como curaste o que nasceu cego e o leproso, com a Minha permissão; e como ressuscitaste os mortos com a Minha permissão; e como Eu impedi que os israelitas te fizessem mal quando lhes apresentaste coisas evidentes e os incrédulos exclamaram: "Isto não é mais que pura magia!"». (5:110)

As circunstâncias do nascimento de Jesus deram origem à falsa concepção de que ele era o "filho de Deus":

«Dizem: "Deus teve um filho"! Glorificado seja Deus! Ele não necessita de nada. A Ele pertence tudo o que há nos céus e na terra. Que autoridade tendes para dizer tal coisa? Porque falais, então, sobre assuntos de que nada sabeis»? (10:68)

«(Lembra-te) quando Deus disse: — Ó Jesus! Na verdade tomar-te-ei, e elevar-te-ei até Mim, e purificar-te-ei desses que descrêem; e colocarei os que te seguem acima dos descrentes, até ao dia da Ressurreição: então regressareis a Mim e julgarei entre vós as questões em que divergis. Quanto a esses que descrêem, castigá-los-ei com severa punição, neste mundo e no outro; e eles não terão quem os ajude. Quanto a esses que crêem e praticam boas acções, (Deus) pagar-lhes-á as suas recompensas; e Deus não ama os injustos. Isto que te recitamos são os versículos e a sábia Mensagem. Na verdade, o caso de Jesus perante Deus, é como o caso de Adão; Ele criou-o do pó e depois disse-lhe: "Sê", e ele foi». (3:55-59)

«Dizem (os Cristãos): "Deus gerou um filho". Glorificado seja Ele! A Ele pertence tudo o que existe nos céus e na terra; e tudo Lhe está subordinado. Ele é o único Criador dos céus e da terra; e quando decreta alguma coisa, apenas diz: "Faça-se", e faz-se». (2:116-117)

«E dizem: "O Clemente teve um filho"! Glorificado seja Ele! Qual! São apenas servos veneráveis esses a quem chamam filhos, que jamais se antecipam a Ele e que agem sob o Seu comando. Ele conhece tanto o que há à frente deles como o que há atrás deles, e não podem interceder a favor de ninguém, salvo a quem Deus aprouver; eles tremem de medo diante d'Ele. E quem quer que seja, entre eles, que diga: "Na verdade eu sou deus e não Ele"!, condená-lo-emos ao Inferno. Assim castigamos os iníquos». (21:26-29)

«Afirmam: "O Clemente teve um filho"!. Sem dúvida que proferiram uma heresia. Por isso, pouco faltou para que os céus se fundissem, a terra se fendesse e as montanhas, aluídas, se desmoronassem. Isso por terem atribuído um filho ao Clemente, quando é inadmissível que o Clemente tenha um filho. Sabei que tudo quanto existe nos céus e na terra comparecerá como servo, diante do Clemente». (19:88-93)

O Alcorão nega a Divindade de Jesus:

«Blasfemam os que dizem: "Deus é o Messias, filho de Maria". Diz-lhes: "Quem possui então algum poder para impedir que Deus, se o quisesse, aniquilasse o Messias, filho de Maria, sua mãe e toda a gente na terra"?. Deus é o Soberano dos céus e da terra e de quanto há entre ambos. Ele cria o que Lhe apraz, porque é Omnipotente». (5:17)

«E recorda-te de quando Deus disse: "Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu quem disse aos homens: 'Tomem-me a mim e a minha mãe como duas divindades além de Deus'"? Ele respondeu: "Glorificado sejas! É inconcebível que eu diga o que, por direito, não me corresponde. Se o tivesse dito, tê-lo-ias sabido, porque Tu conheces a natureza da minha mente, ao passo que ignoro o que encerra a Tua. Somente Tu és Conhecedor do incognoscível. Não lhes disse senão o que me ordenaste: 'Adorai Deus, meu Senhor e vosso Senhor'! E enquanto permaneci entre eles fui seu pastor, e quando me tomaste, foste Tu o único observador porque és testemunha de tudo"». (5:116-117)

«Os judeus dizem: "Ezra é filho de Deus"; os Cristãos dizem: "O Messias é filho de Deus". Tais são as palavras que as suas bocas proferem. Repetem assim as de seus antepassados incrédulos. Que Deus os combata! Como se desviam! Tomaram por senhores os seus rabinos e monges, em vez de Deus, assim como fizeram com o Messias, filho de Maria, quando não lhes foi ordenado adorar senão um só Deus. Não há mais divindades além d'Ele! Glorificado seja por não ter os semelhantes que Lhe atribuem! Gostariam de extinguir a Luz de Deus com as suas bocas; porém, Deus não o permitirá e aperfeiçoará a Sua Luz, ainda que isso desgoste os incrédulos». (9:30-32)

O Alcorão rejeita o conceito de Trindade:

«Ó Povos da Escritura! Não exagereis na vossa religião e não digais de Deus senão a Verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi apenas um Mensageiro de Deus, o Seu Verbo, com o qual agraciou Maria, por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Deus e não digais: "Três"! Parai que é melhor para vós. Sabei que Deus é Único. Glorificado seja! Para longe a hipótese de ter tido um filho! A Ele pertence tudo o que está nos céus e na terra. E Deus é suficiente como Defensor. O Messias — tal como os Anjos mais favorecidos — jamais dissimulou ser um servo de Deus. Todo aquele que desdenhar a Sua adoração e se encher de orgulho, será reunido perante Deus. Quanto aos crentes que praticarem o bem, Deus os recompensará por inteiro e lhes acrescentará da Sua Graça; quanto àqueles que desprezarem a Sua adoração e se encherem de orgulho, Ele castigá-los-á dolorosamente e não acharão, além de Deus, protector nem defensor algum». (4:171-173)

O Alcorão rejeita a crucificação de Jesus, mas refere a sua Ascensão:

«E por dizerem: "Matámos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Apóstolo de Deus" — Não o mataram ou crucificaram, apenas isso lhes foi

simulado. E aqueles que discordam quanto a isso, estão na dúvida, pois não possuem conhecimento algum, e apenas fazem conjecturas. Porém, o facto é que não o mataram; outrossim, Deus elevou-o até Ele, o Poderoso, o Sábio». (4:157-158)

Finalmente,

«Blasfemam os que dizem: "Deus é o Messias, filho de Maria". O próprio Messias disse: "Ó Israelitas, adorai Deus que é meu Senhor e vosso Senhor". A quem atribuir semelhantes a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e a sua moradia será o fogo infernal! Os iníquos jamais terão quem os socorra. Blasfemam os que dizem: "Deus é o terceiro da Trindade"!, porquanto não existe divindade alguma além do Deus Único. Se não desistirem do que afirmam, um doloroso castigo atingirá os que descrêem. Porque não se voltam para Deus e imploram o Seu perdão, uma vez que Ele é Indulgente e Misericordioso? O Messias, filho de Maria, não é mais que um Mensageiro semelhante aos que o precederam. E a sua mãe era uma mulher santa. Ambos se sustentavam de alimentos terrenos como todos. Vê como tornamos a Revelação clara para eles e como eles se desviam!». (5:72-75)

«A alguns desses Mensageiros fizemos com que se elevassem uns acima de outros: entre eles há um a quem Deus falou; e outros que Ele elevou conforme os seus graus; e demos a Jesus, filho de Maria, provas claras, e fortalecemo-lo com o Espírito de Santidade. Se Deus o quisesse, esses que vieram depois não se teriam combatido entre si, depois de lhes haverem chegado as provas claras. Mas eles divergiram entre si: uns acreditaram e outros rejeitaram. Se Deus quisesse, eles nunca se teriam combatido; mas Deus dispõe como quer». (2:253)

Mas,

«Constatarás que os piores inimigos dos crentes entre os seres humanos, são os judeus e os idólatras. E que os mais próximos do afecto dos crentes, são os que dizem: "Somos Cristãos!", porque possuem sacerdotes e monges e não se enchem de orgulho.» (5:82)

CAPÍTULO X

JESUS NO *HADICE* E NAS TRADIÇÕES MUÇULMANAS

O *Hadice* é outra das fontes de conhecimento que os estudiosos do Cristianismo têm tentado esconder, pois contém um conjunto de narrativas de testemunhas oculares, sobre aquilo que o Profeta Muhammad, a paz e a bençãos de Deus estejam com ele, disse e fez ao longo da sua vida. A Igreja Romana e os missionários Cristãos criaram uma sofisticada pseudo-sabedoria para desacreditar a literatura *Hadice* muçulmana, apesar de esta já ter sido submetida ao mais escrupuloso e rigoroso exame da história da sabedoria. Ao contrário dos Evangelhos do Novo Testamento, o *Hadice* só foi aceite, depois de se verificar que o homem que está na origem da cadeia de transmissão é de confiança, ou seja, foi companheiro do Profeta Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, testemunhou directamente o acontecimento ou ouviu realmente as palavras que o *Hadice* contém. Portanto, os homens que mais amaram e temeram Deus são os que maior confiança merecem. As colecções mais importantes do Hadice, as de Imam al-Bukhari e de Sahih Muçlim, foram reunidas cerca de cento e vinte anos depois da morte do Profeta Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, e cobrem todos os aspectos da sua vida e doutrina, constituindo uma parte essencial dos ensinamentos de Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele. Aliás, foi a partir das narrativas de testemunhas oculares contemporâneas do Profeta, que se compilaram as colecções de Imam al-Bukhari e Sahih Muçlim.

Além do *Hadice*, também há muitas tradições Muçulmanas que contam o que Jesus disse e fez, a partir do testemunho original dos primeiros seguidores de Jesus, especialmente daqueles que se espalharam pela Arábia e pelo Norte de África. Quando o Profeta Muhammad apareceu, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, muitos dos seguidores destes seguidores abraçaram o Islão, transmitindo tudo o que sabiam acerca de Jesus, inclusivé que tinha anunciado a chegada do Profeta Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele. Assim, as tradições foram transmitidas de geração em geração pelos Muçulmanos, tendo muitas delas sido reunidas em *Histórias dos Profetas (Stories of the Prophets)*, de Tha'labí's e em *Renovação das Ciências Religiosas (Revival of the Life-Transaction Sciences)* de

Al-Ghazzali. É interessante notar como as tradições dão uma imagem clara e unânime do ascético Profeta que preparou o caminho para o Último Mensageiro:

Ka'b al-Akbar disse:

«Jesus, filho de Maria, era um homem ruivo, quase branco; não usava cabelo comprido, nunca curvava a cabeça e costumava caminhar descalço. Não tinha casa, adornos, bens, roupas, nem sequer provisões, para além dos alimentos desse dia. Onde quer que estivesse, quando o sol se punha, rezava, preparando-se para o nascer do novo dia. Curava os cegos de nascença, os leprosos, ressuscitava os mortos com a permissão de Deus e dizia às pessoas o que estavam a comer em suas casas e o que armazenavam para os dias seguintes, e caminhava à superfície da água do mar. Os seus cabelos estavam em desordem e a sua cara era pequena; era um ascético, que só desejava entrar no outro mundo e adorar Deus. Peregrino, andava de terra em terra, até os Judeus o perseguirem e quererem matar. Então, Deus levou-o para o céu. Deus sabe melhor».

Malik, filho de Dinar, contou:

«Jesus, a paz esteja com ele, e os seus discípulos passaram pela carcaça de um cão e um deles disse: "Que fedor deita este cão"! Então Jesus, as bençãos e a paz estejam com ele, disse: "Quão brancos são os seus dentes"!»

«Ma'ruf al Karkhi, com a devida autoridade, contou que Jesus, a paz esteja com ele, disse: "Lembrai-vos da poeira quando vos é atirada aos olhos"».

«Numa tradição (diz-se) que Jesus, filho de Maria, a paz esteja com ele, encontrou um homem e perguntou-lhe: "O que estás a fazer"?. O homem respondeu: "estou a devotar-me a Deus." Jesus, então, disse: "Quem te dá aquilo de que precisas"? Ao que o homem respondeu: "O meu irmão." (Jesus) disse: "Ele é mais devoto a Deus do que tu"».

«Jesus, filho de Maria, a paz esteja com ele, disse: "O mundo são três dias: ontem, que passou e de que nada resta na tua mão; amanhã, que não sabes se alcançarás ou não; e o presente, que vives e deves aproveitar"».

«Os discípulos disseram a Jesus, a paz esteja com ele: "Como podes tu andar sobre a água e nós não"? Então ele disse-lhes: "O que pensam do dinar e do dirham (moedas)"? E os discípulos responderam: "São bons". Jesus, então, disse: "Mas para mim eles são iguais à lama"».

«Quando perguntavam a Jesus: "Como estás, hoje"? — ele respondia: "Incapaz de conseguir aquilo que desejo; de afastar os meus medos; sujeito aos meus trabalhos; e com todo o meu bem nas mãos de outrem. Não existe homem mais pobre do que eu"».

E disse ainda:

«O mundo procura e é procurado. Para aqueles que procuram o outro mundo, este mundo parece não ter mais nada para dar; e para aqueles que procuram este mundo, nada mais vendo na sua frente, o outro mundo procura-o até que chega a morte e o agarra pelo pescoço».

«Se quiseres, podes seguir Jesus, filho de Maria, a paz esteja com ele, pois ele, que era o Espírito e a Palavra, costumava dizer: "A minha preparação é a fome, a minha vestimenta interior é o temor a Deus, a minha vestimenta exterior é a lã, o meu fogo no Inverno são os raios de sol, a minha lâmpada é a Lua, a besta que me carrega são os meus pés e os meus alimentos e frutos são os que a terra produz (i.e. sem cultivo). À noite não tenho nada e de manhã não tenho nada; no entanto, não há na terra homem mais rico do que eu».

«Jesus, a paz esteja com ele, disse: "Aquele que anda à procura do mundo é como alguém que bebe água do mar; quanto mais bebe, mais a sede aumenta, até o matar"».

«Conta-se que o Messias, a paz esteja com ele, nas suas deambulações passou por um homem a dormir, embrulhado num casaco. Então, Jesus acordando-o, disse-lhe: "Oh homem que dormes, levanta-te e glorifica Deus! Louvado seja Ele"! Ao que o homem respondeu: "O que queres de mim? Na verdade deixei o mundo e as suas gentes". Jesus disse-lhe: "Dorme então, meu amigo"».

Obaid, filho de Omar, disse:

«O Messias, filho de Maria, a paz esteja com ele, costumava usar roupa muito rude e comer frutos selvagens, sem filho que lhe morresse, nem casa para demolir e sem armazenar nada para os dias de fome. Dormia onde quer que a noite o apanhasse».

«Jesus, o Messias, a paz esteja com ele, não costumava andar com nada mais do que um pente e um púcaro. Um dia, viu um homem a pentear a barba com os dedos e deitou o pente fora; e viu outro a beber água do rio com as palmas das mãos e logo abandonou o púcaro».

«Jesus, a paz esteja com ele, disse aos seus discípulos: "Respeìtem os lugares de adoração como se fossem casas e as casas como locais iluminados. E comam frutos selvagens e bebam água pura e libertem-se dos medos deste mundo"».

«Jesus, filho de Maria, a paz esteja com ele, disse: "Nos últimos dias haverá homens sábios que ensinarão a abstinência do mundo, mas que não se absterão eles próprios, que ensinarão os homens a desejar o outro mundo mas que não o sentirão eles próprios e que avisarão os homens para que não se revoltem contra os governantes, mas que não se dominarão a eles próprios. Aproximar-se-ão dos ricos e manter-se-ão longe dos pobres; serão agradáveis para os homens importantes, mas afastar-se-ão dos homens humildes. Estes são filhos do diabo e inimigos do Misericordìoso».

O que se segue é contado sob autoridade de Janir, sob autoridade de Laith:

«Um homem que acompanhava Jesus, filho de Maria, a paz esteja com ele, disse: " Eu estarei sempre contigo e acompanhar-te-ei por toda a parte". Então partiram e, quando chegaram à margem de um rio, sentaram-se para tomar o pequeno-almoço; tinham três pães. Comeram dois pães e deixaram uma de parte. Então Jesus, a paz esteja com ele, levantou-se, foi até ao rio beber água e, quando voltou, não vendo o pão, disse ao homem: "Quem levou o pão"?. Ao que o homem respondeu: "Não sei". Então Jesus partiu com o seu companheiro e viu uma gazela com duas crias. E diz o narrador que Jesus chamou uma delas, que logo veio ter com ele. Então cortou-lhe o pescoço e assou uma parte que ele e o outro homem comeram. A seguir, ele disse à jovem gazela: "Levanta-te, com a permissão de Deus". Quando esta se levantou e se foi embora, ele disse ao homem:

"Pergunto-te por Ele que te mostrou este sinal, quem levou o pão"? O homem respondeu: "Não sei". Depois disto chegaram a um "uéde" (ribeiro) com água e Jesus tornou a mão do homem e andaram sobre a água. Depois de o terem atravessado, perguntou ao homem: "Pergunto-te por Ele que te mostrou este sinal, quem levou o pão"? O homem respondeu: "Não sei". Então chegaram a um deserto, sentaram-se e Jesus, a paz esteja com ele, começou a apanhar terra e uma grande quantidade de areia, dizendo: "Tornem-se ouro, com a permissão de Deus, louvado seja Ele"! Quando a areia se transformou em ouro, dividiu-o em três partes e disse: "Um terço é para mim, um terço para ti e um terço para quem levou o pão". Então o homem disse: "Fui eu que tirei o pão". Ao que Jesus, a paz esteja com ele, disse: "Então é tudo teu". E deixou-o. Apareceram então dois homens no deserto e vendo aquele homem com tanta riqueza, desejaram tirar-lha e matá-lo. Ele disse: "É para nós, dividida em terços; por isso um de vós que

vá à aldeia comprar comida para comermos". E o narrador disse que enviaram um dos homens, que pensou para si: "Porque hei-de dividir esta riqueza com os outros? Vou pôr veneno na sua comida e ficar com a riqueza". E assim fez. Os outros dois homens, por seu turno, disseram: "Porque havemos de dar a este homem um terço da fortuna? Quando ele regressar, matá-lo-emos, dividindo o ouro entre nós". O narrador disse: quando o homem regressou mataram-no, comeram a comida que ele tinha trazido e morreram. Assim, a fortuna ficou no deserto com os três homens estendidos ao lado. Então Jesus, a paz esteja com ele, passou por eles nesse estado e disse aos seus companheiros: "O mundo é assim, por isso tenham cuidado"».

«Conta-se que Jesus, a paz esteja com ele, passou por três pessoas que tinham um ar abatido e pálido e disse: "Porque estais assim"? Eles responderam: "Temos medo do Fogo". Jesus disse: "É dever de Deus proteger os que temem". Depois de deixar estas pessoas, passou por outras três, e vede! Estavam ainda mais magras e pálidas, por isso disse: "Porque estais assim"? Elas responderam: "Queremos o Paraíso". Jesus disse: "É dever de Deus dar-vos aquilo por que anseiam". Depois de passar por estas pessoas, chegou a outras três, e olhai! Estavam ainda mais magras e pálidas, como se as suas caras tivessem estado escondidas atrás de espelhos de luz. Por isso disse: "Porque estais assim"? Eles responderam: "Nós amamos Deus, Ele é Grande e Glorioso". Jesus, então, disse: "Vós sois aqueles que estão mais próximos de Deus; vós sois aqueles que estão mais próximos de Deus; vós sois aqueles que estão mais próximos de Deus"».

«Muhammad, filho de Abu Mussa, com a devida autoridade, conta que Jesus, a paz esteja com ele, ao passar por um homem aflito, o tratou ternamente e disse: "Oh Deus, imploro-te que o cures". Então Deus, Louvado seja Ele, revelou-lhe o seguinte: "Como posso Eu curá-lo daquilo que já está a ser uma cura para ele"?».

«Conta-se que Jesus, a paz esteja com ele, passando um dia por uma colina, viu uma gruta e, ao passar perto dela, observou um homem devoto com as costas dobradas e o corpo cansado de tanta austeridade, parecendo que tinha atingido o limite das suas forças. Jesus cumprimentou-o e pensou nas provas (de devoção) que viu. Então disse-lhe: "Há quanto tempo estás neste sítio"? O homem respondeu: "Durante setenta anos estive a pedir-Lhe uma coisa, mas Ele ainda não ma concedeu. Talvez tu, oh Espírito de Deus, possas interceder por mim e fazer com que me seja concedida a graça que procuro". Jesus disse: "O que é pretendes"? E o homem respondeu: "Pedi-lhe que me deixasse provar um pouco do Seu amor puro, do tamanho de um átomo". Jesus disse-lhe: "Rezarei por ti a Deus". E nessa noite, rezou

por ele e Deus, Louvado seja Ele, revelou-lhe o seguinte: "Aceitei a tua oração e concedi o teu desejo". Passados alguns dias, Jesus, a paz esteja com ele, regressou para ver como estava o devoto e viu que a gruta tinha abatido e que no chão se abrira uma grande fenda. Jesus, a paz esteja com ele, desceu por essa fenda profunda e descobriu o devoto numa gruta subterrânea, com os olhos especados e boca aberta. Então Jesus, a paz esteja com ele, saudou-o, mas não recebeu resposta. Enquanto Jesus pensava no que acontecera, alguém gritou: "Oh Jesus, ele pediu-nos um átomo do Nosso amor puro, e como Nós sabíamos que não estava preparado para isso, demos-lhe a centésima parte de um átomo e ele ficou desnorteado. Como teria sido se lhe tivéssemos dado mais do que isso"?».

«Abd'Allah bin Umar contou que o Mensageiro de Deus, a paz e a benção de Deus estejam com ele, disse: "Na noite passada tive a visão de que estava na Ka'ba e vi um homem ruivo tão bonito quanto o pode ser um homem desse tipo, com as mais belas madeixas de cabelo que já vi. Tinha acabado de se pentear e estava ainda a pingar água. Estava apoiado nos ombros de dois homens e andando pela Casa. Quando perguntei quem era ele, disseram-me que era o Messias, filho de Maria..." ». (De Bukhari e Muçlim)

Abu Huraira contou que o Mensageiro de Deus, a paz e a benção de Deus estejam com ele, disse:

«Em Nome daquele em cujas mãos está a minha alma, o filho de Maria em breve descerá entre vós como um juiz justo. Quebrará cruzes, exterminará porcos e abolirá o "jizya" (imposto que uma comunidade, cujos membros não abraçaram o Islamismo, pagam pela protecção a um governante mulçumano) e a riqueza derramará de tal forma que ninguém a aceitará, pois a "sajda", (prostração = posição na oração islâmica em que a testa toca no chão), será melhor do que todas as riquezas do mundo».

Abu Huraira costumava dizer:

«Recitai se o desejardes: "Não haverá ninguém, nos Povos do Livro, que antes de morrer, não creia nele..." — Alcorão, 4:159 (De Bukhari e Muçlim)»

Abd'Allah bin Amr contou que Sayidina Muhammad, a paz e a benção de Deus estejam com ele, disse:

«Jesus, filho de Maria, descerá à terra, casará, terá filhos e permanecerá na terra durante quarenta e cinco anos, findos os quais morrerá e será

enterrado junto de mim, na minha sepultura. Então Jesus, filho de Maria, e eu, levantar-nos-emos de uma sepultura entre Abu Bakr e Umar». (isto foi transmitido por Ibn al-Jauzi no Kitab al-Wafa')

Abu Huraira contou que o Mensageiro de Deus, a paz e a benção de Deus estejam com ele, disse:

«Eu sou o parente mais próximo de Jesus, filho de Maria, neste mundo e no outro. Os Profetas são irmãos, filhos do mesmo pai. As suas mães são diferentes, mas a sua religião é só uma. Não houve mais nenhum Profeta entre nós». (De Bukhari e Muçlim)

Neste famoso testemunho, o último dos Profetas e Mensageiros, o nosso Mestre Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, resumiu toda a questão da seguinte forma:

Os profetas são irmãos, portanto, são todos iguais; entre eles não há qualquer diferença. Filhos de um só pai, todos proclamam uma Doutrina — ***La ilaha ill'Allah. Não existe outro deus além de Deus, (o Único)***. A Sua Divindade é única. As suas mães são diferentes, pois cada Profeta foi enviado a um povo em particular, numa época específica, tendo-lhe sido revelado uma *Sunna*, ou estilo de vida, uma prática, um modelo segundo o qual a sua comunidade deveria viver. Quando um novo Profeta chegava a um povo, revelava uma nova Sunna, de acordo com a nova época. Esta é a Chari'a ou Estrada dos Profetas. Assim, com a chegada de Sayyidina Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele, a Transmissão Divina fica completa. A Mensagem é selada no último Livro revelado, o Glorioso Alcorão.

A Mensagem é selada com a *Chari'a* e a *Sunna* do bondoso Profeta, Muhammad, a paz e as bençãos de Deus estejam com ele. A ciência da adoração e a maneira como devemos dirigir-nos a Deus, tudo está selado no Livro e na *Sunna* dos primeiros filhos de Adão, a paz esteja com ele. O caminho de Jesus, Profeta do Islão, está acabado. O percurso de Muhammad, Profeta do Islão, começou.

A passagem seguinte do Alcorão dá conta deste importante facto:

«Aperfeiçoei hoje a vossa Religião para vós, completei o Meu favor para vós, e escolhi o Islão para vós como vossa Religião». (5:3)

BIBLIOGRAFIA

Alcorão Sagrado
Hadices de al-Bukhari e Muçlim
Bíblia

`Abd al-Qadir as-Sufi, *The Way of Muhammad*, Diwan Press 1975.

Alton, *Religious Opinions of Milton, Locke, and Newton*, 1833.

Allegro, *The Dead Sea Scrolls.*

Anderson, Norman, The *World's Religions*, 1975.

Apuleius, Lucius, *Metamorphosis — The Golden Ass*, (trad. de T. Taylor), 1822.

Backwell, R.H., *The Christianity of Jesus*, 1972.

Bainton, R.H.. *Hunted Heretic*, 1953.

Beattie, *The New Theology and the Old*, 1910.

Becker, *The Dead Sea Scrolls.*

Begin, Menachem, *The Revolt. The Story of the Irgun.* (trad. de Samuel Karr).

Belloc, J.H.D., *An Open Letter on the Decay of Faith*, 1906.

Biddle, John, *The Opinion Concerning the Holy Trinity (XII Arguments)*, 1653.

Bigg, *The Origin of Christianity*, 1909.

Blackney, E.H., *The Problems of Higher Criticism*, 1905.

Brow, David, *The Structure of the Apocalypse*, 1891.

Brown, W.E., *The Revision of the Prayer Book — A Criticism*, 1909.

Bruce, Frederick, *Jesus and Christian Origins Outside the New Testament*, 1974.

Bruce, F.F., *The New Testament Documents,* 1943.
Bruce, F.F., The *Books and the Parchments,* 1950.
Burnet, Gilbert, *An Abridgement of the History of the Reformation.*
Bury, Arthur, *The Naked Gospel,* 1699.
Carmichael, Joel, *The Death of Jesus,* 1962.
Carnegie,W.H., *Why and What I Believe in Christianity,* 1910.
Cary, *Parsons and Pagans — An Indictment of Christianity,* 1906.
Celsus, *Arguments of Celsus* (trad. de Lardner), 1830.
Chadwick, H., *Alexandrian Christianity,* 1954.
Chadwick, H., *The Early Church,* 1967.
Channing, W.E., *The Character and Writing of Milton,* 1826.
Channing, W.E., The *Superior Tendency of Unitarianism,* 1831.
Channing, W.E., *The Works of Channing,* 1840-1844.
Chapman, Colin, *Christianity on Trial,* 1974.
Chapman, John, *The Condemnation of Pope Honorius,* 1907.
Charles, R.H., *The Book of Jubilees,* 1917.
Charles, R.H., *The Apocryha and Pseudo-Epiapapha of the Old Testament.*
Chesterton, G.K., *Orthodoxy,* 1909.
Chillingworth, W., *The Religion of the Protestants.*
Clarke, Samuel, *The Bible,* 1867.
Clodd, Edward, *Gibbon* and *Christianity,* 1916.
Cooke, Rev., *Reply to Montgomery,* 1883.
Cooke, Rev., *True to Himself,* 1883.
Corelli, Marie, *Barnabas — A Novel,* 1893.
Corelli, Marie, *Council of Nicea and St. Athanasius,* 1898.
Cox, Edwin, *The Elusive Jesus.*
Craver, Marcello, *The Life of Jesus,* 1967.
Cross, Frank Moore, *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies.*
Culligan, *The Arian Movement,* 1913.
Cummins, G.D., *The Childhood of Jesus,* 1972.
Cunningham, F., *A Dissertation on the Books of Origen Against Celsus,* 1812.
Curll, Edward, *Historical Account ofthe Life of John Toland,* 1728.
Davies, W.D., *Paul and Rabbinic Judaism.*
Dinwiddie, *The Times Before the Reformation,* 1883.
Disciple, *Gospel of heHoly Twelve.*
DuPont-Sommer, *The Jewish Sect of Qumran and the Essenes* (trad. R.D. Barnett.)

Emlyn, T., An *Humble Enquiry into Scripture,* 1756.
Everett, C.C., *Theism and the Christian Faith.*
Eusebius, *Church History — Life of Constantine the Great* (trad. MacGiffert), 1890.
Eusebius, *The Ecclesiastic History,* 1847.
Eusebius, *A Select Library of Nicene and post-Nicene Fathers of the Christian Church,* (trad. A.C. MacGiffert Ph.D.), 1890.
Firth, J.B., *Constantine the Great,* I890.
Frazer, *W., The Golden Bough.*
Frend, W.H.C., *The Early Church.*
Frend, W.H.C., *Persecution in the Early Clurch.*
Frend, W.H.C., *An Adress to the Inhabitants of Cambridge,* 1788.
Frend, W.H.C., *The Rise of the Monophysite Movement.*
Frend, W.H.C., *Coulthurt's Blunders Exposed,* 1788-89
Frend, W.H.C., *The Donatist Church.*
Froude, *The Life and Letters of Erasmus,* 1916.
Gannett, D., *Francis David, Founder of Unitarianism,* 1914.
Gibbon, E., *Christianity,* 1930.
Gibbon Edward, *Decline and Fall of the Roman Empire,* 1909-1914.
Gibson, J.M., *Inspiration and Authority of the Holy Scnptures.*
Glover, T.R., *Jesus of History,* 1919.
Goodspeed, E.J., *The Letter of Barnabas,* 1950
Goodspeed, E.J., *The Apostolic Fathers,* 1950.
Gordon, Alexander, *Heresy.*
Grant & Fridman, *The Secret Sayings of Jesus,* 1960.
Green, *Sir Isaac Newton's Views,* 1871.
Guthrie, D., *A Shorter Life of Christ,* 1970.
Gwatkin, *Arius.*
Hall, L., *The Continuity of Revelation,* 1908.
Harnack, Adolf, *Christianity and History,* (trad. Saunders), 1900.
Harnack, Adolf, *Outlines of the History of Dogma,* 1900.
Harnack, Adolf, *What is Christianity ?* 1901.
Harris, J.R., *Celsus and Aristedes,* 1921.
Hay, J.S., *Heliogabalus, 1911.*
Haygood, A.G., *The Monk and the Prince,* 1895.
Hayne, S., *The General View of the Holy Scripture,* 1607.
Haines, *Religious Persecution.*
Harwood, P. *Priestly and Unitarianism,* 1842.
Hastings, *Dictionary of Christ and the Gospel*
Heinimann, *John Toland,* 1944.
Hermes, *Hermes — A Disciple of Jesus,* 1888.

Hort, F. J. A., *Six Lectures on the Ante-Nicee Fathers,* 1895
Hone, W., *The Apocryphal New Testament,* 1820.
Huddleston, *Toland' s History of the Druids,* 1814.
Hunt, *Jesus Christ,* 1904.
Hynes, S., *The Manifesto,* 1697.
Jan, *John Hus — His Life* , 1915.
Josephus, *The Works of Flavius Josephus* (trad. William Whitson), 1840.
Joyce, D., *The Jesus* Scroll, 1973.
Kamer, H.A.F., *The Spanish Inquisition,* 1965.
Kaye, J., *The Council of Nicea,* 1853
Kaye, J., The *Life of the Real Jesus,* 1904
Kelly, J.N.D., *Early Christian Creeds,* 1949.
Kirkgaldy, *The New Theology and the Old,* 1910
Knight, *The Life of Faustus Socianus,* (trad. Biddle) 1653.
Knox, W.L., *The Sources of the Synoptic Gospels,* 1953
Konstantinides, *Saint Barnabas,* 1971.
Lardner, N., *A History of Heretics,* 1780.
Leany, A.R.C., *The Dead Sea Scrolls.*
Leany, A.R.C., *The Rule of Qumran.*
Lehman, Johannes, *The Jesus Report,* 1972.
Lietzman, Hanz, *The Beginning of the Christian Church,* 1949.
Lietzman, Hanz, *A History of the Early Church,* 1961.
Lindsey, T., *Two Dissertations,* 1779.
Lindsey, T., *An Historical View of the State of Unitarian Doctrine,* 1783.
Lindsey, T., *A List of False Readings of the Scriture,* 1790.
Lubinietski, A *History of the Reformation in Poland.*
Major, John, *"Sentences"*
Marshall, G.N., *Challenge of a Liberal Faith,* 1966.
Marshall, G.N., *Understanding of Albert Schweitzer,* 1966.
Madden, *Life and Martyrdom of Savonarola,* 1854.
Masters, John, *Baptismal Vows, or the Feast of St. Barnabas,* 1866.
Mellone, S.H., *Unitarianism and the New Theology,* 1908.
Miller, F., *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ.*
Milton, J., *Treatise of Civil Power.*
Milton, J., *The Christian Doctrine,* 1825.
Motley, *Rise of the Dutch Republic.*
Mowry, Lucetta, *The Dead Sea Scrolls and the Early Church.*
Murray, G.G.A., *Five Stages of Greek Religion.*

MacGiffert, *The Apostles' Creed,* 1902.
MacGiffert, *The God of the Early Christians,* 1924.
MacGiffert, *A History of Christianity in the Apostolic Age,* 1897.
MacLachlan, *The Religious Opinions of Milton, Locke, and Newton,* 1941.
Newman, A., *Jesus* (com prefácio do Dr. Schmeidal), 1907.
Newman, J.H., *Arianism of the Fourth Century,* 1833.
Newton, *Sir Isaac Newton Daniel,* 1922.
Oxyrhynchus, New *Sayings of Jesus and Fragments of a Lost Gospel,* (trad. B.P. Grenfell & A.S. Hunt), 1897.
Patrick, John, *The Apology of Oregin in Reply to Celsus,* 1892.
Parke, D.B., *The Epic of Unitarianism,* 1957.
Pike, E.R., *Spiritual Basis of Nonconformity,* 1897.
Pike, J.A., *If This Be Heresy,* 1967.
Pike, J.A., *Time for Christian Candour,* 1965.
Pike,J.A., *The Wilderness Revolt,* 1972.
Priestly, Joseph, *A General History of the Christian Church,* 1802.
Priestly, Joseph, *A History of the Corruption of Christianity,* 1871.
Priestly, Joseph, *History of Jesus Christ,* 1786.
Priestly, Joseph, *Memoirs of Dr. Priestly,* 1904.
Priestly, Joseph, *Socrates and Jesus,* 1803.
Priestly, Joseph, *Three Tracts,* 1791.
Priestly, Joseph, *Dr. Priestly's Catechism,* 1796.
Priestly, Joseph, *A New Song,* 1876.
Puccinelli, P., *Vita de S. Barnaba Apostolo.*
Quick, Murid, *The Story of Barnabas.*
Reland, Adrian, *Historical and Critical Reflections upon Mohametanism and Socianism,* 1712.
Rice, D.T., *Byzantine Art,* 1954.
Robinson, J.A., *Barnabas, Hermas and the Didache,* 1920.
Robinson, J.A.T., *Honest to God,* 1964.
Robinson, J.M., *The New Quest of the Historical Jesus,* 1959.
Robinson, J.M., *Problem of History in Mark,* 1957.
Robertson, J.M., *The Historical Jesus,* 1916.
Robson, Rev. James, *Christ in Islam,* 1929.
Ruinus, *Commentary on the Apostles' Creed,* 1955.
Ryley, G.B., *Barnabas, or the Great Renunciation,* 1893.
Sandmel, S., *We Jews and Jesus,* 1973.
Santucci, L., *Wrestling with Jesus,* 1972.
Sanday, *Outlines of the Life of Christ.*
Savonarola, *Verity of Christian Faith,* 1651.
Schmiedel, P.W., *Jesus in Modern Criticism,* 1907.

Schokel, L.A., *Understanding Biblical Research,* 1968.
Schweitzer, Albert, *Christianity and the Religions of the World,* 1923.
Schweitzer, Albert, *The Mysticism of Paul the Apostle,* 1953.
Schweitzer,Albert, *The Kingdom of God and Primitive Christianity,* 1968 .
Schweitzer, Albert, *The Philosohy of Civilization,* 1946.
Schweitzer, Albert, *A Psychiatric Study of Jesus,* 1958.
Schweitzer, Albert, *The Story of Albert Schweitzer.*
Spark, *Unitarian Miscellany.*
Spark, *Christian Reformer.*
Stanley, A.P., *The Eastern Church,* 1869.
Stanley, A.P., *The Athanasian Creed,* 1871.
Stanley, A.., *Lectures on the History of the Eastern Church,* 1883.
Stevenson, J., *Creeds, Councils, and Controversies.*
Stevenson, J., *Studies in Eusebius,* 1929.
Stevenson, J., *The New Eusebius.*
Taylor, John, *The Scriptural Doctrine of Original Sin.*
Taylor, John, *A History of the Octagon Church.*
Thomas-A-Kempis, *Imitation of Christ,* (trad. John Wesley), 1903.
Thompson, E.A., *Goths In Spain,* 1969.
Toland, John, *Hypathia,* 1753.
Toland, John, *Nazarenes,* 1718.
Toland, John, *Theological and Philosophical Works,* 1732.
Toland, John, *Tetradymus.*
Towgood, *Serious and Free Thoughts on the Present State of the Church.*
Vermas, G., *Jesus, the Jew,* 1973.
Vos, J.G., *A Christian Introduction to Religions of the World,* 1965.
Wallace, *Antitrinitarian Biographies,* 1850.
Warchaurr, J., *Jesus or Christ?,* 1909.
Warfield, B.B., *Jesus or Christ?,* 1909.
Wilbur, E.M., *A History of Unitarianism in Transylvania, England, and America.*
Williamson, G.A., *The History of the Church,* 1965.
Williamson, G.A., *The Jewish War,* 1959.
Wilson, E.M, *The Dead Sea Scrolls,* 1969.
Wisaart, H.S., *Socialism and Christ, the Great Enemy of the Human Race,* 1905.
Whittaker, T., *The Origin of Christianity,* 1933.
Workman, H.B., *Persecution in the Early Church,* 1960.

Zahn, T., *The Articles of the Apostles' Creed,* 1899.
Zahn, T., *Introduction to the New Testament,* 1909.
Zahn, T., *Peter, Saint and Apostle,* 1889.

PERIÓDICOS

Christian Examiner, Jan. 1924-Dez. 1925.
Edinburgh Review, Vol. XII, 1825.
Hibbert Journal Supplement, *Jesus or Christ,* Vol. VII, 190
Harvard Theological Review, *Theism and the Christian Faith,* 1909.
Review Biblique, 1950.
Neale, Samuel, *A select series of biographical narratives,* etc., Vol. VIII, 1845.
Time Magazine, May 24, 1976.

ÍNDICE REMISSIVO

A

B

C

D

T

U

V

Z

OUTRAS OBRAS DISPONÍVEIS PUBLICADAS POR "AL FURQÁN"

- Alcorão Sagrado — Texto, Tradução e Notas (em 30 fascículos)
- O Alcorão, o Último Milagre
- A Emigração para a Abissínia
- A Proibição das Bebidas Alcoólicas
- Regras do Funeral Islâmico
- A Carne do Porco
- A História do Profeta Adão, Noé e Abraão
- Os Versículos Sagrados
- O que Significa o Ramadão
- Apresentação do Islão aos Não-Muçulmanos
- Escritos Islâmicos
- A Versão actual da Bíblia — Palavra de Deus?
- Bósnia: Genocídio à luz do Dia, em plena Europa!
- A Prostração — sua importância Física, Medicinal, Moral, Espiritual e Biológica
- Aspectos da obra de al-Khwarizmi
- A Verdade sobre a Biblioteca de Alexandria
- A Mulher no Islão
- O Islão e o Ocidente
- A respeito da Liberdade de Expressão

NO PRELO

- **A Vida de Muhammad**, de Haykal

Quaisquer pedidos de obras ou informações devem ser dirigidos a:
AL FURQÁN
Orgão para a Divulgação do Islamismo
R. Guerra Junqueiro, Edifício 11-B, 1° F
Cidade Nova — 2670 St° António dos Cavaleiros
Telefone/Fax: 9882028

A NOSSA PRÓXIMA EDIÇÃO

A VIDA DE MUHAMMAD (S.A.W.)

POR

Muhammad Husayn HAYKAL

Este livro será publicado, *insh'Allah*, em breve, em dois volumes, e nele o Autor M. H. Haykal expõe pormenorizadamente a vida do Profeta Muhammad (que a paz e bençãos de Deus estejam com ele), desde o seu nascimento até à sua morte.

Escrito em linguagem muito acessível a todos os Ocidentais não familiarizados com a temática Islâmica, esta invulgar obra proporciona infindáveis informações sobre a vida inspirada de um homem que mudou os destinos do Mundo, bem como sobre o sistema Islâmico o qual contribuíu e continuará a contribuir, de forma directa ou indirecta, para o progresso da Humanidade.

Na actual conjuntura, em que a Religião Islâmica (que já rege a vida de 1 em cada 5 seres humanos), se reforça todos os dias, torna-se indispensável conhecer os pressupostos fundamentais desta Religião Universal.

(NO PRELO)

EDIÇÃO DE



AL FURQÁN

EM COLABORAÇÃO COM



INTERNATIONAL ISLAMIC FEDERATION OF STUDENTS ORGANIZATIONS (IIFSO)

Ao abrigo do intercâmbio cultural com:

CENTRO DE DIVULGAÇÃO DO ISLAM
PARA A AMÉRICA LATINA - BRASIL
e
CENTRO CULTURAL DA AMÉRICA LATINA - PANAMÁ

Alguns acreditam que foi um ser humano, outros que foi Deus, e outros ainda, que não passou de um mito. *Quem foi Jesus, na realidade?*

Para alguns trata-se de dogmas irrefutáveis, para outros de uma mistificação metafísica, para outros ainda, de uma "máscara" aposta à face de Jesus e que pouco contém dos seus ensinamentos originários. *Qual é afinal a religião de Jesus ?*

"Jesus, um Profeta do Islão", constitui um esforço notável para apresentar a vida sagrada de Jesus através de fontes Cristãs e Islâmicas, estudando exaustivamente as origens da Cristandade em ordem a separar os factos dos mitos.

Durante muitos séculos a visão Islâmica sobre Jesus foi escondida dos leitores portugueses, e não só, particularmente dos que professam a religião Cristã, o que tem permitido alimentar equívocos relativos a uma hipotética oposição entre Muhammad e Jesus (que a paz de Deus esteja com eles), como a que transparece de uma recente entrevista concedida ao jornal português "A Capital" (edição de 11/5/94), por um alto dignatário da hierarquia Católica em Portugal — o Sr. Bispo de Setúbal, D. Manuel Martins — que a dado passo afirma:

«...com a Europa envelhecida, ficamos sem mão-de-obra e sem ela vem todo esse Terceiro Mundo invadir a Europa com toda a sua cultura e civilização, que já por si constitui o grande perigo da Europa (os Muçulmanos já são a segunda Religião da França). E já se interrogam por aí quem vai salvar a Europa, se é Cristo ou Maomé. É uma agressão à nossa cultura. Estamos desgraçados se Maomé se vem implantar na Europa, com todos esses fundamentalismos»

O livro de Muhammad Àta Ur-Rahim demonstra, de forma que ninguém pode ignorar, quão infundada e artificial é essa oposição; em contrapartida, mostra que *se alguma oposição existe é sim, entre a Doutrina original de Jesus e a Igreja de Paulo.*